



MEU SANGUE EM MINHAS IDEIAS:
DIALÉTICA E IMPRENSA REVOLUCIONÁRIA
EM JOSÉ CARLOS MARIÁTEGUI

Monica Bruckmann



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

COLEÇÃO INTERNACIONAL



MEU SANGUE EM MINHAS IDEIAS:
DIALÉTICA E IMPRENSA REVOLUCIONÁRIA
EM JOSÉ CARLOS MARIÁTEGUI

Monica Bruckmann



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

COLEÇÃO INTERNACIONAL

Fundação Perseu Abramo

Instituída pelo Diretório Nacional do Partido dos Trabalhadores em maio de 1996

Diretoria

Presidente (interino): Brenno César Gomes de Almeida

Diretoras: Elen Coutinho, Mônica Valente e Naiara Raiol

Diretores: Alberto Cantalice, Alexandre Macedo de Oliveira,
Carlos Henrique Árabe, Jorge Bittar e Valter Pomar

Conselho editorial

Albino Rubim, Alice Ruiz, André Singer, Clarisse Paradis,
Conceição Evaristo, Dainis Karepovs, Emir Sader, Hamilton Pereira,
Laís Abramo, Lincoln Secco, Luiz Dulci, Macaé Evaristo, Marcio Meira,
Maria Rita Kehl, Marisa Midori, Rita Sipahi, Tássia Rabelo e Valter Silvério

Coordenador editorial: Rogério Chaves

Assistente editorial: Raquel Costa

Organizador: Valter Pomar

Autora: Monica Bruckmann

Revisão: Rita Camacho

Projeto Gráfico e diagramação: Emilio Font

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bruckmann, Monica

B916m Meu sangue em minhas ideias : dialética e imprensa revolucionária
em José Maria Mariátegui [livro eletrônico] / Monica Bruckmann ;
organizado por Valter Pomar – São Paulo : Fundação Perseu Abramo,
2026

262 p.

ISBN 978-65-5626-170-8

1. Mariátegui – vida e obra 2. Imprensa operária 3. Partido Socialista
Peruano 4. Imprensa – teoria e prática 5. Revista Amauta I. Título II.
Monica Bruckmann III. Valter Pomar (org.)



F U N D A Ç Ã O
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

Fundação Perseu Abramo
Rua Francisco Cruz, 234 – Vila Mariana
04117-091 São Paulo – SP
www.fpabramo.org.br

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

VALTER POMAR

7

PRÓLOGO À PRIMEIRA EDIÇÃO EM PORTUGUÊS

MONICA BRUCKMANN

9

INTRODUÇÃO

MONICA BRUCKMANN

16

PARTE 1

TEORIA E PRÁTICA EM JOSÉ CARLOS MARIÁTEGUI: A REFUNDAÇÃO DA NAÇÃO PERUANA

22

CAPÍTULO 1

A formação intelectual e política

23

1.1) A formação humanista

25

1.2) O trabalho jornalístico e a preocupação por entender os grandes processos sociais e políticos contemporâneos

27

1.3) As lutas sociais de 1919 e o diário *La Razón*

33

CAPÍTULO 2

A produção do conhecimento e a construção do socialismo no Peru

51

2.1) A experiência europeia e a formação marxista

51

2.2) O regresso ao Peru e a criação da revista *Amauta*

61

2.3) A criação da CGTP e a fundação do Partido Socialista

77

2.4) A luta final e a projeção da obra

83

2.5) A unidade entre a teoria e a prática em Mariátegui

85

PARTE 2

A IMPRENSA DENTRO DA CONCEPÇÃO GLOBAL DE UNIDADE ENTRE TEORIA E PRÁTICA

90

CAPÍTULO 3

O sentido da imprensa em Mariátegui

91

3.1) A imprensa no Peru no fim do século XIX e começo do XX

91

A grande imprensa

92

As revistas	93
A imprensa operária	94
3.2) O referencial teórico	96
3.3) Mariátegui e sua visão da imprensa	101
CAPÍTULO 4	
Conhecimento local, <i>práxis</i> e projeto editorial	113
4.1) Justificação do projeto: a produção do conhecimento local	113
4.2) Condições do projeto	116
4.3) O projeto editorial	120
4.4) As dificuldades econômicas	124
4.5) O jornal <i>Labor</i>	127
4.6) <i>El Ayllu</i> como projeto	133
CAPÍTULO 5	
A revista <i>Amauta</i>	137
5.1) A proposta	137
5.2) As etapas de <i>Amauta</i>	139
5.3) O conteúdo de <i>Amauta</i>	143
5.4) O debate sobre os grandes temas da América Latina	146
5.5) A revista como síntese da teoria e da prática	176
Comentários finais	176
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	
Fontes	179
Fontes primárias	179
Obras de Mariátegui	179
Outras fontes	182
Bibliografia consultada	183
ANEXO 1	
Programa do Partido Socialista Peruano	207
ANEXO 2	
Obra de José Carlos Mariátegui	213
ANEXO 3	
Revista <i>AMAUTA</i>	249
ANEXO 4	
Colaboradores da revista <i>AMAUTA</i>	251

AMAUTA



DIRECTOR:
JOSE CARLOS MARIATEGUI

SUMARIO:

EDITORIAL.—TEMPESTAD EN LOS ANDES, por Luis E. Valcarcel.—CANCION DE NOCHE, por José M. Eguren.—LA CULTURA FRENTE A LA UNIVERSIDAD, por Carlos Sánchez Viamonte.—EL PERSONAJE Y EL CONFLICTO DRAMATICO EN EL TEATRO, LA NOVELA Y EL CUENTO, por Antenor Orrego.—VIGILIA No. 2, por Armando Bazán.—RESISTENCIAS AL PSICO-ANALISIS, por Sigmund Freud.—UBICACION DE LENIN, por Alberto Hidalgo.—GREGORIO MARAÑON, por Carlos E. Roa.—CARTA A LOS MAESTROS DEL PERU, por Guillermo Mercado.—SPILCA, EL MONJE, por Panali Istrati, traducción de J. Eugenio Garro.—EL INDIJO ANTONIO Y CRISTALES DEL ANDE, por Alejandro Penilla.—LA CANCION VIGOROSA, por Acicles Speishejm.—LO QUE HA SIGNIFICADO LA ASOCIACION PRO-INDIGENA, por Dora Mayer de Zulen.—EL ARTE Y LA SOCIEDAD BURGUESA, por George Gros.—LA DICTADURA ESPANOLA. MARAÑON, ASUA Y LA MONARQUIA, por Cesar Palón.—LA IGLESIA CONTRA EL ESTADO EN MEXICO, por Ramiro Pérez Reinoso.—NOCHE DE LA SELVA, por Fabio Camacho.—LAS EXPOSICIONES.—MERCADO DE ARTES Y LETRAS.

DIBUJOS de Sabogal, Pettoruti, Carmen Saco, Grosz, Esquerrilloff, Baygala. LIBROS Y REVISTAS.—INTERVIEWS de "Libros y Revistas".—CON MANUEL BEINGO. LEA, por Armando Bazán.—CIRCULOS VIOLETA, por Magda Portal.—EL LIBRO DE LA NA-VE DORADA, palabras prologales por Antenor Orrego.—CRONICA DE LIBROS, notas criticas por José Carlos Mariátegui, Alberto Guillén, Ramiro Pérez Reinoso, Armando Bazán y Luciano Castillo.—TOPICOS DE LA NUEVA UNIVERSIDAD.—CRONICA DE REVISTAS.

AÑO I

LIMA, SETIEMBRE DE 1926

NUMERO I

PORTADA POR JOSE SABOGAL

Capa da revista Amauta nº1

APRESENTAÇÃO

VALTER POMAR

Meu sangue em minhas ideias é a versão revista de uma dissertação de mestrado defendida em 2006, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, pela então estudante Monica Esmeralda Bruckmann Maynetto, sob orientação de Aluizio Alves Filho.

Em 2009, *Mi sangre en mis ideas: dialéctica y prensa revolucionaria* en José Carlos Mariátegui foi publicada pela Fundación Editorial el Perro y la Rana, em Caracas.

Em 2019, já na condição de professora do Departamento de Ciência Política e do Programa de Pós-Graduação de História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Monica Bruckmann deu uma aula na Escola Latino-americana de História e Política (Elahp).

Foi Emilio Font, diretor da Elahp, quem me falou da existência deste livro. Logo depois, em 2020, fui eleito diretor da Fundação Perseu Abramo. Em 2023, a diretoria da FPA me encarregou de dirigir o Núcleo de Cooperação Internacional (NCI). No plano de trabalho da cooperação internacional, incluí a edição de alguns livros em parceria com a Editora da FPA. Entre esses livros, o de Monica Bruckmann.

Geralmente nossos livros são editados com rapidez. Mas, por uma série de motivos, *Meu sangue em minhas ideias* só está vindo à luz agora, em 2026. O lado bom deste atraso é que coincide com o centenário da primeira edição de *Amauta*, revista criada por Mariátegui e apelido pelo qual ele próprio veio a se tornar conhecido.

Aliás, embora o livro trate de outros aspectos da vida e da obra de Mariátegui, o núcleo trata detalhadamente da concepção que o revolucionário peruano tinha acerca da imprensa (no sentido amplo da palavra) e das iniciativas práticas que ele implementou, como os jornais *La Razón*, *Labor*, e a já citada *Amauta*.

Não pretendo fazer spoiler, assim que me limito em dizer que — do ponto de vista de um profissional do ramo das artes gráficas, que desde 1978 até hoje estive envolvido em inúmeros projetos editoriais — o texto de Monica Bruckmann é muito instrutivo.

Instrutivo e politicamente útil, além de, em boa medida, contemporâneo, uma vez que rememora o debate entre José Carlos Mariátegui e Haya de La Torre, fundador da Aliança Para a Revolução Americana (APRA), acerca da relação entre luta contra o imperialismo e luta pelo socialismo. Mariátegui, como Monica Bruckmann documenta, era adepto da tese de que a classe trabalhadora não deveria se limitar a ser anti-imperialista; deveria ser, também, socialista. Motivo pelo qual Mariátegui defendia que o APRA devesse ser uma frente, coexistindo com um Partido Socialista autônomo que representasse a classe trabalhadora.

Por todos esses e outros motivos, o livro *Meu sangue em minhas ideias* é uma ótima contribuição da Fundação Perseu Abramo para as comemorações que se fazem, no Peru e em outros países, em homenagem ao *Amauta*.

Valter Pomar

Diretor de Cooperação Internacional da Fundação Perseu Abramo

PRÓLOGO À PRIMEIRA EDIÇÃO EM PORTUGUÊS

MONICA BRUCKMANN

Há obras que pertencem inteiramente ao seu tempo. Outras, ao contrário, parecem atravessar as décadas à espera de novas conjunturas capazes de revelar, com maior nitidez, a força de suas perguntas originais. A obra de José Carlos Mariátegui pertence a esta segunda categoria. Quase um século depois de sua morte, seu pensamento continua interpelando a América Latina não apenas como legado teórico, nem como proposta doutrinária, mas como uma das experiências mais fecundas de criação intelectual, política e cultural produzidas em nosso continente.

O livro que a leitora e o leitor têm em mãos chega, finalmente, à sua primeira edição em português, depois de ter sido publicado originalmente em espanhol pela Fundación Editorial El perro y la rana, em Caracas, em 2009, e posteriormente traduzido ao mandarim e publicado, em 2016, na coleção Biblioteca Especial de Acadêmicos Seniores da Academia Chinesa de Ciências Sociais, sob o título de *A teoria e a prática revolucionária de José Carlos Mariátegui*. A tradução chinesa foi realizada por Bai Fengsen, reconhecido especialista chinês na história e na cultura peruana, que também traduziu a primeira edição em mandarim de *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*, obra prima do intelectual peruano, publicada em julho de 1987. Que este livro tenha percorrido esse caminho — da América Latina à China e, agora, ao Brasil em língua portuguesa é, sem dúvida, uma honra para

sua autora. Mas é, sobretudo, um sinal da vitalidade internacional de Mariátegui, cuja obra continua atravessando fronteiras, línguas e conjunturas históricas.

Esta primeira edição em português ocorre em um momento particularmente significativo. Ela coincide com o centenário da revista *Amauta*, fundada por Mariátegui em setembro de 1926, que representa uma das experiências editoriais mais ousadas da história intelectual latino-americana. *Amauta* foi um projeto de criação coletiva que se propôs, e de fato conseguiu, gerar um movimento cultural e político latino-americano com projeção mundial, um espaço de diálogo e de debates sobre as grandes questões do início do século XX, como a social-democracia europeia, a revolução mundial, o surgimento do movimento comunista ou as principais correntes estéticas e literárias mundiais que se integraram a um repertório próprio onde emergia uma problemática histórica peruana e latino-americana como o indigenismo, as vanguardas artísticas, o anti-imperialismo, a literatura e arte latino-americano, movimento operário e reflexão nacional-popular.

A efeméride não tem apenas um valor comemorativo. Ela nos obriga a recolocar uma pergunta decisiva: o que significa ler Mariátegui hoje, quase cem anos depois, em uma América Latina atravessada por novas formas de dependência, pela reorganização do poder hegemônico e o sistema mundial, pela profunda crise ecológica, por uma nova fase da disputa em torno dos recursos naturais estratégicos e dos territórios, pelo avanço de direitas autoritárias que se organizam em escala planetária e, ao mesmo tempo, pela persistência das forças vivas da sociedade que insistem em construir horizontes de transformação e emancipação.

Este livro procura contribuir com um instrumental analítico para compreender essa problemática: reconstruindo a unidade entre teoria e *práxis* na obra de Mariátegui e mostrando que sua concepção da imprensa, culminante na experiência de *Amauta*, não foi um aspecto secundário de sua obra, mas uma dimensão constitutiva de um projeto intelectual, político e cultural que marcou grande parte do pensamento crítico latino-americano durante o século XX. Talvez um dos aportes

centrais deste trabalho esteja na recuperação da concepção mariateguiana de imprensa. Esta não era um simples instrumento de difusão de ideias previamente elaboradas. Ela era parte constitutiva da própria produção do conhecimento, da formação política e da organização das forças sociais e políticas em luta. A imprensa cultural, a imprensa operária, a revista de debate intelectual e o jornal sindical compunham um mesmo campo estratégico.

Este sentido amplo e multidimensional da imprensa não a reduz a um instrumento técnico de propaganda. Ela é também um campo de produção intelectual, de formação de consciência política, de criação de identidade e debate cultural, de afirmação de uma nova estética e, ao mesmo tempo, de organização política e partidária. Em última instância, esta complexidade nos remete a uma disputa de sentidos e de visões de mundo.

Em tempos como os nossos, marcados pela concentração e monopólio midiático, pelas sofisticadas e altamente tecnologizadas estratégias de desinformação e produção em massa de pós-verdades, essa concepção ganha renovada importância. Mariátegui nos ajuda a compreender que a disputa pela hegemonia se trava também no discurso, na cultura, nas formas de produção e circulação de informação e de conhecimento, mas, principalmente, na capacidade de captar o espírito de uma época. Sua concepção de imprensa oferece pistas fundamentais para pensar uma estratégia política das forças transformadoras contemporâneas.

A revista *Amauta* foi, ao mesmo tempo, uma plataforma intelectual e um movimento cultural que articulou o local, o nacional, o latino-americano e o mundial. Mariátegui apresentou a revista como “um espaço destinado a estudar os problemas peruanos a partir de pontos de vista doutrinários e científicos, mas sempre considerando o Peru dentro do panorama do mundo”. Essa proposta mostrava toda sua potência: pensar o país sem provincianismo e pensar o mundo sem perder o chão histórico da realidade nacional.

A originalidade de Mariátegui nasce de uma interpretação não ortodoxa do marxismo, que constrói sua própria radicalidade em diá-

logo com diferentes correntes filosóficas, e da capacidade de pensar as estratégias políticas e revolucionárias a partir de raízes históricas e civilizatórias próprias, sem receitas aplicáveis, “sem calco nem cópia”. Uma questão que atravessará toda a sua obra se expressa na convicção de que não há pensamento transformador sem instrumentos próprios de elaboração, análise, e disputa de sentido. Por isso, este livro parte de uma ideia fundamental: a teoria, em Mariátegui, não é aplicação mecânica de uma doutrina universal a uma realidade particular. Tampouco é empirismo localista fechado em si mesmo. Trata-se de uma elaboração criadora que parte da totalidade histórica e, ao mesmo tempo, da especificidade nacional: o marxismo como método de interpretação, não como catecismo. O socialismo como criação histórica, não como decalque. É pensamento universal enraizado em uma realidade concreta. É, talvez por isso mesmo, uma das formas mais originais do marxismo latino-americano.

A América Latina contemporânea, como no início do século XX, continua enfrentando o desafio de produzir conhecimento sobre si própria, sobre a sua inserção no sistema mundial, suas estruturas de dependência, suas possibilidades de soberania e integração regional e sua força civilizatória. Mas hoje esse desafio se apresenta em uma conjuntura mundial ainda mais complexa. A crise da hegemonia ocidental, a emergência de novos polos de poder, o fortalecimento do Sul emergente, a expansão dos BRICS, a disputa tecnológica, a transição energética, a financeirização da economia, a militarização das relações internacionais e a crise ambiental recolocam a América Latina no centro de uma disputa estratégica global. A região volta a ser cobiçada por aquilo que sempre esteve no centro de sua inserção subordinada no sistema mundial: seus recursos naturais, seus territórios, sua biodiversidade, suas fontes primárias de energia, suas grandes reservas de água doce, seus minerais, sua capacidade alimentar, suas rotas logísticas, seus mercados e sua força de trabalho. Mas há uma diferença fundamental em relação a outros períodos históricos. A disputa contemporânea não se limita à apropriação direta de recursos naturais. Ela envolve o controle das

cadeias produtivas, das tecnologias limpas, das baterias, dos semicondutores, dos equipamentos industriais, dos dados, da infraestrutura, dos corredores estratégicos, das plataformas digitais e dos sistemas de conhecimento.

Nesse cenário, a pergunta mariateguiana ganha uma força renovada: quem interpreta a realidade latino-americana? A partir de quais categorias? Com quais instrumentos? Para quais sujeitos?

A relação de dependência não é apenas econômica e política, endógena e exógena. É também teórica, científica e tecnológica, informacional e epistemológica. Por isso, a luta por soberania exige não apenas recursos materiais, mas também capacidade intelectual e política para pensar o mundo a partir de nossos próprios problemas históricos e pensar o futuro desde as nossas raízes civilizatórias.

Mariátegui compreendeu, de maneira precoce e profunda, que a produção de conhecimento é parte da luta política. Sua concepção da imprensa não a reduz a um instrumento técnico de propaganda. A imprensa é, para ele, campo de produção intelectual, de formação de consciência, de criação estética, de organização coletiva e de disputa hegemônica. A imprensa cultural, a imprensa operária, a revista de debate intelectual e o jornal sindical compõem um mesmo campo estratégico. Não se trata apenas de divulgar ideias previamente elaboradas. Trata-se de produzir ideias em movimento, em diálogo com a sociedade, com os trabalhadores, com os artistas, com os estudantes, com os povos indígenas, com as vanguardas culturais e com as forças políticas emergentes.

Este trabalho oferece três contribuições principais. Primeiro, ele recoloca Mariátegui como fundador de uma matriz marxista latino-americana, que articula totalidade histórica e especificidade nacional, universalismo e identidade civilizatória, socialismo e questão indígena. Segundo, mostra que a imprensa e o projeto editorial são parte constitutiva da práxis revolucionária, e não simples meios externos de divulgação. Terceiro, recupera a revista *Amauta* como experiência exemplar de construção coletiva de conhecimento, cultura e política em um momento de transição histórica. Em uma época em que o pensa-

mento crítico corre o risco de se fragmentar em especialismos, urgências e linguagens fechadas, Mariátegui mostra que a realidade deve ser interrogada desde suas contradições; que a teoria só se realiza plenamente quando se confronta com a prática; que as grandes transformações revolucionárias na América Latina não podem nascer de decalques nem de cópias; que a cultura é terreno decisivo da luta política; que a nação só se refunda quando incorpora os sujeitos historicamente negados; e que a imprensa revolucionária deve ser capaz de produzir conhecimento, organizar vontades e abrir horizontes. Por isso, cem anos depois de *Amauta*, Mariátegui continua sendo nosso contemporâneo.

A importância desta perspectiva para o Brasil é enorme. A recepção brasileira de Mariátegui foi, durante muito tempo, tardia, fragmentada e insuficiente. *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana* só foi publicado em português em 1975, pela Alfa Omega, com tradução de Salvador Obiol de Freitas e Caetano Lagrasta e prefácio de Florestan Fernandes. Esse prefácio, belíssimo e ainda hoje fundamental, apresentou o intelectual peruano ao público brasileiro como um clássico do pensamento marxista latino-americano e como autor indispensável para pensar a transformação social em nossa região.

Entretanto, a recepção brasileira permaneceu marcada, em grande medida, pela leitura de *Sete ensaios* como obra maior e quase exclusiva de Mariátegui. Isso é compreensível, porque se trata de uma das obras fundadoras do pensamento crítico continental. Mas essa concentração terminou por deixar em segundo plano outras dimensões igualmente decisivas de sua trajetória: o jornalista, o editor, o organizador de imprensa, o criador de espaços de debate, o articulador de redes intelectuais, o militante capaz de compreender que não há pensamento transformador sem meios próprios de elaboração, comunicação e circulação de ideias.

É justamente aí que este livro oferece uma contribuição para o público brasileiro. Ele nos apresenta um Mariátegui menos conhecido, mas indispensável: o Mariátegui que transforma a imprensa em campo de produção intelectual; que concebe a revista como instrumento de

formação política; que entende o jornal sindical como parte da organização de classe; que articula literatura, arte, debate doutrinário e luta social; que compreende a cultura como terreno decisivo da disputa política. Trata-se de reencontrar uma forma latino-americana de pensar a relação entre conhecimento, cultura, política e organização social.

Que esta edição em português contribua para renovar os estudos mariateguianos no Brasil. Que ajude novas gerações de pesquisadoras e pesquisadores a explorar os anexos, as fontes, os debates e os caminhos abertos por este trabalho. Que inspire intelectuais, comunicadores, militantes e movimentos sociais a pensar a comunicação não como apêndice, mas como parte central da estratégia política. Cem anos depois de *Amauta*, Mariátegui continua sendo nosso contemporâneo, porque nos lembra que os grandes projetos históricos nascem da capacidade de transformar pensamento em organização, cultura em política e conhecimento em força social.

Agradeço à Fundação Perseu Abramo pela publicação e, especialmente, a Valter Pomar, que acompanhou com paciência e cuidado cada fase da preparação desta edição.

Rio de Janeiro, 29 de junho de 2026

INTRODUÇÃO¹

MONICA BRUCKMANN

Nos últimos anos, podemos constatar um interesse crescente na América Latina para conhecer e recuperar a obra de José Carlos Mariátegui. Em 2005², a Assembleia Nacional da República Bolivariana da Venezuela prestou uma significativa homenagem a Mariátegui quando da comemoração do septuagésimo quinto aniversário de sua morte. No documento que determinava essa homenagem, considerou-se que “o pensamento de José Carlos Mariátegui constituiu uma fonte inédita e original para compreender a história do movimento operário e socialista mundial, representando para os revolucionários latino-americanos um manancial permanente de ideias para sua *ação*”. Essa homenagem desdobrou-se em uma série de atividades de difusão e reflexão sobre a obra de Mariátegui, assim como em uma edição especial dos *Sete ensaios de interpretação da realidade social peruana*. De maneira similar, nos demais países da região, estão sendo produzidas e publicadas importantes pesquisas sobre o autor e sua obra, assim como reedições de seus livros clássicos. Isso forma parte de um conjunto de outras iniciativas que incluem a publicação de artigos científicos, assim como a realização de colóquios, seminários e cursos sobre o tema.

No Brasil, foi publicada recentemente uma seleção de textos de Mariátegui, coordenada por Luiz Bernardo Pericás, com o título *Do sonho*

1. Introdução à primeira edição em espanhol, escrita em 2006.

2. O ato se levou a cabo no Palácio Federal Legislativo, sede da Assembleia Nacional da República Boliviana da Venezuela, em Caracas, em 21 de abril de 2005.

às coisas, retratos subversivos, e uma antologia da obra de Mariátegui, coordenada por Michael Löwy, como parte de um conjunto de outras iniciativas que incluíam artigos científicos, colóquios e seminários sobre o tema em vários países de América Latina.

Essa recuperação de Mariátegui foi parte de um movimento mais amplo que demonstra um interesse por repensar a América Latina a partir do que há de mais criativo no pensamento social latino-americano, tentando retomar um debate teórico e político que continua sendo de grande atualidade, na medida em que os grandes problemas históricos da nossa região estão ainda na agenda.

Depois de quase duas décadas de neoliberalismo e de profundo retrocesso econômico, político e teórico que foram significativos para a América Latina, abre-se uma nova etapa histórica, que encontra nos novos movimentos sociais, na força da cultura indígena, em uma nova consciência ecológica e na visão de sustentabilidade elementos centrais para as grandes transformações em curso. Uma nova onda de governos de centro-esquerda abre espaço no continente. Faz-se então oportuno retomar o debate das grandes questões do nosso tempo histórico, não visando regressar ao passado, como romanticamente propuseram algumas correntes de pensamento, senão caminhando para o futuro a partir de uma identidade cultural profundamente enraizada com nossa história e nossas civilizações. Na medida em que as novas nações latino-americanas sejam mais autênticas, poderão ser mais universais. A nova identidade latino-americana que emerge desse processo tem melhores condições de abandonar a visão etnocêntrica ocidental para constituir-se em uma vertente fundamental para construção de uma civilização planetária, inclusiva, democrática e mais igualitária. Trata-se de construir uma modernidade a partir de uma profunda visão histórica e de uma identidade americana que se encontra em pleno processo de formação.

Nesse contexto, nos aproximarmos do pensamento de José Carlos Mariátegui exige um sentido mais profundo, que vá além da própria e necessária construção de novo conhecimento e teoria, alcançando a

emoção e os sentimentos coletivos de um povo diverso, denso e complexo que quer, cada vez com maior veemência, tomar em suas mãos as rédeas de seu futuro.

Mariátegui nos remete, com sua veemente inclinação à polêmica, à necessidade de resgatar o debate e o pensamento crítico no desenvolvimento do pensamento marxista. A recuperação de Mariátegui sem esse sentido o condena ao mito, a detentor da última palavra, da palavra final, a dono da verdade absoluta. Nada mais distante de seu pensamento e da experiência de vida que essa visão que diminui a amplitude e a riqueza de sua obra. E com isso perde-se também a enorme vitalidade de um pensamento que nunca se pretendeu acabado, mas, sim, em constante construção teórica a partir da luta política cotidiana, a partir da *práxis* que encerra em si mesma a tensão permanente entre teoria e prática.

O presente trabalho busca, a partir de uma visão dialética da relação entre teoria e prática em Mariátegui, propor uma nova forma de aproximação e estudo de seu pensamento e de sua obra, analisando especificamente sua visão da imprensa que se reflete em um projeto editorial e que tem na revista *Amauta* um exemplo vivo de síntese entre teoria e prática. Limitações de tempo nos obrigaram a deixar muitos temas delineados apenas como referências, restando-nos a opção de aprofundá-los como temática em futuras investigações.

O livro está dividido em duas partes. A primeira se propõe, a partir de dados historiográficos sobre a vida de Mariátegui, reconstruir a relação entre *práxis* entendida em um sentido amplo, que inclui o aspecto político, social e cultural, e a teoria como apropriação de uma matriz teórica que foi capaz de gerar novo conhecimento e nova teoria. Essa relação encontra sua materialização na própria vida e obra do autor.

A primeira parte é composta de dois capítulos. O primeiro capítulo procura destacar os elementos de ruptura e continuidade na formação intelectual e política de Mariátegui durante sua juventude. Desde seu início, como menino solitário e leitor voraz, que irrompe prematuramente no jornalismo na busca de entender os grandes processos sociais

e políticos contemporâneos, até sua aproximação das lutas sociais do fim dos anos 20 no Peru através de uma intensa atividade jornalística que lhe permite desenvolver uma consciência política identificada com os interesses do emergente proletariado peruano e seus ideais de transformação social.

O segundo capítulo analisa sua passagem pela Europa e a importância do clima político europeu durante os primeiros anos da década de 1920 para sua formação marxista e socialista. Durante sua estada na Itália e sua passagem pela França e Alemanha, Mariátegui participou de eventos de suma transcendência para a história da esquerda europeia e nutriu-se com a vanguarda intelectual da Europa. Ao regressar ao Peru, iniciou um profícuo trabalho político e teórico que teve como resultados mais destacados a criação da Confederação Geral de Trabalhadores do Peru (CGTP), a fundação do Partido Socialista Peruano, a criação da revista *Amauta* e de um amplo trabalho teórico que se viu refletido em abundante literatura, que veio a constituir um legado importante para o pensamento social latino-americano e mundial.

A segunda parte busca aprofundar a unidade teoria-prática no trabalho jornalístico de Mariátegui, a partir de sua concepção de imprensa, seu projeto editorial e a revista *Amauta* como síntese dessa unidade. Essa seção consta de três capítulos que serão detalhados na sequência. O terceiro capítulo desenvolve o sentido da imprensa para Mariátegui no contexto das referências teóricas mais importantes, que encontram em Gramsci e Lênin seus expoentes mais destacados.

O quarto capítulo descreve com minúcia seu projeto editorial que foi, ao mesmo tempo, uma materialização de sua concepção de imprensa e, por outro lado, uma tentativa de criar as condições materiais para a produção de conhecimento local. O quinto capítulo se refere especificamente à revista *Amauta* como síntese do trabalho teórico e a *práxis* política e cultural. Nesse capítulo, analisamos o conteúdo da revista destacando os elementos que a converteriam em uma referência fundamental na construção de uma identidade nacional, peruana e latino-americana. Grande parte desse capítulo se dedica a apontar o debate

sobre três grandes temas que marcaram uma etapa histórica importante na América Latina: o anti-imperialismo, o socialismo e o problemática indígena.

Para esta obra, desenvolvemos uma ampla pesquisa bibliográfica. Entre os centros de documentação que amavelmente nos acolheram, destacamos a Casa e Museu José Carlos Mariátegui, em Lima; a Biblioteca da Faculdade de Filosofia da Universidade de Buenos Aires; a Biblioteca da Casa das Américas, em Havana; a Biblioteca Central da Universidade de Paris X, em Nanterre; a Bibliothèque P. Monbeig del Institut de Hautes Etudes de l'Amérique Latine – IHEAL, em Paris; e a Biblioteca Central e a Biblioteca de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Peru, bem como os principais centros de estudo e documentação sobre o tema na América Latina, Europa e Estados Unidos, destacando-se a biblioteca José María Aricó, na cidade de Córdoba. Como produto desse esforço, temos uma extensa recopilação bibliográfica em várias línguas que deverá ser organizada e sistematizada para futuros projetos de investigação.

Nossa metodologia de investigação está baseada em um trabalho de análise de fontes primárias, a saber: a coleção completa da revista *Amauta* (1926-1930); a coleção completa do jornal *Labor*; o arquivo epistolar de José Carlos Mariátegui reunido na publicação de suas obras completas em homenagem ao centenário de seu nascimento, sob o título *Mariátegui Total*, em 1994, e todos os artigos jornalísticos publicados de 1911 a 1919. Para as análises temáticas de *Amauta*, realizamos um fichamento de 32 números da publicação, constando ao redor de 1,2 mil registros. Isso nos permitiu elaborar uma base de dados estatística sobre o conteúdo temático que serviu como referência empírica para a nossa análise. Outro produto deste trabalho foi uma lista completa de autores da revista, que apresentamos como Anexo 4.

Ao final do livro, anexamos materiais que nos parecem ferramentas de pesquisa importantes para quem se dispõe a estudar o tema. No Anexo 1, incluímos o Programa do Partido Socialista Peruano, que foi redigido pelo próprio Mariátegui, constituindo um documento histó-

rico importante. No Anexo 2, apresentamos um balanço completo da obra escrita, que inclui uma lista de seus artigos jornalísticos, poesia, teatro, crônicas etc. organizados por título, data de publicação e meio onde foi publicado originalmente. No Anexo 3, colocamos à disposição uma lista temática de *Amauta* incluindo o número de referências por tema. O Anexo 4 é uma lista completa dos autores da referida revista. Esses materiais foram preparados e organizados como parte do trabalho de pesquisa.

Finalmente, incluímos uma pequena iconografia selecionada a partir da edição comemorativa das obras completas *Mariátegui Total* (segundo volume), que representa talvez o acervo fotográfico mais importante publicado até o momento sobre o tema.

Esperamos que este trabalho possa despertar no leitor o interesse para conhecer a obra de Mariátegui, que, como a de outros pensadores latino-americanos, foi necessário resgatar e recuperar em toda sua riqueza, profundidade e vitalidade. Sem mais, esperamos também que a metodologia utilizada para a análise do conteúdo possa ser útil para estudos futuros, o que justificaria plenamente a existência deste livro.



PARTE 1
TEORIA E PRÁTICA EM JOSÉ CARLOS
MARIÁTEGUI: A REFUNDAÇÃO DA
NAÇÃO PERUVANA

CAPÍTULO 1

A FORMAÇÃO INTELECTUAL E POLÍTICA

“Meu pensamento e minha vida constituem uma coisa só, um único processo. E se algum mérito espero e reivindico que me seja reconhecido, é o de — também conforme a um princípio de Nietzsche — colocar todo o meu sangue em minhas ideias.”

José Carlos Mariátegui³

O objetivo deste capítulo é situar vida e obra de José Carlos Mariátegui (1895 -1930), não simplesmente em seus aspectos biográficos e historiográficos. O propósito é reconstruir seu pensamento político a partir de sua ação política historicamente contextualizada e, ao mesmo tempo, explicar essa mesma ação política através não de um marxismo “aplicável” ou “aplicado” a uma realidade histórica determinada, mas entendido como matriz teórica em constante desenvolvimento, que leva a uma totalidade social e histórica da qual também é parte.

Nesse sentido, acreditamos necessário assinalar que Mariátegui é principalmente um homem de sua época, que vive com particular intensidade as profundas transformações sociais que ocorrem no final do século XIX e princípio do século XX. Para ele, a teoria se apresenta como um esforço permanente de abstração da realidade, que o conduz a

3. Na “Advertência” de *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*. In: *Mariátegui Total*. Lima: Empresa Editora Amauta, 1994.

traçar a necessidade de elevar-se do simples dado factual à interpretação. Mas essas abstrações, interpretações da realidade, devem ser logo validadas na prática, na própria realidade social. Daí derivam duas vertentes fundamentais na formação teórico-política de Mariátegui: a *práxis* e a teoria (cujo conteúdo se orientará a partir de certo momento de sua vida em direção ao marxismo, como método científico). Nele, a *práxis* e a teoria se encontram profundamente integradas em uma complexa dinâmica de interação permanente e construção de um pensamento fundamental de uma nação: a nação peruana. É também fundador de uma matriz de pensamento continental, o pensamento marxista latino-americano, que se reconhece em sua identidade étnica, histórica e civilizatória e, ao mesmo tempo, se coloca dentro do processo histórico universal da humanidade.

Existem duas correntes historiográficas fortemente consolidadas a respeito da formação de José Carlos Mariátegui. Uma que assume dogmaticamente a denominação dada pelo próprio Mariátegui ao se referir à sua fase juvenil chamando-a de “*idade de pedra*”. Essa marca a existência de uma ruptura definitiva entre os textos de juventude e os posteriores à sua viagem à Europa, em 1919, quando aprofundou seus estudos sobre o marxismo. Assim entendendo, costuma-se falar de duas etapas na vida de Mariátegui: a pré-revolucionária, marcada por escritos modernistas com uma forte admiração por elementos aristocráticos, e a revolucionária, que se inicia com sua estadia na Europa. Uma segunda corrente historiográfica entende Mariátegui como uma espécie de revolucionário permanente, como um contestador precoce, encontrando em suas atitudes, sempre contestatórias, posturas revolucionárias.

Tomando distanciamento de ambas as posturas, argumentaremos que existem, na formação intelectual e política de José Carlos Mariátegui, elementos de continuidade e ruptura que trataremos de destacar em cada etapa⁴ de sua vida, estudada no presente capítulo. Considere-

4. Essas divisões por etapas, para dar conta da formação e ação de Mariátegui, foram realizadas por nós para fins da presente investigação para destacar os aspectos que nos parecem relevantes, ainda em grande medida podem coincidir com outras formas de classificação existentes sobre nosso personagem.

ramos que já no jovem Mariátegui existiam elementos que emergiram com maior clareza e consistência em sua maturidade, mas que se encontravam de maneira menos coerente e sistemática na etapa juvenil. Ao mesmo tempo, nos interessa destacar rupturas-chave que representam saltos qualitativos em sua formação e que levam até uma dinâmica profundamente dialética onde, novamente, teoria e *práxis* são elementos fundamentais.

Este capítulo chama a atenção para o fato de que a experiência de *Amauta* está inserida na perspectiva de unidade entre teoria e prática que não é exclusivamente sindical ou política, mas, sim, se inscreve no âmbito da mais ampla ocupação do espírito humano como a arte, a literatura, a cultura, a música. Nas páginas que se seguem, abordaremos os antecedentes que justificam esse enfoque.

1.1) A formação humanista

José Carlos Mariátegui nasceu na cidade de Moquegua, em 14 de junho de 1894. Filho de Amalia La Chira, de família humilde dedicada à carpintaria e à costura por encomenda, e de Francisco Javier Mariátegui Requejo, um jovem aristocrata de família liberal. É o sexto dos sete filhos do casal, dos quais somente três conseguiram sobreviver, pois os primeiros quatro irmãos morreram pouco tempo após o nascimento. José Carlos nasce bastante debilitado em consequência da saúde frágil de sua mãe e muito cedo é vítima de artrite tuberculosa, enfermidade que vai minando sua saúde progressivamente. Aos oito anos, sofre um grave acidente na perna, produto de sua doença e debilitada saúde, e se vê obrigado a abandonar os estudos fundamentais no primeiro ano de escola. Com auxílio da clientela da mãe, que nessa época trabalha como costureira, Mariátegui muda-se com sua família para Lima e pode iniciar um tratamento no hospital da beneficência francesa Maison de Santé durante quase quatro meses, seguidos de mais de dois anos de convalescença que acontecem entre leitos e corredores de hospitais e a modesta residência familiar. Durante esses primeiros meses, Mariáte-

gui tem contato cotidiano com os “amigos” franceses que frequentam a casa de saúde e as freiras de San José de Cluny, que vêm a cuidar dele durante as longas horas que a mãe passa trabalhando para sustentar a família. Essa experiência contribui com dois elementos importantes na sua personalidade e formação humanista: reforça a fé religiosa inculcada pela mãe, que irá se projetar até sua juventude, quando já jornalista de prestígio, ao mesmo tempo em que motivará uma crescente curiosidade pela cultura europeia, alimentando seu espírito cosmopolita. Na primeira crônica que Mariátegui escreve, na idade de 16 anos, intitulada *Crônicas Madrileñas*, simula ser um correspondente que redige sobre a vida cotidiana em Madri, sem jamais haver pisado em território espanhol, ou o estudo autodidata da língua francesa, quando jovem, a partir das revistas de moda que a mãe usava como ferramentas de trabalho.

Impedido de frequentar a escola em função de sua saúde delicada e com uma perna definitivamente atrofiada, o menino Mariátegui se dedica com voracidade à leitura de quaisquer livros que lhe caíam nas mãos, mostrando especial interesse pela poesia e literatura, e ensaiando pequenos artigos e poemas. Inicia assim nosso autor seu caminho autodidata, condição que reivindicará veementemente: “Sou um autodidata. Matriculei-me uma vez na faculdade de Letras, em Lima, mas com o único interesse de acompanhar o curso de latim de um agostiniano erudito. E, na Europa, frequentei alguns cursos livremente, mas sem jamais me decidir a perder meu caráter extrauniversitário e talvez, até mesmo, antiuniversitário”⁵.

Seu interesse precoce por entender os processos sociais e políticos locais e mundiais é demonstrado por sua leitura sistemática da imprensa limenha, à qual tinha acesso através de assinaturas pagas com suas escassas mesadas ou pequenas contribuições de amigos da família. Ao longo de sua infância e juventude, José Carlos vive profundamente a contradição entre dois polos antagônicos: o primeiro, a mãe de condição humilde e origem camponesa, e a figura difusa, quase mitológica,

5. Da carta datada de 10 de janeiro de 1927 enviada por José Carlos Mariátegui ao escritor Enrique Espinoza (Samuel Glusberg), diretor da revista *La Vida Literaria*.

do pai aristocrata descendente de espanhóis, a quem nunca conheceu e cujo nome verdadeiro fora tenazmente oculto pela mãe, que sofreu o abandono do companheiro em mais de uma ocasião.⁶

1.2) O trabalho jornalístico e a preocupação por entender os grandes processos sociais e políticos contemporâneos

Durante essa etapa, José Carlos Mariátegui consolida-se como jornalista e sua atividade na imprensa cotidiana o leva a escrever sobre os temas mais diversos, aprofundando sua formação humanista e seu interesse pela literatura, arte e cultura. Sua participação na boemia literária cria um espaço de reflexão e interação de grande importância para sua formação intelectual, enquanto o ativismo jornalístico, como membro do diretório do Círculo de Periodistas de Lima, traduz já uma experiência política de caráter coletivo que transcende a visão individual de sua profissão. É necessário destacar que nesses anos juvenis Mariátegui desenvolve um claro espírito antiburguês através de sua participação no movimento literário *Colónida*, que critica profundamente os padrões estéticos de herança colonial. Isso já demonstra a existência de um espírito contestador que rompe com uma tradição literária conservadora em busca de novos conteúdos expressados através de novas formas.

Quando estava com quase 15 anos de idade (fevereiro de 1909), inicia sua vida profissional como operário gráfico no jornal *La Prensa*⁷. Apesar de sua precária saúde e do fato de ser manco, cumpre com dedicação uma jornada de trabalho de 14 horas por dia, destacando-se rapidamente entre seus colegas, o que permite, em poucos meses, que assuma tarefas de maior responsabilidade, sendo promovido a ajudante

6. O verdadeiro nome do pai, segundo Guillermo Rouillon, é descoberto posteriormente à morte de Mariátegui. Inclusive, sua verdadeira data de nascimento (14 de junho de 1894) foi descoberta por Rouillon na certidão de batismo emitida pela Paróquia de Santa Catalina, na cidade de Moquegua. O próprio Mariátegui sempre acreditou ter nascido em 1895.

7. Diário de tendência liberal, fundado em setembro de 1903 por Pedro de Osmá, que, entre 1908 e 1912, sustenta uma insistente oposição ao governo de Augusto Leguía.

de linotipista. Nessa época, o anarquismo predominava entre os trabalhadores gráficos de Lima⁸, e Mariátegui acompanha com crescente interesse os debates e discussões que se desdobram entre seus colegas, aproximando-se dos centros de reflexão teórica do anarquismo e das ideias de Manuel González Prada⁹. Vem a conhecer González Prada pessoalmente e ao seu filho, Alfredo, com quem inicia uma fecunda e duradoura amizade. Essa relação com a família González Prada lhe abre um novo horizonte em sua formação intelectual juvenil, organizando e aprofundando suas leituras de poesia e literatura contemporânea e aproximando-o do que havia de mais representativo na intelectualidade peruana da época. Contudo, Mariátegui admirava Manuel González Prada mais como literato do que como o principal ideólogo e teórico do anarquismo peruano. A respeito, escreveu muitos anos mais tarde: “... Se nos sentimos distantes de muitas ideias de González Prada, não nos sentimos, em contrapartida, distantes de seu espírito.”¹⁰

Depois de 14 meses desempregado, quando o jornal *La Prensa* é fechado pelo governo sob a acusação de ter inspirado o fracassado golpe de Estado contra o regime de Augusto B. Leguía¹¹, Mariátegui retoma seu trabalho de aprendiz de linotipista, atividade que lhe dá acesso aos escritos de consagrados jornalistas aos quais se permite corrigir, primeiro, erros gramaticais e, logo, de estilo.

“A devoção que eu sentia, explica Mariátegui, pela inteligência, desde menino, fazia-me atribuir a todos os escritores, sem exceção, qualidades de sabedoria um tanto exageradas. Todo homem que podia publicar num jornal o que escrevia era, para mim, uma espécie de ser superior...”

8. Rouillon: 1975, p. 77.

9. Principal expoente do pensamento anarquista peruano.

10. Revista *Amauta*, vol. XVI, 1928, p. 14

11. Em 29 de maio de 1909, um grupo dirigido por Isaías de Piérola toma por assalto ao gabinete presidencial e colocam encarcerado o presidente da República, Augusto B. Leguía. Essa tentativa de golpe de Estado é rapidamente desarticulada e imediatamente depois o estado-maior de *La Prensa* é detido e o jornal, fechado.

Mas comecei a duvidar dos escritores no dia em que me foi dado corrigir, nas oficinas de imprensa, certas faltas imperdoáveis de gramática.”¹²

Em pouco tempo, Mariátegui passa a assumir diversas tarefas administrativas na redação de *La Prensa*, recolhendo os artigos originais dos colaboradores, recebendo comunicações e queixas do público, redigindo ocorrências e informes dos repórteres. Não tardou muito em publicar, clandestinamente, seu primeiro texto impresso, intitulado *Crónicas Madrileñas*, como citado anteriormente. Trata-se de artigo que versa sobre política republicana na Espanha, escrito em um estilo limpo e ameno onde descreve com certa frivolidade: “Tudo aquilo mais interessante e sedutor... que dá o que falar na bela e alegre capital da Espanha...”¹³ O texto foi assinando com o pseudônimo de Juan Croniqueur. Imediatamente, o diretor do jornal, Juan Ulloa, inicia uma ampla investigação para descobrir quem havia burlado o sistema de controle da publicação, ficando mais irritado ainda quando o aprendiz de linotipista, pressionado pelo sentimento de culpa, confessa a sua falta. Ulloa decide suspender o contrato de José Carlos Mariátegui, sem acreditar em uma palavra de sua confissão. Foi necessária uma carta de desculpas, escrita com o mesmo estilo e firmada do próprio punho do autor para que a versão dos fatos do jovem Mariátegui fosse aceita e ele reincorporado aos seus afazeres no jornal, mas com a proibição expressa de não publicar qualquer nota sem autorização prévia do diretor. Esse incidente, que colocou em evidência seu talento sobressalente, dá início à carreira jornalística de José Carlos Mariátegui, com apenas 16 anos. A partir de então, não deixará de publicar até o final de sua vida, deixando uma ampla obra jornalística.

Sua passagem pelas oficinas gráficas de *La Prensa*, primeiro como operário, em seguida como funcionário de escritório e finalmente como jornalista, constitui uma experiência fundamental na formação intelectual de Mariátegui, lhe permitindo participar de diversos encontros e debates sobre arte, literatura e política, realizados em um clima de fe-

12. *Apud* Rouillon, *ibid*, p. 88.

13. Mariátegui. “Crónicas Madrileñas”, 24 de fevereiro de 1911.

cunda atividade cultural e artística. Encontros esses profundamente influenciados pelo modernismo, que irrompe na América Latina como um intenso movimento de ruptura com os valores estéticos existentes, com um forte espírito contestatório inspirado na cultura de massas que surge de um proletariado urbano emergente em um clima de intensa agitação política. O muralismo mexicano é uma das expressões mais criativas e inovadoras desse movimento, nutrido de um espírito claramente anticolonial e profundas raízes mexicanas que lhe dão uma dimensão universal.

O modernismo peruano, inspirado em Rubén Darío e Enrique Rodó, gerou um ambiente intelectual de grande intensidade, em que participavam expoentes da cultura peruana, como Manuel González Prada, Federico More, Abraham Valderomar, Enrique Bustamante Ballivian, Félix del Valle, Antonio Garland, Alejandro Ureta, César Falcón, Pablo Abril de Vivero, Leonidas Yerovi, entre outros. Entre tantos outros escritores da literatura universal, Mariátegui leu: Unamuno, Azorín, García Calderón, Gómez Carrillo, Amado Nervo, Pascoli, D'annunzio, Oscar Wilde, Mallarmé, Apollinaire, Verlaine, Sully, Heine, Valle Inclán, Gustavo Adolfo Bécquer¹⁴. Também teve acesso à imprensa internacional, que leu sistematicamente; participou de reuniões com jornalistas experientes do *La Prensa*, o que era, na época, um importante espaço de análise da realidade nacional motivado por um forte senso crítico¹⁵. A vida cultural limenha, da qual passa a fazer parte com crescente entusiasmo o jovem Mariátegui, se desenvolve com intensidade nos ambientes acadêmicos, e fora deles. São os dias dos cafés literários, das temporadas de teatro, dos círculos de debate, e a busca incessante de novas formas e espaços para a tertúlia e a boemia literária.

Aos 20 anos, Mariátegui era já um jornalista de reconhecido prestígio no ambiente limenho, vivendo integralmente de sua profissão.

14. Rouillon: 1975, tomo I, p. 147.

15. Participam dessas reuniões o diretor da *La Prensa*, Alberto Ulloa; Luis Fernán Cisneros; José María de la Jara y Ureta; Leonidas Yerovi; Enrique Castro Oyanguren; Federico Larrañaga; Federico Blume, entre outros jornalistas de grande influência na opinião pública peruana. Rouillon: 1975, tomo I, p. 139.

Escrevia regularmente no *La Prensa*, chegando a ocupar o cargo de cronista parlamentar, função que lhe permite avançar em sua compreensão do processo político peruano e mundial. Além disso, colabora na revista *Mundo Limeño*, semanário de literatura, modas e novidades; na publicação *Alma Latina*, dirigida por Raúl Porras Barrenechea e Guillermo Luna, ambos alunos da Faculdade de Letras da Universidade de San Marcos; no semanário hípico *El Turf*, de grande circulação entre a aristocracia limenha aficionada nessa atividade e do qual chega a ser codiretor; e outras pequenas publicações, como a revista da farândola limenha *Lulú*.

O talento de Mariátegui causava, já nessa época, grande admiração e, ao mesmo tempo, desconcerto pela sua juventude ao escrever uma das principais colunas de jornalismo limenho, como indica a citação a seguir: “Sabem quem escreve a coluna ‘Voces’ de *El Tiempo*? Um pobre manquinho de 20 anos: Juan Croniqueur. E não é que o pirralho tem talento!”¹⁶

O jornalismo permite a Mariátegui desenvolver uma atividade febril como escritor, característica que o acompanhará até o final de seus dias. Escreve em qualquer lugar e a qualquer hora do dia, quase compulsivamente. Seus temas são tão diversos quanto os estilos que domina: crítica literária e de arte, contos, poemas, crônicas, ensaios, peças de teatro etc. Nutre-se do clima intelectual da época e deixa-se seduzir por certa friabilidade aristocrática, que, na interpretação de Guillermo Rouillón, seu biógrafo mais meticuloso, representa uma busca inconsciente do pai que não conheceu. Esses primeiros anos como jornalista, que o próprio Mariátegui descreve como “meus primeiros ensaios como literato estavam contaminados de decadentismo e bizantinismo de fim de século, em pleno apogeu”¹⁷ são, ao nosso ver, uma base fundamental para a sua formação humanista. Base que o aproximará das escolas e correntes literárias mais representativas da cultura ocidental e, ao mesmo tempo,

16. Florentino Alcorta. “Triqui-traques”. *El Mosquito*, Lima, 29 de julho de 1916. Tomado de Rouillon: 1975, tomo I, p. 154.

17. Carta autobiográfica dirigida a Samuel Glusberg em 10 de janeiro de 1928. In: *Mariátegui Total*, 1994.

lhe permitirá desenvolver uma visão crítica, que, posteriormente, lhe permitirá ter uma compreensão mais ampla do marxismo e de sua dimensão criadora e humanista.

Aos 22 anos, se incorpora ao grupo Colónida¹⁸ que publica uma revista do mesmo nome. Esse grupo de jovens literatos, liderados por Abraham Valderomar, constituiu um movimento de renovação que irrompe contra os cânones estéticos e os valores da literatura nacional, denunciando seu espírito colonial, o continuísmo medíocre da literatura espanhola e reclamando novos modelos estéticos. Tem na obra de Manuel González Prada uma de suas principais fontes de inspiração, como o próprio José Carlos explicara anos depois, já em plena maturidade intelectual: “...Os colônidas tomaram de González Prada o que menos lhes fazia falta. Amaram o que havia em González Prada de aristocrata, de parnasiano, de individualista; ignoraram o que havia nele de agitador, de revolucionário.”¹⁹ Apesar de Colónida se apresentar como um movimento anárquico dotado de certo esnobismo individualista e claramente apolítico, revela um espírito contestador frente às influências conservadoras e oligárquicas que dominam o ambiente intelectual e literário peruano.

José Carlos Mariátegui decide deixar o jornal *La Prensa* quando a publicação abandona a sua orientação liberal para defender o governo oligárquico de José Pardo. Ele continua sua atividade jornalística no novo jornal *El Tiempo*²⁰, onde é responsável pela coluna política *Voces*, que chega a ser em uma das mais lidas do país. Além disso, também é autor de muitas crônicas e artigos de crítica teatral e literatura na seção literária, que posteriormente dirigirá junto com César Falcón. Paralelamente, codirige o semanário hípico *El Turfe* e o jornal *La Noche*. Seu reconhecido prestígio se vê referendado com a obtenção de vários prêmios outorgados pelo Círculo de Jornalistas de Lima.

18. Junto a Abraham Valderomar, Percy Gibson, José Maria Eguren, Enrique Bustamante y Ballivián, Augusto Aguirre Morales y More.

19. José Carlos Mariátegui. “Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana”. In: *Mariátegui Total*, 1994.

20. De tendência leguista, fundado em 14 de julho de 1916.

Sua primeira experiência acadêmica – Mariátegui tivera que abandonar a escola prematuramente, conforme observado – foi a passagem, já em plena juventude, pela recém-criada Universidade Católica do Peru, para cursar as cadeiras Latim e Filosofia Escolástica. Mais que um interesse acadêmico propriamente dito, animava Mariátegui o interesse e admiração pelo sacerdote agustino José Vélez, de quem se tornara um amigo próximo. Contudo, logo decepcionou-se com o ambiente conservador e aristocrático que tipificava a vida acadêmica naquela faculdade, terminando por abandonar a universidade e reafirmar o seu espírito autodidata. Ao mesmo tempo, sua rebeldia vai adquirindo um conteúdo mais social e político, como consequência tanto de sua aproximação com o movimento estudantil, que vivia um momento de efervescência em pleno processo de criação da Federação de Estudantes do Peru, quanto do movimento sindical, que desenvolvia intensas lutas pela melhoria das condições de trabalho do emergente proletariado urbano industrial peruano.

1.3) As lutas sociais de 1919 e o diário *La Razón*

Em 1918, Mariátegui inicia seus estudos do socialismo sob a orientação de Víctor Maúrtua²¹. Esse se converte em mestre e líder doutrinário de um grupo de jovens intelectuais, dentre os quais, além de Mariátegui, se encontram César Falcón (jornalista que se tornou companheiro intelectual e político de Mariátegui), Félix del Valle, César Ugarte, Percy Gibson e Alberto Ureta, entre outros. No calor do clima político da Revolução Russa de Outubro de 1917, esse grupo de jovens se inicia na leitura de Hegel, Marx, Engels, Bergson, George Sorel, Antonio Labriola²², Unamuno, Araquistain, Barbusse, Romain Rolland, Jack London²³. O centro das discussões e debates desse “círculo de leitores

21. Víctor Maúrtua (1867-1937), destacado jurista peruano, jornalista e professor universitário. Foi deputado por Ica, sua terra natal, e desempenhou o cargo de ministro da Fazenda do governo de José Pardo.

22. Líder do Partido Socialista italiano.

23. Jack London (1876-1916): escritor socialista norte-americano.

de temas socialistas”²⁴ é a necessidade de se transformar o mundo e o crescente interesse por entender os grandes processos revolucionários que vive a humanidade nesse período histórico. Uma nova consciência política, de orientação claramente socialista, vai se formando nesse grupo que cada vez mais se afasta da influência anarquista, que tivera grande repercussão no clima intelectual e político peruano nas duas primeiras décadas do século XX. Em pouco tempo, esse grupo de jovens estudiosos formará o Comité Socialista, que pretendia ser uma forma organizada de transição para a criação de um partido político. Assim, o grupo delineava a necessidade de impulsionar a ação política do proletariado e de “identificar-se com o povo e suas necessidades materiais a fim de compreendê-lo, educá-lo e elevar seu nível cultural e social”²⁵. Dessa forma, rompia claramente com as tendências anarquistas que até então exerciam uma influência profunda no movimento sindical. Mariátegui inicia assim a militância socialista, como membro da direção do Comité Socialista.

Em meados de 1918, Mariátegui, junto com outros jovens intelectuais de orientação socialista, publica a revista *Nuestra Epoca*, inspirada no semanário *España*²⁶ (Madri, 1915-1924), fundado por José Ortega y Gasset, posteriormente dirigido por Luis Arasquitaín²⁷, e onde colaboraram figuras de grande destaque, como Miguel de Unamuno e Ramón del Valle Inclán. *Nuestra Epoca* era impressa nas máquinas gráficas do *El Tiempo*, o mesmo jornal onde Mariátegui trabalhava como colunista. O fato causou um profundo mal-estar entre os membros da direção do jornal, e em pouco tempo veio a proibição para a impressão da revista, que conseguiu colocar apenas dois números em circulação. Em sua efêmera vida e dispondo de um formato de somente oito páginas, *Nuestra*

24. Como os batiza Guillermo Rouillon.

25. Testemunho de E. Roca, em Rouillon: 1975, tomo 1, p. 230.

26. Nessa revista de orientação socialista, reflete sobre a ascensão da consciência revolucionária europeia, assumindo uma postura profundamente antimonárquica. Teve um grande impacto nos jovens socialistas reunidos em torno do mestre Víctor Maúrtua.

27. Piloto náutico de profissão, advém das correntes liberais para logo militar no Partido Socialista da Espanha.

Epoca representa a primeira tentativa de jornalismo independente de Mariátegui, orientado para análise da realidade nacional e afirmação de uma “época de renovação”, reivindicando o “rol da juventude a serviço do interesse público”²⁸. Estava-se produzindo uma ruptura na consciência política do jovem Mariátegui, que renuncia ao pseudônimo de Juan Croniqueur, depois de sete anos de jornalismo. Mariátegui rompia com o seu deslumbramento por padrões estéticos e valores aristocráticos, o que o leva a se distanciar da imprensa frívola como as revistas *El Turfe* e *Lulú*, onde escrevia regularmente, orientando-se, a partir de então, para uma busca febril de novas ferramentas metodológicas que o ajudam a compreender os fenômenos sociais e os processos revolucionários que se desenvolviam em diferentes regiões do mundo.

1.3.1) A jornada das 8 horas

Em fins de 1918, tem início uma greve de trabalhadores do setor têxtil em Vitarte, distrito industrial de Lima, exigindo um aumento salarial de 50% e o estabelecimento da jornada de trabalho de oito horas, reivindicação já conquistada, alguns anos antes, pelos trabalhadores marítimos e portuários do porto do Callao. Rapidamente, essa greve setorial estende-se para outros ramos da indústria e do proletariado limenho. Consegue também o apoio do movimento estudantil e da Federação de Estudantes do Peru, que participam ativamente na organização das medidas de luta e preparação da greve geral, inclusive indicando três estudantes como delegados do comitê de greve, entre os quais se encontra Víctor Raúl Haya de la Torre²⁹. Diante da crescente mobilização política que geravam os preparativos em torno da greve geral, o governo de José Pardo inicia uma drástica campanha repressiva contra o movimento grevista; campanha que deixou como saldo três operários mortos e centenas de feridos. Como resposta, o Comi-

28. Tomado da nota editorial do primeiro número de *Nuestra Epoca*, firmada por José Carlos Mariátegui e César Falcón.

29. Importante dirigente estudantil na época e posterior fundador do Partido Aprista Peruano, que teve importante influência na política peruana ao longo do século XX e em parte do século XXI.

tê Executivo Pró-Greve, que havia se conformado como organismo de coordenação da greve, dá um ultimato ao governo e, finalmente, em 13 de janeiro de 1919, inicia-se uma greve geral de 48 horas. Essa medida de força contou com o apoio de amplos setores sociais e inclusive da opinião pública, apesar da campanha ideológica posta em curso pelo empresariado através da imprensa tradicionalmente conservadora e dos múltiplos panfletos que circulavam massivamente, acusando os grevistas de serem inimigos da ordem pública e emissários do bolchevismo.

Mariátegui, através de sua coluna *Voces*, do jornal *El Tiempo*, se solidariza com as lutas do movimento operário e, junto com o colega César Falcón, transforma esse jornal em um dos principais meios de informação e difusão das reivindicações dos trabalhadores e da greve, articulando uma ampla campanha a favor das ideias socialistas no país e no mundo. O governo de Pardo reage drasticamente, fechando o jornal no mesmo dia em que se inicia a greve geral, acusando-o de “incitar o ânimo das classes populares, estimulando-as sem hesitação a atitudes extremas...”³⁰.

A greve foi acatada massivamente pelos diversos setores da indústria, deixando a capital do país desprovida de eletricidade, transportes e desabastecida de mantimentos. Por fim, Lima se viu totalmente paralisada. Impedido de publicar sua coluna *Voces*, Mariátegui participa ativamente das ações da greve, informando-se sistematicamente dos acontecimentos, trocando ideias sobre estratégias e táticas de luta com os dirigentes, levando informação de um comitê a outro e estreitando seus vínculos com os trabalhadores, que carinhosamente o chamavam de “*El cojito*”³¹.

Em 15 de janeiro de 1919, o presidente Pardo, sem poder resistir à forte pressão popular que a greve havia gerado, decreta a jornada das oito horas nos escritórios e estabelecimentos do Estado. Nos escritórios de trabalho ou estabelecimentos particulares, a fixação da jornada de

30. Não informa sobre o fechamento do jornal *El Tiempo*, onde se consigna o comunicado do governo, publicado sob o título de *El Paro General*, no jornal *El Comercio*, 14 de janeiro de 1919. Tomado de Rouillon: 1975, tomo 1, p. 239.

31. Em português: o manquinho.

trabalho limitada a oito horas seria determinada em comum acordo entre os proprietários, industriais ou administradores e os trabalhadores³². Essa reivindicação já havia sido obtida pelos trabalhadores do Porto do Callao, em 1913³³.

Cabe ressaltar que a luta pela jornada das oito horas era uma reivindicação anarquista já antiga no movimento operário peruano, inscrita como lema desde 1905 pela Federação de Trabalhadores Padeiros “Estrela do Peru”, através de sua declaração de princípios. Essa luta foi retomada em 1912 em documentos de propaganda da União de Jornalheiros do Porto do Callao e da Federação Operária Regional do Peru, com sede em Lima³⁴. Também foi levantada como bandeira nas greves que eclodiram em diferentes lugares do país em 1913 e 1916. Esse processo, que culmina com a greve geral de janeiro de 1919, foi uma das grandes conquistas do anarcossindicalismo peruano, que, ao longo desse período, fez um exercício de propaganda e de formação ideológica no interior do movimento sindical através de grupos libertários de formação e discussão política, como o Lutadores pela Verdade, editor do jornal *La Protesta*, o grupo Luz e Amor, editor de folhetos de propaganda sindicalista e o Centro Socialista Primeiro de Maio, criado em 1907, que logo deu origem ao Centro de Estudos Sociais Primeiro de Maio.

O ano de 1919 foi crucial para o proletariado peruano que vinha desenvolvendo uma de suas jornadas de luta mais importante. Por um lado, convocava a participação dos trabalhadores da indústria têxtil e dos diferentes ramos do emergente proletariado industrial, iniciando o longo caminho para a unificação das lutas operárias e para a formação, anos mais tarde, da Central Geral de Trabalhadores do Peru (CGTP). Por outro lado, além de colaboração com outros setores sociais, como o movimento estudantil, estabelecia um processo de conscientização e formação do movimento trabalhador, cujos desdobramentos originaram

32. Basadre: 1970, tomo XII, p. 488.

33. Em 13 de janeiro de 1913, o presidente Billingurst decreta a jornada de oito horas na Bahía del Callao, com um horário de trabalho de 7h às 11h da manhã e de 1h às 5h da tarde, em todos os dias úteis do ano.

34. Basadre: 1970, tomo XII, p. 486.

experiências extremamente ricas, como as Universidades Populares³⁵. Até esse momento, o anarquismo havia exercido uma influência decisiva na organização e conscientização do movimento operário peruano.

A formação de José Carlos Mariátegui, até essa época, baseava-se em literatura socialista, sindicalista e anarquista europeia do período anterior à Primeira Guerra Mundial, como ele mesmo assinala: “... livros socialistas, sindicalistas, libertários, de longa data, são os que geralmente circulavam entre nós”³⁶.

O Comitê de Propaganda Socialista, do qual Mariátegui fez parte desde novembro de 1918, enfrentava grandes debates internos que definiriam seu futuro. Em primeiro lugar, se discutia a participação na 1ª Conferência Socialista e Operária Pan-americana, a convite do Partido Socialista da Argentina, dirigido por Mario Bravo. As condições estipuladas para participar dessa reunião era uma “adesão franca e categórica aos princípios essenciais da Internacional Operária: socialização dos meios de produção e transformação social; conquista dos Poderes Públicos pelo proletariado; união internacional dos trabalhadores e a luta de classes”. Na realidade, se tratava da adesão aos princípios da Segunda Internacional Socialista, da qual fazia parte o Partido Socialista da Argentina, promotor da Conferência Pan-americana. Mariátegui se opõe à participação do Comitê de Propaganda Socialista (peruano) nessa reunião, pondo em questão a liderança do Partido Socialista da Argentina e reivindicando a atuação revolucionária do Partido Socialista Internacional, dirigido por Victorio Codovila e Rodolfo Ghioldi, que, em abril de 1919, viria a aderir à III Internacional, fundada por Lênin.

Por outro lado, se cogitou da oportunidade do Comitê de Propaganda Socialista se converter na seção limenha do Partido Socialista Peruano. Mariátegui se manifesta contra essa proposta, sustentando

35. O Primeiro Congresso Nacional da Federação de Estudantes do Peru, celebrado em Cuzco, em 1919, acordou a formação das Universidades Populares. Posteriormente, em 1921, um grupo de dirigentes estudantis encabeçado por Víctor Raúl Haya de La Torre funda a Universidade Popular González Prada na cidade de Lima.

36. Primeira conferência de José Carlos Mariátegui na Universidade Popular González Prada. Publicada em *La crisis mundial y el Proletariado peruano*. In: *Mariátegui Total*, 1994.

que o Comitê ainda não estava preparado para converter-se em partido e que deveria dedicar-se somente à propaganda até que as ideias socialistas tivessem suficientes raízes na massa para dar lugar à formação do Partido Socialista. Contudo, a ala de Mariátegui perde a batalha política e, em 1º de maio de 1919, o agrupamento se transforma em partido, fazendo pública sua *Declaración de Principios* e lançando o seu programa político, que irá servir de base para a organização do Partido Socialista em toda a República. Sua direção decide enviar um representante à Conferencia Socialista Pan-americana, na Argentina. Diante de tais circunstâncias, Mariátegui resolve finalmente se afastar do Comitê.

O Partido Socialista fundado em maio de 1919 teve vida efêmera. Sem ter raízes sociais nem ligação efetiva com o movimento operário, de cujas lutas se afastou ao, publicamente, retirar seu apoio à greve geral de maio do mesmo ano, o partido desintegrou-se poucos meses após a sua criação.

1.3.2) O diário *La Razón*

Terminada a greve geral de janeiro e reaberto o periódico *El Tiempo*, depois de dez dias de fechamento, Mariátegui e César Falcón fizeram uma proposta de compra do jornal. Dessa forma, poderiam definir a linha editorial da publicação de acordo com um jornalismo independente e mais afinado com o ideário socialista que defendiam. Essa proposta, entretanto, não era possível de ser aceita visto que *El Tiempo* era financiado por setores políticos ligados à nova burguesia industrial. O principal interesse desses setores girava em torno do apoio à candidatura de Augusto Leguía à Presidência da República; portanto, a linha jornalística da publicação era de oposição ao governo civilista de José Pardo e oferecia a abertura de algum espaço para os movimentos de massas e as lutas populares que debilitavam esse governo. A negativa à proposta de Mariátegui era evidente, como evidente era também o uso da sua mordaz ironia, assim como da perspicácia de suas análises para atacar o regime civilista e assim cumprir os objetivos conjunturais do jornal. Diante da negativa da proposta de compra do *El Tiempo*, Mariá-

tegui e Falcón se afastam imediatamente desse jornal e decidem fundar um novo que lhes permitisse assumir com maior liberdade política e ideológica sua orientação socialista.

Assim nasceu o diário *La Razón*, em 14 de maio de 1919, com o apoio de um grupo de políticos liberais, entre os quais Isaías de Piérola, e o aporte financeiro do comerciante cubano de sobrenome Torruella³⁷, amigo desse último. Por aqueles dias, Lima contava com poucas gráficas e menos ainda com aquelas dispostas a imprimir um jornal dirigido por radicais como José Carlos Mariátegui e César Falcón. Resultou numa difícil tarefa encontrar uma que abrigasse o nascente jornal. Finalmente, eles chegaram a um acordo razoável com o Arcebispo de Lima, com o qual celebraram um contrato de edição para imprimir *La Razón* em instalações gráficas católicas, com o compromisso expresso de que o novo jornal não atacaria a Igreja.

A equipe jornalística dirigida por Mariátegui e César Falcón era composta por um reduzido número de dissidentes do Comitê de Propaganda Socialista. O grupo se instalou num pequeno escritório no centro de Lima, com tão poucas máquinas de escrever que os jornalistas tinham que se revezar por turnos. Inicialmente, *La Razón* se apresentava como uma publicação vespertina, evitando competir com os grandes jornais da manhã, como *El Comercio*, *La Prensa* ou *El Tiempo*. A tiragem da publicação era muito reduzida: 500 exemplares por dia e o formato limitado aos recursos básicos que a gráfica oferecia. Contudo, o prestígio de seus diretores já havia gerado grande expectativa no ambiente limenho sobre o novo periódico vespertino, de tal maneira que, de saída, sua circulação foi notável, como explica o próprio Mariátegui:

“A casa e o jornal que acolheram, até há três meses, nossa palavra e nosso pensamento nos levaram essa inquietude sã e boa... Éramos então mais jovens do que agora. E dizer que éramos mais jovens é dizer que éramos mais ingênuos... Pareceu-nos muito bem essa ideia de escrever como nos desse vontade. Mas muito cedo sentimos, consternados e tristes, que nessa casa e nesse jornal não podíamos viver à vontade.

37. Roullion: 1975, tomo I, p. 265.

Comprendemos, pouco a pouco, que aquele não era o nosso lar. Sentíamos falta de oxigênio, de luz e de qualquer contentamento... Um dia, convencidos de que aquela casa não era nossa casa e aquele jornal não era nosso jornal, fechamos a máquina de escrever laboriosa, disciplinada e colaboradora que tão fielmente nos servira e pegamos nosso chapéu. Nossa renúncia não podia ser apenas uma renúncia — tinha que ser uma ruptura. E não podia ser apenas uma ruptura — tinha que ser um cisma. E tinha que ser um cisma sonoro... Por isso, escrevemos agora desde esta coluna. A coluna é outra. O jornal é outro. A gráfica é outra. O escritório é outro. E até a máquina de escrever, apesar de ser Underwood, muito norte-americana e muito solícita, é também outra... Mas nós somos os mesmos...”³⁸

Dessa maneira, Mariátegui explica seu afastamento do diário *El Tiempo*, mais que uma simples renúncia, uma ruptura com o espírito jornalístico do ambiente crioulo³⁹ limenho da época. De fato, o diário *La Razón* significou a abertura não apenas de um novo estilo de fazer jornalismo no país, mas também a introdução de novos conteúdos profundamente arraigados nas lutas populares, operárias e estudantis da época. *La Razón* deu um novo sentido à imprensa peruana, e se converteu no primeiro jornal de esquerda de circulação nacional no país. Ao mesmo tempo, foi um espaço de aprendizagem fundamental na formação socialista de Mariátegui, que o fez partícipe da dinâmica das próprias lutas sociais.

Na nota editorial do primeiro número do jornal, os diretores Mariátegui e Falcón explicaram os objetivos do mesmo:

“Este jornal não surge para servir a um interesse eleitoral transitório. Aspira conquistar uma posição permanente na imprensa peruana e conservar dentro dela uma personalidade própria. Seu aparecimento em um momento agitado de elei-

38. José Carlos Mariátegui. “Yo soy aquel...”. Publicado na coluna *Voces* do jornal *La Razón*, nº1, Lima, 14 de maio de 1919. In: *Mariátegui Total*, 1994.

39. O termo crioulo refere-se aos espanhóis nascidos no Peru que conservam valores, cultura e interesse político da metrópole.

ções políticas é um mero acaso... La Razón não está vinculada a nenhum dos bandos em disputa. Possui absoluta independência para contemplar o gravíssimo problema político sem os pequenos ardores deste ou daquele partidatismo (...) Uma sólida comunidade de ideais patrióticos, um nobre entusiasmo profissional, um firme desejo de luta e um profundo espírito doutrinário nos reuniu e nos uniu na tarefa da fundação deste jornal (...)

*Nosso propósito essencial consiste em contemplar todos os fatos e todas as situações com elevação de conceito e de palavra, em dizer sempre a verdade, em empregar os caminhos mais reais para chegar até ela, em denunciar e combater os vícios do nosso regime político-social, em trabalhar pelo advento dessa era de democracia tão ansiada pelo nosso povo, em nos defender da influência dos preconceitos que habitualmente servem de ponto de partida ao critério crioulo e em difundir, sem esquecer a realidade nacional, as ideias e doutrinas que atualmente comovem a consciência do mundo e preparam a era futura da humanidade...*⁴⁰

É necessário destacar três elementos na declaração de princípios que *La Razón* fez no editorial de seu primeiro número. Em primeiro lugar, destaca sua independência política, seu sentido não partidário. Isso lhe permite ter uma identidade própria, buscando ir além dos interesses conjunturais do acontecer político cotidiano. Vale observar, como procuraremos evidenciar ao analisarmos os escritos de Mariátegui nas páginas de *La Razón*, que ele não se eximia nem se colocava fora, simplesmente, ia além das análises dos processos políticos, o que possibilitava uma compreensão mais profunda dos fatos do cotidiano político. Isso marcou já uma primeira diferença com o modelo de imprensa existente até aquele momento, em geral ligado a um determinado partido político por criação ou por adesão.

40. José Carlos Mariátegui e César Falcón: "Palavras preliminares: Nossa posição na imprensa". *La Razón*, n° 1, 14 de maio de 1919.

Um segundo elemento foi o compromisso doutrinário e de ideais patrióticos que *La Razón* explicitamente assumiu como elementos fundamentais do seu projeto de imprensa. Nesse sentido, sua independência político-partidária não se contradisse com seu compromisso doutrinário, *La Razón* não se estabeleceu como um jornal ascético, desprovido de qualquer doutrina, e, nesse sentido, vagamente independente, mas, sim, como um jornal politicamente independente e, ao mesmo tempo, doutrinariamente comprometido e com espírito de luta.

O terceiro elemento foi sua declaração socialista, que explicita nos seguintes termos: “Nosso propósito essencial consiste em (...) trabalhar pelo advento dessa era de democracia (...) difundir as ideias e as doutrinas que atualmente comovem a consciência do mundo e que preparam a era futura da humanidade”.

Tratava-se então de combater os vícios do atual regime político e de trabalhar por uma nova era de democracia, uma era socialista. Por outro lado, vemos também o delineamento do que seria um elemento metodológico permanente em Mariátegui: a presença indispensável da realidade nacional como ponto de partida e de chegada das análises.

O diário *La Razón* se converte rapidamente no principal meio de informação e articulação do movimento sindical, estudantil e popular. Contava com a participação, na equipe de redação, de Fausto Posada, um trabalhador que escrevia sobre os temas sindicais e também de um estudante da Universidade Nacional Maior de San Marcos, Humberto del Aguila, encarregado dos temas estudantis e da reforma universitária, então em plena efervescência. Além disso, *La Razón* tinha uma seção dedicada aos acontecimentos de atualidade política, à informação internacional, a problemas da cidade, às atividades sociais, ao teatro, à hípica e um guia de serviços. Dessa forma, a proposta do jornal mantinha assuntos amenos junto ao tratamento de temas doutrinários mais abstratos e informações e análises políticas, como explicou o próprio Mariátegui: “... Nosso conceito de circunscrição jornalística é amplo e intelectual demais para que acreditemos, por exemplo, que seja incompatível com ela a nota humorística e recreativa, que deve semear

amenidade e frescor e preservar do frio e da monotonia as colunas de um jornal desta natureza.”⁴¹

Pelos escritórios da redação de *La Razón* circulavam dirigentes e ativistas dos diferentes movimentos sociais de Lima e do restante do país, entre os quais Gutarra, Lévano e Fonkén, dirigentes dos trabalhadores e, também, Víctor Raúl Haya de La Torre, dirigente estudantil. Tratava-se de um espaço de grande vitalidade, onde se trocavam experiências, pontos de vista e debatia-se não apenas os acontecimentos cotidianos da política local, mas também o sentido das lutas sociais no Peru e no mundo.

É interessante notar o crescimento impressionante da tiragem do jornal, que, em poucas semanas, aumentou de 500 para cerca de 8 mil exemplares diários⁴². Sua circulação abrangia, além de Lima, as principais cidades do país, construindo uma rede de correspondentes em várias cidades do interior. *La Razón* não era só vendido nas ruas, mas também nas portas das fábricas, constituindo-se no principal órgão de informação e organização do movimento operário e sindical em plenas jornadas de luta.

Em suas páginas, criticava a imprensa tradicional e o enfoque superficial que essa dava aos processos sociais e às lutas políticas que vivia o país nesse período, pondo em evidência sua visão estreita. O que na realidade estava se colocando em questão com essa crítica era o conservadorismo dessa mesma imprensa, que visa desmoralizar e desvirtuar as lutas dos setores populares. Ao mesmo tempo, *La Razón* denuncia a mediocridade e o simplismo não só desse tipo de imprensa, mas também dos setores sociais que ela representava, os setores dominantes, que a chamavam de “gente decente”. Vejamos:

“A frivolidade de alguns jornais da capital considerou cômica, ridícula e lamentável a atitude assumida ontem pelas mulheres do povo. Em um país onde a maior parte da impren-

41. José Carlos Mariátegui e César Falcón: “Palavras preliminares: Nossa posição na imprensa”. *La Razón*, n° 1, 14 de maio de 1919. In: *Mariátegui Total*, 1994.

42. Rouillon: 1975, vol. I.

*sa tem um critério tão superficial, tímido e antiquado, isso não deveria nos surpreender. Os jornalistas crioulos insubstanciais se esforçam por tratar os problemas sociais mais com 'bom gosto' do que com bom senso. Desagrada-lhes tudo o que não é elegante, tudo o que não é moderado, tudo o que não é bonito. Seu pensamento está sempre saturado da mediocridade e da puerilidade moralista que governa aqui o discernimento da gente 'decente'.*²⁴³

O reconhecimento de operários e estudantes ao importante trabalho que *La Razón* realiza, que o levou a ser o órgão do movimento sindical e estudantil em momentos de transcendentess jornadas de luta, manifestou-se em uma emotiva homenagem pública, quando, em 8 de junho de 1919, uma grande massa de trabalhadores e estudantes, organizados em uma marcha em direção à Praça de Armas para comemorar a liberdade dos dirigentes operários Barba e Gutarra, desviou-se de seu percurso original para passar pelas instalações do diário *La Razón* e saudar com o punho erguido e com comovidos discursos o seu diretor José Carlos Mariátegui. Esse respondeu do balcão agradecendo as palavras dos dirigentes e reafirmando o compromisso de *La Razón* com as causas do povo.

1.3.3) O Comitê Pró-Barateamento das Subsistências e a greve de maio de 1919

A crise econômica mundial posterior à Primeira Grande Guerra Mundial (1914-1918) trouxe como consequência o aumento dos preços dos alimentos em nível internacional. Isso agravou ainda mais as precárias condições de vida da crescente população trabalhadora urbana, cujos exíguos salários não garantiram as condições mínimas de sobrevivência. Nesse contexto, impulsionado pelos anarquistas, foi criado o Comitê Pró-Barateamento das Subsistências, em 13 de abril de 1919, com a finalidade de defender os setores populares da miséria

43. Editorial de *La Razón*, 26 de maio de 1919. Tomado de Gargurevich: 1978, p. 90.

e da escassez dos meios básicos de subsistência que se encareciam de modo alarmante, colocando como objetivo fundamental a preservação da vida dos trabalhadores e de suas famílias. Propusera-se como bandeiras de luta: a redução dos preços dos artigos alimentícios e das passagens dos trens e bondes; a abolição dos impostos paroquiais; a obrigatoriedade de semear nos terrenos agrícolas produtos alimentícios, levando em consideração as necessidades da população; a redução dos impostos que taxavam a importação dos artigos de consumo básico; a proibição de exportar os mesmos, enquanto não fossem atendidas as necessidades nacionais de consumo; a fixação dos preços controlados nos produtos de primeira necessidade; a redução dos aluguéis e o cumprimento estrito da jornada de trabalho de oito horas⁴⁴. O Comitê foi dirigido pelos trabalhadores Nicolás Gutarra (marceneiro), Delfín Lévano (padeiro), Adalberto Fonkén (têxtil), Carlos Barba (sapateiro), entre outros⁴⁵. Desse Comitê, ainda faziam parte várias federações operárias de Lima, entre os quais se encontravam os tecedores, sapateiros, padeiros, moleiros, artesãos e outras organizações de trabalhadores e camponeses dos arredores da cidade, chegando a contar com mais de 30 mil membros⁴⁶ poucos dias após sua fundação.

Esse comitê iniciou um conjunto de mobilizações a favor de suas demandas e obteve como única resposta do governo de Pardo uma crescente ação repressiva e a negação de qualquer permissão de reunião, chegando, inclusive, a encarcerar seus principais dirigentes. Diante de tais acontecimentos, a greve geral foi decretada em 28 de maio de 1919. O movimento pedia a liberdade imediata dos dirigentes e o barateamento das subsistências em pelo menos 50%. A luta se estendeu por várias cidades do país e contou com a solidariedade e a mobilização dos estudantes e de outros setores populares, como o movimento de mulheres, que vinha participando ativamente das mobilizações prévias à greve, e de alguns intelectuais progressistas, como Pedro Zulen que

44. Manifesto do Comitê Pró-Barateamento das Subsistências, publicado no jornal *La Prensa*, em 2 de maio de 1919.

45. Gargurevich: 1978, p. 42.

46. Gargurevich: 1978, p. 57.

foi detido em Jauja, acusado de “agitador bolchevique”⁴⁷. A tradição anarquista lançou os operários na luta direta nas ruas das principais cidades do país, produzindo desmandos e saques nos centros comerciais e de abastecimento sob a liderança do lumpenproletariado, que trouxe como consequência uma brutal repressão policial. Os enfrentamentos deixaram como resultados vários mortos, centenas de feridos e inumeráveis presos.

Depois desses acontecimentos, o movimento operário ficou totalmente desmoralizado, uma vez que suas demandas foram desvirtuadas pelos desmandos e revoltas de rua; levando-o a perder a autoridade moral e, junto com ela, a própria greve. Sem conseguir nenhuma de suas reivindicações, nem ao menos a da liberdade de seus dirigentes, a greve foi encerrada em 2 de junho, configurando uma grande derrota do movimento operário e sindical peruano. Completado o ciclo de vida do Comitê Pró-Barateamento das Subsistências, sobre as mesmas bases, se formou a Federação Operária Regional Peruana, em julho de 1919.

Uma segunda greve geral no ano de 1919 mostrou, por um lado, o vigor de um movimento operário e sindical em ascensão com alto nível de consciência política e ampla capacidade de mobilização e, por outro, uma direção inapta para conduzi-lo, priorizando a luta econômica em detrimento da luta política. O movimento de massa havia ultrapassado sua direção política, era necessária então uma nova condução que se adequasse melhor à realidade existente. Essa greve marcou um ponto de rompimento entre o movimento anarquista desgastado e sua direção, suas formas de luta. Surge assim uma nova fase, de orientação socialista, na qual Mariátegui ocupou um papel preponderante.

1.3.4) As lutas estudantis

A Reforma Universitária de Córdoba, em 1918, causou um grande impacto no ambiente estudantil latino-americano, colocando em xeque as próprias bases metodológicas e teóricas do sistema de ensino universitário e o papel social da universidade. Os estudantes exigiam

47. Gargurevich: 1978, p. 102.

uma universidade voltada para os problemas de seu tempo, denunciaram os métodos escolásticos do sistema de cátedras e exigiam participar dos níveis de tomada de decisão da instituição. Pretendiam uma reforma radical do sistema universitário vigente.

No caso peruano, a Universidade Nacional Maior de São Marcos, a primeira universidade da América que ao longo da colonização espanhola constituiu um dos principais centros de formação das elites crioulas, foi o centro onde se concentraram as principais mobilizações e lutas estudantis que se sucederam em 1919. *La Razón* não só seguiu de perto os debates em torno da reforma universitária, mas também, através de sua seção estudantil, participou ativamente deles, iniciando uma campanha jornalística a favor da modernização dos métodos de estudo e do afastamento dos professores medíocres⁴⁸. Em 26 de junho de 1919, publicou uma lista detalhada atacando os catedráticos de qualidade acadêmica duvidosa, criticando sua falta de atualização e métodos obsoletos, assim como seus conhecimentos limitados e insuficientes para o trabalho pedagógico. A partir desse momento, as críticas através do jornal intensificaram-se, chegando a atingir o médico de família de Mariátegui, que também era catedrático da Faculdade de Medicina de São Marcos, fato que bem indica a honestidade do novo jornalismo que *La Razón* colocou em prática.

O movimento estudantil esteve dividido entre a Federação de Estudantes do Peru, que propunha uma reforma debatida dentro de um clima de moderação, e o Comitê Geral pela Reforma, criado para unificar e orientar a opinião estudantil e as ações de luta e que propunha uma reforma radical, mesmo que para isso se tornasse necessário um enfrentamento aberto com as autoridades universitárias e a greve geral dos estudantes. Essas duas tendências refletiam claramente o espírito do movimento estudantil peruano, dividido em duas correntes, uma mais conservadora, ligada às elites políticas, e outra, emergente, relacionada com os setores mais modernos da economia e com maior sensibilidade aos problemas sociais e políticos da época, de vocação profundamente

48. Rouillon: 1975, tomo I, p. 280.

renovadora. Esse setor renovador esteve ligado ao grupo de Mariátegui e ao diário *La Razón*.

Os enfrentamentos entre estudantes e autoridades universitárias aguçaram-se levando os estudantes a decretar greve geral universitária e paralisando todas as universidades do país. A luta teve ainda o apoio e a solidariedade de diversas federações operárias, criando um clima de grande efervescência social que rapidamente colocou em alerta o governo e em evidência o exercício de difusão e articulação política do *La Razón* na mobilização de operários, estudantes e funcionários públicos e privados.

Por outro lado, as críticas do *La Razón* ao regime do presidente Leguía, que em 1919 foi eleito em substituição a Pardo, se aguçaram, causando um profundo mal-estar nas esferas do governo, que culminou com o fechamento do *La Razón* e com as deportações de Mariátegui e de César Falcón. O fechamento do jornal ocorreu da seguinte maneira: em 7 de agosto, a redação do *La Razón* mandou uma nota editorial à gráfica do Arcebispo profundamente crítica e beligerante, que fazia uma análise da “Pátria Nova”, como se autodenominava o governo de Leguía. O encarregado da gráfica, que exercia o papel de censor, negou-se a publicá-la. Diante disso, os diretores decidiram publicar o jornal com a seção editorial em branco, e imprimir e distribuir o editorial separadamente. Poucas horas após a publicação do jornal, todo o país queria conhecer o editorial vetado. Isso produziu uma revolta no ambiente crioulo limenho e o maior pico de vendas do jornal, mas também a recusa do Arcebispo, que já mantinha boas relações com o governo de Leguía, a continuar imprimindo *La Razón*. Mariátegui e Falcón se dispuseram imediatamente a buscar outra gráfica que os acolhessem, mas não a encontraram.

Posteriormente a esses fatos, veio o convite formal do governo: escolher entre a prisão ou um cargo de “divulgador do governo do Peru” no exterior. Mariátegui escolheu a Itália e Falcón, a Espanha.

Para Mariátegui, a experiência política através do diário *La Razón* e sua aproximação à dinâmica das lutas operárias, sindicais e estudantis

constituíram um elemento fundamental à sua formação teórica e ideológica que o introduziu no pensamento socialista não como um corpo doutrinário abstrato, afastado da realidade, mas como ferramenta metodológica de análise da realidade concreta. O trabalho de jornalista o obrigou a pensar e analisar as lutas sociais, antes distantes para ele, apelando para um novo corpo teórico metodológico – o marxismo –, o que constitui uma dinâmica extremamente rica de *práxis* política e elaboração teórica.

CAPÍTULO 2

A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO E A CONSTRUÇÃO DO SOCIALISMO NO PERU

2.1) A experiência europeia e a formação marxista

Antes de chegar à Itália, Mariátegui fez uma breve passagem por Paris, entrando em contato com o mais avançado socialismo francês através dos dirigentes da Confederação Geral do Trabalho Marcel Cachin (1869-1958), L. O Frossard (1889-1958) e intelectuais de vanguarda como Valery, Jules Romains, André Gide, Roger Martín du Gard, Duhamel, Vildrac, Jean-Richard Bolch, entre outros. Contudo, talvez as duas personagens que mais marcaram sua passagem pela França tenham sido Rollan Romain e Henry Barbusse. Mariátegui também se interessou pelo jornal socialista *L'Humanité* e visitou suas instalações, assim como os escritórios do comitê a favor da adesão à *III Internacional*, as seções do Parlamento francês e a casa onde funcionava a revista *Clarté*⁴⁹. Esses poucos dias em Paris foram uma introdução palpitante à realidade europeia, levando Mariátegui a declarar: “Acabou de se encontrar consigo mesmo”.⁵⁰

Mariátegui chegou à Itália no mês de dezembro de 1919 e se dirigiu à pequena cidade de Nervi, em Gênova, onde encontrou um lugar pro-

49. Segundo testemunho de César Falcón tomado de Rouillon: 1975, tomo II, p. 16.

50. Segundo testemunho de Víctor Nava tomado de Rouillon: 1975, tomo II, p. 17.

pício para descansar e recuperar-se da fadiga e de problemas de saúde que o afligiam constantemente. Aproveitou sua breve estadia na cidade genovesa para se colocar a par da situação política e social europeia e especialmente do movimento revolucionário, através das principais publicações de esquerda que circularam pela Europa. Nesses dias, recebeu também a notícia do nascimento de sua primogênita, Gloria Mariátegui Ferrer⁵¹. Ao mesmo tempo, conheceu Ana Chiappe Giacomini, uma jovem órfã parente dos proprietários de uma pequena pensão em Nervi que ganhava a vida trabalhando como hospedeira e com quem se casaria meses mais tarde.

Semanas depois, se dirigiu a Roma, apresentando-se perante à delegação peruana, na Itália, a cargo de Oscar R. Benavides (ministro plenipotenciário) e recebendo sua credencial de “agente de propaganda jornalística do Peru”. Antes de sua ida para Roma, encontrou-se com o amigo César Falcón, que, na qualidade de repórter do jornal madrileno *El Liberal*, chegava de Madri para realizar uma cobertura jornalística na Itália. Mariátegui se uniu a Falcón nesse périplo e juntos viajaram para Roma. Na ocasião, ele já estava escrevendo seu primeiro artigo como correspondente europeu do jornal peruano *El Tiempo* onde, anos antes, fora colunista. O artigo se intitulava *La Entente y los soviets* e versava sobre o restabelecimento das relações entre o bloco formado pela Inglaterra, Estados Unidos, França e Itália e a Rússia Soviética. Para evitar a censura do governo de Leguía, os artigos enviados foram assinados com pseudônimo e publicados na coluna *Cartas de Itália* de *El Tiempo*. Ao longo desses artigos, Mariátegui desenvolveu análises agudas da conjuntura e das lutas do movimento operário, bem como do clima político e social europeu. Ao mesmo tempo, se ocupou de temas relacionados à arte e literatura no velho continente. Através da leitura dos artigos escritos durante esse período, podemos apreciar o avanço na formação marxista de Mariátegui, sobretudo no concernente ao método de análises, mas retornaremos a esse ponto mais adiante.

51. Ocorrido em 19 de novembro de 1919, filha de Victoria Ferrer, a qual havia mantido laços afetivos com José Carlos Mariátegui antes de sua saída do Peru.

Durante a estadia em Roma, ele e Falcón frequentaram exposições de arte e participaram de diversas tertúlias de artistas, para as quais os contatos oferecidos por Pedro López Aliaga, secretário principal da delegação peruana na Itália e aficionado à arte, foram de grande valia. Posteriormente, Mariátegui se referiu a Aliaga nos seguintes termos: “Não conheci, na burguesia peruana, nenhum homem de tolerância tão inteligente.”⁵²

Outra das suas primeiras ações, ao chegar à Itália, foi fazer contato com o Partido Socialista Italiano, que, por aquela época, estava passando por um debate interno de carácter teórico-político e ganhando terreno eleitoralmente. Nas eleições de novembro de 1919, havia triplicado o número de deputados, chegando a ter 150 representantes. Sua militância de 50 mil crescera para cerca de 300 mil pessoas, chegando a influir poderosamente na Central de Trabalhadores Italianos, que, por sua vez, agrupou mais que 2 milhões de membros ativos⁵³. Uma semana antes das referidas eleições, no Congresso Socialista de Bolonha, o Partido Socialista decidiu aderir a III Internacional Socialista, sendo um dos primeiros partidos social-democratas europeus a tomar essa determinação. Esse fato iniciou uma nova fase da social-democracia europeia. Mariátegui acompanhou em detalhes esse processo e, explicando a luta interna no partido, sustentou que existiram nesse congresso três tendências claras: uma maximalista abstencionista, contrária à participação do partido nas eleições, encabeçada por Bordiga; uma segunda maximalista elecionista, encabeçada por Serrati; e uma terceira posição, evolucionista, encabeçada por Treves e Turani.

Pouco tempo depois de sua chegada a Roma, Mariátegui começou a frequentar um dos círculos marxistas da cidade, que se reunia nas casas de seus membros, formados por condutores de bondes, ferroviários, empregados nas áreas de serviços etc. Mariátegui militou ativamente na luta política partidária italiana e participou do debate teórico e político no interior do círculo marxista ao qual se filiara, realizando trabalhos

52. Segundo o testemunho de Artemio Ocaña tomado de Rouillon: 1975, tomo II, p. 35.

53. Rouillon: 1975, tomo II, p. 39.

de divulgação, discursos e conferências em centros fabris e locais de reunião dos operários, trocando ideias e debatendo com líderes políticos e sindicais, e também com intelectuais, sobre a luta política cotidiana do movimento operário italiano. Não se situou como um espectador indiferente, mas, pelo contrário, como um militante ativo e comprometido, um analista curioso e ávido por aprofundar-se no conhecimento dos acontecimentos cotidianos e nos processos históricos de longo prazo, assim como nos aspectos teóricos do marxismo.

Em abril de 1920, eclodiu em Turim, uma das cidades mais industrializadas do norte da Itália, uma grande greve promovida pelos operários metalúrgicos⁵⁴ reivindicando melhores condições de trabalho para os trabalhadores da cidade e do campo. Os metalúrgicos permaneceram em greve durante um mês, enquanto as demais categorias que aderiram ao movimento ficaram em greve apenas por cerca de dez dias. Essa greve se estendeu por toda a região do Piemonte, com uma população de quase 4 milhões de habitantes e mobilizando cerca de 500 mil trabalhadores industriais e agrícolas. A greve contou ainda com a solidariedade do proletariado de outras regiões que impediram que se transportassem tropas nas ferrovias provenientes de Pisa, Livorno e Florência e obstruindo o movimento portuário de Gênova e Livorno. Contudo, perante a negativa da central sindical italiana de decretar greve geral de todo o país, em 23 de abril, os trabalhadores de Turim retornaram ao trabalho. O fracasso dessa greve aguçou o conflito interno entre o grupo de *L'Ordine Nuovo*, encabeçado por Gramsci e os reformistas. Esses últimos acusaram os socialistas de Turim de terem caído em uma provocação da burguesia e de terem levado adiante a greve em um momento equivocado.

Mariátegui vai a Turim para seguir de perto os acontecimentos, mas logo regressa a Roma para se recuperar do esgotamento intelectual e físico que o afligia. Após quatro meses de permanência em Roma, voltou a Gênova para uma curta estadia e, em seguida, partiu novamente

54. Em Turim, se encontrava a fábrica da Fiat e outros centros fabris de grande importância para a economia italiana.

em direção a Turim em companhia de César Falcón e de Palmiro Machiavello, que cumpria funções consulares na Itália, com o propósito de acompanhar os desdobramentos da greve geral que tanto interesse havia suscitado semanas antes. Uma das primeiras visitas que fizeram em Turim foi às instalações do semanário *L'Ordine Nuovo*. Estabeleceram também contato com outros membros do Partido Socialista Turines, como Togliatti, Terracini e Tasca, além de visitar algumas fábricas e centros de produção, conversando com dirigentes sindicais e encarregados de conselhos de fábrica⁵⁵. Essa visita a Turim foi uma das mais educativas para Mariátegui durante sua passagem pela Europa, como demonstram seus escritos e referências posteriores à experiência turinesa.

Após Turim, Mariátegui se dirigiu a Milão, por considerá-la o centro econômico mais importante do país, onde o capitalismo se encontrava mais desenvolvido — “um núcleo de civilização capitalista” —, como avaliou anos depois. Como fizera em outras cidades italianas, em Milão, ele contatou socialistas e dirigentes do movimento operário que, por aqueles dias, preparavam uma greve nacional convocada pela Federação Italiana de Operários Metalúrgicos – FIOM. Efetivamente, em 30 de agosto de 1920, ocuparam as 300 fábricas de Milão e a paralisação teve repercussão direta em Turim e Gênova, afetando as três cidades do chamado “triângulo” geográfico ao norte da Itália. O campesinato da região aderiu ao movimento ocupando, por sua vez, as terras de cultivo, organizando as denominadas “bandeiras vermelhas” e apresentando um documento reivindicatório aos proprietários das terras.⁵⁶

É interessante ressaltar que essa greve demonstrou a capacidade da classe operária de dirigir o processo produtivo nas fábricas, nomeando seus conselhos de administração e colocando em funcionamento os complexos sistemas fabris, sem dispor do pessoal técnico. Como símbolo de vitória, a classe operária levantou bandeiras vermelhas e negras nas fábricas e entoou o hino dos trabalhadores *Bandiera Rossa*. Contu-

55. Referência de Mariátegui a seu encontro com os operários da Fiat em uma de suas visitas a Turim, publicada em seu livro *Defensa del Marxismo* (1934).

56. Roullion: 1975, tomo II.

do, essa experiência não durou muito tempo, porque foram estendidos fortes cordões policiais ao redor das fábricas com o objetivo de afogar a produção, formando uma blindagem, que acabou derrotando a tomada das fábricas. A partir dessa derrota do movimento sindical, produziu-se um descenso no movimento revolucionário do proletariado italiano.

Nessa época, já o fascismo nascente levantou vozes de alarme contra os “focos bolcheviques”, na própria pessoa de Benito Mussolini, através de seu porta-voz, *Il Popolo d'Italia*. Por sua vez, como consequência dessa greve, surgiram no país duas poderosas confederações: a da indústria e a da agricultura. Ambas tinham entre os seus objetivos prevenir ondas grevistas dos trabalhadores do campo e da cidade.

Mariátegui e seus dois companheiros de viagem vivenciaram intensamente a experiência dessa paralisação através de um contato permanente com os operários e os dirigentes sindicais e mediante a observação direta dos acontecimentos. Deram-se tempo para visitar o lugar onde editava-se o órgão oficial do Partido Socialista Italiano, *Avanti*, e encontraram Serrati, seu diretor. Mariátegui seguiu colaborando com o jornal *El Tiempo* através da coluna *Cartas de Italia*, onde repercutiram suas análises sobre os diferentes aspectos do processo político e social italiano, o avanço do movimento trabalhador e as consequências das várias lutas empreendidas pelo proletariado europeu nesse período.

Depois de uma breve estadia em Veneza, onde Mariátegui se dedicou fundamentalmente à literatura e a exercitar seu espírito contemplativo (como ele próprio declarou, ao ler Charles Maurras: *Los Amantes en Venecia*), regressou à pequena cidade de Nervi (Gênova), em outubro de 1920. Naquela cidade, frequentou as discussões do círculo marxista pertencente à facção do Partido Socialista dirigido por Gramsci, participando com afínco dos debates sobre a importância da organização do partido, da classe operária e dos aspectos teórico-práticos da luta revolucionária. As facções no interior do Partido Socialista Italiano se reduziram a duas: os seguidores de Bordiga, que sustentaram a necessidade de fundar um novo partido, e os gramscianos, que propunham a reorganização interna do partido para aderir à III Internacional.

Nas eleições administrativas realizadas na Itália entre 31 de outubro e 7 de novembro de 1920, os socialistas obtiveram um novo êxito, conseguindo 2.162 prefeituras num total de 8 mil, incluindo duas das principais cidades industriais de Itália: Milão e Bolonha⁵⁷. Isso trouxe como consequência uma reação do fascismo, que intensificou suas ações de violência.

Mariátegui participou na qualidade de correspondente do jornal *El Tiempo* do XVII Congresso do Partido Socialista Italiano, iniciado em 15 de janeiro de 1921. Esse evento teve como consequência a derrota do grupo turinês liderado por Gramsci e a direção do partido caiu nas mãos de Serrati, que representava o grupo reformista. Diante disso, os comunistas anunciaram seu afastamento do partido e fundaram, imediatamente, o Partido Comunista Italiano. Mariátegui participou atentamente dos debates gerados ao longo do Congresso e logo escreveu um extenso artigo fazendo um balanço do evento, destacando a correlação de forças dentro do partido e as principais características da facção direitista do Partido Socialista Italiano, fato que o diferenciava dos demais partidos socialistas europeus, já que não estavam inscritos na II Internacional.

Depois desse congresso, a esquerda ficou dividida nas eleições nacionais convocadas pelo governo Giolitti, em maio de 1921, e aconteceram greves de protesto contra a precariedade das condições de trabalho nas fábricas da Fiat e da Michelin em Turim, sem conseguir nenhum êxito. O movimento operário italiano, e em geral o europeu, começou a viver uma época de retrocesso diante da ofensiva da burguesia industrial.

Imediatamente após o Congresso em Livorno, Mariátegui regressou a Gênova e casou-se com Ana Chiappe. Posteriormente regressou a Roma para logo estabelecer-se em uma localidade chamada Frascati, lugar de vinhedos e clima primaveril. Por essa época, cultivou a amizade de Benedito Croce, Prezzolini Gobetti, Pirandello, Gramsci, Tilgher⁵⁸, entre outros intelectuais italianos, e os líderes socialistas Filippo Tura-

57. Rouillon: 1975, tomo II, p. 74.

58. Delfín Lévano, *La vida que me diste*.

ti, Antonio Grazidei e Incola Bombacci. Segundo Guillermo Rouillón, por esses tempos, Mariátegui assumiu a militância no recente formado Partido Comunista, sendo promovido à condição de divulgador e agitador, sem deixar de frequentar, ao mesmo tempo, as atividades artísticas e literárias.

Em 5 de dezembro de 1921, nasceu Sandro Tiziano Romeo — o segundo filho de Mariátegui. Na ocasião, o casal já se encontrava residindo em Roma, com o objetivo de diminuir a distância que Mariátegui teria que percorrer diariamente para cumprir suas tarefas políticas. Contudo, logo começou a ser seguido sistematicamente pelos fascistas, os quais praticamente anularam sua atividade política em Roma. Mariátegui se viu obrigado a voltar a Gênova com sua família, integrando-se à organização partidária da zona portuária da cidade.

Esta intensiva aprendizagem na Europa não só lhe permitiu um conhecimento mais profundo dos processos sociais e históricos europeus, mas também um redescobrimento de suas próprias raízes americanas. Isso o levou a assumir um compromisso de vida, intelectual e político, com as tarefas revolucionárias na América Latina, além de lhe oferecer a perspectiva de uma visão global dos processos históricos da humanidade sob uma perspectiva e com uma identidade profundamente americana. Desse processo, foi perfeitamente consciente quando declarou:

“A razão íntima, pessoal, da minha simpatia por Waldo Frank reside no fato de que, em parte, percorremos o mesmo caminho... Como ele, só me senti americano na Europa. Pelos caminhos da Europa, encontrei o país da América que eu havia deixado e no qual havia vivido quase como um estranho e ausente. A Europa me revelou até que ponto eu pertencia a um mundo primitivo e caótico; e, ao mesmo tempo, me impôs, me esclareceu o dever de uma tarefa americana... Sabia que a Europa havia me restituído, quando parecia ter-me conquistado inteiramente, ao Peru e à América... A Europa, para o americano — como para o asiático — não é apenas um perigo de desnacionalização e desenraizamento; é também a melhor

*possibilidade de recuperação e de descoberta do próprio mundo e do próprio destino...”*⁵⁹

Assinala Rouillón, em sua bem documentada biografia de José Carlos Mariátegui, que em seu ímpeto de assumir politicamente seu compromisso com o Peru, repentinamente, Mariátegui, César Falcón, o diplomata Palmiro Machiavello e o médico Carlos Roe decidiram formar a primeira célula comunista peruana em Gênova, razão pela qual Mariátegui e Roe deveriam regressar ao Peru para cumprir as tarefas organizativas do partido. Machiavello e Falcón permaneceriam na Europa cumprindo um exercício de correspondentes ao núcleo instalado em Lima⁶⁰. Essa fugaz organização comunista demonstrou a veemência desses jovens por dar corpo a seu compromisso político com a história de seu país.

Depois de uma falida tentativa de obter autorização de retornar ao Peru, uma vez que o pedido foi rejeitado pelo governo de Leguía, decidiu prosseguir sua formação intelectual e política na Europa, partindo em direção a várias cidades desse continente, que, no seu entender, contribuíram para tal fim. Dessa maneira, regressou a Paris e visitou novamente Henri Barbusse, renomado teórico marxista, conheceu também a Boris Souvarine, chefe da redação do *Bulletin Communiste* y de *L'Humanité*, que era naquele momento o jornal e órgão oficial do Partido Comunista Francês.

Prosseguiu seu percurso europeu por Munique, Viena, Budapeste, Praga e Berlim, onde finalmente se estabeleceu por alguns meses antes de seu retorno definitivo ao Peru, em fevereiro de 1923. Em todas essas cidades, Mariátegui fez contato com a esquerda mais avançada, dirigentes operários e sindicais, intelectuais e artistas. De Viena, Mariátegui recordará:

“Os dias em Viena não são tão duros como aqueles de 1922 — e precisamente de julho — em que César Falcón e eu vimos

59. José Carlos Mariátegui. “Waldo Frank”. In: *El alma matinal y otras estaciones del hombre de boy*. In: *Mariátegui Total*, 1994.

60. Rouillon: 1975, tomo II, p. 95.

cair, faminta e agonizante, uma mulher agonizante em uma calçada do Reno. Mas a política austríaca continua, como então, sem encontrar seu equilíbrio. Prova disso, politicamente e de forma incontestável, é o fato de que o socialismo, que exerce o papel de oposição, tenha conservado íntegra — e talvez até ampliado — sua grande influência sobre as massas...”⁶¹.

Nessa mesma cidade, se encontrou com Adler e Bauer, ex-dirigentes da III Internacional de Viena, e com outros líderes comunistas e sindicais que em sua maioria haviam participado das criações dos conselhos operários que ajudaram a pôr fim a Primeira Guerra Mundial.

Instalado em Berlim, Mariátegui dedicou-se com afinco à aprendizagem do alemão, chegando a ler algumas obras de literatura e principalmente a imprensa daquele país. Desenvolveu um amplo programa de contatos em Berlim, que incluiu visitas às cidades onde a insurreição dos Spartakus havia gerado maior impacto. Foram sete meses de intenso trabalho em Berlim, antes de seu regresso ao Peru: visitou locais políticos da vanguarda proletária observando as organizações de base e a preparação dos quadros políticos; percorreu os locais onde se produziram as insurreições armadas do proletariado durante a Primeira Guerra Mundial; recolheu testemunhos sobre ações dos spartakistas e milícias trabalhadoras da esquerda e participou das reuniões com literatos e artistas soviéticos que se encontravam de passagem por Berlim. Entre esses estavam Nicolás Tolstoi, Vladimir Maiakovski, Boris Pilniak, Sergio Essenin, Ilya Ehrenburg, Andrei Bieli, Marina Tsvetaieva, entre outros⁶². Teve também um encontro com Máximo Gorki, que passou uma temporada em um sanatório em Saarow Ost, uma pequena cidade próxima a Berlim. Essa entrevista foi realizada com a ajuda da nora de Gorki, que cumpriu o papel de intérprete. Mariátegui descreveu esse encontro em um artigo publicado na revista *Mundial*, em 20 de julho de 1928, e que foi reproduzido posteriormente no livro *El alma matinal y otras estaciones del hombre de hoy*.

61. José Carlos Mariátegui. “Áustria e a paz da Europa”. In: *Figuras e aspectos da vida mundial*.

62. José Carlos Mariátegui: “*Los Artamanov*, novela de Máximo Gorki”.

Sobre sua estadia na Alemanha e sua passagem pela Europa, Mariátegui escreveu anos mais tarde:

“... Tíñbamos vivido juntos [fazendo alusão a César Falcón] alguns dias densos e estremecidos da história europeia: os da ocupação do Ruhr. O encontro para essa última jornada comum nos havia reunido em Colônia. A atração pelo drama renano — essa atração pelo drama, pela aventura, à qual nem ele nem eu jamais soubemos resistir — nos levou a Essen, onde a greve ferroviária nos manteve bloqueados por alguns dias. Havíamos nos entregado sem reservas, até a última célula, com uma ânsia subconsciente de evasão, à Europa, à sua existência, à sua tragédia. E descobrimos, ao final, sobretudo, nossa própria tragédia — a do Peru, a da Hispano-América. O itinerário da Europa havia sido para nós a melhor — e mais tremenda — descoberta da América”⁶³.

2.2) O regresso ao Peru e a criação da revista *Amauta*

Um dos momentos mais importantes de integração e colaboração entre o movimento estudantil e o movimento operário peruano foi a experiência das universidades populares, criadas em 1921 por resolução do 1º Congresso Nacional de Estudantes, tendo por sede a cidade de Cuzco. O projeto esteve a cargo da Federação de Estudantes do Peru, que se propunha a levar adiante, como se pode observar nas disposições aprovadas nesse congresso, um programa de ensino “objetivo”, à margem de todo “espírito partidista” ou “dogmático”. Esse programa de ensino compreendeu dois ciclos: um de cultura geral de orientação nacionalista e outro de especialização técnica dirigida para as necessidades de cada região. O anarquismo teve grande influência nesse novo movimento que buscava formar a primeira frente única entre estudantes

63. Na crônica do livro *El pueblo sin Dios de César Falcón*, escrita por José Carlos Mariátegui na seção *Libros y Revistas* da revista *Amauta*, n° 21, fevereiro-março de 1929.

e trabalhadores manuais, daí o porquê da ênfase nos conteúdos distribuídos através das universidades populares serem de caráter apartidário. Esses programas de ensino eram dirigidos aos operários e aos estudantes universitários como parte de sua preparação para a luta política.

Quando Mariátegui chegou ao porto do Callao, em 17 de março de 1923, fez contato com Víctor Raúl Haya de La Torre, que, por aquela época, era reitor da Universidad Popular González Prada, para manifestar seu interesse de cooperar no trabalho docente da instituição. Depois de cumprir com os requisitos de todo novo professor de assistir na qualidade de aluno às dez aulas consecutivas, Mariátegui começou a ministrar o curso titulado “*El proletariado y la crisis mundial*”, onde dava um panorama da situação política, cultural e artística da Europa e União Soviética, e que publicou posteriormente em forma de livro sob o título de *Historia de la crisis mundial*. Como é sabido, Mariátegui recebeu duras críticas do núcleo anarcossindicalista, formado por um grupo de trabalhadores que frequentava a instituição: foi criticado por sua filiação explicitamente marxista e sua admiração pela Revolução Bolchevique. Contudo, em pouco tempo conseguiu reverter essa primeira reação, ganhando o interesse da grande maioria dos operários que assistiram a suas conferências enchendo as instalações das salas de aulas para muito além de sua capacidade.

Mariátegui introduziu na agenda de debates temas totalmente novos e, através de suas falas, produziu profundas mudanças no ambiente intelectual e político, provocando um interesse crescente entre estudantes e trabalhadores a aprofundarem seus conhecimentos sobre os processos sociais e políticos contemporâneos. O programa de discussões desenvolvido por Mariátegui apresentou um panorama geral da situação europeia e da Revolução Russa, detendo-se em temas como: a guerra europeia e os partidos socialistas; a Revolução Russa de Kerensky a Lênin; a Revolução Alemã e o espartakismo; a Paz de Versalhes e o fracasso do programa wilsoniano; a agitação proletária na Europa; o fascismo; a tática da III Internacional; o problema das reparações e os déficits fiscais na França, Itália e Alemanha; a crise da democracia e a di-

tadura fascista na Itália; a crise filosófica e a decadência do historicismo, do racionalismo e do positivismo; a repercussão da crise na América e a Revolução Mexicana e a situação argentina, chilena e peruana. Todos esses temas eram, na perspectiva e no enfoque, apresentados por Mariátegui, totalmente novos no ambiente intelectual peruano. A seguir, reproduzimos alguns parágrafos da primeira conferência que ofereceu na Universidade Popular e que, a nosso ver, reflete a profundidade do exercício de formação e conscientização do movimento operário peruano através da universidade aberta:

“No Peru, falta, infelizmente, uma imprensa educativa que acompanhe com atenção, com inteligência e com filiação ideológica o desenvolvimento desta grande crise; faltam também professores universitários capazes de se apaixonar pelas ideias de renovação que atualmente transformam o mundo e de se libertar da influência dos preconceitos de uma cultura e de uma educação conservadoras e burguesas; faltam grupos socialistas e sindicalistas, dotados de instrumentos próprios de cultura popular e em condições, portanto, de despertar o interesse do povo pelo estudo da crise. A única cátedra de educação popular com espírito revolucionário é esta cátedra em formação da Universidade Popular. A ela cabe... apresentar ao povo a realidade contemporânea, explicar ao povo que está vivendo uma das horas mais transcendentais e grandiosas da história, contagiar o povo com a fecunda inquietação que atualmente agita os demais povos civilizados do mundo...

Nesta grande crise contemporânea, o proletariado não é um espectador; é um ator. Nela se decidirá a sorte do proletariado mundial... O proletariado precisa, agora mais do que nunca, saber o que acontece no mundo. E não pode saber disso através das informações fragmentárias, episódicas, homeopáticas dos cabogramas diários, mal traduzidas e pior redigidas na maioria dos casos, e provenientes sempre de agências reacionárias, encarregadas de desacreditar os partidos, as

organizações e os homens da Revolução, e de desanimar e desorientar o proletariado mundial...

*Ese o proletariado, em geral, tem a necessidade de conhecer os grandes aspectos da crise mundial, essa necessidade é ainda maior naquela parte do proletariado socialista, trabalhista, sindicalista ou libertário que constitui a vanguarda... Dedico, sobretudo, minhas dissertações a essa parte da vanguarda peruana... Não tenho a pretensão de vir a esta tribuna livre de uma universidade livre para ensinar-lhes a história dessa crise mundial, mas, sim, para estudá-la eu mesmo com eles...*⁶⁴

Já nessa primeira conferência, Mariátegui deixa patente a necessidade de uma imprensa “com filiação ideológica” que constituísse um instrumento próprio de cultura popular, capaz de analisar com profundidade e inteligência os processos históricos das grandes mudanças vividas pela humanidade. Uma imprensa que se tornasse uma ferramenta de luta contra a desinformação da imprensa reacionária. A vanguarda proletária peruana necessitava conhecer o que se passava no mundo contemporâneo, não por simples interesse de erudição, mas porque o mais avançado do proletariado mundial estava jogando batalhas definitivas que viriam a afetar também o proletariado peruano. Contudo, perante o proletariado em geral, e o peruano em particular, ele não foi um simples espectador no cenário social, mas um ator principal e, como tal, preparou-se política e ideologicamente. A esse exercício, Mariátegui dedicou cada dia restante de sua vida.

Por aqueles dias, foi editado o primeiro número da revista *Claridad*, que se apresentava como órgão da juventude livre do Peru, inspirando-se na revista francesa *Clarté*, dirigida por Henri Barbusse, e que veio a ter grande influência no ambiente intelectual latino-americano. *Claridad*, dirigida por Víctor Raúl Haya de la Torre, representou o espírito antiburguês, reivindicando por justiça social. Reclamava para si o papel de vanguarda do jornalismo libertário do continente americano. Dessa

64. José Carlos Mariátegui. “La crisis mundial y el proletariado peruano”. In: *História da crise mundial*.

maneira, a revista identificou-se com os ideais anarquistas, que são uma matriz doutrinária na formação do movimento aprista peruano. Mariátegui passou a colaborar nessa revista a partir do segundo número.

Em 23 de maio de 1923, aconteceu uma grande mobilização de protesto contra a política clerical do presidente Leguía, que pretendia consagrar o Peru ao Coração de Jesus. A mobilização foi brutalmente reprimida, produzindo sangrentos choques entre os manifestantes e a polícia e teve como saldo duas vítimas: um estudante e um trabalhador mortos. Esses foram enterrados como heróis pelo movimento de massas indignado que acompanhou o cortejo fúnebre.

Sobre esses acontecimentos, Mariátegui escreveu:

“No cortejo estudantil e operário de 25 de maio, o reitor e os catedráticos de San Marcos, que marchavam com a juventude e o povo, não eram seus condutores, mas seus prisioneiros. Não eram líderes: eram seus reféns... Iam cheios de apreensão, de desânimo, de medo, descontentes e, em alguns casos, ‘arrepiaados’... Esta é a crise da universidade. Crise de mestres e crise de ideias. Uma reforma limitada a acabar com as listas ou a extirpar um professor inepto ou estúpido seria uma reforma superficial. As raízes do mal permaneceriam vivas. E logo renasceria esse descontentamento, essa agitação, esse anseio de correção, que toca de maneira epidérmica o problema sem desnudá-lo e sem penetrá-lo.”⁶⁵

Logo após os fatos de 23 de maio, o governo de Leguía decretou ordem de prisão para Víctor Raúl Haya de la Torre, um dos organizadores da mobilização. Depois de algumas semanas na clandestinidade, ele foi detido e enviado a um presídio de alta segurança na ilha de San Lorenzo e, posteriormente, deportado ao Panamá. A prisão gerou protestos do movimento operário e estudantil e inclusive uma greve geral foi decretada pela Federação Operária de Lima, reivindicando, entre outras medidas, a imediata libertação de Haya de la Torre; reivindicação à

65. José Carlos Mariátegui: “La crisis universitaria”. Revista *Claridad*, em 31 de maio de 1923.

qual se juntaram a Federação de Estudantes do Peru e a Universidade Popular.

Os sucessivos protestos populares e a greve geral de outubro de 1923 abriram uma nova fase para o movimento operário peruano. As lutas já não eram apenas econômicas por melhorias salariais e de condições de trabalho, mas fundamentalmente políticas. Pedia-se a liberdade dos dirigentes presos, garantias para as mobilizações populares e a formação de novas organizações operárias, o livre funcionamento da Universidade Popular e dos locais de trabalho. Isso mostrou um avanço qualitativo no processo de conscientização política da classe operária, que, a partir desse momento, se direcionou ao socialismo.

Aproveitando esses acontecimentos e uma suposta intenção de golpe de Estado, o governo de Leguía aprofundou sua política repressiva, encarcerando e deportando políticos de oposição a seu regime e dirigentes sindicais e estudantis. Reprimiu brutalmente os protestos populares realizando um verdadeiro massacre de trabalhadores e estudantes. Foi nessas circunstâncias que o governo fechou a Universidade Popular González Prada, considerando-a um perigoso centro de agitação e subversão.

Diante a ausência de Haya de la Torre, seu diretor, Mariátegui assumiu a responsabilidade de dirigir a Universidade Popular e a revista *Claridad*, onde havia conquistado liderança, apesar do pouco tempo de participação em ambos os projetos. Com a saída do quarto número da revista, que fez uma ampla cobertura da greve de 23 de maio e da repressão do governo de Leguía, Mariátegui foi detido pela segunda vez desde o seu retorno ao Peru⁶⁶. Grande parte da tiragem da revista teve sua edição apreendida pelo governo e, com o diretor interino da publicação, outros membros da equipe de redação e de impressão também foram detidos. A detenção, que durou apenas algumas horas, foi usada como uma forma de amedrontamento que não deu resultado, pois sob a firme direção de Mariátegui a revista *Claridad* assumiu uma postura aberta-

66. A primeira fora dias depois da própria greve, em uma das reuniões clandestinas onde se planejava medidas de protesto contra a detenção de trabalhadores e estudantes, em 23 de maio.

mente socialista de apoio à Revolução Bolchevique e publicou análises do processo revolucionário europeu. Essa nova orientação renovou as críticas, contribuiu para a perda da influência dos anarquistas na Universidade Popular e na equipe de trabalho da publicação, deflagrando uma luta interna entre os setores anarcossindicalistas e o crescente grupo de trabalhadores que aderiram às propostas de Mariátegui. Dessa forma, chegou-se a formar o Comitê Organizador da Sociedade Trabalhadora Claridad, instalado em abril de 1924 com a finalidade de publicar um jornal que cumprisse a função de órgão oficial do proletariado peruano. Esse projeto incluía a criação de uma biblioteca operária e da edição de livros, folhetos e revistas orientados à propaganda e formação política e cultural dos trabalhadores.

A realização desse projeto foi bruscamente interrompida pelo afastamento de Mariátegui das atividades políticas e pedagógicas. Fora descoberto um quadro de gangrena na perna sã que não lhe deixou outra saída que não a de amputá-la, como única possibilidade de lhe salvar a vida. Depois da operação, que o deixou sumamente debilitado, teve que se isolar por várias semanas em uma casa de repouso fora de Lima, longe das notícias e do acontecer político diário que era cuidadosamente filtrado por sua esposa, Ana Chiappe, como uma forma de preservar a sua saúde. Durante esse período, Mariátegui sobreviveu graças à solidariedade de amigos e dos trabalhadores organizados que fizeram coletas de apoio para a família Mariátegui Chiappe.

A tragédia de Mariátegui comoveu o ambiente limenho e mobilizou intelectuais, jornalistas, dirigentes sindicais, estudantes e trabalhadores. Dentre os artigos e escritos sobre o tema, cabe destacar alguns parágrafos do artigo escrito por Luis Alberto Sánchez⁶⁷.

“Ergueu um protesto a tragédia de Mariátegui. Comove-nos e nos intimida ver a dor em uma casa irmã, e a angústia irreparável em um dos nossos. Dá quase vontade de atirar a pena longe e dedicar a vida a tarefas mais fáceis e alegres do que

67. Jovem escritor, colega de Haya de la Torre e um dos fundadores e dirigentes históricos do APRA.

esta de pensar por conta dos outros, quando se vê, se toca, se respira a tragédia sem sangue de um homem jovem, despedaçado pela vida. E a vida não espreitou o momento mais ardente da juventude de Mariátegui; esperou que o moço se tornasse homem; que a cultura, as viagens e a incontável meditação amadurecessem aquele espírito inquieto e que sobre seus ombros já frágeis repousasse a serenidade de um lar construído com esforço e amor. A vida aguardou, traiçoeira, que a boemia passasse e o 'diletantismo' se esvaísse, para cravar suas garras em Mariátegui, justo quando começava a surgir a sua 'aurora dourada'...

*A tragédia de José Carlos Mariátegui, para os que alguma vez estiveram próximos dele, é espantosa. Para o público que menos o conhecia, é injusta e cruel. Para os operários, irreparável. Não é frequente entre nós o caso de uma vontade tão acesa. Nem é frequente que os escritores, ao regressarem da Europa, se dediquem com toda a alma a divulgar ideias novíssimas, a agitar consciências adormecidas, a fazer carne, verbo, da efervescência renovadora do mundo...*⁶⁸

Em Lima, continuaram os protestos e mobilizações operárias que contavam com o apoio dos estudantes. Entre os meses de junho e julho de 1924, eclodiram várias mobilizações contra a redução das indenizações por acidentes de trabalho que levaria a uma nova regulamentação da lei decretada por Leguía. A essas lutas, se integraram os trabalhadores mineiros e os camponeses da região central do Peru, onde se encontrava a mina de cobre de La Oroya nas mãos da empresa norte-americana Cerro de Pasco Cooper Corporation. As medidas repressivas do governo para controlar as mobilizações se aprofundaram, fechando os locais de funcionamento das universidades populares em diferentes localidades do país, como Vitarte, Barranco, Trujillo, Salaverry, Arequipa, Cuzco, além da Universidade Popular González Prada, que foi dirigida por Mariátegui,

68. "A tragédia de José Carlos Mariátegui". Revista Mundial. Lima, 30 de maio de 1924. Tomado de Rouillon: 1975, tomo II.

em Lima⁶⁹. Por essa razão, seus colegas da revista *Claridad* quiseram evitar qualquer represália a Mariátegui sugerindo-lhe que não permanecesse como diretor interino do sexto número da revista, mas ele recusou contundentemente, escrevendo uma carta que reforçava publicamente sua condição de diretor e responsável da publicação:

*“Queridos companheiros: não quero estar ausente deste número de Claridad. Se a nossa revista reaparecesse sem a minha assinatura, eu sentiria ainda mais meu corpo enfraquecido. Meu maior anseio neste momento é que esta doença, que interrompeu minha vida, não seja suficientemente forte para desviá-la nem enfraquecê-la. Que não deixe em mim nenhuma marca moral. Que não deposite em meu pensamento nem em meu coração nenhum germe de amargura nem de desesperança...”*⁷⁰

Depois de quase quatro meses de convalescência, Mariátegui voltou a Lima e se instalou no distrito de Miraflores, de onde continuou com seus trabalhos cotidianos. Sua casa se converteu em um centro de formação política onde ocorriam longas e substanciais assembleias com um crescente número de jovens intelectuais, estudantes e trabalhadores.

As greves, mobilizações e protestos acentuam-se em fins de 1924, na mesma medida em que se acentuavam a repressão, a perseguição e a prática da tortura por parte do governo. Os elementos mais ativos da vanguarda estudantil e do proletariado foram encarcerados ou deportados. A revista *Claridad* foi definitivamente fechada e Mariátegui se dedicou com afinco à organização da Editorial Minerva, que retomara o projeto da Sociedad Obrera Claridad e sua proposta de publicações orientadas para a formação política e humanista da classe operária. Por esses meses, preparou também seu primeiro livro, que levou como título *La escena contemporánea*.

69. Rouillon: 1975, tomo II.

70. “Palavras de Mariátegui”. *Claridad*. Lima, setembro de 1924. Tomado de Rouillon: 1975, tomo II.

A Editorial Minerva surgiu de uma sociedade entre José Carlos Mariátegui e seu irmão Julio César, quem transfere seu pequeno escritório de Huaral para a cidade de Lima. Iniciou suas atividades no mês de outubro de 1925 com um programa editorial baseado na publicação de três coleções: a *Biblioteca Moderna*, dedicada a obras representativas do pensamento contemporâneo; a *Biblioteca Amauta*, destinada a estudos sobre as civilizações americanas e literatura nacionalista; e a *Biblioteca Vanguardia*, orientada para a literatura peruana e universal. O objetivo da editora foram publicações de baixo custo, ao alcance de um grande público, dirigidas fundamentalmente aos operários e estudantes, visando despertar e aprimorar a formação política e humanista dos mesmos.

A primeira publicação do Editorial Minerva foi o livro de José Carlos Mariátegui *La escena contemporánea*, que reunia uma série de artigos sobre processos políticos, sociais e culturais europeus e latino-americanos, publicados em sua maior parte nas revistas *Variedades* e *Mundial*. Esse livro conseguiu grande repercussão no ambiente intelectual peruano e foi motivo de críticas e comentários de grande número de escritores e jornalistas do meio.

As limitações físicas que obrigaram Mariátegui a recolher-se em seu novo domicílio, no centro de Lima, não o impediram de manter-se em estreito contato e intercâmbio com intelectuais, operários e estudantes que eram recebidos em sua casa, que acabou convertendo-se em um centro de formação política, ideológica e humanista através de conversas e conferências que ali realizava Mariátegui com seus discípulos e colegas, de discussões de livros e revistas de marxismo, ideologia, filosofia, política, arte, ciência e literatura que chegavam às mãos do pensador peruano e de longas e motivadoras assembleias que ocorriam na sua própria residência, onde se refletia e analisava a realidade peruana, os grandes processos sociais e culturais contemporâneos e o próprio futuro da humanidade. Segundo testemunhos recolhidos por Roullion, em sua biografia de Mariátegui, por esses anos, chegaram até a casa do mestre dirigentes da Federação Têxtil, da Federação Gráfica, da Confederação Ferroviária, da Federação de Motoristas, do Centro União

de Estivadores, da Federação de Operários das Fábricas de Calçado, da Federação de Motoristas e Condutores, da Unificação de Cervejas Bakus & Jonson, do Sindicato de Tripulantes de Cabotagem do Callao, da Federação Geral de Yanaconas, da Federação Regional Indígena, da Federação Trabalhadora Local de Lima etc. Foi toda uma geração de intelectuais, de artistas, de dirigentes sindicalistas e estudantes que se formou ao redor dessas conversas e assembleias que marcaram profundamente um novo movimento intelectual e político no Peru.

Em fevereiro de 1926, foi editado o primeiro número de *Libros y revistas*, folheto de difusão da Editorial Minerva, contendo resenhas das principais publicações peruanas e estrangeiras, crítica literária, notícias científicas e sobre arte, e que posteriormente passaria a ser uma seção da revista *Amauta*.

Em setembro de 1926, foi publicado o primeiro número da revista *Amauta*, que se direcionou, desde o seu primeiro número, para uma tarefa coletiva, posicionando-se como órgão de um movimento intelectual e espiritual que tinha como objetivo primordial a firme vontade de “criar um Peru novo dentro de um mundo novo”. A revista *Amauta* pretendia dar organicidade a esse novo movimento, criando um espaço de reflexão e debate que marcaria definitivamente a consciência social peruana, estendendo uma ponte inédita entre o Peru e a vanguarda do pensamento social, político e cultural mundial.

Desde a sua criação, *Amauta* teve periodicidade mensal e contou com um amplo leque de colaboradores⁷¹. Em pouco tempo, chegou a ter circulação nacional, e seus distribuidores e colaboradores espalhavam-se em quase todo o território peruano. A tiragem da publicação cresceu rapidamente, vindo a atingir um número grande de intelectuais, trabalhadores e estudantes.

Em primeiro de dezembro de 1926, teve início o Segundo Congresso da Federação Obreira Local, que teve a participação de delegações

71. Entre os que se encontraram, estavam José Sabogal, María Wiese, Julia Codesido, Camilo Blas, Hugo Pesce, Armando Bazán, Carlos Manuel Cox, Avelino Navarro, Manuel Zerpa, Eugenio Garro, Carlos Velásquez, Fausto Posada, Juan Devéscovi, Blanca Luz Brum de Parra de Riego, Miguel Adler, Manuel Vázquez, Víctor Modesto Villavicencio, Alberto Guillén.

de diversos sindicatos da capital e cujas assembleias se prolongaram por quase seis meses, tornando-se o congresso de trabalhadores de maior duração que o país já teve. Através de uma carta dirigida a esse congresso, Mariátegui criticou a falta de um trabalho sério de preparação do mesmo e da oportunidade de um debate de tendências doutrinárias, destacando a necessidade de organizar os trabalhadores através de um programa de unidade proletária e chamando à imediata formação de uma central nacional de trabalhadores baseada no princípio da luta de classes.

O ano de 1927 ficou marcado por enérgicas ações de protestos contra o imperialismo norte-americano na América Latina e na Europa. Os Estados Unidos já vinham realizando uma série de ações bélicas sob o pretexto de proteger seus interesses do perigo bolchevique na América Latina, amparando-se em uma lei aprovada pelo Congresso dos EUA que “autoriza o presidente a destacar oficiais e soldados alistados do exército, da marinha e do corpo de fuzileiros navais dos Estados Unidos para que prestem assistência aos governos das repúblicas latino-americanas em assuntos militares e navais”⁷². Com essa medida, os Estados Unidos buscaram formar e instruir grupos armados locais sob sua supervisão, que serviram de respaldo para as sistemáticas intervenções militares na política interna dos países da região, especialmente na zona do Caribe e da América Central. Isso colocou toda a região em uma situação de ameaça latente do emprego da força e de intervenções militares norte-americanas, que de fato aconteceram sistematicamente, tendo como um dos casos mais graves, e que mais atraiu a atenção mundial, a invasão da Nicarágua.

Em 2 de maio de 1926, desembarcaram *marines* em Bluefields, Nicarágua, sob o pretexto de proteger vidas e bens norte-americanos. Ao mesmo tempo, ocorreram desembarques de liberais nicaraguenses armados na costa do Pacífico e do Atlântico a mando do general José María Moncada, que foi designado como chefe do “Exército Constitucional

72. Gregório Selser: *Cronologia das intervenções estrangeiras em América Latina*. Tomo III, 1899-1945. México: UNAM, 2001, p. 444.

lista”, eclodindo a guerra civil. A intervenção militar norte-americana na Nicarágua foi reforçada com novos desembarques de *marines* em novembro e dezembro do mesmo ano, dessa vez com o objetivo de combater a guerrilha de Augusto B. Sandino, um trabalhador manual que levantou o lema nacionalista de *Pátria y Libertad*.

A reação mundial não se deixou esperar ante esses acontecimentos, tanto a favor da invasão norte-americana, como foi o caso do apoio do governo fascista de Benito Mussolini e do governo da Inglaterra⁷³, quanto de repúdio e protesto contra o imperialismo norte-americano e as intervenções políticas e militares. No início de 1927, celebrou-se em Paris uma reunião de solidariedade com o povo da Nicarágua, presidida pelo secretário-geral da Liga Anti-imperialista Argentina e com a participação de Víctor Raúl Haya de la Torre, Alberto Ulloa (professor da Universidade de San Marcos), Sai Ting (enviado do Kou Ming Tang), Julio Antonio Mella⁷⁴, Vicente Huidobro (poeta chileno) entre outros intelectuais e delegados de diversas organizações sindicais e anti-imperialistas. Posteriormente, foi criada em Berlim a Liga de Luta Contra a Opressão Colonial, que convocou um congresso internacional de todos os povos oprimidos, congresso esse que aconteceu em Bruxelas, em 10 de fevereiro de 1927, sob os auspícios do governo socialista de Bélgica. Nesse evento, estiveram presentes mais de 150 representantes de 137 países, vindo a tornar-se um dos conclaves anti-imperialistas mais importantes e representativos dos anos de 1920.

Por outro lado, a mobilização anti-imperialista latino-americana ganhou dimensões políticas de suma importância, como o caso do Partido Socialista da Colômbia que declarou como uma de suas principais tarefas a organização da seção colombiana da *Liga Anti-imperialista*, com a participação de trabalhadores, camponeses e parte da pequena bur-

73. Esses governos enviaram cartas e notificações ao governo norte-americano pedindo proteção aos americanos na Nicarágua.

74. Intelectual cubano e uma das mais destacadas figuras do pensamento revolucionário latino-americano que participou em representação das Ligas Anti-imperialistas de Cuba, México e vários outros países da América Central em sua qualidade de secretário do Comité Continental e de organizador do Congresso Mundial contra a Opressão e o Imperialismo.

guesia, capaz de desenvolver uma ação revolucionária de massas contra o imperialismo. Por sua parte, Mariátegui participou ativamente desse grande movimento internacional e acompanhou com determinação os acontecimentos na América Latina e na Europa, esforçando-se por abstrair-se à interpretação dos fatos, como sustenta no parágrafo que reproduzimos abaixo, onde desenvolve uma explicação para os motivos econômicos da política imperialista dos Estados Unidos.

*“Se o capitalismo norte-americano não conseguir ampliar seus domínios, entrará irremediavelmente em um período de crise. Os Estados Unidos já sofrem as consequências de sua plethora de ouro e de sua superprodução agrícola e industrial. Seu sistema bancário e suas indústrias necessitam, de forma imperiosa, garantir mercados mais amplos (...) Os Estados Unidos precisam, mais do que nunca, voltar-se para o continente americano, onde a guerra lhes permitiu afastar em parte a outrora onipotente influência da Inglaterra (...) Essas razões impedem a opinião latino-americana de considerar o conflito da Nicarágua como um conflito alheio aos seus interesses...”*⁷⁵

É interessante notar que as reflexões de Mariátegui sobre o processo imperialista não se limitam ao continente americano nem ao nascente imperialismo americano, mas, sim, considera esse fenômeno como parte do desenvolvimento global do capitalismo no mundo. Mariátegui sustentou que:

“A ofensiva imperialista se explica de forma perfeita e clara como uma necessidade de defesa da ordem burguesa. Somente às custas das colônias podem as burguesias da Inglaterra, Alemanha, França e Itália oferecer às classes tra-

75. José Carlos Mariátegui. “O Imperialismo já aqui em Nicarágua”. Revista *Mundial*, em 23 de agosto de 1929. E posteriormente publicado em seu livro *Temas de Nossa América*. In: *Mariátegui Total*, 1994.

*balhadoras o mínimo de bem-estar necessário para impedir um vigoroso renascimento revolucionário.*⁷⁶

Portanto, a luta anti-imperialista foi também parte da luta revolucionária.

Em 5 de junho de 1927, o governo de Leguía lançou uma nova ofensiva repressiva, sob o pretexto de ter descoberto um complô comunista em uma reunião da Editora Claridad. Na mesma noite, foram presos os principais dirigentes operários e estudantis do país, além de alguns intelectuais; entre esses, se encontrava José Carlos Mariátegui, batizado pelo governo como “o principal articulador de todo o movimento comunista no Peru”⁷⁷.

Entretanto, por seu delicado estado de saúde, Mariátegui foi recolhido ao Hospital Militar de San Bartolomé. A campanha repressiva esteve sistematicamente dirigida pelo prefeito de Lima, José Francisco Mariátegui, quem ordenou, além do mais, o registro policial de domicílios, apreensão de arquivos particulares de alguns intelectuais, especialmente dos colaboradores da revista *Amauta*, suspensão do funcionamento de todas as instituições sindicais e de representação estudantil. Outra das ações desse desdobramento repressivo foi o fechamento do Editorial Minerva e da revista *Amauta*, que, nas últimas edições, as dos meses de abril e maio, havia feito uma ampla campanha contra o imperialismo norte-americano. Com isso, iniciou-se uma nova perseguição aos ativistas e dirigentes operários que, a partir dessa data, foram proibidos de realizar qualquer atividade sindical.

No seu centro de reclusão, Mariátegui escreveu uma contundente carta de defesa. Nessa, insistia no caráter responsável de suas ideias expressas em artigos, e descartava qualquer acusação que lhe atribuísse participação em um “complô folhetinesco de subversão”. Simultaneamente, se declarava “marxista convicto e confesso” livre de qualquer

76. José Carlos Mariátegui. “O congresso anti-imperialista de Bruxelas”. Revista *Variedades*, em 19 de fevereiro de 1927. In: *Mariátegui Total*, 1994.

77. Apelido que foi cunhado em conferência de imprensa dada pelo então ministro de Governo, Celestino Mancho Muñoz, informando detalhadamente as ações policiais do dia 5 de junho de 1927.

utopia que o levasse a confabulações absurdas como as que lhe eram atribuídas pela polícia. Também desmentia que tivesse qualquer conexão com centrais comunistas da Rússia, da Europa ou da América Latina e, além disso, chamava a atenção para o apoio que a revista *Amauta* tinha de um grande número de intelectuais espalhados pelo mundo e que não militavam no comunismo. Finalmente, afirmava:

“Não recuso nem atenuo minha responsabilidade. A de minhas opiniões, aceito com orgulho. Mas creio que as opiniões não estão, conforme à lei, sujeitas a controle, muito menos à sanção da polícia ou dos tribunais. Dois méritos sempre me foram, em geral, reconhecidos: um pouco de inteligência e sinceridade em minhas opiniões.” E continuou: “Tenho, pois, algum direito de ser escutado e de que se creia numa afirmação que está em rigorosa coerência com minha atitude e minha doutrina: a de que sou alheio a todo tipo de complôs crioulos⁷⁸, desses que aqui ainda podem ser produzidos pela velha tradição das ‘conspirações’. A palavra revolução tem outra acepção e outro sentido...”⁷⁹

Essa carta causou um grande impacto na opinião pública nacional e internacional, dando início a uma grande cruzada de intelectuais a favor da liberdade de Mariátegui e contra o fechamento da revista *Amauta*. Esse movimento teve a participação de figuras de porte, como: Alejo Carpentier, Juan Marinello, Magda Portal, Sarah Pascual, Joaquín García Monge, entre outros. Isso provocou grande pressão no governo de Leguía, que se viu obrigado a permitir que Mariátegui regressasse para o seu domicílio sob vigilância policial. Em tais condições, Mariátegui foi seriamente limitado em suas atividades políticas, o que o levou a solicitar autorização para mudar de sua residência em Lima para uma casa de

78. Trata-se do termo “criollo” que, na América ex-colônia da Espanha, se refere à oligarquia proveniente dos descendentes dos espanhóis nascidos no continente americano.

79. Carta de José Carlos Mariátegui à imprensa, escrita no Hospital San Bartolomé em 10 de junho de 1927. In: *Mariátegui Total*, 1994.

repouso nas proximidades da cidade de Chosica, onde poderia ter certa liberdade de ação e contatos que de outra forma não seriam possíveis.

Através de uma carta à revista costarriquenha *Repertorio Americano*, Mariátegui denunciou o conteúdo imperialista da ofensiva repressiva no Peru e de outras na América Latina, como destacamos na continuidade:

*“... Não somos reprimidos porque reivindicamos esta ou aquela liberdade, mas porque, em nome da nova consciência hispano-americana, reivindicamos a autonomia econômica e espiritual do Peru, cada vez mais ameaçada e insidiada pelo imperialismo ianque... A coincidência da repressão no Peru com perseguições análogas em Cuba e na Bolívia denuncia claramente a verdadeira origem dessa ofensiva reacionária, que disfarça seus objetivos com a grotesca farsa dos ‘complôs comunistas’. Não pode ser mera coincidência o fato de que, nos três países mais endividados com o capitalismo norte-americano — depois da América Central — mobilizem-se ao mesmo tempo, e quase em uníssono, policiais e gendarmes para prender os escritores, estudantes e operários de vanguarda mais destacados por sua denúncia anti-imperialista”.*⁸⁰

Depois de seis meses de silêncio, em dezembro de 1927, reapareceu a revista *Amauta*, que começou a circular novamente sem censura e intransigente a qualquer “recomendação” policial.

2.3) A criação da CGTP e a fundação do Partido Socialista

No início de 1928, Mariátegui realizou gestões junto à Secretaria Sindical da Internacional Comunista com sede em Buenos Aires para que dois delegados peruanos assistissem ao IV Congresso da Internacional

80. Carta de José Carlos Mariátegui a Joaquín García Monge, diretor da revista *Repertorio Americano*, publicada em San José de Costa Rica em 5 de novembro de 1927. Tomada de Rouillon, tomo II.

Sindical Vermelha, que aconteceu na cidade de Bakú (União Soviética) a partir de primeiro de maio de 1928. Julio Portocarrero, dirigente sindical do ramo têxtil, e Armando Bazán, estudante da Universidade de San Marcos e secretário de redação da revista *Amauta*, assistiram como delegados peruanos a dito evento.

No começo de 1928, Víctor Raúl Haya de la Torre regressou ao México e elaborou o chamado Plano do México, um projeto de ação política que consistia em três pontos fundamentais: converter a frente política Aliança Popular Revolucionária (APRA) em um partido que levasse o nome do Partido Nacionalista Libertador do Peru; lançar a candidatura de Haya de la Torre à Presidência do Peru para o período 1929-1934 e preparar uma rebelião armada no norte do Peru contra o regime de Leguía. Tendo como base esse plano, leva-se a cabo uma tentativa de golpe de Estado a mando do capitão reformado do Exército peruano, residente no México, Felipe Iparraguirre, que desembarcou na zona norte do país com o objetivo de estabelecer contato com as células apristas e alguns militares nessa região. Iparraguirre foi descoberto por agentes do governo e imediatamente encarcerado. Simultaneamente, Haya de La Torre foi preso no México e deportado para a Alemanha, desestruturando assim o projeto de motim.

Mariátegui criticou duramente essa tentativa de golpe de Estado, qualificando-o como uma atitude de “*personalismo caudillista*” que apela desesperadamente à pequena burguesia e se aproxima mais da política de Leguía do que aparenta, embora a ataque belicosamente ao sentir-se suplantada, é “a rebelião do jovem contra o patriarca que dura demais”⁸¹. Essa divergência sobre o caráter do APRA como instrumento político deve-se a duas posições divergentes: para Haya de la Torre, o APRA deveria se converter em um partido político com núcleos nos diferentes países da América Latina e assumir a luta anti-imperialista como programa principal, ao qual se submeteriam as demais lutas. Para Mariátegui, o APRA deveria continuar sendo uma frente polí-

81. Tomado de uma carta inédita escrita por José Carlos Mariátegui e publicada em Lima em 16 de junho de 1977. In: Rouillon, tomo II, nota 622.

tica na medida em que a luta anti-imperialista se inscreve numa luta mais ampla pelo socialismo. Essa polêmica culmina com o desligamento de Mariátegui do APRA. O debate teórico sobre o conteúdo da luta anti-imperialista entre Haya de la Torre y Mariátegui, que tem sido amplamente tratado na literatura política peruana, é retomado no último capítulo desta dissertação, limitando-se ao contexto da revista *Amauta*.

Dessa forma, e como processo natural de definição política, Mariátegui segue com excepcional dedicação até a formação do Partido Socialista Peruano, cujas condições estavam criadas pela organicidade que havia adquirido o movimento operário peruano e como consequência do próprio debate e a ruptura com Haya de la Torre. Em 7 de outubro de 1928, se realizou uma reunião⁸² entre os ativistas políticos e intelectuais ligados a José Carlos Mariátegui, onde se constituiu o grupo organizador do Partido Socialista do Peru, sendo nomeados: secretário-geral o próprio Mariátegui, que se encarregou da redação do programa do partido; secretário sindical, Julio Portocarrero; secretário de Propaganda, Ricardo Martínez de la Torre, e tesoureiro, Bernardo Regman. Nessa reunião, aprovou-se a ata de constituição que, por sua importância, reproduzimos a seguir:

“Os abaixo-assinados declaram constituído um Comitê que se propõe a trabalhar junto às massas operárias e camponesas conforme os seguintes princípios:

- 1. A organização dos operários e camponeses com caráter nitidamente classista constitui o objetivo do nosso esforço e da nossa propaganda, bem como a base da luta contra o imperialismo estrangeiro e a burguesia nacional.*
- 2. Para a defesa dos interesses dos trabalhadores da cidade e do campo, o Comitê impulsionará ativamente a formação de sindicatos de fábrica, de fazenda etc.; a federação destes em*

82. Essa reunião se realizou na casa de Avelino Navarro no distrito limenho de Barranco. Assistiram José Carlos Mariátegui, Julio Portocarrero, Ricardo Martínez de La Torre, Bernardo Regman, Luciano Castillo, Fernando Chávez León, Avelino Navarro, Manuel Hinojosa e Fernando Borja.

sindicatos por ramo de indústria e sua confederação em uma central nacional.

3. A luta política exige a criação de um partido de classe, cuja formação e orientação o Comitê buscará influenciar tenazmente para fazer prevalecer seus pontos de vista revolucionários e classistas. De acordo com as condições concretas atuais do Peru, o Comitê contribuirá para a constituição de um Partido Socialista, baseado nas massas operárias e camponesas organizadas.

4. Para se precaver de represálias e perseguições desmoralizadoras, os sindicatos operários e camponeses buscarão seu reconhecimento junto à Seção do Trabalho. Em seus Estatutos, sua declaração de princípios se limitará à afirmação de seu caráter classista e de seu dever de contribuir para a fundação e manutenção de uma confederação geral do trabalho.

5. A organização sindical e o Partido Socialista, cuja formação será impulsionada, aceitarão, de forma contingente, uma tática de frente única ou aliança com organizações ou grupos da pequena burguesia, desde que estes representem efetivamente um movimento de massas com objetivos e reivindicações concretamente determinados.

*6. O Comitê procederá à formação de comitês em todo o país e de células em todos os centros de trabalho, com relações estritamente disciplinadas.*²⁸³

Mariátegui empreende um amplo trabalho de organização do partido, dedicando seus melhores esforços para essa tarefa. Suas limitações físicas não o impediam de manter contato permanente com dirigentes operários, estudantis, camponeses, quadros políticos e intelectuais progressistas com os quais se reunia na sua casa, que acabou por converter-se num centro de articulação política. O contato epistolar foi também um instrumento importante para o debate partidário e circu-

83. Ata de Constituição do Partido Socialista Peruano, Lima, 7 de outubro de 1928. Disponível em: www.marxist.org.uk/espanol/mariateg/7oct1928.htm

lação de orientações políticas e organizacionais, tornando-se, inclusive, um meio de recrutamento, como podemos observar no seguinte trecho:

*“É aconselhável, sobretudo necessário, o retorno de todos os companheiros que puderem voltar ao país. Se você estiver em condições de regressar, deve preparar-se para a viagem. Fora do país, os elementos que não seguem uma disciplina rigorosa de estudos se desvinculam de nossa classe operária, se afastam de nossos problemas — a menos que tenham se incorporado plenamente ao movimento proletário dos países em que residem. Aqui, ao contrário, manterão seu contato com nossas massas e nossos problemas...”*⁸⁴

Não é estranho encontrar no arquivo epistolar de Mariátegui cartas dirigidas a quadros do partido com o objetivo de analisar a situação política em diferentes frentes e orientar as ações organizacionais e as reivindicações em cada momento da luta política. Vejamos em seguida um extrato de uma dessas cartas:

*“A empresa se recusa a conceder o aumento. E o governo, como era de se esperar, a ampara. O que importa diante disso é que os operários aproveitem a experiência de seu movimento, consolidem e desenvolvam sua organização, obtendo a formação em La Oroya, Cerro de Pasco e demais centros mineiros do departamento, de seções do Sindicato etc. Não devem cair, em hipótese alguma, na armadilha de uma provocação. A qualquer reação impensada seguirá uma repressão violenta... A organização por indústria é indispensável. O Sindicato de Mineiros e Fundidores do Centro será, além disso, o ponto de partida da Federação de Mineiros do Peru.”*⁸⁵

84. Carta de José Carlos Mariátegui a Esteban Pavletich datada de 25 de setembro de 1929. In: *Mariátegui Total*, 1994.

85. Carta de José Carlos Mariátegui a Moisés Arroyo Posadas datada de 16 de novembro de 1929. In: *Mariátegui Total*, 1994.

Mariátegui tornava-se, por sua crescente influência política, uma pessoa extremamente perigosa para o governo de Leguía, que desde a suspensão temporária de *Amauta* em maio de 1927, havia iniciado uma perseguição sistemática, mandando policiais vigiar quem visitasse a casa de Mariátegui, violando sua correspondência, ameaçando a mídia que publicasse seus artigos etc. Essa política de perseguição e isolamento levou a ações mais violentas, como foi a invasão da casa de Mariátegui e a violação de seus arquivos pessoais e os da Sociedade Editora Amauta, em 18 de novembro de 1929. Depois desse fato, Mariátegui declara, aludindo à sua decisão de radicar-se em Buenos Aires para daí continuar publicando *Amauta*:

*“...retornei à minha decisão de dois anos atrás, depois de outra agressão: a de lutar por minhas ideias no Peru enquanto isso for de algum modo possível. Tenho direito a um pouco de descanso e a um período de tranquilidade. Mas não quero que se pense que estou abandonando o campo. O papel de deportado ou exilado seria mais fácil; mas a mim sempre me atraiu o difícil.”*⁸⁶

Em maio de 1929, foi fundada a Confederação Geral de Trabalhadores do Peru (CGTP), através de assembleias populares realizadas em 30 de abril e 1º de maio na sede do Sindicato de Choferes de Lima. Meses mais tarde, foi publicado no jornal *Labor*, dirigido por Mariátegui, o manifesto da constituição da CGTP. Esse documento, dirigido à classe trabalhadora do Peru, analisa a problemática do proletariado industrial, da juventude, da mulher, do proletariado agrícola, do campesinato, do indígena e faz um balanço da imigração e das leis sociais. O programa da nascente central sindical se resume em seis pontos a seguir: respeito à jornada de 8 horas; jornada de 40 horas semanais para as mulheres e os menores de 18 anos; direito de organização de trabalhadores; liberdade de imprensa, de reunião e de debate dos trabalhadores; proibição do

86. Carta de José Carlos Mariátegui a Joaquín García Monge datada de 26 de novembro de 1929. In: *Mariátegui Total*, 1994.

trabalho gratuito dos aprendizes e salários iguais para o mesmo trabalho. Esse manifesto culmina com um chamado para a organização dos trabalhadores da cidade e do campo e resume o sentido da luta sindical. Mariátegui teve uma influência definitiva no processo de gestação e criação da CGTP, tanto na orientação política quanto na formação de seus dirigentes.

Com a criação do Partido Socialista Peruano e a CGTP, estabeleceu-se um avanço importante no amadurecimento político da esquerda peruana, marcando profundamente as lutas e os processos políticos que se desenvolveram ao longo do século XX. É indubitável que esse foi um dos legados mais importantes de Mariátegui à história recente do Peru.

2.4) A luta final e a projeção da obra

No início de março de 1930, quando preparava sua viagem à Argentina, a antiga enfermidade de Mariátegui reaparece mais violenta que nunca, levando-o a ser internado em situação de emergência na Clínica Villarán. Uma junta médica trata incansavelmente de deter a infecção, sem êxito. Mariátegui morre na manhã de 16 de abril, depois de algumas semanas de vãs tentativas para salvar-lhe a vida e várias horas de agonia.

Em 17 de abril de 1930, o corpo de Mariátegui, coberto por uma bandeira vermelha, é conduzido nos ombros de trabalhadores e estudantes que compareceram em massa a essa homenagem final, percorrendo as ruas de Lima desde a sua residência até o cemitério El Angel. A marcha silenciosa é esporadicamente interrompida pelo hino dos trabalhadores. A Internacional, cantada pela multidão que acompanha o séquito: *“C’est la lutte finale!”*.

A Confederação Geral de Trabalhadores do Peru faz uma emotiva chamada aos proletários e camponeses de Lima:

“Companheiros: As fileiras proletárias acabam de perder um de seus melhores combatentes. Nosso lutador José Carlos Mariátegui faleceu. A Confederação Geral dos Trabalhadores dirige este chamado à classe proletária da região, convidando-

-a a comparecer em massa ao sepultamento. O cortejo sairá da rua Washington Izquierda, 970, na quinta-feira, 17 de abril, às quatro da tarde. Trabalhadores: ide conduzir sobre vossos ombros o cadáver do primeiro intelectual proletário do Peru.

A CGTP”

José Carlos Mariátegui, apesar de sua morte precoce aos 36 anos, deixou como legado uma vasta obra política, cultural e teórica, expressa em seu projeto editorial, à qual iremos nos referir nos capítulos seguintes, a construção da CGTP e do Partido Socialista Peruano, a compreensão dos elementos-chave para a construção de uma identidade nacional e um projeto de nação que é, ainda, uma tarefa incompleta.

A obra escrita consiste em uma vasta literatura: publica em 1925 seu primeiro livro intitulado *La escena contemporánea*, que reúne uma parte de seus artigos sobre “figuras e aspectos da vida mundial”, publicados em diferentes revistas limenhas até 1923. Em 1928, publica a sua obra mais conhecida e difundida mundialmente: *Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana*, que causou grande impacto internacional desde seu lançamento e se converteu em um marco de referência fundamental para a compreensão do processo histórico peruano e latino-americano. *Siete ensayos* é um dos livros peruanos mais traduzidos em nível mundial. No mesmo ano, Mariátegui organiza os livros *El alma matinal y otras estaciones del hombre de hoy* e *Defensa del marxismo: polémica revolucionaria*, que pretendia publicar na Argentina através da editora de Samuel Glusberg.

Graças ao trabalho tenaz da viúva e dos filhos de José Carlos Mariátegui, foram publicados postumamente oito livros que reúnem conferências ditadas na Universidade Popular e artigos não inéditos sobre diversos temas. Esses foram: *El alma matinal y otras estaciones del hombre de hoy* (1950); *Defensa del marxismo* (1959), que contém uma segunda parte organizada pela família sob o título de *Teoría y práctica de la reacción*; *La novela y la vida: Sigfried y el profesor Canella* (1955); *Temas de nuestra América* (1959); *Historia de la crisis mundial* (1959); *Ideología y*

política (1969); *Cartas desde Italia* (1969); *Peruanicemos al Perú* (1970); *Temas de educación* (1970); *Figuras y aspectos de la vida mundial* (1970).

Seus escritos literários da juventude, entre 1911 e 1919, incluem 17 contos, duas peças de teatro e 52 poesias, todas publicadas em diversas revistas limenhas da época. Além de uma vasta obra jornalística de análise política. Para dar uma ideia mais clara da obra escrita de Mariátegui, remetemos ao anexo 2.

2.5) A unidade entre a teoria e a prática em Mariátegui

Nos primeiros capítulos deste livro, apresentamos aspectos centrais da vida e obra de José Carlos Mariátegui que mostram um pensamento centrado na relação dialética entre teoria e prática. Essa relação pode ser definida como a análise de uma realidade histórica a partir de um corpo teórico que se apresenta como um conjunto de abstrações e que se constituem em uma matriz teórica. Essa matriz teórica é, ao mesmo tempo, um produto histórico na medida em que representa uma construção teórica que dá conta de uma realidade social em um momento histórico concreto. Na medida em que essa matriz teórica é apropriada, converte-se em uma forma de ver e interpretar o mundo e, ao mesmo tempo, de produzir nova teoria.

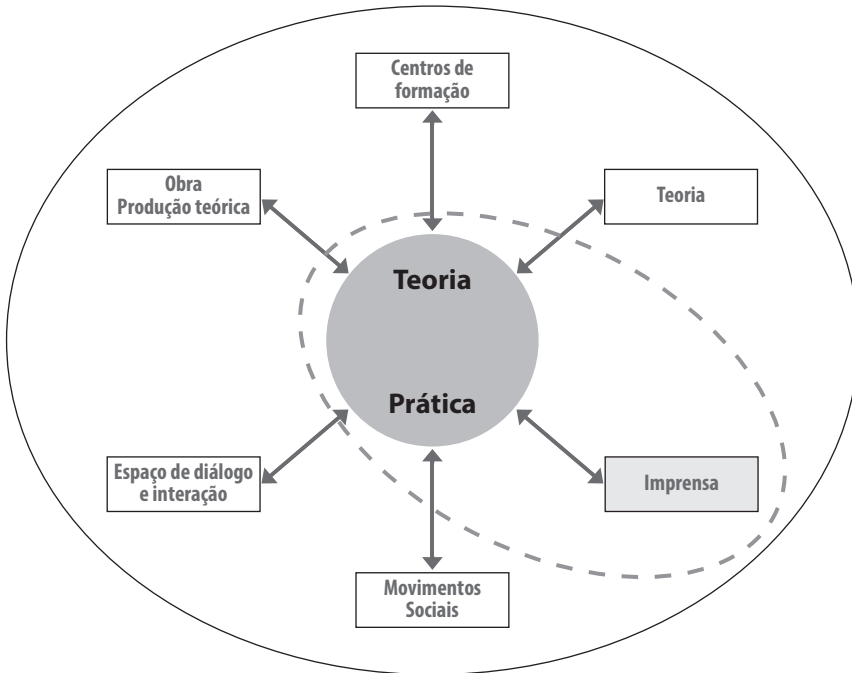
Mariátegui se apropria do marxismo como matriz teórica e busca entender e interpretar a realidade peruana como parte de um processo histórico mais amplo e, ao mesmo tempo, como resultado histórico de uma civilização e uma organização social específica, a civilização Inca. A obra de Mariátegui não é só teórica, mas também política e cultural. Ressaltamos seis aspectos da vida e obra de Mariátegui onde teoria e prática se sintetizam constituindo uma *práxis* em seu sentido mais amplo.

No gráfico que em sequência apresentamos, propomos uma forma de aproximação do pensamento de Mariátegui a partir de sua *práxis* política e cultural, *práxis* essa que constitui um campo privilegiado onde se conjuga pensamento e ação e que expressa o sentido fundamental de suas propostas. No centro do gráfico, o núcleo que constitui a relação

dialética entre teoria e prática. Esse núcleo se desdobra em seis campos que, a nosso entender, são espaços importantes da *práxis* política e cultural de Mariátegui e da construção de seu pensamento.

a) A Teoria. Aparece então como matriz teórica apropriada e nessa medida se relaciona com o núcleo central teoria-prática.

Práxis - Relação dialética entre teoria e prática em Mariátegui



b) A Obra. Enquanto produção teórica, apresenta-se como uma síntese dessa apropriação teórica e da *práxis* política e cultural que é capaz de produzir nova teoria. No caso de Mariátegui, essa produção teórica está refletida na obra escrita que abre uma nova perspectiva interpretativa para a realidade peruana.

c) Movimentos Sociais. Os movimentos sociais foram, na formação e na obra cultural e política de Mariátegui, uma referência fundamental,

ponto de partida e de chegada. Como assinala José Aricó⁸⁷, Mariátegui aposta numa forma não aristocrática de conceber a relação entre intelectuais e massas, o que seria um elemento decisivo na organização do movimento de massas e de um bloco ideológico revolucionário. Mariátegui tem uma concepção profundamente democrática do processo revolucionário, que é vista como a eclosão nacional de um movimento social autônomo, capaz de se converter em uma vontade coletiva e, só nessa medida, é que o processo revolucionário será autêntico.

d) Espaços de Diálogo e Interação. Foram elementos permanentes na formação e produção do conhecimento em Mariátegui. Quando menino, vale destacar as longas conversas que mantinha com os “amigos” franceses que passavam pela Maison de Santé onde permaneceu vários meses recuperando-se de sua primeira crise de saúde e o intercâmbio e diálogo com as freiras de San José de Cluny que dirigiam essa casa de saúde. Guillermo Rouillon⁸⁸ acredita que desses diálogos haveria de surgir em Mariátegui um espírito místico e religioso, que, apesar da ruptura posterior com a fé religiosa em plena juventude, se manteria como expressão de um sentido místico da concepção do mito e de sua força revolucionária. Posteriormente, já como jornalista, esse espaço de diálogo assume a forma de longas tertúlias literárias e culturais que encontram nos cafés de intelectuais, tão em voga durante os anos 20, uma expressão comum. Esses espaços de tertúlia cultural e literária serão tomados por reuniões de caráter político e cultural que, sem deixar de lado o diálogo sobre arte, literatura, estética etc., os enriquecerá com um debate político e doutrinário. O próprio domicílio de Mariátegui serviu de local para esses encontros, onde participaram não apenas artistas e intelectuais, mas também estudantes, operários, dirigentes sindicais de todo o país, quadros do Partido Socialista Peruano etc.

e) Centros de Formação. Os centros de formação se constituíram sempre como espaços extra-acadêmicos na concepção e *práxis* de

87. José Aricó. “Mariátegui y la formación del Partido Socialista del Perú”. *Socialismo y Participación*, n° 11, setembro de 1980.

88. Rouillon: 1975.

Mariátegui e tiveram nas Universidades Populares uma experiência de grande transcendência. Em primeiro lugar, por representarem um dos momentos de convergência mais ricos, na experiência política peruana, entre movimento estudantil e movimento operário; em segundo lugar, por constituírem um espaço de formação e informação do movimento operário dirigido pelos próprios operários. Através da sua participação como professor da Universidade Popular González Prada, Mariátegui introduziu uma temática absolutamente nova: a análise da situação internacional e um balanço histórico das lutas sociais no mundo, abrindo uma nova vertente temática e metodológica no trabalho pedagógico e de formação do movimento operário peruano.

Seu trabalho pedagógico iniciado nas Universidades Populares e continuado em sua própria casa através de palestras, conferências e reuniões onde participava o que havia de mais avançado no movimento socialista do Peru o converteu no mestre de toda uma geração de dirigentes políticos, intelectuais, estudantes e trabalhadores que tiveram papel importante na construção da esquerda peruana. Ao mesmo tempo, esses espaços de formação constituíram um aspecto central na *práxis* política de Mariátegui.

f) A Imprensa. Se apresenta como um espaço que sintetiza o trabalho teórico e a *práxis* política de Mariátegui. Existem, a nosso entender, duas dimensões nessa relação. A primeira dimensão está ligada ao trabalho cultural e ao debate teórico e doutrinário que dá sentido à imprensa revolucionária em sua luta ideológica contra a imprensa burguesa; a segunda dimensão conduz a uma *práxis* política que se desprende do movimento cultural, do debate e da produção teórica desenvolvida pela imprensa revolucionária. Nesse sentido, a imprensa constitui um espaço privilegiado em que se articula o debate teórico e a *práxis* política.

Na segunda parte do livro, desenvolvemos a visão da imprensa em Mariátegui, sua materialização em um projeto editorial e a revista *Amauta* como síntese de sua proposta teórica e sua *práxis* política e cultural.



PARTE 2

A IMPRENSA DENTRO DA
CONCEPÇÃO GLOBAL DE UNIDADE
ENTRE TEORIA E PRÁTICA

CAPÍTULO 3

O SENTIDO DA IMPRENSA EM MARIÁTEGUI

3.1) A imprensa no Peru no fim do século XIX e começo do XX

O Peru foi um dos centros mais importantes de luta pela independência da colonização espanhola, o que lhe permitiu desenvolver a antiga tradição de uma imprensa muito ativa e diversificada com a edição de grandes periódicos, revistas, panfletos etc. desde inícios do século XIX. Mariátegui iniciou seu trabalho jornalístico durante a segunda década do século XX, época de profundas mudanças nas bases econômicas, sociais e políticas da sociedade peruana, caracterizada por um setor industrial emergente que começa a conviver com os setores tradicionais agroexportadores. Isso imprime uma nova dinâmica ao processo de lutas sociais, que começa a mover seus eixos de ação para as cidades e teve nos operários urbano-industriais seus principais sujeitos mobilizadores. Esse processo provoca também profundas transformações na imprensa peruana: começa a surgir um interesse pela difusão e circulação nacional das grandes mídias, ainda que a capital continuasse a ser, até os nossos dias, o principal centro da produção e difusão jornalística; apareceram jornais e revistas locais e regionais, assim como de interesse setorial que busca cobrir necessidades específicas de informação especializada; os jornais vão se convertendo em grandes indústrias

com acesso a modernas máquinas de produção gráfica capazes de imprimir grandes tiragens; surge a imprensa operária que adquire grande dinamismo através de numerosos boletins, revistas, panfletos e periódicos de circulação local, regional e nacional em alguns casos.⁸⁹

A grande imprensa

A grande imprensa no país esteve geralmente ligada a algum partido político ou surgiu com o objetivo de favorecer alguma candidatura à Presidência da República. Os jornais de ampla circulação mais antigos no fim do século XIX eram *El Peruano*, *El Comercio*, *El Nacional* (de orientação civilista) e *La Opinión Nacional*, entre outros de vida mais fugaz, como *La Ley* (órgão do Partido Civil); o jornal *La República*, porta-voz do partido liberal-democrático e o *Século XX*, dirigido por José Santos Chocano com financiamento de Billingurst.

As agências de notícias internacionais instalaram-se no Peru em 1884 e a primeira imprensa rotativa com sistema de linotipos começou a funcionar em 1904⁹⁰. Ambos os serviços foram introduzidos pelo jornal *El Comercio*, um dos mais antigos do país, criado em 1855 e que circula até nossos dias. Esse jornal conservador apresentou como ideais o “culto à paz interior contra a anarquia, a condenação ao radicalismo e às reformas verbais e absolutas”⁹¹.

Posteriormente, no início do século XX, vieram a fundir-se *La Prensa*, o porta-voz democrata, *El País*, *La Mañana* e *El Pueblo*.

Em 1912, apareceu o jornal *La Crónica*, que introduziu um formato novo para Lima, um tabloide pequeno de 16 páginas. Vários outros jornais sucederam-se durante as duas primeiras décadas de 1900, inclusive jornais clericais como *La Unión* ou *La Tradición*; contudo, nos interessa destacar dois deles: *La Prensa*, jornal de orientação libe-

89. Como foi o caso do jornal *La Razón*, fundado por José Carlos Mariátegui e César Falcón, que, apesar de sua vida curta, após quase três meses, chegou a circular nas principais cidades do país.

90. Jorge Basadre: *História da República do Peru*, 1968.

91. Jorge Basadre: 1968.

ral, onde José Carlos Mariátegui iniciou seu trabalho jornalístico, e *El Tiempo*, fundado em 1916 sob direção de Pedro Ruiz Bravo e que contou também com a colaboração de Mariátegui logo que esse deixou *La Prensa*. *El Tiempo*, jornal de clara orientação de oposição ao governo de Pardo, teve como principal objetivo preparar a candidatura de Augusto Leguía à Presidência, o que acabou produzindo uma ruptura com dois de seus principais colunistas, José Carlos Mariátegui e César Falcón, que se separaram desse jornal para criar, como vimos anteriormente, o jornal *La Razón*, em maio de 1919.

De 1919 a 1930, durante a ditadura de Augusto B. Leguía, apareceram novos jornais, como *El Sol*, *El Mundo*, *La Noche* (vespertino que adotou o mesmo nome de um fugaz periódico editado por Mariátegui em 1917 em oposição ao jornal *El Día*, que surgira um pouco antes) e *El Mundo*. A partir de 1921, devido ao endurecimento da política de Leguía contra a liberdade de opinião, desapareceu da imprensa peruana toda orientação de oposição, que somente foi retomada a partir de 1925.

As revistas

No fim do século XIX, o Peru já contava com uma ampla gama de revistas que faziam uso dos avanços na litografia e posteriormente na fotografia jornalística. Isso imprimiu uma nova dinâmica na linguagem jornalística, substituindo as longas descrições por imagens. Por essa mesma época, surgiram as publicações semanais sobre os acontecimentos políticos, sociais, artísticos, teatrais, desportivos e touradas que aumentavam a produção literária⁹². A profissionalização do exercício jornalístico teve seus inícios com a revista *Actualidades* (1903-1909), que foi a primeira a estabelecer a colaboração paga, sistema que acabou por ser imitado por outras revistas e periódicos.

Entre as revistas mais importantes do fim do século XIX, pode-se mencionar: o quinzenário *El Perú Artístico* (1893-1896); o semanário

92. Basadre:1968, tomo XV, p. 166.

Neblina (1894-1895); *El Perú Ilustrado* (1895-1896), que foi a primeira revista a utilizar fotografias; *La Gran Revista* (1897-1898), uma das mais diversificadas, dedicadas às letras, artes, ciências, novidades, vida social, desportos, teatro, modas etc.; a revista *El Hogar* (1895-1897), de temas familiares, assim como a revista *El Porvenir del Perú* (1896-1897); a revista de literatura e ciências *El Lucero* (1894-1899 e 1903-1908); a revista de literatura e arte *El Modernismo* (1900-1901); *La Vanguardia* (1998); *El Rímac* (1899); *Lima Ilustrada* (1898-1904); *Novedades* (1903-1904); *Actualidades* (1903-1909); *Prisma* (1905-1907). Uma menção especial merece a revista *Variedades* (1908-1930), que se dedicou à atualidade política e social, arte, literatura e outros temas de interesses do grande público, onde colaborou José Carlos Mariátegui.

No começo do século XX, surge uma linha de revistas de orientação humorística e de sátira política, entre as quais podem ser mencionadas: *Monos y Monadas*: “semanario festivo y de caricaturas” (1905-1907); *Aplausos y Silbidos* (1906), sobre temas relacionados ao teatro e à tourada; o semanário “festivo y de caricaturas” *Gedeón* (1907); Puck (1910); *¿Está Ud. bien?* (1910); *Lléveme Ud.* (1911), entre outras. É interessante destacar também a existência de um amplo número de revistas literárias; revistas universitárias, especialmente ligadas às diferentes faculdades da Universidade de San Marcos; revistas científicas, tanto de ciências puras quanto de fomento e engenharia; revistas agrícolas, como o *Boletín de la Sociedad Nacional de Agricultura* que foi logo substituída pela *El Agricultor Peruano* (1905-1911); publicações médicas; revistas geográficas, históricas e bibliográficas; revistas jurídicas; revistas econômicas; educacionais; publicações castrenses; publicações de caráter religioso e revistas desportivas e sobre touradas.

A imprensa operária

Merecem destaques especiais as revistas anarquistas e proletárias que desde o fim do século XIX tiveram um papel fundamental nas

jornadas de lutas operárias e de propaganda política. Contudo, a circulação dessas porta-vozes era limitada e irregular. Entre os periódicos anarquistas, destacou-se *La Protesta* (1902, 1910-1926), de grande importância histórica e um dos que teve maior longevidade; de outro lado, ocupou um lugar importante *Los Parias* (1904-1910), que contou com a participação ativa de Manuel González Prada. Podem ser mencionados também o porta-voz da Assembleia de Sociedades Unidas, *La Voz Obrera*, e o Órgano *Obrero*, quinzenal sobre artes, ofícios, agricultura e indústrias, que surgiu em 1902, além das folhas anarquistas de publicação efêmera, como *Semiente Roja* (1905-1910), *Redención y el Hambriento* (1905-1910) ou várias outras que eram impressas e circulavam no interior do país.

Muitos outros foram os periódicos anarquistas que surgiram durante as duas primeiras décadas do século XX e merecem um estudo aprofundado pela importância histórica na formação e no desenvolvimento do movimento operário peruano. Nosso propósito aqui se limita, simplesmente, a salientar a diversidade desse tipo de imprensa. Assim sendo, não podemos deixar de destacar uma das revistas de maior relevância histórica pela transcendência do debate desenvolvido através de suas publicações como é o caso da revista *Páginas Libres* (1910), editada pelo Centro Racionalista Francisco Ferrer.

Outro diário de grande importância dentro da imprensa operária peruana foi o *La Razón*, fundado por José Carlos Mariátegui e César Falcón em 1919; e ao qual já nos referimos em capítulos anteriores. A esse esforço, se adicionaram iniciativas setoriais da imprensa proletária, como *El Nivel*, órgão da Federação de Alvenarias e Anexos; o *El Obrero Constructor*, editado pela Federação de Carpinteiros; *El Obrero Gráfico*; *La Voz del Chauffeur*; *Solidaridad*, órgão da Federação Operária Local; e a revista *Claridad*, fundada em 1923 por Víctor Raúl Haya de La Torre e dirigida a partir do quarto número por José Carlos Mariátegui, quando Haya de La Torre foi deportado do Peru. Essa revista, à qual fizemos também referência em páginas anteriores, apareceu como órgão da Federação Operária Local.

3.2) O referencial teórico

Durante sua estadia na Europa, Mariátegui continuou desenvolvendo um febril exercício jornalístico participando de acontecimentos históricos de suma transcendência em sua qualidade de correspondente internacional. Durante esses anos, início da década de 1920, toda a Europa esteve profundamente marcada pela Revolução Bolchevique e pelas grandes mobilizações de massas sob a liderança dos partidos social-democratas e socialistas, que conseguiram revolucionar a base das sociedades europeias. Mariátegui viveu intensamente esse processo, primeiro na Itália, participando ativamente do Partido Socialista Italiano, que posteriormente se converteria no Partido Comunista Italiano e, em seguida, na França e na Alemanha. Nutre-se do espírito da imprensa italiana de esquerda, especialmente do *L'Ordine Nuovo*, que reconhece como um novo tipo de imprensa operária.

A Revolução Bolchevique veio a ter uma grande influência no pensamento de esquerda da América Latina, abrindo novas perspectivas políticas na construção das organizações revolucionárias e nas formas de luta do movimento operário na região e no mundo inteiro. O objetivo final da estadia de Mariátegui na Europa era chegar à Rússia, para viver diretamente o processo revolucionário, porém seus compromissos familiares o impediram de cumprir esse projeto. Sem dúvida, na Europa, converteu-se não só em grande admirador, mas também em um estudioso da Revolução Bolchevique, que constituirá em uma de suas principais fontes teóricas e ideológicas. Nas linhas que se seguem, fazemos uma referência aos aspectos centrais da visão sobre a imprensa em Lênin e Gramsci, com o objetivo de ressaltar as referências teóricas que marcaram o clima intelectual e político no qual Mariátegui tramitou.

3.2.1) A imprensa revolucionária em Lênin

Para Lênin, a imprensa tem um caráter fundamentalmente instrumental. A imprensa revolucionária é a imprensa do partido, que tem

um papel importante na construção organizacional, assim como na educação e agitação política. Em 1902, Lênin propôs um plano de organização do periódico *Iskra*, estabelecendo a necessidade de que esse se convertesse em uma imprensa nacional “*para toda a Rússia*”³, cujo principal trabalho seria desenvolver, aprofundar e estender a organização revolucionária de massas, preparando-a para apoiar todo protesto através de um amplo trabalho de agitação política. Na medida em que o jornal do partido se colocasse como uma imprensa nacional para todo o território russo, poderia superar a visão fragmentada e localizada do processo de luta de classes, permitindo uma visão de uma totalidade que incorpore realidades e lutas locais como parte de uma realidade social e política mais ampla e complexa.

Nesse sentido, o papel organizador da imprensa do partido só é possível na medida em que um jornal nacional pode dar uma visão de totalidade, desenvolvendo-se não só como um propagador e agitador de massas, mas também como um organizador coletivo em condições de articular o trabalho político do conjunto do partido. O trabalho organizador da imprensa seria então comparável a um andaime que se levanta ao redor de um edifício em construção para facilitar as relações entre os diferentes construtores, ajudando-os a distribuir as tarefas e a observar os resultados gerais alcançados pelo trabalho organizado. Dessa forma, o jornal do partido permite uma articulação entre os diversos setores e comitês, integrando realidades locais, ao mesmo tempo em que propicia a esses comitês uma visão global, ampla e total da vida política e social de toda a Rússia.

Além desse papel organizador, Lênin destaca a tarefa educativa da imprensa revolucionária, não só para os operários cultos como também para as amplas massas e os intelectuais. Novamente temos a ideia de totalidade, pois esses dirigentes só poderiam ser formados e educados através da conscientização sistemática e cotidiana de todos os aspectos da vida política e não só de lutas e de reivindicações concretas, de todas as tentativas de protesto e de luta das distintas classes e não atra-

93. V.I. Lênin. “O que fazer?” In: *Obras Completas*, tomo V.

vés do conhecimento de simples fatos isolados ou realidades locais que os reduzissem a um horizonte estreito e mesquinho. Dessa maneira, a imprensa revolucionária cumpre um papel pedagógico extremamente importante para os quadros políticos, e também para as amplas massas e os intelectuais.

Na medida em que a imprensa cumpre esse papel educativo, desenvolve também uma tarefa organizadora, pois forma e educa dirigentes e organizadores com uma visão de totalidade. Contudo, dependendo das circunstâncias históricas das lutas de classe, esse trabalho pedagógico pode ser iniciado simplesmente instigando as pessoas a pensarem, através de um exercício de agitação política viva.

Finalmente, nos interessa destacar o papel aglutinador que para Lênin significou uma imprensa nacional, no sentido de concentrar e organizar todas as forças revolucionárias para uma ofensiva geral, unificando as diferentes lutas locais e setoriais, constituindo-se em um instrumento político fundamental.

A ideia de totalidade adquire então muito mais que um sentido geográfico, convertendo-se em base metodológica de aproximação da realidade política e da análise da luta de classes, que integra realidades locais, lutas setoriais, reivindicações específicas num todo muito mais amplo e complexo.

3.2.2 Gramsci e a nova imprensa operária

Mariátegui se referiu a *L'ordine Nuovo* como um novo tipo de imprensa operária que é capaz de desenvolver um trabalho pedagógico amplo e que não se limita aos aspectos políticos e ideológicos, mas também ao âmbito cultural e de formação humanista: “Os comunistas de *L'Ordine Nuovo* são bastante inclinados ao idealismo, citam em seus escritos Gentile e Croce, tentam oferecer aos operários uma cultura mais refinada, inclusive de arte.”⁹⁴

94. José Carlos Mariátegui. “A cultura italiana”. *Boletim Bibliográfico UNMSM*. Lima, 2 (1): pp. 56-61, março, 1925. In: Rouillon: 1975, tomo 2, nota 45.

O periódico italiano dirigido por Gramsci não só desenvolveu um trabalho de organização política e debate doutrinário, mas também cultural. “... sua revista está repleta de escritos literários e revolucionários, melhores do que aqueles que estávamos acostumados a encontrar em jornais e revistas socialistas.”, continua Mariátegui.

A primeira etapa do *L'ordine Nuovo* foi duramente criticada por Gramsci por apresentar um programa que carecia de uma ideia central, sem qualquer organização interna entre o material literário publicado, representando uma simples antologia de uma revista sem identidade, que tanto poderia nascer em Turim como em qualquer outra região da Itália. Foi um produto de um “intelectualismo medíocre” que se propôs “descobrir” uma tradição soviética na classe operária italiana e trazer à luz o “real” espírito dessa. É “real” porque foi coincidente com o espírito universal da internacional operária⁹⁵.

A nova fase de *L'Ordine Nuovo*, a partir do número sete da revista, representou uma ruptura com a tradição anterior, delineando explicitamente os problemas das comissões operárias, das comissões internas de fábricas que se apresentavam como elemento fundamental da revolução operária italiana. Com essa mudança, *L'Ordine Nuovo* se converteu, para seus seguidores, no “jornal dos conselhos de fábrica”⁹⁶, ganhando uma nova identidade diante dos setores operários e refletindo o intenso processo político em que vivia a classe operária turinesa em suas lutas cotidianas nesse momento histórico. Como o próprio Gramsci assinalou:

95. Antonio Gramsci. “O programa de *L'Ordine Nuovo*, 18 e 14 de agosto de 1920”. In: *Escritos políticos (1917-1933)*. México: Siglo XXI, 1998.

96. Gramsci definiu o conselho de fábrica como uma nova forma de associação histórica, uma instituição de caráter público, enquanto o partido e o sindicato eram associações de caráter privado. No conselho de fábrica, o operário intervém como produtor, a consequência de seu caráter universal e sua função na sociedade, do mesmo modo que o cidadão intervém no Estado democrático parlamentar. Enquanto no partido e no sindicato o operário firma “contratualmente” um compromisso escrito, nos conselhos de fábricas, os operários participam como membros de uma organização industrial capitalista, portanto não se podia confundir de nenhuma maneira o primeiro com os segundos. Os conselhos de fábrica, em suas formas superiores, devem dar o perfil do proletariado, inclusive no aparato de produção e desenvolvimento criado pelo capitalismo em benefício próprio.

“¿Por que os operários gostavam do L’Ordine Nuovo? Porque nos artigos do jornal encontravam uma parte de si mesmos, sua melhor parte; porque percebiam que os artigos de L’Ordine Nuovo não eram frias arquiteturas intelectuais, mas brotavam da nossa discussão com os melhores operários, elaboravam sentimentos, vontades, paixões reais da classe operária de Turim que haviam sido exploradas e provocadas por nós; porque os artigos de L’Ordine Nuovo eram quase a ‘ata’ dos acontecimentos reais vistos como um processo de íntima libertação e expressão da classe operária.”⁹⁷

L’Ordine Nuovo cumpriu claramente um papel organizador nas lutas operárias em Turim, além de um trabalho educativo e pedagógico em seu sentido mais vasto, tanto político quanto cultural. Foi um momento de luta operária turinesa onde o periódico se converteu num forte instrumento de conscientização e de organização política, representando a vontade e as paixões da classe operária, educando seus quadros para assumirem as novas tarefas que se colocariam à sua frente.

Para uma melhor compreensão do sentido que adquire o *L’Ordine Nuovo* em sua segunda fase, é interessante resumir as principais tarefas que foram colocadas como instrumento político⁹⁸:

Organizar o consenso dentro do quadro geral de atividades do partido, para o qual é necessário garantir a independência econômica da publicação através de assinaturas e contribuições dos amigos do periódico.

Restituir um regime de liberdade que permitisse ao *L’Ordine Nuovo* manter-se em estreito contato com as massas nas fábricas e nos círculos operários.

Desenvolver um exercício de formação política através de cursos por correspondência que pudessem servir de base e de primeira fase

97. Antonio Gramsci, “O programa de *L’Ordine Nuovo*, 18 e 14 de agosto de 1920”. In: *Escritos políticos (1917-1933)*. México: Siglo XXI, 1998, p. 129.

98. Antonio Gramsci, “O Programa de *L’Ordine Nuovo*, 1-15 de abril de 1924”. In: *Gramsci, Antonio. Escritos políticos (1917-1933)*. México: Século XXI, 1998, p. 215.

para a formação de escolas do partido, orientadas para formar organizadores e propagadores. Para isso, se propôs criar uma ampla rede de colaboradores que permitisse enriquecer a experiência pedagógica e a metodológica, além de obter bibliografia adequada. Fomentar o debate como ferramenta de reflexão da classe operária e dos quadros do partido. Publicar uma série de folhetos e livros para ajudar as escolas do partido em seu trabalho. Esses folhetos deveriam versar sobre tratados elementares do marxismo, uma exposição das diretrizes do governo operário e camponês aplicadas à Itália, um manual com dados básicos sobre a vida econômica e política da Itália para os exercícios de propaganda, uma antologia do materialismo histórico com textos básicos de Marx e Engels etc.

Nesse programa de *L'Ordine Nuovo*, Gramsci destacou fundamentalmente duas tarefas da imprensa do partido: a primeira, um trabalho de organização, gerando consenso no seu interior e promovendo uma profunda aproximação com as massas. A segunda, que não deixou de ser também organizacional, um trabalho pedagógico orientando a formação de quadros e propagadores políticos através de cursos e escolas partidárias. Essa atividade pedagógica se propôs a recolher o mais avançado do marxismo, fomentando o debate como principal ferramenta de reflexão coletiva. Além de se pretender desenvolver um trabalho editorial que permitisse colocar à disposição das massas e dos militantes do partido uma literatura marxista e sobre a realidade social e econômica da Itália. Essa preocupação por criar condições para uma reflexão que promovesse o debate de ideias, fortalecido por um trabalho editorial, que permitisse o acesso massivo à literatura marxista, foi retomada por Mariátegui.

3.3) Mariátegui e sua visão da imprensa

Para Mariátegui, a imprensa é uma ferramenta fundamental na luta política e por essa razão deve transgredir os limites do partido, que a reduziria ao público militante, colocando-se em condições de compe-

tir com a grande imprensa industrial burguesa. Não existe nem pode existir uma imprensa burguesa cuja informação seja objetiva, pois ela é uma grande indústria que atende a seus interesses de classe. Mariátegui sustenta que o papel informativo da imprensa burguesa é, ao contrário do que se autoproclama, desinformador, propagador de ideias conservadoras e satanizador de ideias e fatos revolucionários.

3.3.1) Imprensa de doutrina e imprensa de informação

Mariátegui destaca dois tipos de imprensa revolucionária: a imprensa doutrinária e a imprensa de informação. No primeiro caso, a imprensa de doutrina tende a ser uma imprensa de partido, limitando seu público, pois esse compreende militantes e simpatizantes. É limitada também em seu repertório, que dá mais importância aos aspectos doutrinários.

Ele considera que o grande obstáculo da imprensa doutrinária é a sua impossibilidade de alcançar a colaboração de um setor amplo e diversificado de intelectuais, assinalando como exemplo a experiência frustrada de la revista *Clarté* que, ao transformar-se numa revista doutrinária – das lutas de classes – perdeu um espaço importante não só com seu público leitor, mas também dentre os intelectuais que colaboravam com ela.

*“Monde não teria sido possível sem a série de ensaios que representou Clarté desde sua aparição como órgão de uma Internacional do pensamento, até sua transformação em uma revista doutrinária de extrema-esquerda: La Lutte de Classes. A experiência Clarté, assim como a frustrada Internacional da Inteligência, demonstrou a impossibilidade de obter a cooperação de um setor muito amplo — e, portanto, fortemente matizado — de intelectuais de esquerda em uma ação doutrinária bem coordenada.”*⁹⁹

99. José Carlos Mariátegui. “Prensa de doctrina y prensa de información”. *Labor*, nº2, ano I, p. 2. Lima, 24 de novembro de 1928.

É necessário, então, ter claro que a linha doutrinária é própria do partido. Os intelectuais não podem associar-se, enquanto tais para substituir o partido em sua função doutrinária. Quando muito, podem trazer elementos para a investigação, o debate de ideias e a crítica.¹⁰⁰

A imprensa de informação, ao contrário da imprensa de doutrina, tem bases mais extensas e aspira ao grande público. Sua temática não se reduz aos temas doutrinários, mas aborda informação literária, artística, científica, econômica e social. Isso não a impede, sem dúvida, de ser um periódico de combate, pois luta contra todas as forças e tendências reacionárias. Representa uma espécie de campo de batalha das ideias, e essa luta é mais eficaz, pois conta com a cooperação de muitos artistas e intelectuais que, ainda que não compartilhem plenamente da filiação doutrinária, se solidarizam na oposição às correntes conservadoras.

*“Mas se se mostrou impossível, sobre essas bases demasiadamente amplas, uma revista de doutrina, não ocorreu o mesmo com uma revista de informação. E esse é o caráter de Le Monde, que se apresenta como hebdomadário de informação literária, artística, científica, econômica e social. Jornal de combate, jornal com filiação, porque luta contra todas as forças e tendências reacionárias; mas não de partido, pois representa a cooperação de muitos escritores e artistas solidários apenas na oposição às correntes regressivas e, com menor intensidade e eficácia, na adesão aos esforços por criar uma nova ordem.”*¹⁰¹

A imprensa de informação não é uma imprensa de partido, mas, sim, uma imprensa para o grande público. Sua temática tem a amplitude de conteúdos e de convocação suficiente para ser um instrumento importante na batalha de ideias, combatendo as ideias e forças reacionárias e em menor medida, unificando esforços por criar uma nova ordem.

100. José Carlos Mariátegui. “Prensa de doctrina y prensa de información”. *Labor*, nº 2, ano I, p. 2. Lima, 24 de novembro de 1928.

101. José Carlos Mariátegui. “Prensa de doctrina y prensa de información”. *Labor*, nº 2, ano I, p. 2. Lima, 24 de novembro de 1928.

3.3.2) Imprensa burguesa

A propósito da imprensa italiana, Mariátegui sustenta que existem dois tipos de imprensa: a imprensa burguesa e a imprensa revolucionária. Os diários informativos burgueses cumprem essencialmente uma função antirrevolucionária, pois são os principais propagadores de ideias conservadoras.

*“Os grandes jornais informativos são os principais órgãos da imprensa antirrevolucionária. Parecem destinados exclusivamente à informação; mas sua informação não é, nem pode ser, objetiva. É eminentemente antirrevolucionária, essencialmente conservadora. E tem que ser assim. Um grande jornal informativo é uma empresa industrial. É um forte investimento capitalista. Seus interesses são, portanto, os das classes conservadoras.”*¹⁰²

O conteúdo ideológico da imprensa burguesa se apresenta, portanto, como uma falsa consciência que pretende validar seus interesses particulares de classe como se esses fossem os interesses da sociedade em seu conjunto. Proclama-se uma imprensa neutra que transmite informações objetivas e valores universais, quando na realidade é uma eficiente divulgadora de ideais conservadores. A imprensa burguesa põe em prática um mecanismo de dupla afirmação: por um lado, apresenta a informação, previamente adequada a seus interesses de classe, como objetivo e, portanto, inquestionáveis; e, por outro lado, afirma seus valores, naturalmente conservadores, como os valores universais da sociedade em seu conjunto. Esse duplo mecanismo de afirmação é reforçado com uma política bem orquestrada de desmoralização dos valores e fatos revolucionários, criando em torno deles uma mitificação negativa, quando não os desqualificando a partir da burla e da sátira. Daí a necessidade de uma imprensa de informação revolucionária capaz de competir com a imprensa burguesa e em condições de conscientizar sobre os interesses dos trabalhadores, de in-

102. José Carlos Mariátegui: “La prensa italiana”. Roma, junho de 1921. In: “Cartas desde Italia”. In: *Mariátegui Total*, 1994.

formar sobre os processos e fatos revolucionários que os grandes diários burgueses escondem, ignoram ou satanizam.

Mariátegui chama a atenção para os tipos de imprensa burguesa: 1) a imprensa informativa, que reflete os interesses gerais da classe dominante, e 2) a imprensa polêmica, que reflete os interesses particulares de suas facções e seus diferentes setores. Os diários polêmicos são politicamente mais interessantes na medida em que representam uma opinião pessoal ou de um grupo específico, o que geralmente é uma fonte de informação importante para compreender as mudanças políticas no interior das classes dominantes. Ao contrário, o diário informativo vive relativamente indiferente às mudanças de governo e à política em um sentido mais detalhado e profundo¹⁰³.

3.3.3) A imprensa revolucionária

Ao contrário do que se podia esperar, Mariátegui afirma, em novembro de 1928, um mês depois de haver fundado o Partido Socialista Peruano, que é necessário um periódico não partidário. Esse periódico corresponderia ao que chama “imprensa de informação”, que tenha a capacidade de chegar ao grande público, da mesma forma que a imprensa burguesa, e de desenvolver uma luta ideológica e política aberta, uma batalha de ideias que exponha o pensamento, os valores e os fatos revolucionários em contraposição às ideias conservadoras difundidas pela imprensa burguesa.

Em referência ao debate sobre a literatura proletária aberta pela revista francesa *Monde*, através de uma enquete que recolhe as opiniões mais diversas sobre o tema, Mariátegui assinala a importância da postura não sectária e não partidária dessa revista que atrai o interesse do grande público. Dessa maneira, *Monde* cumpre uma dupla função, de um lado, consegue dar um conteúdo mais profundo ao conceito de literatura proletária, e, de outro, logra chegar a amplos setores do público, realizando, ao mesmo tempo, uma função pedagógica de grande importância.

103. José Carlos Mariátegui. “*La prensa italiana*”. Roma, junio de 1921. In: “*Cartas desde Italia*”. In: *Mariátegui Total*, 1994.

*“A enquete que Monde abriu sobre a literatura proletária, suscitando um amplo debate internacional, deve a amplitude que alcançou desde o primeiro momento ao caráter não sectário, não partidário deste periódico... Monde não admite que a literatura proletária seja uma palavra vã. Tem seus próprios pontos de vista. Mas isso não o impede de desejar e provocar um debate exaustivo, consultando as mais variadas opiniões. Só assim é possível a um jornal interessar grandes setores do público.”*¹⁰⁴

Sem dúvida, não se trata só de difundir as ideias revolucionárias, mas de recuperar seu verdadeiro sentido ante as deformações, omissões e mitificações que os periódicos burgueses realizam sistematicamente. Desse modo, a imprensa revolucionária cumpre a tarefa de apropriar-se de ideias, conceitos, valores e teoria que, nas mãos da imprensa conservadora, se vêm desprovidos de seu verdadeiro significado. Essa é uma dimensão mais da luta de classes no âmbito da ideologia e da cultura, dimensão que tem uma dinâmica própria e complexa, e cuja abordagem requer a amplitude que só um periódico de informação, com seu vasto repertório de conteúdos, pode assegurar. Mariátegui reclama para a imprensa revolucionária todos os âmbitos do conhecimento e do espírito humano: “Estudaremos todos os grandes movimentos de renovação políticos, filosóficos, artísticos, literários, científicos”¹⁰⁵. Colocando-se assim o sentido da imprensa revolucionária, fica claro que uma imprensa de partido tem limites que a impossibilitam levar adiante uma luta ideológica contra a imprensa burguesa em condições de igualdade.

“O jornal de partido tem uma limitação inevitável: a de um público e de um elenco próprios. Para os leitores alheios à sua política, geralmente, não possui senão um interesse polêmico. Esse fato favorece uma imprensa industrial que, embora se intitule imprensa de informação e, portanto, neutra, é na realidade

104. José Carlos Mariátegui. “Prensa de doctrina y prensa de información”. Revista *Labor*, n° 2, ano 1. Lima, 24 de novembro de 1928.

105. José Carlos Mariátegui. “Presentación de *Amauta*”. *Amauta*, n° 1, Lima, setembro de 1926.

*a mais eficaz e insidiosa propagandista das ideias e dos fatos conservadores, e a mais irresponsável mistificadora das ideias e dos fatos revolucionários...*¹⁰⁶

Para Mariátegui, é imprescindível criar periódicos de informação que estejam dirigidos a um vasto público e “que assumam a defesa da civilidade e da nova ordem, que denunciem implacavelmente a reação e seus métodos, e que reúnam, em um trabalho metódico, o maior número possível de escritores e artistas avançados”¹⁰⁷. Esse tipo de imprensa é capaz de desenvolver um trabalho de denúncia, de debate político e teórico, que contribui para aglutinar e formar uma intelectualidade de vanguarda. Deve também informar sobre os mais diversos aspectos da vida política e cultural do mundo contemporâneo e das lutas revolucionárias nos diferentes lugares do país e do mundo, ou seja, deve ser uma imprensa com capacidade de propiciar uma visão ampla e global dos grandes processos contemporâneos.

Esse tipo de imprensa, reconhece ele, possui suas fragilidades, pois é suscetível de adaptação progressiva ao tipo industrial-burguês na medida em que o critério administrativo se imponha ao critério pedagógico, ou ao desvio reformista se for absorvida gradualmente pelo que é chamada a corrente democrática, com seus temores e prejulgamentos antirrevolucionários. Sem dúvida, “é uma empreitada que é necessário enfrentar, apesar dos seus riscos e sem se preocupar demasiadamente com eles”, Mariátegui aposta no debate e na polêmica como desencadeadores e definidores de processos.

3.3.4) A visão de totalidade

Em 1902, em plena fase de acumulação revolucionária, Lênin estabelece um plano de reorganização do *Iskra* como um periódico eminentemente partidário, cujo trabalho principal seria a organização e

106. José Carlos Mariátegui. “Prensa de doctrina y prensa de información”. *Labor*, n° 2, ano 1. Lima, 24 de novembro de 1928.

107. José Carlos Mariátegui. “La prensa italiana”. Roma, junho de 1921. In: “Cartas desde Italia”. In: *Mariátegui Total*, 1994.

construção do partido. Diferentemente dessa visão instrumental da imprensa, Mariátegui propõe, em um contexto de acumulação política e emergência de um sindicalismo claramente orientado para o socialismo, uma imprensa não partidária, seguindo a tradição italiana dos grandes jornais culturais. Apesar dos riscos que significam tentar um paralelo entre as propostas e visões de imprensas que surgem em contextos sociais e culturais tão diferentes como a Rússia, em plena etapa pré-revolucionária, e o Peru, que vive sua primeira fase de industrialização durante as primeiras décadas do século XX, vamos nos referir aos elementos teóricos que definem uma visão global da imprensa como instrumento e ao mesmo tempo espaço da luta política, ideológica e cultural.

Apesar de diferentes enfoques sobre o tipo de imprensa necessária para a luta política em Lênin e Mariátegui, imprensa de partido para o primeiro, imprensa de informação para o segundo, encontramos um elemento de coincidência que por sua importância se converte num aspecto essencial para nossa análise. Referimo-nos ao resgate da visão de totalidade dos processos a partir dos aspectos específicos que o conformam.

Quando Lênin reclama a condição de “um periódico para toda a Rússia” e Mariátegui coloca como objetivo de estudo da *Amauta* “todos os grandes movimentos de renovação políticos, filosóficos, artísticos, literários e científicos”, se coloca a necessidade de haver uma visão de totalidade dos processos históricos, das lutas sociais e dos movimentos culturais contemporâneos. Essa visão da totalidade permitirá analisar os aspectos locais, os movimentos específicos, as lutas concretas em seu sentido histórico e não dentro da visão estreita do fato isolado. Ao mesmo tempo, na medida em que seja compreendido o movimento histórico mais geral, as realidades concretas adquirem uma compreensão mais profunda, uma dinâmica mais complexa. Essa nova compreensão do fato concreto permite uma recomposição da totalidade, que, enriquecida com a análise das realidades locais e dos fatos concretos, adquire uma nova dimensão e um novo significado. Isso vem a constituir um movimento permanente entre o local e o global que configuram uma matriz de análise extremamente rica.

Dessa forma, as lutas por reivindicações específicas numa determinada localidade têm uma dimensão global se forem vistas como parte de um processo mais amplo de luta de classes em um momento histórico concreto. A imprensa revolucionária, entendida como instrumento e espaço da luta política, na visão de Lênin e Mariátegui, pode e deve cumprir essa função ideológica e pedagógica. Trata-se, na realidade, de uma visão profundamente dialética que vai muito além de uma visão da imprensa para se converter numa ferramenta teórico-metodológica de estudo e compreensão da realidade.

3.3.5) A ideia de processo

Outro elemento importante que é necessário assinalar no pensamento de Mariátegui é a ideia de processo como oriundo de uma realidade social que não é estática. Esses processos são caminhos necessários a serem percorridos, configurando em seu interior definições e diferenciações imprescindíveis para o avanço político e teórico. Só assim se pode explicar porque, em 1919, Mariátegui se negara a criar o Partido Socialista Peruano, pois, nesse momento do desenvolvimento das lutas sociais no Peru, essa organização não corresponderia nem seria consequência de um movimento de massas. Era necessário, antes de tudo, trabalhar para criar e desenvolver os movimentos sociais que dariam vida ao partido socialista, de outro modo, esse não passaria de um nome sem conteúdo. Debaixo dessa lógica, o debate aberto, a polêmica e a contraposição de posturas políticas são necessários para o amadurecimento dos processos em sua dimensão mais ampla: políticos, culturais e sociais.

Da mesma forma, a visão da imprensa em Mariátegui pressupõe o desencadeamento de processos necessários, de etapas de definição que não se podem, artificialmente, evitar. Pelo contrário, essas definições permitiram “separar o joio do trigo”, criando um movimento intelectual e espiritual de crescente organicidade. A revista *Amauta* é criada e se desenvolve a partir de uma consciência clara desse processo. Como o próprio Mariátegui sustenta na apresentação do primeiro número da

revista: “*Amauta* teve um processo normal de gestação. Não nasce de súbito por determinação minha... há dois anos [...] teria sido uma voz um tanto pessoal. Agora é a voz de um movimento, de uma geração”. Porém, ao mesmo tempo, *Amauta* não é um projeto acabado, ao contrário, é um processo que se inicia, consciente de que terá que passar por várias etapas de definição até chegar a ser o que pretende inicialmente, ou talvez algo diferente, dependendo da forma como se desenvolva o processo: “O primeiro resultado que os escritores de *Amauta* nos propomos alcançar é o de nos entendermos e conhecermos melhor a nós mesmos.”¹⁰⁸

Ou seja, a revista se propõe afiançar um grupo de escritores, uma *inteligencia* capaz de reconhecer-se naquilo que os une, porém, ao mesmo tempo, “*Amauta* irá peneirar os homens da vanguarda — militantes e simpatizantes — até separar o joio do trigo. Produzirá ou precipitará um fenômeno de polarização e concentração.”¹⁰⁹

Aparece aqui em toda sua dimensão a ideia do processo como fenômeno necessário, como desencadeador de definições que impulsionem o avanço do movimento, nesse caso intelectual, ao redor do *Amauta*.

Dois anos mais tarde, em setembro de 1928, Mariátegui explica que *Amauta* já havia passado por um processo de definição: “*Amauta* tem sido, nesses anos, uma revista de definição ideológica, que recolheu em suas páginas as proposições de todos aqueles que, com a legitimidade da sinceridade e da competência, quiseram falar em nome desta geração e deste movimento... O trabalho de definição ideológica nos parece cumprido.”¹¹⁰ Portanto, a primeira etapa de *Amauta* havia sido concluída. Era necessário iniciar a segunda: “Na segunda jornada, já não precisa mais se chamar revista da nova geração, da vanguarda, das esquerdas. Para ser fiel à revolução, basta-lhe ser uma revista socialista.”¹¹¹

108. José Carlos Mariátegui. “Presentación de *Amauta*”. *Amauta*, n° 1, setembro de 1926.

109. *Op. cit.*

110. José Carlos Mariátegui. “Aniversario y balance”. *Amauta*, n° 17, setembro de 1928.

111. *Op. cit.*

Aquela nomenclatura que, na primeira etapa de *Amauta*, definia um sentimento e um estado de ânimo: revista da “*nueva generación*” ou de “*vanguardia*”, no segundo momento, não tem mais sentido, porque já não correspondem ao novo estado em que se encontrava o movimento intelectual e cultural que confluía à revista. Era necessário avançar até outra fase de definições, que Mariátegui chama de “socialista”, depois de haver passado por um processo de debate que permitira construir uma base teórica e metodológica comum a um grupo e a um movimento.

CAPÍTULO 4

CONHECIMENTO LOCAL, PRÁXIS E PROJETO EDITORIAL

4.1) Justificação do projeto: a produção do conhecimento local

O colonialismo mental, um dos legados mais dramáticos da era colonial na América Latina, levou as classes dominantes, das nascentes repúblicas na região, a renunciarem à possibilidade de produzir conhecimento local. Sob esse aspecto, a produção teórica e o conhecimento local seriam inúteis e desnecessários, visto que existia um conhecimento universal, um pensamento único, e esse pôde ser importado da Europa. Sob essa lógica, as universidades se concebiam como centros difusores de teorias alheias às realidades nacionais, constituindo torres de marfim em meio de uma efervescente dinâmica social. Basta ler a um dos expoentes mais lúcidos do pensamento conservador peruano para ter um testemunho vivo dessa atitude, Víctor Andrés Belaunde, que em 1930 escreveu:

“Que a juventude seja jovem, ou seja, desinteressada, alegre, cheia de vida, alheia às agitações e às impurezas da realidade. Que a juventude viva para si mesma e para o claustro; vivendo assim, servirá melhor ao país, cujo progresso repousa

*no trabalho silencioso e útil dos laboratórios e das salas de aula, e não na agitação pseudoidealista das ruas e das praças.*¹¹²

Isso explica a ausência de toda a infraestrutura local para a produção intelectual: bibliotecas bem sortidas, editoras dispostas a imprimir livros de intelectuais e cientistas nacionais, ausência de políticas de fomento à pesquisa etc.

Mariátegui concebe o trabalho pedagógico da imprensa articulada a um projeto cultural mais amplo que fomenta os espaços e as ferramentas para a reflexão, o debate, a polêmica e a produção teórica. Entendemos essa produção teórica em Mariátegui como produção de conhecimento local, a capacidade de apropriar-se de uma matriz teórica, um conjunto articulado e coerente de ideias e conhecimentos, para aplicá-lo à análise de uma realidade social específica em um momento histórico concreto. Esse processo é capaz de gerar uma compreensão mais profunda da realidade local em suas generalidades, mas também em suas especificidades, ao mesmo tempo que produz uma nova teoria e um novo conhecimento. Esse novo conhecimento local pode, no caminho inverso, incorporar-se à matriz teórica mais geral, enriquecendo-a e aprofundando-a. Dessa forma, a produção de conhecimento não pode ser entendida, em Mariátegui, unicamente como especulação teórica, mas, sim, como profundamente enraizada na *práxis* em seu sentido mais amplo: cultural, política, social. O conhecimento se cria a partir de um esforço de abstração dos dados factuais da realidade social, esforço de abstração mediatizado pela apropriação da matriz teórica marxista, e regressa a ela, à realidade social, para transformá-la. Esse segundo momento, esse caminho de regresso da teoria à prática constitui o que Marx chama de “concreto abstrato”, que não é a mesma realidade social que se tomou como ponto de partida, mas que constitui outro momento, uma nova realidade, diferente na medida em que foi transformada pelo conhecimento em seu caminho de regresso.

Em seu livro *La producción del conocimiento local: historia y política en la obra de René Zavaleta*, Luis Tapia sustentou que a produção de conhecimento local sempre tem um componente de produção de teoria. Esse

112. Víctor Andrés Belaunde. *La realidad Nacional*. Editorial V. Lima, sem data.

processo, segundo o autor, se dá a partir do que ele chamou de apropriação de teorias gerais, que no caso de Zavaleta, ele chama de “nacionalização do marxismo”. Isso consiste na apropriação, pela via da interiorização, do marxismo como matriz teórica. Na medida em que esse corpo teórico se converte em uma concepção do mundo interiorizada, se volta também como uma forma de pensar cotidianamente o conjunto de relações e experiências na vida cotidiana, e na reflexão que se vai fazendo sobre a sociedade em que se vive e sobre a que se investiga. A produção de um novo conjunto de categorias no seio do marxismo havia se dado quando existia, em algumas sociedades, um processo para a apropriação intelectual dessa tradição e matriz, e esse pensamento se enraizara no processo e problemas locais, que, a partir dele, passaram a ter uma maior inteligibilidade. Para Tapia, os mais significativos desenvolvimentos da teoria marxista tinham se dado através de grandes nacionalizações do marxismo, como as que tinham realizado Lênin, Gramsci e Mariátegui.¹¹³

Esse tema extremamente rico e complexo merece um estudo mais detalhado que os limites deste livro nos impedem abordar. Contudo, constituiu-se um eixo de análises na apresentação e compreensão do pensamento e obra de Mariátegui, que nesta segunda parte se orienta à visão da imprensa e ao exercício jornalístico.

Essa produção de conhecimento local necessitou também de uma base material que permitisse sua concretização. O projeto editorial que Mariátegui construiu no Peru desde seu regresso da Europa representa a clara intenção de criar essa base material que, vale a pena ressaltar, vai além da infraestrutura universitária e a academia. Podemos dizer, inclusive, que foi transacadêmico, na medida em que se propôs como projeto coletivo que incluía também os próprios atores sociais, ou seja, os trabalhadores, camponeses, estudantes, além dos intelectuais progressistas e de vanguarda.

Para o nosso autor, a produção editorial e o livro estavam ligados ao mais alto índice de cultura de um povo, e como tal mereciam um traba-

113. Luis Tapia. *La producción del conocimiento local: historia y política en la obra de René Zavaleta*. Bolívia: Muela del diablo editores, 2002.

lho conjunto entre autores, editores e livreiros, e, principalmente, uma política de incentivo por parte do Estado. A ausência de uma produção editorial adequada para tais fins o levaram a afirmar que o problema editorial foi um dos entraves mais graves da cultura no Peru: “O livro, a revista literária e científica são não apenas o índice de toda cultura, mas também seu veículo. E para que o livro seja impresso, difundido e valorizado, não basta que existam autores. A produção literária e artística de um país depende, em parte, de uma boa organização editorial.”¹¹⁴

4.2) Condições do projeto

Mariátegui defende a produção editorial no Peru, que se encontrava em uma situação elementar e incipiente. Foi necessário e urgente resolver esse problema em seu conjunto, permitindo a existência de material de leitura para os vários níveis educativos e de conhecimento:

*“Temos ainda por resolver integralmente nosso problema editorial: desde o livro didático até o livro de alta cultura. A publicação de livros não conta com o menor estímulo. O público lê pouco... Nem nas escolas nem fora delas há onde formar esse hábito. No Peru, existem pouquíssimas bibliotecas públicas, universitárias e escolares.”*¹¹⁵

4.2.1) A publicação do livro

A ausência ou precariedade dos meios profissionais de publicação e de editoras dispostas a investir no autor nacional faziam do fato de publicar um livro uma tarefa extremamente difícil. Esse fator foi altamente dissuasivo para aqueles que pretendiam publicar, pois deixava nas mãos do próprio autor o trabalho gráfico e a distribuição do livro, além dos riscos econômicos por assumir essas tarefas em condição de *amateurs*. Mariáte-

114. José Carlos Mariátegui. “El problema editorial”. In: “Temas de educación”. In: *Mariátegui Total*, 1994.

115. José Carlos Mariátegui. “El problema editorial”. In: “Temas de educación”. *Mariátegui Total*, 1994.

gui ressalta a extrema importância de profissionalizar o exercício editorial com o objetivo de elevar a qualidade do produto, alcançar maiores tiragens e uma difusão mais ampla das obras.

“... Nada é mais difícil para o autor do que encontrar um editor para suas obras. O autor, em geral, decide-se pela impressão de suas obras por conta própria, ciente de que enfrenta uma perda certa... As edições, assim, são muito precárias, as tiragens ínfimas, a divulgação do livro escassa. Um autor não pode sustentar, sozinho, o serviço administrativo de uma editora.”¹¹⁶

4.2.2) A circulação do livro

Um trabalho editorial eficiente requeria não apenas imprimir livros, era necessária também uma distribuição adequada dos mesmos. Competia às empresas dedicadas profissionalmente à edição montar um sistema eficiente de distribuição que não se restringisse ao âmbito nacional, mas que também fomentasse uma circulação continental. Para Mariátegui, a circulação continental dos livros americanos era uma forma de os países da região acabarem com a dependência colonial. Ao mesmo tempo, essa difusão continental permite o debate e a polêmica, aspectos de extrema importância para a produção de conhecimento. Nesse sentido, a produção de conhecimento local adquire autenticidade, pois se emoldura dentro de um processo de integração cultural e debate teórico, não só entre os autores de cada país, mas entre os vários países da região. A circulação regional de livros foi um aspecto concreto desse processo.

“A circulação do livro americano no continente é muito limitada e incipiente... No que diz respeito ao seu abastecimento de livros, os países da América do Sul continuam sendo colônias espanholas.”¹¹⁷

Mariátegui chama a atenção para os altos custos das tarifas postais como um dos obstáculos mais sérios para a distribuição. Assinalou que

116. José Carlos Mariátegui. “El problema editorial”. In: “Temas de educação”. *Mariátegui Total*, 1994.

117. José Carlos Mariátegui. “La batalla del libro”. In: “Temas de educação”. *Mariátegui Total*, 1994.

era imprescindível uma política de franquia postal para os livros a partir do Estado.¹¹⁸ Dessa forma, a produção editorial e o fomento da leitura seriam colocados como prioridade.

“...Para uma editora, esse gasto [refere-se à tarifa postal] ... pode ser maior do que o próprio custo de impressão do volume. A distribuição do livro é tão cara quanto sua produção... Eis aqui, sem dúvida, uma barreira que ao Estado não custaria nada derrubar. O livro deve ser equiparado à condição da revista e do jornal que, dentro da República, gozam de franquia postal. O correio perderia alguns centavos; mas a cultura nacional ganharia enormemente.”¹¹⁹

Essa política de redução de tarifas deveria aplicar-se também à exportação de livros, de tal forma que o Peru pudesse ter uma influência crescente na produção intelectual da região.

“...como também há interesse em que o livro nacional chegue ao exterior, para que o país conquiste uma presença crescente no desenvolvimento intelectual da América, a tarifa postal deve ser igualmente favorável à sua exportação.”¹²⁰

4.2.3) O problema de escassez de livrarias e bibliografia

A escassez de bibliotecas públicas é um antigo e grave problema na América Latina. Durante a época colonial, a existência de bibliotecas e coleções especializadas no Peru se reduziu fundamentalmente ao âmbito privado, em mãos de catedráticos, magistrados ou literatos. As bibliotecas institucionais pertenciam, na maioria dos casos, à Igreja, so-

118. Recordemos que, nessa época, os serviços de correios e telégrafos eram estatais.

119. José Carlos Mariátegui. “El problema editorial”. In: “Temas de educación”. *Mariátegui Total*, 1994.

120. José Carlos Mariátegui. “El problema editorial”. In: “Temas de educación”. *Mariátegui Total*, 1994.

bretudo as livrarias dos jesuítas¹²¹, que se abasteciam principalmente na Espanha.

As primeiras bibliotecas públicas na região foram criadas por entidades privadas e posteriormente assumidas pelos governos. Em 1793, a Sociedade Econômica de Amigos do País criou a primeira biblioteca pública em Cuba; em 1811, no Brasil, Pedro Gomes Castello Branco propôs a fundação de uma biblioteca pública na Bahia; em 1922, no Peru, o movimento operário anarquista da indústria têxtil propôs a criação de bibliotecas públicas nas fábricas¹²². Por outro lado, as bibliotecas universitárias contaram com fundos irrisórios que não permitiam seu adequado funcionamento, situação que não mudou substantivamente depois dos movimentos pela reforma universitária, ao fim da segunda década do século passado. Nessas condições, a bibliografia não só era inacessível, mas também escassa e desatualizada. Os livros que se escreviam a partir de um pensamento crítico eram geralmente ignorados ou vetados.

Mariátegui sustentou que era necessário resolver com urgência o problema da falta de bibliotecas adequadamente abastecidas e da escassez de bibliografia atualizada disponíveis para o investigador, os quadros políticos, os trabalhadores e os estudantes. Se fazia imprescindível que o livreiro tivesse incentivos do Estado para que seu trabalho deixasse de ser uma fatigante luta cotidiana pela sobrevivência¹²³. Tratava-se de uma proposta que pretendia socializar o acesso à informação e documentação, além de facilitar o trabalho do intelectual, já que, ao decorrer de seus trabalhos de produção de conhecimento, se via obrigado a gastar um tempo considerável em recopilar a bibliografia necessária.

“Temos ainda por resolver nossos problemas mais elementares de livreria e bibliografia. O homem de estudo carece,

121. Guillermo Lohmann Villena. “Libros libreros y bibliotecas en la época virreinal”. *Fénix*, Revista da Biblioteca Nacional, nº 21, Lima, junho de 2000.

122. Emir Jose Suaiden. “A biblioteca pública e o desenvolvimento humano”. Disponível em: <http://www.ifla.org/IV/ifla63/63suae.htm>.

123. José Carlos Mariátegui. “La batalla del libro”. In: “Temas de educación”. *Mariátegui Total*, 1994.

*neste país, de meios de informação. Não há no Peru uma única biblioteca bem abastecida... O estudioso precisaria dispor de enormes recursos para cuidar ele mesmo de sua bibliografia. Além disso, investiria nesse trabalho um tempo e uma energia roubados à sua especulação intelectual.*¹²⁴

Dessa forma, Mariátegui colocou no centro do debate aspectos concretos referentes às condições materiais para o trabalho intelectual no Peru e no resto do continente americano. Demonstrou uma preocupação profunda pela necessidade de criar um conhecimento local que se afirmasse na compreensão das realidades locais e se nutrisse dos elementos culturais e civilizatórios que cada nação possuía.

4.3) O projeto editorial

O projeto editorial de Mariátegui foi a concretização de sua visão de imprensa. Esse projeto teve seus antecedentes em duas experiências extremamente ricas durante sua juventude jornalística antes de viajar à Europa, no fim de 1919. Como já assinalamos na primeira parte deste trabalho, a primeira dessas experiências foi a criação da revista *Nuestra Epoca*, que era impressa na gráfica do jornal *La Prensa*, do qual Mariátegui foi colunista político. A segunda experiência, talvez a mais rica por sua integração às lutas sindicais e estudantis, foi o jornal *La Razón*. Em ambos os casos, se demonstra já uma deliberação por criar um espaço independente e crítico ao tipo de jornalismo predominante buscando articular um debate em torno dos grandes temas da sociedade contemporânea. Lamentavelmente, essas duas experiências se viram frustradas pela falta de condições materiais que garantissem sua continuidade. Isso constituiu uma lição clara, que o levou defender a necessidade de criar uma infraestrutura para a edição da *Amauta* e do projeto editorial que se construiu ao seu redor.

124. José Carlos Mariátegui. “La batalla del libro”. In: “Temas de educação”. *Mariátegui Total*, 1994.

Um dos primeiros passos foi a criação da Imprensa Editorial Minerva e posteriormente da Editora Amauta, uma sociedade entre José Carlos Mariátegui e seu irmão Julio Cesar. A gráfica se instalou a partir de um pequeno escritório de imprensa que esse último teria na cidade de Huaral e que foi transferida para Lima, dando início às atividades da nascente imprensa. José Carlos assumiu a função de diretor e Julio Cesar de gerente administrativo. Para renovar a maquinaria gráfica e começar a operar, os irmãos Mariátegui recorreram a empréstimos de amigos próximos de José Carlos, comprometendo-se a devolver integralmente esses valores com o desenvolvimento do projeto. A Imprensa Editorial Minerva inaugurou através de um simples ato público, em 25 de outubro de 1925, ao qual assistiram os trabalhadores da Federação Obreira Local de Lima, professores da Universidade de San Marcos e da Universidade Popular González Prada, assim como os reconhecidos intelectuais do meio¹²⁵. Essa editora começou a publicar um suplemento denominado *Libros y Revistas*, dedicado a difundir resenhas dos principais livros que se publicavam no Peru. Depois de dois números, essa publicação acabou por converter-se em uma seção da revista *Amauta*.

O projeto editorial de Mariátegui consistiu na publicação da revista mensal de doutrina, literatura, arte, polêmica¹²⁶ *Amauta*, dirigida ao grande público e discutindo, em suas páginas, os temas mais amplos e variados, desde enfoques teóricos doutrinários até teoria literária, arte e literatura. Propunha-se estudar “todos os grandes movimentos de renovação políticos, filosóficos, artísticos, literários, científicos”, “tudo o que é humano é nosso”, dissera Mariátegui, parafraseando Marx, na nota editorial do primeiro número. A partir de *Amauta*, que incluía em suas páginas artigos e análises da situação operária no Peru e no mundo, se criou o quinzenário *Labor*, dedicado ao mundo do trabalho e dos temas sindicais e dirigido fundamentalmente ao público operário. *Labor*, em seu penúltimo número, abriu uma seção intitulada *El Ayllu*, cujo objetivo era estudar os temas agrários e a problemática indígena. O

125. Rouillon, *op. cit.*, tomo II, p. 272.

126. Corresponde à autodefinição da revista que aparecia sempre depois do título.

plano de Mariátegui era converter essa seção em um pequeno periódico dirigido ao setor camponês.

Além dessas três publicações periódicas, duas das quais chegaram a concretizar-se, Mariátegui se propôs à edição de uma coleção de livros de baixo preço e cuja tiragem fosse suficiente para permitir uma distribuição ampla. Essa coleção compôs-se de três séries: a *Biblioteca Amauta*, que publicou estudos sobre civilizações americanas e obras de literatura nacionalista; a *Biblioteca Vanguardia*, encarregada de publicar obras de literatura de autores peruanos e estrangeiros; a *Biblioteca Moderna*, que publicou obras representativas do espírito contemporâneo¹²⁷. Essas três linhas editoriais teriam como objetivo pôr ao alcance do grande público, sobretudo os trabalhadores, estudantes e intelectuais progressistas, as obras mais importantes e atuais da bibliografia universal. Paralelamente, se prontificou a publicar e difundir os trabalhos de investigadores e estudiosos peruanos e latino-americanos.

Como parte desse ambicioso plano, a Imprensa Editorial Minerva e a Sociedade Editorial Amauta, que se criou posteriormente, publicaram várias obras que chegaram a converter-se em clássicos da literatura e das ciências sociais peruanas, como foi o caso de *Tempestad en los Andes*, de Luis Valcárcel; a primeira edição de *Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana*, do próprio Mariátegui; ou *El movimiento obrero de 1919*, de Ricardo Martínez de La Torre.

Todas essas publicações foram comercializadas na livraria Editorial Minerva. Essa livraria se converteu rapidamente em um dos poucos lugares onde se podia encontrar nutrida bibliografia latino-americana e mundial. Para manter essa oferta, Mariátegui realizou um tenaz trabalho de intercâmbio de livros com outras editoras da América Latina, aproveitando as viagens dos amigos para enviar e trazer livros do mundo inteiro e propondo as negociações mais criativas para permitir que Minerva pudesse oferecer o mais atualizado da produção intelectual mundial. Em um dos números de *Labor*, podemos ler a seguinte publicidade:

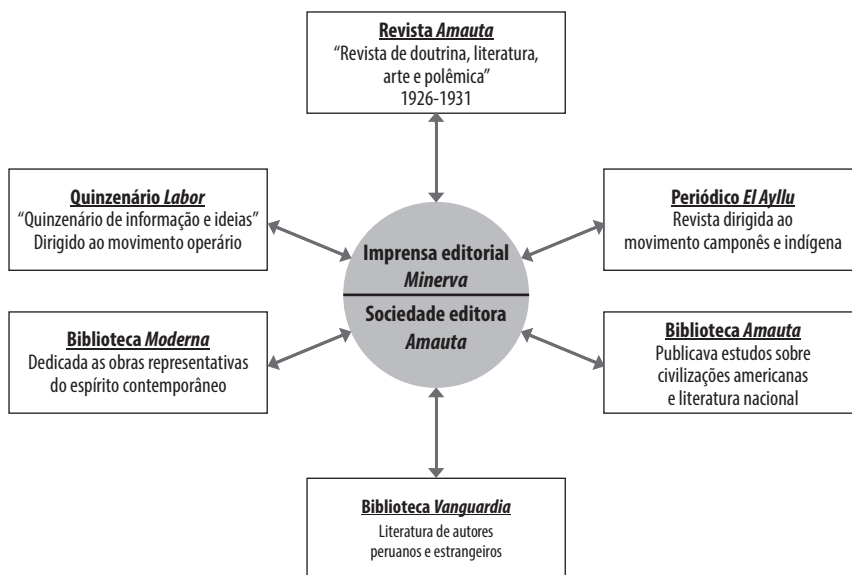
127. Rouillon, *op. cit.*, tomo II, p. 271.

“A Livraria Minerva acaba de receber os livros de Pablo Neruda, Gabriela Mistral, Eduardo Barrios, Vicente Huidobro, Joaquín Edwards Bello, Marcelle Auclair, Enrique Molina, Rafael Malvenda e outras obras chilenas selecionadas. Sagástegui 669”.¹²⁸

Não foi por acaso que essa nota, anunciando o mais representativo de uma geração literária chilena, apareceu no quinzenário operário *Labor*. Esse fato só corrobora o postulado de Mariátegui que afirma que a imprensa operária deveria promover uma ampla formação humanista dos trabalhadores.

O seguinte organograma gráfico mostra mais claramente o projeto editorial de Mariátegui:

Projeto editorial de Mariátegui



Fonte: elaboração própria

128. “Sagástegui 669” refere-se ao endereço; a citação é textual.

4.4) As dificuldades econômicas

A editora nasceu em condições muito modestas e, ao longo de toda sua existência, se debateu entre a subsistência e a asfixia econômica e financeira: “Nos movemos em meio a uma grande pobreza, sem dinheiro nem para comprar um mimeógrafo”.¹²⁹ Suas fontes de financiamento consistiram na venda de suas publicações e subscrições, cujo preço era bastante modesto e pretendia apenas cobrir os gastos básicos da produção; na venda de espaços dentro das publicações periódicas destinadas a publicidade, que era limitada devido à sua orientação de esquerda; e das contribuições e cotações de amigos e simpatizantes da revista *Amauta*. Ensaaiou-se uma série de modalidades de arrecadação dessas contribuições, desde a criação de sociedades de amigos de *Amauta* nos diferentes departamentos do Peru, até as rifas de inumeráveis objetos próprios ou doados, passando pela organização de campanhas pró-*Amauta* de duração determinada, ou a venda de coleções de luxo das revistas.

*“Todos os jornais que em outros países representaram o que a Amauta e suas edições representam no Peru tiveram que fazer frequentes apelos aos recursos dos amigos notórios e dos simpatizantes anônimos, às vezes mais ardorosos e solidários.”*¹³⁰

Organizaram-se campanhas de coleta de fundos, sorteios de quadros, pinturas, livros, agendas e de qualquer objeto apropriado para tal fim que caísse nas mãos de Mariátegui. A contabilidade da imprensa era pública e se incluía nas páginas de *Amauta* com regularidade. Todos esses esforços permanentes e sistemáticos para manter vivo esse projeto editorial e suas publicações foram extremamente mobilizadores, integrando colaboradores de *Amauta* e *Labor*, leitores, patrocinadores e os próprios sindicatos e grêmios operários, convertendo-se em um projeto coletivo.

129. Carta de José Carlos Mariátegui a Estevan Pavletich datada de 7 de novembro de 1929. In: *Mariátegui Total*, 1994.

130. “Quincena Pro-*Amauta*: llamamiento a nuestros amigos y simpatizantes”. *Labor*, n° 7, 21 de fevereiro de 1929.

“Deve *Amauta* ter pudor de sua pobreza? Não: esse pudor seria antiproletário, antirrevolucionário. As finanças de nossa empresa são públicas, e, em consequência, sua pobreza também é.”¹³¹

Outra das estratégias de financiamento da editora foi a impressão de materiais escolares, o que imediatamente converteu-se em uma fonte importante de recursos. As instalações gráficas da imprensa estavam dedicadas a esse tipo de impressões durante os três primeiros meses do ano, quer dizer, o período anterior ao início de aulas nas escolas de todo o país¹³². A família Mariátegui Chiappe mantém até nossos dias a gráfica e livraria Minerva dedicadas, fundamentalmente, à impressão de materiais escolares e às reedições da obra de José Carlos Mariátegui¹³³.

Em outra tentativa de garantir a subsistência de suas publicações, a Editora Amauta vendeu ações da empresa, equivalente a 100% de seu capital, entre seus leitores. Contudo, essas ações não foram pagas, não por falta de vontade de seus assinantes, mas pela falta de recursos imposta por sua própria condição de estudantes ou intelectuais.

*“Para cumprir nosso programa editorial e econômico, havíamos contado com a subscrição total do modesto capital de nossa empresa: L.p. 750.000 em 150 ações de 5 libras peruanas cada uma. Quase todas as ações foram subscritas. Mas nossa empresa recruta seus acionistas entre profissionais, escritores, estudantes. E muitos não puderam pagar suas ações.”*¹³⁴

O financiamento da Editora Amauta foi um trabalho árduo e sumamente esgotante para Mariátegui. Através das páginas da revista *Amauta*, podemos ver inumeráveis chamados aos assinantes, pedidos de colabora-

131. “Quincena Pro-*Amauta*: llamamiento a nuestros amigos y simpatizantes”. *Labor*, n° 7, 21 de fevereiro de 1929.

132. Ver carta de José Carlos Mariátegui à Samuel Glugsberg datada de 6 de março de 1929. In: *Mariátegui Total*, 1994.

133. Entre 2004 e 2010, tive várias conversas com Sandro, o filho mais velho de Mariátegui, que, aos mais de 80 anos, estava à frente da Editora Minerva, da família Mariátegui Chiappe. Ele corroborou grande parte da informação sobre o projeto editorial do pai.

134. “Quincena Pro-*Amauta*: llamamiento a nuestros amigos y simpatizantes”. *Labor*, n° 7, 21 de fevereiro de 1929.

ção aos seus leitores e simpatizantes, assim como campanhas de coleta de fundos. A revista e as demais publicações da editora não poderiam subsistir apenas com venda de seus exemplares, cujo valor apenas cobria os gastos de produção. Reproduzimos abaixo um desses chamados:

"QUINZENA PRÓ-AMAUTA
1º A 15 DE FEVEREIRO DE 1929

A Sociedade Editora *Amauta*, que vem lutando dia após dia para sustentar e difundir a revista mensal *Amauta* e suas edições, resolveu realizar a *Quinzena Pró-Amauta*, com o objetivo de arrecadar fundos voluntários para cobrir as obrigações contraídas com a publicação de seus livros e revistas.

Para esse fim, *Amauta*, que não é uma instituição comercial com fins utilitários, mas, sim, o esforço desinteressado de um grupo de espíritos livres, solicita o óbolo de todos os seus amigos e leitores.

A revista distribuirá, entre as pessoas que a apoiarem, artísticos corta-papéis e marcadores de livro, importados diretamente da Itália, como forma de retribuir a colaboração econômica prestada durante a *Quinzena Pró-Amauta*.

Dentro dessa campanha de captação de recursos, solicitamos aos nossos agentes, assinantes e vendedores que se sirvam quitar a totalidade de sua dívida.

Amauta não pode nem deve morrer. Cada soldado da causa que ela defende deve alistar-se em nossas fileiras, contribuindo eficazmente com sua cota voluntária para a vida e o desenvolvimento de *Amauta*.

**Refleta. *Amauta* espera sua ajuda.
SOCIEDADE EDITORA AMAUTA"**

Apesar de todas as dificuldades da subsistência cotidiana, Mariátegui manteve um grande otimismo e dedicação, combinando sua febril atividade intelectual e política com os trabalhos administrativos da editora e com a edição da revista *Amauta* e do periódico *Labor*. Seu projeto editorial e de imprensa foi cada vez mais ambicioso e, na medida em que foi se construindo, adquiriu uma dimensão cultural mais profunda e transcendente, procurando levar “nossas edições a todos os povos de língua espanhola” e, ao mesmo tempo, trazer “os melhores livros para nossos escritórios”.

“...algunos accionistas duvidam da estabilidade de nossa empresa; mas, economicamente, essa estabilidade depende apenas de sua colaboração e da de alguns agentes. Pago o capital e quitada a dívida com nossos agentes, estaremos em condições de cumprir todo o nosso plano editorial, publicando um livro por mês e levando nossas edições a todos os povos de língua espanhola, de onde receberíamos, em troca, os melhores livros para nosso Escritório.”¹³⁵

A falta de recursos o obrigava a ocupar-se pessoalmente de quase todos os detalhes das publicações, desde a seleção e correção dos artigos e notas, até a definição da tipografia e dos detalhes gráficos. Atividade para a qual, além disso, havia se preparado muito bem durante sua juventude como jornalista.

4.5) O jornal *Labor*

O jornal *Labor* foi um desdobramento da revista *Amauta*. Tinha uma circulação quinzenal e era dirigido fundamentalmente a um público operário e sindical. A partir de suas páginas, realizava-se um trabalho de informação, propaganda política, organização sindical e debate doutrinário.

135. Carta de José Carlos Mariátegui à Nicanor de la Fuente datada de 12 de novembro de 1928. In: *Mariátegui Total*, 1994.

Labor tinha um formato de oito páginas, que Mariátegui aspirava converter em 12 páginas, dedicando quatro delas exclusivamente a ilustrações artísticas e novas seções.¹³⁶ Teve início em novembro de 1928 e manteve uma periodicidade irregular devido principalmente às suas dificuldades financeiras, até ser fechado pelo governo de Leguía em setembro de 1929, quando chegava a seu décimo número.

Na nota de apresentação de seu primeiro número, se explicou que *Labor* era uma extensão da revista *Amauta* e que nascia não por vontade de seu diretor ou de um pequeno grupo de iluminados, mas, sim, pela solicitação de muita gente que aspirava uma difusão mais ampla da obra cultural de *Amauta*. Só um periódico com ampla tiragem poderia conseguir esse objetivo. Dessa forma, *Labor* reconheceu-se como parte de um movimento ideológico e cultural iniciado por *Amauta* e ao mesmo tempo como resposta às necessidades do movimento operário e sindical que precisava de instrumentos de informação, formação e organização.

*“Labor, além disso, não necessita de um programa especial. É uma extensão da obra da Amauta e de suas edições. Aspira a ser um jornal de grande difusão. Sua publicação obedece ao apelo de muitos de nossos amigos de Lima e das províncias, que desejam que nossa obra cultural penetre em camadas mais amplas do público. Para satisfazer esse anseio, não basta a revista. Por isso, damos vida a um jornal.”*¹³⁷

Labor definiu-se como um órgão de classe, na medida em que representou os interesses e aspirações não de um setor ou de uma categoria, mas de todos os trabalhadores manuais e intelectuais, entendendo-se operários da indústria e dos transportes, trabalhadores agrícolas, mineiros, ferroviários, mestres, empregados etc.¹³⁸ Contudo, sua filiação de

136. Carta de José Carlos Mariátegui à Nicanor de la Fuente datada de 12 de novembro de 1928. In: *Mariátegui Total*, 1994.

137. Nota sobre *Labor* publicada no primeiro número do periódico. Lima, 10 de novembro de 1928.

138. “Labor continua”. *Labor*, n° 9, 18 de agosto de 1929.

classe não o converteu em uma imprensa doutrinária, já que pretendia um público mais amplo, o mais amplo possível, com uma temática que geralmente transcendia os limites da imprensa doutrinária: a ilustração integral das questões e movimentos contemporâneos. Sua função foi a de um periódico de informação, que ia mais além da simples crônica de sucessos, desenvolvendo uma crônica de ideais.

“Entre nós, Amauta orienta-se cada vez mais para o tipo de revista doutrinária. Labor, que, por um lado, é uma extensão do trabalho da Amauta, por outro, tende ao tipo de jornal informativo. Sua função não é a mesma. Como a informação, especialmente no nosso caso, não pode ser entendida no sentido restrito de crônica de acontecimentos, mas sobretudo como crônica de ideias, Labor tem, em relação ao seu público — que deseja o mais amplo possível, sendo dirigido a todos os trabalhadores manuais e intelectuais —, a obrigação de oferecer uma ilustração integral das questões e movimentos contemporâneos, algo que uma revista doutrinária não contempla.”¹³⁹

Esse foi um aspecto chave para entender o sentido da imprensa em Mariátegui e teve a ver com o que chamamos em capítulos anteriores de “ideia de totalidade”. Um periódico dirigido a um movimento social específico: o movimento operário peruano, com intenções de ser, além de uma ferramenta de propaganda política, denúncia das condições de trabalho dos operários e de mobilização e organização sindical, se propõe abordar, de maneira integral, as grandes questões e movimentos contemporâneos. É essa visão de totalidade que vai permitir entender, em sua real dimensão, a especificidade dos aspectos locais do movimento sindical peruano. Ou o que vem a ser o mesmo, vai permitir situar o movimento operário peruano, suas condições, suas lutas etc. como parte dos grandes movimentos contemporâneos. Ao mesmo tempo, é através do estudo profundo das condições específicas desse movimento operário e suas ma-

139. José Carlos Mariátegui. “Prensa de doctrina y prensa de información”. *Labor*, n° 2, ano 1. Lima, 24 de novembro de 1928.

nifestações locais, assim como sua identidade cultural particular, que a recomposição da totalidade, ou seja, a totalidade, a partir da especificidade, adquire uma nova dimensão, mais completa e mais rica.

Labor não teve uma estrutura rígida, apresentou seções de regularidade variável, entre as quais podemos destacar: *os problemas de organização e estrutura sindical*, que abrangeram um panorama dos movimentos sindicais em nível mundial, suas formas organizacionais; novos modelos de organização; processos de transformação dos sindicatos na Europa, União Soviética e América Latina etc. *A Vida sindical* foi uma seção dedicada às notícias, informações e análises da situação dos diversos sindicatos e grêmios do país, ao mesmo tempo em que publicava os chamados, manifestos, estatutos e demais orientações políticas e organizadoras desses sindicatos. *A La voz de los pueblos*, que denunciou a situação de atraso e os abusos dos quais foram vítimas os povos do interior do país, como se pode ler em um dos artigos publicados nessa seção: “Falamos em nome do povo e para o povo, em defesa de seus interesses, sem nutrir aversão gratuita aos fazendeiros, com um sentimento de absoluta justiça”¹⁴⁰. É interessante destacar que essa seção se ocupou prioritariamente da situação e problemática dos pequenos comerciantes.

Labor contou também com uma seção destinada à análise da situação internacional sob diferentes perspectivas, destacando-se temas como o imperialismo como fenômeno econômico, história do movimento cooperativista na Inglaterra, a ameaça bélica no Sul da América, o Pacto Klug, o problema agrário e a Revolução Mexicana, a crise agrária universal, a luta revolucionária na China etc. Além disso, informava sobre reuniões sindicais na América Latina e no resto do mundo, como, por exemplo, a Conferência Sindical Sul-americana de Montevideu.

Artigos sobre temas teóricos e de interpretação da realidade peruana tiveram um lugar importante. Entre esses, podemos destacar o *Socialismo utópico ou socialismo científico*, de Plejánov; *Sobre el problema Indígena*, de

140. “En defensa de los intereses de las poblaciones de los valles de Supe y Pativilca”, *Labor*, n° 6, 2 de fevereiro de 1929, p. 8.

Mariátegui; ou *El intelectual y el obrero*, de Manuel González Prada. Ademais, em cada número, se apresentava pelo menos um artigo de crítica e análise literária, contos curtos, crítica de arte, ilustrações e reproduções de óleos, pinturas, desenhos, quadros e fotos. Também se ofereceu uma seção de resenhas de livros, um guia do leitor que continha os endereços postais e uma breve descrição das revistas mais importantes em nível mundial, e alguns artigos de esporte com uma abordagem teórica das diversas disciplinas desportivas e sua importância na vida social. Dessa forma, Mariátegui recuperou a tradição cultural da imprensa italiana e especialmente de *L'Ordine Nuovo*, que tanto lhe havia chamado a atenção durante sua estadia na Itália.

Labor acompanhou também os mais avançados movimentos sociais da época, publicando análise sobre a situação da mulher trabalhadora no Peru e reivindicando igualdade de salários com o proletariado masculino, assim como a necessidade de condições especiais de trabalho para mulheres que fossem mães.

Dessa forma, o quinzenário *Labor* converteu-se em instrumento extremamente importante para a construção e unificação do movimento sindical peruano, cumprindo um trabalho pedagógico, informativo e de mobilização política, sem deixar de lado a formação humanista dos trabalhadores. O culminar desse processo foi a criação da Confederação Geral de Trabalhadores do Peru, cujo manifesto dirigido à classe trabalhadora do país foi publicado no número 10 de *Amauta*. Esse manifesto teve três partes: a primeira foi um balanço do movimento sindical peruano, a segunda, uma análise da situação dos diferentes setores do proletariado, e, finalmente, uma folha de reivindicações imediatas composta por seis pontos. Dentro dessas reivindicações, se destacaram: o cumprimento da jornada das oito horas para os trabalhadores da cidade, do campo e das minas; a jornada de 40 horas para mulheres e menores de 18 anos; amplo direito de organização operária e liberdade de imprensa, de reunião e de debates operários. Dois dias depois da publicação desse manifesto, Mariátegui veio a declarar:

*“É preciso trabalhar incansavelmente para divulgar e sustentar nosso quinzenário, cada vez mais próximo do sentimento e das reivindicações das massas. Não se deve trocar uma só palavra com um operário camponês sem lhe lembrar a palavra de ordem: divulgue o Labor, ajude o Labor.”*¹⁴¹

Paradoxalmente, poucos dias após a aparição desse documento que reclamava a liberdade de imprensa, o quinzenário foi fechado pelo governo de Leguía.

Mariátegui recebeu a notificação de que o periódico permaneceria estritamente proibido em setembro de 1929. A notificação proveio da Inspeção Geral de Notificações da República e mereceu uma manifestação de *Labor* ao Ministério do Governo, sem nenhum êxito. *Labor* foi suspenso definitivamente.

As organizações operárias prepararam memoriais de adesão e apoio à reabertura do jornal, mas só se conseguiu que o governo de Leguía endurecesse a medida e notificasse aos outros meios a orientação de não publicar nada de José Carlos Mariátegui.

“O *Labor* havia deixado, pouco a pouco, de ser um jornal da Sociedade Editora Amauta para se converter em um órgão do proletariado e das comunidades camponesas. Pois bem, os sindicatos operários e as comunidades indígenas apoiam nossa reivindicação. Muitos deles já se dirigiram ao Ministério do Governo solicitando a reconsideração da ordem decretada contra o *Labor*.”¹⁴²

A partir da revista *Amauta*, se levantou também uma tribuna em defesa da reabertura do periódico proletário, chamando à mobilização dos trabalhadores a reforçar a luta a favor da liberdade de imprensa.

“... uma das palavras de ordem do proletariado sindical em sua nova etapa é, conforme o recente manifesto da Confederação de Trabalhadores do Peru, a defesa da liberdade de imprensa, de associação e de

141. Carta de José Carlos Mariátegui a Moisés Arroyo Posadas datada de 9 de setembro de 1929. In: *Mariátegui Total*, 1994.

142. “Labor interdicta”. *Amauta*, n° 26, setembro de 1929.

reunião para os operários. Outros grupos ou facções podem abdicar desses direitos. O proletariado, com consciência de classe, não.”¹⁴³

Todas as manifestações e reclamações a favor de *Labor* foram inúteis. O periódico havia se convertido em um instrumento demasiado poderoso nas mãos dos trabalhadores e em uma arma extremamente perigosa contra o governo, a burguesia industrial e os donos das terras.

4.6) *El Ayllu* como projeto

Desde seu início, o quinzenário *Labor* publicou sistematicamente artigos dedicados ao problema indígena e à situação agrária no Peru. No primeiro número, em 10 de novembro de 1928, publicou um artigo de José Carlos Mariátegui intitulado “*Sobre el problema indígena*”, texto que complementou o capítulo sobre o problema do índio¹⁴⁴ tratado em *Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana* e que foi escrito originalmente para a Agência TASS, de Nova Iorque. No número 5 de *Labor*, foi publicado o artigo intitulado “*La crisis agraria universal*”, de Arturo Orzabal Quintana. Posteriormente, foi também publicado um outro artigo dedicado aos temas agrários, escrito pelo Abelardo Solís, sob o título de “*El problema agrario peruano*”. Essa preocupação por introduzir a problemática agrária e indígena em um periódico cujo público principal era o operário sindical denota uma visão de conjunto e de unificação das lutas sociais que se viu refletida em uma frase que encerra o manifesto de constituição da Confederação Geral de Trabalhadores do Peru – CGTP, publicado em *Labor* número 10, em setembro de 1929: “Viva a organização dos trabalhadores da cidade e do campo!”

143. “Labor interdicta”. *Amauta*, n° 26, setembro de 1929.

144. O termo “índio” era utilizado no mundo intelectual e político hispano-americano da época para se referir ao campesinato indígena andino, relacionado a comunidades rurais dos Andes, língua quéchua ou Aimara, condição camponesa, exploração econômica e social nas fazendas. No ensaio “O problema do índio”, Mariátegui redefine o sentido do termo, afirmando que o problema do índio não é racial, cultural ou filantrópico, mas principalmente, econômico, social e relacionado à estrutura colonial da propriedade da terra. Com isso, eleva o “índio” a sujeito histórico e político, produzindo uma ruptura com a visão indigenista anterior, que reduzia o índio a sujeito de reparação histórica e filantrópica.

A partir do número 9 de *Labor*, os temas indígenas e agrários ganharam uma seção própria intitulada *El Ayllu*. O projeto de Mariátegui era converter essa seção de *Labor* em um periódico independente dirigido ao campesinato indígena.

“Recebo com simpatia e adesão sua iniciativa de criar no *Labor* uma página dedicada aos *comuneros* indígenas. Nossa ideia é contribuir para a organização de um pequeno jornal destinado expressamente ao campesinato indígena. Chamar-se-ia *El Ayllu*.”¹⁴⁵

El Ayllu teve a extensão de uma página e levou como subtítulo da seção o seguinte texto: “*Defensa y reivindicaciones de los trabajadores agrícolas – Aspectos del problema de la tierra – Proceso del gamonalismo*”. Em suas páginas, ofereceu informação sobre congressos sindicais dos trabalhadores agrícolas em outros países da América Latina, notícias sobre as lutas e reivindicações camponesas em diferentes regiões do Peru, estudos sobre manifestações culturais indígenas e denúncias de desapropriações de terras e outros abusos contra o homem do campo.

Em sua primeira aparição, *El Ayllu* desenvolveu uma espécie de declaração de princípios, onde assinalou que a dita seção se propunha a fazer um balanço histórico de todos os movimentos e agitações agrários, “a crítica de seus motivos e resultados”. Ao mesmo tempo, planejou ir além da simples especulação teórica e histórica, nutrindo-se de dados, ilustrando-se com fatos, fazendo-se vivente e atual. Ou seja, propôs-se a fazer uma análise histórica e teórica do movimento camponês, mas também a divulgar e atender suas reivindicações e sua prática política, sem deixar de lado os aspectos culturais como identidade e estado de ânimo do campesinato indígena. *Labor*, em sua seção *El Ayllu*, buscou estudar todos os tópicos e manifestações da questão agrária. Novamente temos aqui uma expressão do sentido de integração entre teoria e prática não só como metodologia de análise, mas também como referência para a ação política.

145. Ver carta de José Carlos Mariátegui a Moisés Arroyo Posadas datada de 6 de junho de 1929. In: *Mariátegui Total*, 1994, p. 1997.

“Labor propõe-se estudar, nesta seção, todos os tópicos e manifestações da nossa questão agrária. Faremos aqui a história de todos os nossos movimentos e agitações agraristas, a crítica de seus motivos e resultados.

Mas não será uma seção de simples especulação teórica e histórica. Muito pelo contrário: temos a resolução de torná-la viva, atual, concreta, ilustrada por fatos, nutrida de dados. O título da seção é apenas uma homenagem ao nosso agrarismo mais nativo.

*Porque refletimos nela, tanto quanto a vida das comunidades indígenas, a situação e as reivindicações dos peões das fazendas, dos yanaconas, dos arrendatários, dos camponeses pobres e explorados em geral.”*¹⁴⁶

El Ayllu se propôs também converter-se em uma folha de agitação e de propaganda política orientando ao setor do campo, como o assinala no seguinte parágrafo:

*“Acolheremos todas as denúncias, devidamente fundamentadas, das comunidades, trabalhadores rurais, yanaconas etc. contra os abusos e extorsões do gamonalismo. Labor quer que esta seção seja, em grande parte, a expressão direta das aspirações do nosso campesinato.”*¹⁴⁷

Lamentavelmente, esse projeto truncou-se com o fechamento repentino do quinzenário *Labor*. A seção *El Ayllu* só apareceu em dois números do quinzenário operário. Não pôde desenvolver-se e nem adquirir uma dinâmica própria que lhe permitisse transformar-se no periódico agrário e camponês que Mariátegui planejava.

146. Revista *Labor*, n° 9, 19 de agosto de 1929.

147. Revista *Labor*, n° 9, 19 de agosto de 1929.

CAPÍTULO 5

A REVISTA AMAUTA

5.1) A proposta

Com grande lucidez, José Carlos Mariátegui declarou no primeiro número de *Amauta*: “Seria preciso ter muita pouca perspicácia para não perceber que está nascendo, no Peru, uma revista histórica.”

Quase 80 anos depois, vemos que essas palavras continuam atuais, pois *Amauta* ficou registrada na história do pensamento social peruano não só como uma revista de grande valor no debate das ideias fundamentais para a construção da nação peruana, mas também representou um grande movimento intelectual, artístico e político que deu conteúdo a esse processo.

Amauta nasceu como espaço articulador de um grande debate doutrinário, teórico, político e artístico, do qual participaram os elementos mais avançados da inteligência peruana, latino-americana e mundial. Criou uma ponte extremamente importante entre o Peru, América Latina e o mundo. No editorial do primeiro número de *Amauta*, Mariátegui declarou: “O objetivo desta revista é o de apresentar, esclarecer e compreender os problemas peruanos a partir de pontos de vista doutrinários e científicos. Mas consideraremos sempre o Peru dentro do panorama do mundo”. Propôs-se a estudar todos os grandes movimentos de renovação políticos, filosóficos, artísticos, literários, científicos.

Continuou Mariátegui: “Esta revista vinculará os novos homens do Peru, primeiro com os de outros povos da América, e em seguida, com os de outros povos do mundo.”¹⁴⁸ Dessa maneira, *Amauta* definiu-se como um projeto que, no campo intelectual, não representou só um grupo, mas, sim, um movimento, um estado de ânimo: “No Peru, sente-se, já há algum tempo, uma corrente de renovação cada dia mais vigorosa e definida. Aos fatores dessa renovação, chamam-se vanguardistas, socialistas, revolucionários etc. A história ainda não nos batizou definitivamente”. Dentro desse movimento, aconteceram discrepâncias formais e diferenças psicológicas, mas não obstante colocou-se acima de tudo aquilo que agregou e uniu: a “vontade de criar um mundo novo dentro de um novo Peru”. *Amauta* foi reconhecida como o espaço onde este movimento intelectual e espiritual adquiriu organicidade.¹⁴⁹

É de suma importância ressaltar que *Amauta* não só se declarou, mas, sim, foi de fato um projeto coletivo com alcance fundamental. O debate que a revista provocou, ao longo de sua existência, representou um marco de referência que teve profundas implicações teóricas e políticas. Igualmente, queremos destacar que a amplitude da revista, aspecto desenvolvido nas páginas seguintes, não significou falta de identidade, pelo contrário, foi consciente de seu objetivo e sua postura ideológica e, contudo, abriu suas portas aos mais diversos temas e abriu suas páginas a posições discrepantes. A polêmica se elevou, dessa forma, à condição de instrumento metodológico para esclarecer, para produzir conhecimento. Nada melhor que as palavras do próprio Mariátegui para reforçar essa ideia:

“Os que fundamos esta revista não concebemos uma cultura e uma arte agnósticas. Sentimo-nos uma força beligerante, polêmica. Não fazemos nenhuma concessão ao critério geralmente falacioso da tolerância das ideias. Para nós, há ideias boas e más. No prólogo do meu livro ‘La escena contemporánea’, escrevi que sou um homem com uma filiação e uma

148. José Carlos Mariátegui. “Apresentação de Amauta”. *Amauta*, n° 1, setembro de 1926.

149. José Carlos Mariátegui. “Apresentação de Amauta”. *Amauta*, n° 1, setembro de 1926.

*fé. O mesmo posso dizer desta revista, que rejeita tudo o que é contrário à sua ideologia, assim como tudo o que não traduz ideologia alguma.*¹⁵⁰

5.2) As etapas de *Amauta*

Podemos distinguir em *Amauta*, fundamentalmente, três etapas. A primeira, que poderíamos chamar de fundação, que veio desde seu primeiro número, em setembro de 1926, até julho de 1927. Nessa primeira fase, a revista declarou-se uma revista de vanguarda que se propunha dar organicidade a um “movimento intelectual e espiritual”, como assinalaremos linhas abaixo.

Em maio de 1927, quando chegou ao número 9, a revista foi fechada pelo governo de Leguía e Mariátegui foi detido e confinado no Hospital Militar, devido à sua saúde precária, e acusado de comandar um “complô comunista”. A verdade foi que *Amauta* havia se tornado muito incômoda para o governo de Leguía, os artigos de crítica e de condenação ao imperialismo dos Estados Unidos eram cada vez mais constantes em suas páginas, além de sua postura crescentemente beligerante. A solidariedade nacional e internacional para com Mariátegui e a favor da *Amauta* foram contundentes e a pressão política obrigou o governo peruano a liberar Mariátegui depois de seis dias de reclusão. Entretanto, a ordem de fechamento da revista perdurou, o que levou Mariátegui a decidir mudar-se para Buenos Aires para continuar editando-a de lá. Razões de saúde retardaram esse projeto até que, em dezembro do mesmo ano, reapareceu a revista *Amauta*, depois do levantamento do embargo, que, por seu impacto, havia produzido um grande desgaste no governo de Leguía. Na nota editorial do número 10 de *Amauta*, Mariátegui assinalou:

“Não se trata aqui de uma ressurreição. Amauta não podia morrer. Teria sempre ressuscitado ao terceiro dia. Nunca viveu tanto, dentro e fora do Peru, como nestes meses

150. José Carlos Mariátegui. “Apresentação de *Amauta*”. *Amauta*, n° 1, setembro de 1926.

*de silêncio. Sentimo-la defendida pelos melhores espíritos da Hispano-América.*¹⁵¹

A segunda etapa inicia com o número 17, em setembro de 1928, quando *Amauta* declara-se uma revista socialista. Nessa oportunidade, Mariátegui afirmou o fim de um ciclo que veio a culminar com uma tarefa cumprida: “o trabalho de definição ideológica”. A segunda jornada definiu-se como socialista:

*“Nestes anos, Amauta foi uma revista de definição ideológica, que acolheu em suas páginas as proposições de todos os que, com título de sinceridade e competência, quiseram falar em nome desta geração e deste movimento... O trabalho de definição ideológica nos parece cumprido. Em todo o caso, já ouvimos as opiniões categóricas e prontas a se expressar... A primeira jornada de Amauta se concluiu. Na segunda jornada, já não precisa se chamar revista da nova geração, da vanguarda, das esquerdas. Para ser fiel à revolução, basta-lhe ser uma revista socialista.”*¹⁵²

Como assinalado em capítulos anteriores, a ideia do processo foi importante na dinâmica da construção dos movimentos, fossem esses políticos, sociais ou culturais:

*“Nova geração, novo espírito, nova sensibilidade — todos esses termos envelheceram. O mesmo deve ser dito desses outros rótulos: vanguarda, esquerda, renovação. Foram novos e bons em seu tempo. Servimo-nos deles para estabelecer demarcações provisórias... hoje já se revelam demasiadamente genéricos... A nova geração não será efetivamente nova senão na medida em que saiba ser, enfim, adulta, criadora.”*¹⁵³

“A própria palavra Revolução, nesta América de pequenas revoluções, presta-se bastante ao equívoco. Temos que

151. Editorial da *Amauta*, n°10, dezembro de 1927.

152. Editorial da *Amauta*, n°17, setembro de 1928.

153. Editorial da *Amauta*, n°17, setembro de 1928.

reivindicá-la de forma rigorosa e intransigente. Temos que restituir-lhe seu sentido estrito e pleno. A revolução latino-americana será nada mais, nada menos que uma etapa, uma fase da revolução mundial. Será, simples e puramente, a revolução socialista.”¹⁵⁴

A terceira etapa compreendeu os últimos três números da revista, após a morte de Mariátegui, durante o período que foi de abril a agosto de 1930.

Para dar ao leitor uma visão mais sintética da vida de *Amauta*, apresentamos em seguida um quadro cronológico da revista:

154. Editorial da *Amauta*, n°17, setembro de 1928.

A cronologia da revista *Amauta*

Etapa	Número	Ano	Mês	Nº de páginas	Observações
1ª	1	1926	Setembro	40	
	2		Outubro	44	
	3		Novembro	44	
	4		Dezembro	44	
	5	1927	Janeiro	44	
	6		Fevereiro	44	
	7		Março	44	
	8		Abril	44	
	9		Maio	44	Leguía fecha a revista
	10		Dezembro	44	
	11	1928	Janeiro	44	
	12		Fevereiro	44	
	13		Março	44	
	14		Abril	44	
	15		Maio-Junho	44	
	16		Julho*	44	
2ª	17		Setembro	44	
	18		Outubro	104	Fundação do Partido Socialista
	19		Nov-Dez	104	
	20	1929	Enero	104	
	21		Fev-Mar	104	
	22		Abril	104	
	23		Maio	104	
	24		Junho	104	
	25		Jul-Ago	104	
	26		Set-Out	104	
	27		Nov-Dez	104	
	28	1930	Janeiro	104	
	29		Fev-Mar	104	
3a	30		Abr-Maio	104	
	31		Jun-Jul	104	
	32		Ago-Set	104	

**Em agosto de 1928, não houve publicação de Amauta, a partir das fontes disponíveis.*

5.3) O conteúdo de *Amauta*

A revista destacou-se pela amplitude de sua temática. O interesse por dar conteúdo ao estudo e ao debate sobre o mundo contemporâneo não encontrou restrições em nenhum aspecto que dissesse respeito ao ser humano. Suas páginas acolheram com igual interesse e extensão artigos sobre os novos elementos do folclore peruano, como escritos sobre filosofia e psicanálise.

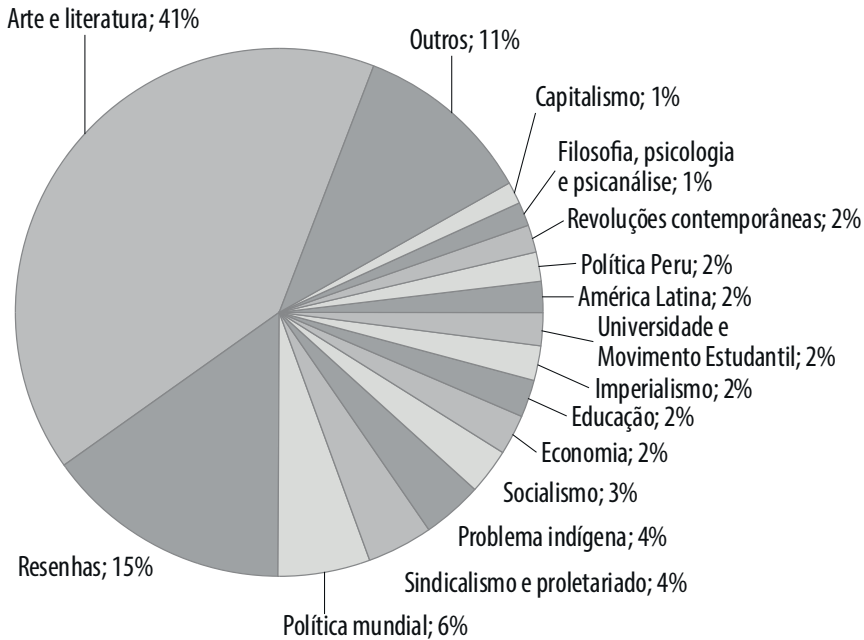
Para a sistematização do conteúdo de *Amauta*, classificamos os artigos e, além disso, os documentos que se publicaram em suas páginas usando critérios que, a nosso entender, melhor serviriam para os fins da pesquisa: grandes áreas temáticas, como economia, arte e literatura, política mundial etc., e temas específicos que foram selecionados direcionadamente, como capitalismo, socialismo, movimento estudantil etc.

O primeiro aspecto que se destacou foi a importância da arte e da literatura no conjunto de temas da revista, com 41% do número total de referências. Nesse grupo, se encontraram não só artigos de crítica, de teoria literária e de arte, mas também outros, como poesias, entrevistas, reproduções de pinturas, gravuras, fotografias etc., que abundavam na revista e não estavam contabilizadas. Isso demonstra claramente o caráter cultural de *Amauta*, quando ainda se declarou uma revista de doutrina, assumindo como primeira tarefa o trabalho cultural.

Outro tema relevante foi a seção de resenhas, com 15% das referências. Cada número da revista tinha uma seção chamada *Libros y revistas*, que recolhia informações sobre as publicações mais importantes da América Latina, Europa e Estados Unidos. Os artigos e documentos sobre política mundial foram também abundantes, constituindo 6% das referências. Vamos nos deter nesse último dado para ressaltar a preocupação permanente de *Amauta* por introduzir no ambiente peruano análises sobre os processos históricos e políticos do mundo. Comparamos esse dado com os 2% de referências que tem o tema *política peruana* e observamos que *Amauta* não era somente uma revista peruana, mas, sim, que se apresentava como universal diante da globalidade de seu

conteúdo. Esse espírito marcou profundamente a dinâmica da revista, não só no âmbito político, mas também cultural e artístico. Para formar uma ideia de conjunto do conteúdo temático, apresentamos o seguinte gráfico:

Revista *Amauta* conforme temas



*Fonte: elaboração própria com base na análise da coleção completa da revista
Porcentagens segundo o número de referência*

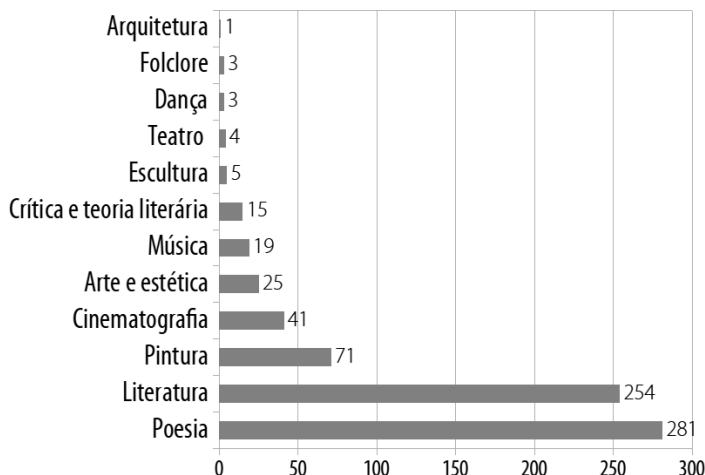
Devido à importância dada para a arte e a literatura, julgamos conveniente dar ao leitor uma ideia mais detalhada do conteúdo dessa área temática, que reforçou a convicção de que *Amauta* era, fundamentalmente, uma revista cultural. Vejamos, pois, como se desdobrou esse tema nas páginas da revista.

Poesia e literatura são os dois itens que se destacaram no conjunto de temas, com 281 e 254 referências respectivamente. No item literatura, incluíram-se contos e fragmentos de outros produtos literários,

deixando de lado a poesia. Considerou-se separadamente os documentos que se referiam à crítica e teoria literária para ressaltar a importância que teve em *Amauta* a difusão das próprias peças literárias, não só de autores peruanos e latino-americanos, senão do mundo inteiro.

Chamamos atenção sobre o item cinema, que apareceu com 71 referências. Temos que considerar que, nos anos 20, essa arte estava iniciando, portanto podemos considerar que *Amauta* refletia uma vanguarda bastante importante para sua época. A obra cinematográfica de Charles Chaplin foi um dos temas mais comentados. As artes plásticas, não como produto em si, mas, sim, como interpretação teórica e crítica, destacaram-se claramente com textos sobre pintura, escultura e, inclusive, arquitetura. Vemos também a importância do tema musical, que teve 19 referências, e que inclui a publicação de partituras. O que interessa, na realidade, é salientar com essas estatísticas que os principais assuntos de arte e literatura tiveram um espaço muito importante em *Amauta*. No Anexo iconográfico, apresentamos uma pequena parte do material gráfico da revista, que, apesar das limitações que a imprensa teve nessa época e as próprias limitações econômicas da revista, conseguiu reproduzir uma série de fotografias, gravuras, pinturas, óleos, fotos de escultura, arquitetura etc.

Arte e literatura em *Amauta* segundo número de referência



Fonte: elaboração própria a partir da análise temática da coleção completa da revista Amauta

5.4) O debate sobre os grandes temas da América Latina

Amauta tornou-se um espaço privilegiado de discussão dos grandes temas que marcaram um momento histórico da humanidade, que, ao fim do século XIX e princípio do século XX, debatia-se entre o capitalismo como construção econômica e social e o socialismo como projeto revolucionário que sacudia as bases das sociedades europeias e encontrava na Rússia soviética seu mais claro expoente de viabilidade.

Selecionamos três temas que, a nosso entender, constituem os grandes aspectos de uma época: o anti-imperialismo, o socialismo e a questão indígena. No debate latino-americano, essa temática encontrou, nas questões nacionais, um aspecto fundamental, entendida como construção histórica em processo e como tarefa não acabada que até nossos dias se revela como projeto ainda a construir.

Como pano de fundo na reconstrução desse debate, surgiu um novo significado da americanidade, como uma reapropriação cultural, étnica,

histórica e territorial. Como crítica ao pan-americanismo que se apresentou sob o lema de “América para os americanos” e que nesse momento foi um fato importante na luta pela descolonização do continente, levantou-se a máxima de “América para a humanidade”¹⁵⁵ como lema que resume o futuro das jovens nações americanas e seu espírito inclusivo para com as diferentes raças e etnias que delineiam o novo mapa demográfico da América Central, Caribe e América do Sul.

No cerne desse espírito, encontramos o sonho veemente da constituição de uma cidadania americana de portas abertas às nacionalidades autóctones, indígenas, como também aos negros, aos chineses e, além disso, aos grupos étnicos que se incorporavam ao povo americano, resgatando o melhor que cada cultura podia oferecer para a formação da “nação americana”. Dessa maneira, pleiteou-se uma América multirracial, multicultural, identificada com sua história e suas civilizações milenares e aberta à humanidade. A temática que desenvolveremos em continuação está profundamente marcada por esse movimento histórico.

5.4.1) Anti-imperialismo

O debate sobre o anti-imperialismo surgiu na América Latina em virtude de uma crescente presença econômica, política e militar dos Estados Unidos na região. Durante as duas primeiras décadas do século XX, os interesses econômicos norte-americanos se consolidaram na América Central, sendo a indústria agrícola, em geral de frutas e café, o principal setor visado pelo capital americano, através de grandes empresas como a United Fruit Company. A exportação de metais como o cobre, ferro, zinco, ouro e prata, além do petróleo, atraíram também fortes investimentos desse mesmo capital. A produção de todos os países centro-americanos ia para os Estados Unidos e mais de três quartos das importações que a América Central recebia provinham dos Estados Unidos.¹⁵⁶

155. Dora Mayer de Zulen. “América para a humanidade”. *Amauta*, n° 9, maio de 1927, pp. 14-16.

156. Esses dados estatísticos foram tomados do artigo de Jorge Basadre: “Mientras ellos se extienden”. *Amauta*, n° 9, maio de 1927, pp. 9-12.

No caso de América do Sul, a penetração econômica norte-americana concentrou-se fundamentalmente na exploração mineira e petrolífera, atividades que se encontraram dependentes das vias-férreas, como o caso da Bolívia, onde a firma norte-americana *Speyer* era proprietária, sob regime perpétuo, das estradas de ferro. A crescente presença econômica dos Estados Unidos na região, reforçada por uma política de intervenção direta nos assuntos internos das jovens nações e, em geral, aliada às burguesias nacionais, se viu legitimada por acordos bilaterais destinados a proteger os interesses econômicos norte-americanos nos países latino-americanos. Foram dessa maneira outorgadas uma série de concessões e isenções às empresas norte-americanas, garantidas inclusive com recursos do Estado: controle das vias-férreas, aspecto chave para a exploração mineira, controle alfandegário etc.

No caso do Peru, a presença do capital estrangeiro na economia nacional esteve liderada pela Inglaterra, cujo investimento, em 1925, se calculava em 125 milhões de soles, seguida pelos Estados Unidos com aplicações em torno de 90 milhões de soles. As principais atividades para as quais se dirigiam os investimentos norte-americanos eram a mineração e a extração de petróleo, através de empresas como a The Foundation, Fred Ley, Cerro de Pasco Cooper Corporation, Northern Peru Mining, Vanadium Corporation of América, Santo Domingo Gold Mines, The International Petroleum, solidamente estabelecidas. Durante o mandato de Augusto B. Leguía (1919-1930), o capital norte-americano se consolidou no Peru.

Por outro lado, o Canal de Panamá permitiu aos Estados Unidos um controle territorial e militar estratégico em todo o continente, por constituir uma zona de passagem entre América Central e América do Sul, mas também por ser um vaso comunicante entre o Atlântico e o Pacífico.

Os Estados Unidos haviam conseguido, já para os fins dos anos 20, desenvolver uma política de “ocupação sem responsabilidade” da região, ou seja, um novo tipo de “colonialismo econômico” emergente não respaldado por um colonialismo político que assumiria as consequências da dependência econômica das jovens repúblicas latino-americanas. Dessa

forma, elementos econômicos, políticos e militares conjugavam-se em um complexo jogo de poder hegemônico, apelando sistematicamente à intervenções militares, sobretudo na América Central. Essa relação de dependência de profundas consequências históricas para a América Latina abriu um importante debate aos fins dos anos 60, e teve na teoria da dependência um de seus momentos mais ricos e criativos teoricamente. Contudo, para fins do presente trabalho, deixaremos essa temática delineada só como referência, pois ela merece um tratamento muito mais profundo, o que não é objetivo deste livro.

Nesse contexto, se produziu, em fevereiro de 1927, um fato importante na luta mundial contra o imperialismo. Trata-se do Congresso de Bruxelas, onde, pela primeira vez, reuniram-se representantes do mundo inteiro para discutir a situação dos povos coloniais e desenhar uma plataforma de luta contra o inimigo comum: o imperialismo. Esse evento teve um impacto muito grande na América Latina, convertendo-se em referência fundamental para as ligas anti-imperialistas que surgiam ao longo e ao largo do continente. A revista *Amauta* não deixou de comentar amplamente esse acontecimento.¹⁵⁷

O debate sobre o anti-imperialismo no contexto peruano teve um momento importante na polêmica entre José Carlos Mariátegui e Víctor Raúl Haya de la Torre sobre o sentido da luta anti-imperialista. Na continuação, reconstruiremos os elementos, a nosso entender, mais significativos desse debate que resumiremos em dois aspectos: em primeiro lugar, a forma em que se propôs o anti-imperialismo em relação ao socialismo e, em segundo lugar, o papel da burguesia na luta anti-imperialista.

a) Anti-imperialismo e socialismo

Em sua etapa inicial, o debate entre Haya de la Torre e Mariátegui sobre o anti-imperialismo encontrou um ponto em comum na necessidade de construir-se um sistema econômico que organizasse a produção de maneira diferente da organizada pelo capitalismo. Haya falava de

157. Juan Andrade. "O imperialismo e a luta dos povos coloniais". *Amauta*, n° 15, maio-junho de 1928, pp. 32-35.

“*justicia social*”, Mariátegui pleiteava claramente o socialismo como alternativa. Sustentava Haya de la Torre:

*“Dentro da dialética do sistema capitalista, a América Latina tornar-se-á uma colônia. É preciso deter-se diante desta reflexão: o imperialismo não é um fenômeno econômico produzido à vontade por um homem ou por um grupo de homens, mas é DETERMINADO pela própria arquitetura do sistema capitalista. Se a lei do capitalismo é a consequência, o imperialismo torna-se consequência ineludível dessa lei (...) Logo, não se trata de obter a salvação dentro do sistema capitalista, mas de tentar outro sistema econômico que organize a produção.”*¹⁵⁸

Contudo, foi o conteúdo da luta que levaria à construção dessa nova forma de organização social e econômica que marcou profundas diferenças teóricas e políticas entre Haya e Mariátegui. Enquanto para Mariátegui o APRA, como frente política capaz de articular a luta anti-imperialista na América Latina, não podia converter-se em partido político sem correr sérios perigos de perder efetividade e força, para Haya de la Torre, entendendo o anti-imperialismo como programa máximo da luta dos povos latino-americanos, o APRA deveria converter-se em partido político com sede nos vários países da região. Vejamos os pormenores da questão:

Para Haya de la Torre, o anti-imperialismo era o objetivo final da etapa histórica em que vivia a América Latina, e se apresentava como o elemento fundamental da luta dos povos americanos por sua liberdade: “Não somos anti-imperialistas porque somos de esquerda, mas somos de esquerda porque somos anti-imperialistas”. Assim, o que define a condição de esquerda, ou socialista, para sermos mais específicos, é, em primeiro lugar, o fato de ser anti-imperialista. Para Haya de la Torre, “Ser anti-imperialista é ser soldado da causa da Liberdade da América

158. Víctor Raúl Haya de la Torre. “Sentido de la lucha antiimperialista”. *Amauta*, n° 8, abril de 1927, pp. 39-40.

Latina. Ser soldado de uma causa de liberdade é sê-lo da justiça”. Portanto, segundo ele, “não há liberdade se há opressão econômica; por isso, enquanto não se alcançar integralmente a justiça, é vão falar de liberdade. As correntes que escravizam nossos povos ao imperialismo ianque são correntes econômicas”.¹⁵⁹

Se o conteúdo essencial da luta pela liberdade econômica e pela justiça na América Latina for o anti-imperialismo, pela lógica de Haya de la Torre, a frente Aliança Popular Revolucionária Americana - APRA, elevada à condição de partido político, seria a única força possível para consumir a obra libertadora da América.

Para Mariátegui, pelo contrário, o anti-imperialismo foi só um momento, ainda que importante, da luta pelo socialismo e não constituiu nem poderia constituir-se, por si só, em um programa político nem em um movimento de massas apto para a conquista do poder. O anti-imperialismo, ainda que tivesse em suas filas a burguesia e a pequena burguesia nacionalista, alinhadas juntamente com as massas operárias e camponesas, não anularia o antagonismo entre as classes, nem suprimiria sua diferença de interesses.¹⁶⁰ Portanto, a condição de anti-imperialista explicava-se, em primeiro lugar, por ser socialista e não o contrário.

*“... só a revolução socialista erguerá diante do avanço do imperialismo uma barreira definitiva e verdadeira. (...) Somos anti-imperialistas porque somos marxistas, porque somos revolucionários, porque opomos ao capitalismo o socialismo como sistema antagônico, chamado a sucedê-lo, porque na luta contra os imperialismos estrangeiros cumprimos nossos deveres de solidariedade com as massas revolucionárias da Europa.”*¹⁶¹

Em um sentido claramente crítico em relação a Haya de la Torre, que desde o exílio definiu a APRA como *Kuo Min Tang latinoamericano*, Mariátegui reivindicou sua fidelidade à concepção econômico-social

159. Víctor Raúl Haya de la Torre. “Sentido de la lucha antiimperialista”. *Amauta*, n° 8, abril de 1927, pp. 39-40.

160. *Op. cit.*

161. *Op. cit.*

revolucionária, estabelecendo diferenças profundas entre suas concepções e as de Haya de la Torre, diferenças estas que estariam definidas pelo sentido que se desejava imprimir à luta anti-imperialista em relação à luta pelo socialismo. Nada melhor que as próprias palavras de Mariátegui para restituir o sentido cabal desta afirmação:

*“A divergência fundamental entre os elementos que, no Peru, aceitaram em princípio o APRA — como um plano de frente única, nunca como um partido e nem sequer como uma organização em marcha efetiva — e os que, fora do Peru, o definiram posteriormente como um Kuo Min Tang latino-americano, consiste no fato de que os primeiros permanecem fiéis à concepção econômico-social revolucionária do anti-imperialismo, enquanto os segundos explicam assim sua posição: ‘Somos de esquerda (ou socialistas) porque somos anti-imperialistas’. O anti-imperialismo acaba, assim, sendo elevado à categoria de um programa, de uma atitude política, de um movimento autossuficiente, que conduz, espontaneamente — não se sabe em virtude de que processo — ao socialismo, à revolução social.”*¹⁶²

Para Mariátegui, as propostas da APRA superestimavam o movimento anti-imperialista e exageravam o mito da “luta pela segunda independência”. Isso explicaria o porquê se pretendia substituir as ligas anti-imperialistas no enfrentamento político por um partido. O APRA, inicialmente concebido como frente política e aliança popular, passou a ser definido como partido político, elevando a luta anti-imperialista à condição de programa político que englobaria, inclusive, a luta pelo socialismo.

b) O papel da burguesia

Como consequência do sentido e do conteúdo diferente da luta anti-imperialista para Haya de la Torre e Mariátegui, produziu-se um

162. José Carlos Mariátegui. “Punto de vista antiimperialista”. In: *Mariátegui Total*, 1994.

desdobramento natural a respeito das forças sociais e políticas capazes de levar adiante essa luta. O segundo aspecto para o qual chamamos a atenção nesse debate foi o papel da burguesia na luta anti-imperialista.

Para Haya de la Torre, se o espírito que resumiu todas as lutas pela liberação do homem¹⁶³, inclusive em seu sentido social e econômico, é o anti-imperialismo, então as forças sociais capazes de levar adiante essas lutas libertárias, incluindo a luta pelo socialismo, seriam aquelas afetadas pela dominação imperialista, no caso latino-americano, encontrou nos Estados Unidos seu expoente maior. Dessa forma, a burguesia nacional passa a constituir, sob a perspectiva de Haya de la Torre, uma das forças principais para levar adiante a luta anti-imperialista. A nacionalização da produção, definida por ele como a única garantia da liberdade latino-americana, consistia em restituir a produção nacional às burguesias nacionais. Não estava explícito nos textos de Haya de la Torre publicados em *Amauta* e recolhidos em nossa investigação, porém podemos deduzir isso, que ele se referia a dois tipos de burguesia nacional, uma nacionalista e outra aliada ao imperialismo, como pode-se concluir no texto seguinte:

*“O imperialismo entra com o homem de negócios, com o petroleiro ou o usineiro ianque e com o banqueiro agiota. (...) O novo patriotismo é lutar contra o conquistador econômico estrangeiro e contra seus cúmplices internos.”*¹⁶⁴

Para Mariátegui, as repúblicas latino-americanas se encontravam em uma situação de semicolonialíssimo, característica que se acentuou na medida em que se desenvolve o capitalismo e a consequente expansão imperialista. Nesse contexto, as burguesias nacionais, especialmente na América do Sul, onde não se tinham experiências de ocupação militar, não vieram a se preocupar seriamente com a soberania nacional porque

163. Para sermos restritos com os planteamentos de Haya de la Torre, devemos entender aqui o homem não em seu sentido universal de ser humano, senão em seu sentido concreto de cidadão latino-americano.

164. Víctor Raúl Haya de la Torre. “Sentido de la lucha antiimperialista”. *Amauta*, n° 8, abril de 1927, pp. 39-40.

usufruíam diretamente da cooperação com o imperialismo. Na América Central, onde os Estados Unidos desfecharam várias ocupações militares, a prédica nacionalista e anti-imperialista podia ter algum eco nas burguesias nacionais, daí que Mariátegui afirmou: “As burguesias, na América do Sul (...) não têm nenhuma predisposição para admitir a necessidade de lutar pela segunda independência, como supunha ingenuamente a propaganda aprista”.¹⁶⁵

Segundo Mariátegui, a propaganda anti-imperialista do APRA, conduzida pessoalmente por Haya de la Torre, havia encontrado eco na América Central mais que em nenhum outro lugar do continente, porque nesses países o imperialismo dos Estados Unidos, recorrendo à ocupação militar, havia despertado um forte sentimento nacionalista nas burguesias locais. Essa situação era muito diferente na América do Sul, onde os Estados Unidos não haviam apelado ainda a esses métodos. Esse fator de psicologia política deve ser levado, com ênfase, em consideração para que se possa estimar com precisão as possibilidades da ação anti-imperialista.

*“Enquanto a política imperialista conseguir manipular os sentimentos e formalidades da soberania nacional desses Estados, enquanto não for obrigada a recorrer à intervenção armada e à ocupação militar, contará plenamente com a colaboração das burguesias — ainda que estas estejam subordinadas à economia imperialista de outros países.”*¹⁶⁶

Entretanto, fica claro para Mariátegui que nem a burguesia e nem a pequena-burguesia no poder poderiam fazer uma verdadeira política anti-imperialista, pois seus interesses econômicos estavam envolvidos em uma cooperação intrínseca com o imperialismo. Ainda que um governo “nacionalista” pudesse usar uma linguagem distinta a do pan-americanismo monroista, em matéria de empréstimos e concessões, faria o mesmo que

165. José Carlos Mariátegui. “Punto de vista antiimperialista”. In: *Mariátegui Total*, 1994.

166. José Carlos Mariátegui. “Punto de vista antiimperialista”. In: *Mariátegui Total* (1994). Teses apresentadas à Primeira Conferência Comunista Latino-americana (Buenos Aires, junho de 1929) e lida por Julio Portocarrero, delegado peruano a esse evento.

qualquer outro governo burguês e, inclusive, poderia chegar a converter-se no mais encarniçado inimigo de uma eventual revolução socialista. Nada melhor que suas próprias palavras para expor o tema.

*“O que pode opor-se à penetração capitalista a pequena burguesia mais demagógica? Nada, senão palavras. (...) O assalto ao poder pelo anti-imperialismo, como movimento demagógico, jamais representaria a conquista do poder pelas massas proletárias, pelo socialismo. A revolução socialista encontraria seu inimigo mais encarniçado e perigoso — perigoso por seu confucionismo, por sua demagogia — na pequena burguesia afirmada no poder.”*¹⁶⁷

Essa polêmica foi exposta na *Amauta*, mas ia além das páginas da revista e tendeu a desdobramentos que marcaram profundamente a história política do Peru, constituindo fundamentalmente duas correntes: a socialista com todos os seus matizes e a democrática burguesa, representada pelo APRA. Para finalidade do presente trabalho, nos referimos a essa etapa inicial do debate, que, iniciado em 1927, acabou por levar até a ruptura política entre Mariátegui e Haya de la Torre.

*“Assistimos no mundo a um recrudescimento extraordinário do imperialismo, em sua forma mais violenta e descarada. A ‘guerra do direito e da liberdade’ trouxe, unicamente como consequência, uma era de maior intensidade na política colonial dos Estados imperialistas. As conferências internacionais não resultam em nenhum acordo que estabeleça o tão propalado equilíbrio mundial; as potências estão demasiadamente desunidas, defendem interesses opostos, e os ‘Locarnos’ não passam, na realidade, de ‘bluffs’ para iludir os povos, aos quais, em nome de princípios caros, foi pedido o máximo de sacrifícios.”*¹⁶⁸

167. *Op. cit.*

168. Juan Andrade. “El imperialismo y la lucha de los pueblos coloniales”. *Amauta*, n° 15, maio-junho de 1928, pp. 32-35.

5.4.2) Socialismo

O debate sobre o socialismo na *Amauta* teve fundamentalmente duas etapas. Embora o critério temporal seja relativo, podemos afirmar que a primeira se desenvolveu, principalmente, ao longo dos primeiros 29 números da revista, de setembro de 1926 a março de 1930. A segunda etapa se apresentou mais nitidamente depois da morte de Mariátegui, de abril a setembro de 1930, embora encontre-se alguns elementos antes desse período. Em ambos os momentos, a discussão passou pela questão nacional, porém sob perspectivas diferentes, como veremos a seguir.

a) Primeira etapa: o socialismo peruano

No que chamamos de primeira etapa, o socialismo é visto como um caminho para a construção nacional, a partir das particularidades da realidade latino-americana e das sociedades locais; falava-se então de um “socialismo peruano” que considerava a questão indígena como um elemento fundamental para a *práxis* política e programática, mas também como construção teórica e doutrinária. Como assinalado na entrevista de Mariátegui que se segue, o primeiro problema a resolver foi o combate ao sistema feudal e de suas duas manifestações-chaves, o latifúndio e a servidão.

*“O socialismo é um método e uma doutrina, um ideário e uma práxis (...). Se no debate diferenciamos a questão indígena, é porque, na prática, no fato, ela também se diferencia. O operário urbano é um proletário; o índio camponês é ainda um servo. As reivindicações do primeiro representam a luta contra a burguesia; as do segundo representam ainda a luta contra a feudalidade. O primeiro problema a ser resolvido aqui é, portanto, o da liquidação da feudalidade, cujas expressões solidárias são duas: o latifúndio e a servidão.”*¹⁶⁹

169. José Carlos Mariátegui. “Indigenismo y socialismo”. *Amauta*, nº 7, março de 1927, p. 39.

O problema do índio se introduziu no debate sobre o socialismo pelo fato de a maior parte da massa trabalhadora no Peru ser indígena e a construção do socialismo teve que considerar essa especificidade. O socialismo não se apresentou então como construção universal e única na sua forma, mas, sim, como um “ideal” e uma “*práxis*” que deveria se articular às raízes históricas, sociais e culturais de uma sociedade determinada. O proletariado peruano não pôde reconhecer-se só em relação à sua função dentro da produção capitalista, mas também em sua especificidade cultural e étnica. Por isso, sua consciência socialista não é só proletária, mas também indígena: “Uma consciência revolucionária indígena talvez demore a se formar, mas, uma vez que o indígena tenha feito sua a ideia socialista, ele a servirá com uma disciplina, uma tenacidade e uma força que poucos proletários de outros meios poderão superar”¹⁷⁰. A força indígena como elemento revolucionário provinha não só de sua consciência socialista, mas também das características étnicas e culturais de sua condição de indígena.

Na medida em que o índio camponês era, todavia, um servo, sua luta era contra o feudalismo, diferente da do operário urbano, cuja luta principal era contra a burguesia. Considerando-se esses elementos, para Mariátegui, o primeiro problema a resolver era a eliminação do feudalismo e suas manifestações mais evidentes: o latifúndio e a servidão. A luta pelo socialismo, então, deveria incluir a luta pelo fim do feudalismo.¹⁷¹

Nessa primeira etapa, o socialismo foi abordado nas páginas de *Amauta* em sua dimensão teórica e política com um critério muito amplo, abrindo espaço para as mais diversas posições e recorrendo novamente à polêmica como método de aprofundar e esclarecer os diferentes aspectos do socialismo como problemática, como doutrina e como *práxis* política e cultural. Da mesma forma em que encontramos, por exemplo, a publicação do discurso do reconhecido dramaturgo inglês Bernard Shaw, militante do Partido Trabalhador Inglês, sobre os pro-

170. Esse parágrafo corresponde ao texto que aparece com o título de “El proceso del gamonalismo: esquema del problema indígena” na revista *Amauta*, nº 25, p. 69. O texto foi escrito pelo José Carlos Mariátegui, apesar de que não se especifica o autor em dita publicação.

171. José Carlos Mariátegui. “Indigenismo y socialismo”. *Amauta*, nº 7, p. 37.

blemas da Inglaterra e do socialismo, podemos ver artigos que, a partir uma perspectiva histórica, buscaram realizar um balanço do socialismo em vários países da América Latina e do mundo. Chama a atenção, por sua capacidade analítica, o artigo de Oscar Herrera intitulado *El desarrollo de la ideas socialistas y sindicalistas argentinas*, que faz uma análise histórica do socialismo na Argentina. Ele destaca a situação do movimento operário e as limitações do Partido Socialista, que, havendo perdido a capacidade de renovar-se, viu-se esgotado em seu programa humanista. Ao mesmo tempo, faz um balanço do movimento comunista argentino, dividido entre o Partido Comunista, subscrito à Terceira Internacional e o Partido Comunista Operário, refletindo, a partir do caso argentino, uma problemática que marcaria uma etapa histórica do movimento socialista na América Latina.

A estratégia e a tática para a construção do socialismo foram também um eixo importante do debate. É interessante destacar, por exemplo, a polêmica que se produziu entre o jurista César Ugarte e Mariátegui a respeito do papel da luta de classes e da “ditadura do proletariado” no socialismo como construção histórica. Na continuação, resgatamos os momentos centrais dessa polêmica:

Ugarte sustentou que o socialismo russo deveria ser analisado a partir de dois pontos de vista: o valor histórico e o valor doutrinário universal. Segundo o primeiro ponto de vista, reconheceu-se que o bolchevismo havia salvo o povo soviético da anarquia geral e o defendeu da fome, da invasão estrangeira e do bloqueio. Além disso, as experiências no campo do direito, da economia, da educação e da política constituíram um legado universal. Contudo, a justificação histórica do socialismo não significou uma apologia aos seus métodos revolucionários e de ação política; o ideal socialista, segundo Ugarte, não deveria vincular-se às ideias de luta de classes e “*dictadura del proletariado*”. Nesse sentido, o socialismo podia construir-se a partir do progresso educacional e político das classes trabalhadoras, da participação crescente do povo no governo, da propagação livre das ideias e do desenvolvimento do espírito de cooperação e solidariedade. Esses aspectos permitiriam uma transformação

radical da sociedade sem que ela viesse a sofrer os transtornos e a violência de uma revolução ou uma ditadura, mesmo que essa violência ou ditadura seja do proletariado. Portanto, sob essa perspectiva, socialismo, democracia, solidariedade e liberdade são termos que se complementaram. Por isso, a revolução deveria ser usada só como recurso supremo nos momentos críticos, abrindo espaço às novas instituições criadas no processo natural e lento com que terminaram e se desenvolveram todas as formas de vida.

Mariátegui replicou ao artigo de Ugarte em nota anexa à publicação desse mesmo artigo, reconhecendo os aportes desse ao estudo do socialismo soviético, encarado a partir da ciência de direito constitucional, mas discordando sobre o papel da luta de classes no processo revolucionário. Assinalou Mariátegui:

“O doutor Ugarte resiste-se a aceitar as consequências lógicas da experiência bolchevique na práxis socialista. (...) nosso distinguido amigo leva ao extremo essas reservas sobre a ação revolucionária, a ponto de incluir, na concepção que desaprova, a própria luta de classes. Trata-se, indubitavelmente, de uma conclusão excessiva para a sua própria crítica. O doutor Ugarte considera que ‘o fator mais importante da ação coletiva organizada das classes trabalhadoras é sua organização sindical para obter, no regime atual, o respeito a seus direitos e a melhoria de sua condição, e ao mesmo tempo para atuar na vida política e conquistar o poder’. A luta de classes, em termos gerais, não consiste em outra coisa”.

O que Mariátegui sustentou então foi que as reservas de Ugarte a respeito da pertinência da luta de classes na *práxis* socialista eram uma simples questão de temperamento, pois, em essência, esse não fez outra coisa que aceitar a necessidade de conquistar o poder a partir da ação coletiva organizada dos trabalhadores dentro do regime atual, o que em linhas gerais significava reconhecer o sentido da luta de classes. Essas reservas ao termo “luta de classes”, mas não ao conteúdo, foram

para Mariátegui um exemplo dos prejuízos e temores existentes entre os intelectuais.

Outro momento importante desse debate, e que transcende as páginas da *Amauta*, foi o que se produziu em torno do caráter da revolução. No número 25 da *Amauta* (julho-agosto de 1929) se publicou uma das duas teses preparadas por José Carlos Mariátegui para serem apresentada na Primeira Conferência Comunista Latino-americana, realizada em Buenos Aires entre o primeiro e o décimo segundo dia de junho de 1929. Essa foi a primeira reunião continental que realizava a III Internacional na América Latina e era dirigida por Vittorio Codovila, personagem que, segundo Flores Galindo, “até mesmo em sua dicção mostrava ser pouco latino-americano”.¹⁷² O médico Hugo Pesce, o operário Julio Portocarrero e Martínez de La Torre, todos eles membros do grupo dirigente do recentemente formado Partido Socialista Peruano, foram os portadores dessas teses de Mariátegui que se intitulavam: *Punto de vista antiimperialista* e *El problema de las razas en América Latina*. Essa última foi publicada em *Amauta*.

Como o assinalou José Aricó¹⁷³, entre 1919 e 1928, o interesse da III Internacional pelo continente americano foi muito pouco, estando concentrado fundamentalmente na Europa. Foi a partir do VI Congresso da Internacional Comunista que se optou, entre julho e setembro de 1928, por reagrupar e adequar suas fileiras diante de uma eminente situação revolucionária, produto da crise que deveria enfrentar o sistema capitalista durante os anos vindouros. O Peru foi incorporado tardiamente ao raio de interesse da Internacional Comunista centrado fundamentalmente na Argentina e no Chile, que já tinham uma classe operária numerosa, enquanto, no Peru, essa classe ainda era jovem e reduzida. Nesse contexto, foi decidida a realização da I Conferência Comunista Latino-americana.

A III Internacional discutiu, nesse momento, o caráter “semicolonial” das sociedades latino-americanas e o conteúdo “democrático-burguês”

172. Flores Galindo: 1989, p. 37.

173. José Aricó, *apud* Flores Galindo, 1989, p. 121.

da revolução na região, baseado na aliança com as burguesias nacionais que permitiram uma modernização capitalista e uma luta frontal contra o feudalismo e seus derivados. Para o grupo de Mariátegui, a revolução na América Latina e particularmente no Peru só poderiam ser socialistas. A explicação era clara: as burguesias nacionais na América Latina tinham se mantido fiéis ao imperialismo, porque essa cooperação constituía uma de suas melhores fontes de renda. Com exceção de alguns países de América Central, que tinham sofrido uma ocupação militar *yanqui* e suas burguesias puderam tender a atitudes patrióticas, no resto da região, as burguesias nacionais não tinham nenhuma predisposição a lutar por uma soberania nacional. Nem a burguesia nem a pequena burguesia na América do Sul estavam interessadas na construção de um projeto nacional. Só uma revolução socialista poderia levar a termo essa tarefa inconclusa a partir da independência das colônias.

As posições defendidas pela delegação peruana nessa reunião foram não só dissonantes, senão também incômodas para o *establishment* da III Internacional e seus dirigentes na América Latina. Em primeiro lugar, porque não se aceitava a caracterização das sociedades latino-americanas como “semifeudais” sem reconhecer as características particulares de cada realidade local, nem muito menos os aspectos culturais e históricos de cada sociedade. Em segundo lugar, se contestava o caráter “democrático-burguês” da revolução na América Latina, levantando a necessidade de uma revolução socialista com a participação da “grande massa de artesãos, campesinato pobre, operários agrícolas, proletariado e intelectuais honestos”.¹⁷⁴ Em terceiro lugar, a delegação peruana se recusava a adotar o nome do Partido Comunista para o caso peruano, e não só por um problema de nomenclatura, que se considerava como definitiva por parte dos dirigentes latino-americanos da III Internacional, senão porque se estava propondo um partido de massas, baseado nas massas operárias e camponesas organizadas¹⁷⁵, que assumiria um

174. “O Movimento Revolucionário Latino-americano: versões da Primeira Conferência Comunista Latino-americana, junho de 1929”. Editado pela revista *Correspondência Sudamericana*. Buenos Aires s/d.

175. Ata de constitución do Partido Socialista Peruano, 7 de outubro de 1928.

programa socialista e fazia explícita sua luta contra o imperialismo estrangeiro e a burguesia nacional. Em sua ata de constituição, o Partido Socialista Peruano fez explícita sua “tática de frente única ou aliança com organizações ou grupos da pequena burguesia” desde que esses “representassem efetivamente um movimento de massas e com objetivos e reivindicações concretamente determinados”.

Sobre esse último ponto, o choque foi violento e teve seu momento mais duro quando Vittorio Codovila afirmou que o nome socialista significava “a traição aos interesses proletários e a capitulação diante da burguesia”.¹⁷⁶ Isso foi um debate inconcluso que a morte de Mariátegui encerrou abruptamente, mas que foi interessante para compreender o processo da esquerda peruana, inclusive em sua situação atual. Por razões óbvias, não podemos aprofundar esse tema no presente trabalho, contudo, remetemos os que estiverem interessados ao livro de Alberto Flores Galindo intitulado *La agonía de Mariátegui*, citado na bibliografia.

b) Segunda etapa: a alienação com a Terceira Internacional

Na segunda fase desse debate sobre o caráter da revolução, o socialismo foi colocado como um ideal e *práxis* universal, cujo eixo articulador foi sua dimensão internacionalista, destacando os aspectos gerais em detrimento das especificidades e dos elementos de identidade nacional. A questão nacional continuou presente, mas deixou de ser um aspecto que desse conteúdo ao socialismo como *práxis* política e construção teórica, perdendo seu sentido de identidade com a realidade local; e se apresentou como parte de um esquema e de uma ação programática global a partir dos delineamentos e diretrizes da Terceira Internacional. A luta se definiu como “nacional democrática”, aliada principalmente à burguesia nacional. Os partidos comunistas tiveram que renunciar à sua condição de partido para converter-se em seções nacionais da Ter-

176. “O Movimento Revolucionário Latino-americano: versões da Primeira Conferência Comunista Latino-americana, junho de 1929”. Editado pela revista *Correspondência Sudamericana*. Buenos Aires s/d.

ceira Internacional, que, além disso, determinou a estratégia e a tática política em cada país. Nesse segundo momento, o debate sobre o socialismo perdeu a riqueza e autenticidade que tinha ganhado em sua fase inicial, restringindo-se à aplicação local de estratégias políticas desenhadas em Moscou.

Nessa etapa, que incluiu basicamente os últimos três números da *Amauta* após a morte de Mariátegui, a direção da revista fechou-se em um círculo próximo à linha oficial da Terceira Internacional. Dessa forma, o debate sobre o socialismo se refletiu fundamentalmente na publicação de análises sobre a construção do socialismo na Rússia Soviética. A citação que segue reflete claramente o espírito dessa segunda etapa:

“Cada época tem sua disciplina, sua práxis, sua diretriz. A da hora presente é, sem dúvida, a III Internacional, produto de deliberações concretas diante da realidade. E se a III Internacional se afasta do marxismo — hipótese que não se apresentou, apesar das afirmações de seus impugnadores —, do chamado marxismo puro, ou científico, ou dogmático, ou ortodoxo, para seguir esta ou aquela tendência, será porque as circunstâncias assim o exigem. Acima de todas as teorias, a revolução socialista russa possui o argumento poderoso e concreto de sua realidade avassaladora. Não precisa apoiar-se senão em si mesma, em sua própria experiência. Pode muito bem enterrar Marx e Engels, se assim o julgar necessário. É forte o suficiente para romper com o que deixa para trás”. Na mística revolucionária, cabem todas as heresias coletivas — nascidas, evidentemente, no seio do proletariado, que é o verdadeiro criador do movimento revolucionário —, desde que representem um passo disciplinado adiante, e não um retrocesso anárquico.”¹⁷⁷

177. Ricardo Martínez de La Torre. “Polémica y acción”. *Amauta*, n° 16, julho de 1928, p. 33.

Depois da morte de Mariátegui, tanto na revista *Amauta* quanto no Partido Socialista Peruano ganharam posição os setores mais próximos aos propósitos da Terceira Internacional. A liderança passou a ser de alguém que não provinha do círculo de Mariátegui: Eudocio Rabines. O Partido Socialista Peruano assumiu o nome de Partido Comunista Peruano e se subscreeveu à Terceira Internacional. Mariátegui se opôs a assumir o nome de Partido Comunista não por um simples problema de nomenclatura, mas, sim, pelo caráter, que, a seu entender, tinha a luta revolucionária em Peru. Igualmente, se mostrou crítico à tática e à estratégia revolucionária para o Peru elaborada pela Terceira Internacional, como se pôde apreciar ao analisar as duas teses enviadas por ele à Primeira Conferência Comunista Latino-americana e, entretanto, na citação que reproduzimos abaixo, publicada no último número de *Amauta*, Mariátegui foi posto como iniciador de uma jornada política conduzida pela Terceira Internacional.

“Foi aqui, em meio aos maiores perigos, que o Partido Comunista se formou com os melhores elementos do proletariado... Este é o Partido Comunista do Peru. A história do marxismo entre nós, e, portanto, do Partido, remonta à chegada de José Carlos Mariátegui da Europa, em 1923, quando inicia desde então o infatigável trabalho de propagação do marxismo.

O surgimento da Amauta marca, na história do movimento social do Peru, o começo de uma jornada que culminará com a tomada revolucionária do poder por nosso Partido...

Como seção da II [deve-se ler III] Internacional, está submetido à disciplina de todos os Partidos Comunistas, cuja central se encontra na Rússia, pátria do proletariado mundial.”¹⁷⁸

178. Ricardo Martínez de La Torre. “Panorama móvil”. *Amauta*, n°32, agosto-setembro de 1930.

Tinha-se como óbvia uma das dimensões mais ricas e criativas do pensamento de Mariátegui, ou seja, a proposta de pensar o socialismo como uma construção nacional, identificado com a realidade peruana, a partir de uma matriz teórica universal, o marxismo, e uma *práxis* política produto de um movimento histórico da humanidade.

5.4.1) A questão indígena

O índio como temática foi retomada na América Latina durante as primeiras décadas do século XX partindo de uma perspectiva multidimensional, resgatando os elementos econômicos, sociais, políticos, culturais e éticos da problemática indígena. A revolução mexicana de 1910 constituiu uma experiência histórica de grande importância para a recolocação desse debate, cujo conteúdo, desde fins do século XIX, seguia sendo fundamentalmente ético e se inscreveu dentro de uma visão europeia. A partir desse momento, colocou-se a questão indígena como parte da construção de uma nova identidade americana, que teve no índio não só sua inspiração, mas também sua base social, econômica e cultural. Dessa maneira, a questão indígena passou a assumir um espaço central no debate sobre a questão nacional na região.

O debate sobre esse tema em *Amauta* observou esse sentido multidimensional.

a) A dimensão econômica da questão indígena

Mariátegui colocou o problema do índio em sua dimensão econômica e social, desprovida do lirismo que caracterizou grande parte desse debate a inícios do século XX, muito influenciado por uma visão filantrópica. O problema indígena não se reduziu então a reivindicar o direito do índio à educação, à cultura, ao progresso, ao amor e ao céu, mas, sim, à reivindicação categórica de seu direito à terra.

No artigo intitulado “*El problema de la tierra en el Perú: requisitoria contra el gamonalismo o la feudalidad*”, publicado em *Amauta* números 10 e 11, Mariátegui defendeu que o feudalismo no Peru não foi eliminado

pelo regime demo-burguês estabelecido pela revolução da independência. Em primeiro lugar, porque em 100 anos de República não se teve uma verdadeira classe burguesa capaz de desenvolver o capitalismo no Peru e, em segundo lugar, porque a antiga classe feudal, camuflada de burguesia republicana, não só manteve, mas reforçou suas posições políticas e econômicas. Isso trouxe como consequência o fato de que em 100 anos de República a grande propriedade agrária se consolidou e se engrandeceu apesar do liberalismo teórico da constituição política e das necessidades concretas do desenvolvimento da economia capitalista.

O feudalismo sobrevivente teve então duas expressões: o latifúndio e a servidão. Não se podia eliminar a servidão indígena sem eliminar o latifúndio. Estabelecendo assim o problema, a solução liberal burguesa, que não podia se confundir com uma solução revolucionária, foi o fracionamento do latifúndio para criar a pequena propriedade agrícola. Mariátegui sustentou que essa solução liberal perdia sua oportunidade histórica frente à sobrevivência da comunidade e de elementos do socialismo na agricultura e na vida indígena. Sobre essas premissas que se deveria buscar uma solução ao problema indígena.

Para Mariátegui, o feudalismo sobrevivente no Peru como parte da herança colonial conviveu com formas incipientes de capitalismo, retardando seu desenvolvimento. O regime de propriedade de terra determinou o regime político e administrativo de toda a nação. Portanto, sob uma economia semifeudal, não podem prosperar nem funcionar instituições democráticas e liberais. O regime colonial espanhol destruiu a economia indígena autóctone e não foi capaz de substituí-la por formas superiores de organização econômica. Dessa forma, o sistema de colonização espanhol não só desorganizou e aniquilou a economia agrária inca, mas também seu capital humano, reduzindo uma nação de dez milhões de homens organizados em um Estado forte e eficiente, como era o Império Inca, a uma massa dispersa de um milhão de homens sob um regime de servidão.

O problema da terra foi, para Mariátegui, um elemento essencial do problema indígena também por razões culturais, já que o povo indígena

era principalmente agricultor, dedicado cotidianamente ao pastoreio e à agricultura. A civilização inca, caracterizada como civilização agrária, regia-se pelo princípio fundamental de que a vida provinha da terra.

b) A dimensão ética e cultural

Com Manuel González Prada, se introduziu no debate a dimensão ética do problema indígena, pondo em questionamento a dominação da grande massa de índios por uma fração reduzida de dominadores europeus e mestiços. No grupo de dominadores, surgiu a figura do “encastado”¹⁷⁹ que, sendo mestiço, se converteu no pior tirano e opressor dos indígenas. Na citação que se segue, podemos apreciar o sentido dessa colocação nas próprias palavras de González Prada.

“O verdadeiro tirano das massas, aquele que se vale de alguns índios para explorar e oprimir os outros, é o encastado, compreendendo-se nessa palavra tanto o “cholo” da serra ou mestiço quanto o mulato e o “zambo” da costa. No Peru, vemos uma superposição: excluindo os europeus e o curtíssimo número de brancos nacionais ou crioulos, a população se divide em duas frações muito desiguais em número — os encastados ou dominadores, e os indígenas ou dominados. Cem a duzentos mil indivíduos se sobrepuseram a três milhões”.¹⁸⁰

A dominação do índio teve no abuso indiscriminado uma ferramenta sistemática, baseada na colaboração entre o “*gamonal de la sierra*” e “*el señorón de Lima*”. Essa aliança sinistra de espanhóis e encastados foi responsável pelas piores injustiças e maiores abusos não só contra os índios, mas também para as demais populações de imigrantes da Ásia e da África vindos para trabalhar na agricultura. Os dominadores cercaram o índio para enganá-lo, oprimir-lo e corrompê-lo e mesmo assim não conseguiu civilizá-lo, embora aparentem ter um certo grau de educação. Isso converteu as fazendas em autocracias em meio de um suposto clima democrático, como assinala no parágrafo que se segue:

179. Nota da autora: entende-se por “encastado” o indivíduo que se sobrepõe a sua classe e se converte em um opressor da mesma.

180. Manuel González Prada. “Nuestros indios”. *Amauta*, n°16, pp. 4-7.

*“Os filhos de alguns fazendeiros vão ainda crianças para a Europa, educam-se na França ou na Inglaterra e retornam ao Peru com todas as aparências de pessoas civilizadas; mas, assim que se recolhem às suas fazendas, perdem o verniz europeu e agem com mais desumanidade e violência do que seus próprios pais: com o chapéu, o poncho e as roncadoras, reaparece a fera. Em resumo: as fazendas constituem reinos no coração da República, e os fazendeiros exercem o papel de autocratas em meio à democracia.”*¹⁸¹

González Prada denunciou com dureza e exaltação o sistema de opressão do índio não só como um fato social ou econômico, mas também como uma situação não humana e imoral. Acusa-se o índio de bárbaro, de “refratário à civilização”, contudo, não existe maior barbárie que o sistema de dominação inumana que os dominadores, pretendidos civilizados, tinham imposto aos índios. A civilização teve como máxima a moralidade humana, moralidade da que carecem os dominadores no Peru.

“Sociedades altamente civilizadas mereceriam ser aquelas onde praticar o bem deixou de ser obrigação para tornar-se hábito, onde o ato bondoso se converteu em um impulso instintivo. Os dominadores do Peru já adquiriram esse grau de moralização? Têm direito de considerar o índio como um ser incapaz de se civilizar?”¹⁸²

Coube ao índio lutar pela sua redenção e sua libertação, mesmo que para isso ele tivesse que responder à violência com que foi oprimido com mais violência:

“A condição do indígena pode melhorar de duas maneiras: ou o coração dos opressores se comove ao ponto de reconhecer o direito dos oprimidos, ou o ânimo dos oprimidos adquire virilidade suficiente para castigar os opressores. Se o índio aproveitasse, em rifles e munições, todo o dinheiro que desperdiça em álcool e festas, se escondesse uma arma em algum canto de sua choça ou na

181. Manuel González Prada. “Nuestros indios”. *Amauta*, n°16, pp. 4-7.

182. Manuel González Prada: “Nuestros indios”. *Amauta*, n°16, pp. 4-7.

fenda de uma rocha, mudaria sua condição, faria respeitar sua propriedade e sua vida. À violência responderia com violência, castigando o patrão que lhe rouba as lãs, o soldado que o recruta em nome do Governo, o jagunço que lhe rouba gado e animais de carga. Ao índio não se deve pregar humildade e resignação, mas orgulho e rebeldia.”¹⁸³

Continuou González Prada: “O índio se redimirá por seu próprio esforço, não pela humanização de seus opressores”.

c) Os novos índios da América

Uriel García, em seu artigo intitulado *El Nuevo Indio*¹⁸⁴, propõe uma reinterpretação da conquista da América, entendida sob a perspectiva europeia, como um episódio de redenção da barbárie pela civilização ou como um acontecimento político-econômico que incrementa os domínios espanhóis e suas riquezas. A partir de uma perspectiva profundamente crítica a essas interpretações ocidentais, levantou-se uma interpretação americana da conquista, entendendo-a como um encontro de duas culturas diametralmente opostas que afrontava a postura moral tanto dos invasores quanto dos dominados. Esse choque cultural produziu um profundo processo psicológico que, por um lado, levou à cultura autóctone por rumos imprevistos, mas que não anulou a nacionalidade como valor espiritual que teve um profundo sentido com o passado e seu fundamento histórico. E, por outro lado, modificou os valores substantivos da cultura hispânica através do influxo de poderosos elementos como a raça indígena, o meio, a cultura inca e os próprios Andes, não só como contexto geográfico, mas também em sua dimensão histórica.

Diante dessa perspectiva, a era colonial foi vista não como um parêntese entre o período inca e a República, mas, sim, como um ciclo neoandino, onde o espírito inca assimilou as formas da cultura

183. Manuel González Prada: “Nuestros indios”. *Amauta*, n°16, pp. 4-7.

184. Uriel García. “El nuevo indio”. *Amauta*, n° 8, abril de 1927, pp. 19-20.

importada, dando lugar a um novo índio que, contudo, manteve profundamente suas raízes culturais e históricas.

Todas as formas culturais neoandinas tiveram que ser reconhecidas como americanas, compostas pelo sangue indígena e em igual proporção pelo do conquistador, modificado pelo meio americano e detentor de novos valores. Para poder sobreviver, o conquistador teve que seguir o ritmo da história andina, como a cultura andina que teve que assimilar mudanças pela mesma razão. Contudo, a cultura neoandina não foi formada de maneira homogênea, pois teve um ritmo andino mais acentuado em alguns aspectos que em outros: algumas vezes foram dominantes os valores incas e reprimidos os dos espanhóis, outras vezes, a situação se apresentou ao contrário.

Os elementos ocidentais trazidos pelo colonizador acrescentavam à paisagem e introduziam novos elementos ideológicos e simbólicos. Dessa forma, o novo índio ingressou em outro mundo, que, engrandecendo seu mundo tradicional, dilatou-o para o infinito em possibilidades futuras mais que em realidades presentes. A colônia não havia gerado ainda o tipo completo do novo índio. Esse estava ainda que por construir-se e foi fruto do porvir quando o inca e o colonizador foram totalmente modificados ao ritmo da cultura moderna. Foi interessante observar que a recuperação da identidade indígena se plasmou no novo índio não como um regresso ao passado, mas, sim, como uma afirmação para a modernidade, reconhecendo e processando as mudanças que as novas circunstâncias históricas colocaram.

A nova identidade indígena, mais que um fato isolado ou uma postura individual, se apresentou como um movimento, uma promessa coletiva que, transcendendo as demarcações geográficas, encontrou na consciência racial um elemento articulador. Luis Valcárcel, em uma conferência proferida na Universidade de Arequipa, em 22 de janeiro de 1927, nos descreve essa postura:

“Quais são os propósitos que abriga o novo índio? Porque não se trata mais da inclusão isolada de indivíduos aborígenes no compacto mestiço-europeu: é a massa infra-humana,

*dez milhões de índios no Peru, Bolívia e Argentina, que volta a construir grupos sociais conexos, que busca a luz e descobre na caverna interior o fogo perdido da consciência racial.*¹⁸⁵

Esse novo movimento não se apresentou unicamente como um fenômeno cultural, mas também como um movimento político capaz de desenvolver um programa comum, uma luta coletiva:

*“Qual programa formulou a vanguarda nativa do movimento pan-indianista? (...) Antes de tudo, os novos índios readquirirão rotundamente sua qualidade de seres humanos; proclamarão seus direitos; retomarão o fio rompido de sua história para restabelecer as instituições cardeais do Inkário.”*¹⁸⁶

Ao mesmo tempo, essa luta coletiva só pôde ser levada adiante pelo próprio índio, que se fez redescoberto em si mesmo a partir de suas raízes, mas plenamente consciente do novo momento histórico:

*“O novo índio se descobriu a si próprio. Quem, senão ele, resolverá seu problema? Quem, senão ele, encontrará o caminho que o conduza ao mundo sombrio de sua consciência milenar? O problema indígena será solucionado pelo próprio índio.”*¹⁸⁷

Essa nova identidade indígena expressou-se também em novas manifestações culturais e estéticas. Uma citação a propósito da obra do pintor argentino Guillermo Buitrago nos apresenta a busca de uma arte nova.

“Durante meses de residência na Bolívia e em Cusco, Buitrago dedicou sua energia inteligente, por um lado, a estudar o passado, o pretérito, e, por outro, a compreender o presente histórico dos povos aimará e quéchua, para, com gênio criador, conciliá-los em uma concepção artística que, a nosso ver, pelas suas possibilidades, abre a chave do verdadeiro sentido

185. Luis Valcárcel. “El problema indígena”. *Amauta*, n° 7, março de 1927, pp. 2-4.

186. Luis Valcárcel. “El problema indígena”. *Amauta*, n° 7, março de 1927, pp. 2-4.

187. Luis Valcárcel. “El problema indígena”. *Amauta*, n° 7, março de 1927, pp. 2-4.

*que deve seguir a arte atual da América. (...) A obra de Buitrago (...) revela a intenção de retornar aos fundamentos de uma arte verdadeiramente americana da Nova América, que já não é simplesmente a América dos incas em corpo nem em alma. (...) Nossa sensibilidade, nossa espiritualidade, o sentido de nossa vida e até a paisagem que nos rodeia são distintos (...) Portanto, nossa arte não pode ser uma cópia do passado, tem que surgir do presente, produzir-se naquilo que estamos vivendo.*¹⁸⁸

É interessante destacar também a visão romântica da redimensão indígena, por ter constituído historicamente uma fonte permanente de afirmação e um elemento mobilizador dos movimentos políticos indígenas na América Latina. A seguinte citação tomada de um conto de Valcárcel publicado na *Amauta* representou um exemplo muito rico dessa visão. Tratava-se de uma idealização da cultura e das instituições indígenas, onde o índio foi considerado a “raça ressurgida” para libertar-se da escravidão e da opressão. Do mesmo modo que Manco Capac e Mama Oello emergiram do lago Titicaca para fundar o Império Inca, o novo índio emergiu para liberar a sua raça da escravidão.

*“A escola sustenta-se pelo ayllu: todos concorreram para edificá-la, todos também a apoiam como pressentindo que dali sairão os Índios Novos, nunca mais escravos. A escola nova é o berço da Raça ressurgida. Trezentas, trezentas e cinquenta escolas de índios e para índios espalham-se na altiplanície ilimitada. (...) A escola fiscal é um convencionalismo; o preceptor fiscal, uma vaga suposta. O índio, onde exista uma escola “sua”, não frequenta mais a do mestre mestiço e desclassificado que continua a tratá-lo como servo. Foge das casinhas sujas que o Estado chama pomposamente de Escola Fiscal número 10589, Centro Escolar número 5432...”*¹⁸⁹

188. Roberto Latorre. “Marginalia: Los nuevos indios”. *Amauta*, n° 24, junho de 1929, pp. 93-94.

189. Luis Valcárcel. “Los nuevos indios”. *Amauta*, n° 9, maio de 1927, pp. 3-4.

d) Os Andes como espaço geográfico e cidade histórica

Os Andes se apresentam em toda sua dimensão telúrica não só como um espaço geográfico, mas como unidade histórica que articulou uma civilização e que teve no Império Inca seu momento mais importante¹⁹⁰. Ao mesmo tempo, a continuidade do valor histórico dos Andes se apresentou como a base para que a cultura posterior, neoandina, mantivesse contato com o passado inca. Os Andes, como espaço geográfico de grande imponência, representou um desafio constante para os homens que o habitaram e foi capaz de despertar não só no colonizador, senão no homem americano, de Túpac Amaru a Bolívar, o sentido heroico mais profundo. Como sustentou Uriel García¹⁹¹, os Andes foram para o conquistador um cenário totalmente novo, convertendo-se em um enérgico estímulo externo para o desenvolvimento e a grandeza da ação dominadora e possessiva do projeto colonizador das índias. Em um meio menos imponente e desafiante, a audácia aventureira do conquistador não conseguiria sair do anonimato nem teria adquirido a importância histórica da dimensão da conquista.

e) A Raça

A ideia de raça surgiu como síntese da condição étnica e espaço geográfico. A raça indígena foi então o índio arraigado em seu meio, em seu espaço, nos Andes e em todos os países que esse abarcava. A raça indígena surgiu como síntese de todas as variedades étnicas no *habitat* peruano. Vejamos o seguinte texto de Valcárcel:

“O advento da Raça insurgente tem apenas duas alternativas: significará ou a cegueira da destruição, a demoníaca luta de raças, ou a evolução criadora com término no Pacto ou Contractus, estabilizador vital de todas as variedades étnicas

190. Uriel García. “El nuevo indio”. *Amauta*, n° 8, abril de 1927, pp. 19-20.

191. Uriel García. “El nuevo indio”. *Amauta*, n° 8, abril de 1927, pp. 19-20.

*assentadas no habitat peruano. Os trabalhadores intelectuais estamos obrigados a buscar a segunda solução.*¹⁹²

Vejamos também o texto de José Bejarano que, no mesmo sentido que Valcárcel, discute a “raça insurgida”, destacando o dinamismo das massas populares indígenas como elemento potencial de liberação.

*“No momento histórico atual, a promessa mais alentadora do futuro de nossa raça é que o dinamismo inconsciente de nossas massas populares tem uma só origem e um só objetivo; no fundo do nosso peito, reconhecemos como uma grande verdade incontroversa as palavras proféticas de que: “Pela nossa raça, falará o espírito.” Os países que imprópriamente se chamam latino-americanos e que, desde o descobrimento da América, foram subjugados material e espiritualmente, passaram quatro séculos de dominação despótica, que foi o casulo do qual agora emerge a alada borboleta do nosso espírito.*¹⁹³

José Vasconcelos, o mestre e pensador mexicano autor do livro *La raza cósmica*, texto que mereceu uma resenha no número 2 de *Amauta*, proclamou que a missão da raça latina na América era ganhar a fusão dos povos e das culturas para trazer um novo tipo étnico a todos os homens, animados por um alento cósmico de fraternidade humana. Os trópicos, por sua grande concentração de riquezas naturais, constituirão o espaço onde se desenvolverá uma civilização esplendorosa, quando o homem descobrir os meios para combater seus excessos atraindo homens de todas as raças e de todas as virtudes, preparando dessa forma a luta precursora para a produção de um homem superior.

A “raça cósmica”, como cadinho de todas as etnias latino-americanas, tem em suas mãos a tarefa libertadora, e só na medida em que essa se cumprir se poderá construir o homem superior. A *raza insurgida* abrirá passo, então, para a raça cósmica. Como assinalou Valcárcel no

192. Luis Valcárcel. “El problema indígena”. *Amauta*, n° 7, março de 1927, pp. 2-4.

193. José Bejarano “Tengamos fé en nuestra raza”. *Amauta*, n° 13, março de 1928, pp. 32-33.

texto seguinte, o protesto e o grito unânimes se converterão nos portavozes cósmicos dos Andes.

*“De todas as partes sai o grito uniforme. Os homens da montanha e da planície, do vale profundo e do cume ululam o grito único. Lançam-no ao céu como uma seta vibrante e sonora. Não se ouve outro clamor, como se todos os homens fossem aptos a emitir apenas essa única vibração vocal. “Deixem-nos viver!” É a raça forte, rejuvenescida pelo contato com a terra, que reivindica seu direito à ação. Jazia sob o peso esmagador da velha cultura estranha. Aprisionada na armadura férrea do conquistador, a pujante energia da alma aborígene se consumia. Estoura o protesto, e o grito unânime ressoa de cume a cume até se tornar o clamor cósmico dos Andes.”*¹⁹⁴

f) As nacionalidades americanas

A presença do índio como grupo humano majoritário em grande parte dos países do continente americano foi reconhecida como o elemento básico para a constituição das nacionalidades americanas.

*“Quatro quintos da população total do Peru são constituídos por lavradores indígenas. Bolívia, Equador, Colômbia, metade da Argentina compõem a coletividade agrária dos Andes. Os problemas dessa coletividade andina são comuns a outros países, como Venezuela, Brasil, México, América Central e Antilhas. Uma forte porcentagem dos habitantes da raça aborígene forma o elemento básico das nacionalidades americanas.”*¹⁹⁵

A problemática indígena se apresentou também em sua dimensão nacional, na medida em que o índio, que constituía a população majoritária do Peru, se encontrou limitado em sua condição de cidadão. Ainda

194. Luis Valcárcel. “Tempestad en los Andes”. *Amauta*, n° 1, setembro de 1926, pp. 2-4.

195. Luis Valcárcel. “Tempestad en los Andes”. *Amauta*, n° 1, setembro de 1926, pp. 2-4.

quando o sistema legal lhe conferiu igualdade jurídica diante seus opressores, a situação de fato e a de costume despojou o índio de todos os seus direitos e reservou-lhe só as obrigações.¹⁹⁶ Dessa maneira, o problema indígena passou a ser também o problema da construção da nação peruana.

5.5) A revista como síntese da teoria e da prática

A revista *Amauta* foi, ao nosso entender, uma síntese entre o exercício teórico de Mariátegui e sua *práxis* política e cultural. Recusou-se a ser “uma diversão ou um jogo de intelectuais puros” e declarava-se professor “uma ideia histórica”, uma “fé ativa e multitudinária” obedecendo a um movimento social contemporâneo¹⁹⁷. Constituiu um espaço articulador de um movimento cultural que marcou profundamente um momento histórico fundamental no pensamento social peruano e na formação da esquerda peruana. A polêmica que abriu em suas páginas acabou por se desdobrar no ambiente peruano e latino-americano articulando um debate continental sobre os grandes temas que constituem, até nossos dias, elementos centrais de um projeto ainda por construir.

Comentários finais

O resultado da presente investigação indicou claramente que a riqueza da obra e do pensamento de Mariátegui não se esgota em uma dissertação de mestrado. Faz-se necessário muito mais tempo para aprofundar e explorar as múltiplas dimensões e desdobramentos do tema. Na exposição, tivemos a intenção de deixar claro, contudo, a densidade e complexidade da temática, cujas implicações não são só políticas, mas também econômicas, culturais, filosóficas e ideológicas.

A obra de Mariátegui, que a revista *Amauta* refletiu, teve uma dimensão múltipla que nos propusemos a explorar na investigação. Em primeiro lugar, teve uma dimensão cultural e educacional, que se ex-

196. Luis Valcárcel. “Tempestad en los Andes”. *Amauta*, n° 1, setembro de 1926, pp. 2-4.

197. Editorial de *Amauta*, n°17, setembro de 1928.

pressou em sua visão da imprensa e no projeto editorial que construiu quando do seu regresso ao Peru. Em segundo lugar, teve uma dimensão política, que se viu refletida na construção do movimento sindical peruano, que teve como um de seus momentos mais importantes a criação da Central Geral de Trabalhadores do Peru – CGTP e a fundação do Partido Socialista Peruano. Em terceiro lugar, uma dimensão teórica, que buscou compreender a realidade peruana e latino-americana através da apropriação do marxismo, usado como uma matriz teórica, e uma profunda preocupação pelos aspectos específicos e pelas características particulares dessa realidade. O geral e o abstrato tomaram uma nova dimensão no específico e no concreto, e ao mesmo tempo, o concreto se enriqueceu a partir do geral. Sua produção teórica teve momentos importantes no tratamento do problema indígena, na estratégia e tática para a construção do socialismo no Peru, no sentido da revolução na América Latina, no conteúdo de luta anti-imperialista e na questão nacional. Isso além de seus trabalhos de crítica literária e artística, que abriram uma nova vertente de investigação a respeito de sua obra e que deixamos de lado na presente dissertação, dando-o apenas como um caráter referencial.

Esse esforço teórico e pedagógico de investigação, estudo e difusão que se plasmou no desenvolvimento de um projeto nacional sob o comando dos setores sociais, que constituíram as forças transformadoras de nossas sociedades, foi um elemento de absoluta atualidade. Isso permitiu que nosso trabalho, apesar de suas limitações, ajudasse a dimensionar e debater as tarefas que estão ainda pendentes não só no Peru, senão também na América Latina. Grande parte desse esforço servirá de fundamento e ponto de partida para próximas investigações ligadas à história política da América Latina, do pensamento social latino-americano e da relação entre comunicação e política como tema mais global.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES

Fontes primárias

Amauta, revista mensual de literatura, arte y polémica. Edição em *fac-símile*, de 1926 a 1930. Lima: Empresa Editora Amauta S.A., 1976. A reimpressão completa dos 32 números da revista *Amauta*, em sua versão e formato original de *fac-símile*, de setembro de 1926 a agosto de 1930.

Labor, quincenario de información e ideas. Terceira edição em *fac-símile*. Nº 1 ao 10. Lima: Empresa Editora Amauta, 1995. A reimpressão completa dos dez números da revista *Labor* em sua versão e formato original em *fac-símile*, de novembro de 1928 a setembro de 1929.

Nuestra Epoca, revista política y literaria. Dirigida por José Carlos Mariátegui. Edição em *fac-símile*. Lima: Empresa Editora Amauta, 1918.

Revista Claridad, órgão da Federação Operária de Lima e da Juventude Livre do Peru 1923-1926. Edição em *fac-símile*. Lima: Empresa Editora Amauta, 1994.

Obras de Mariátegui

MARIÁTEGUI, José Carlos. “Cartas desde Italia”. In: *Mariátegui Total, edición conmemorativa del centenario del nacimiento de José*

- Carlos Mariátegui*. Tomo I. Lima: Empresa Editora Amauta, 1994, pp. 733-826.
- _____. “Correspondencia, 1915-1930”. In: *Mariátegui Total, edición conmemorativa del centenario del nacimiento de José Carlos Mariátegui*. Tomo I. Lima: Empresa Editora Amauta, 1994, pp. 1571-2095.
- _____. “Crónicas”. In: *Mariátegui Total, edición conmemorativa del centenario del nacimiento de José Carlos Mariátegui*. Tomo II. Lima: Empresa Editora Amauta, 1994, pp. 2269-2387.
- _____. “Defensa del marxismo”. In: *Mariátegui Total, edición conmemorativa del centenario del nacimiento de José Carlos Mariátegui*. Tomo I. Lima: Empresa Editora Amauta, 1994, pp. 1285-1346.
- _____. “El alma matinal y otras estaciones del hombre de hoy”. In: *Mariátegui Total, edición conmemorativa del centenario del nacimiento de José Carlos Mariátegui*. Tomo I. Lima: Empresa Editora Amauta, 1994, pp. 487-725.
- _____. “Escritos juveniles, la edad de piedra: poesía, cuento, teatro”. In: *Mariátegui Total, edición conmemorativa del centenario del nacimiento de José Carlos Mariátegui*. Tomo II. Lima: Empresa Editora Amauta, 1994, pp. 2109-2265.
- _____. “Entrevistas, crónicas y otros reportajes”. In: *Mariátegui Total, edición conmemorativa del centenario del nacimiento de José Carlos Mariátegui*. Tomo II. Lima: Empresa Editora Amauta, 1994, pp. 2391-2557.
- _____. “Figuras y aspectos de la vida mundial”. In: *Mariátegui Total, edición conmemorativa del centenario del nacimiento de José Carlos Mariátegui*. Tomo I. Lima: Empresa Editora Amauta, 1994, pp. 1025-1282.
- _____. “Historia de la crisis mundial”. In: *Mariátegui Total, edición conmemorativa del centenario del nacimiento de José Carlos Mariátegui*. Tomo I. Lima: Empresa Editora Amauta, 1994, pp. 833-918.

- _____. “Ideología y política”. In: *Mariátegui Total, edición conmemorativa del centenario del nacimiento de José Carlos Mariátegui*. Tomo I. Lima: Empresa Editora Amauta, 1994, pp. 163-276.
- _____. “La escena contemporánea”. In: *Mariátegui Total, edición conmemorativa del centenario del nacimiento de José Carlos Mariátegui*. Tomo I. Lima: Empresa Editora Amauta, 1994, pp. 925-1017.
- _____. “La novela y la vida”. In: *Mariátegui Total, edición conmemorativa del centenario del nacimiento de José Carlos Mariátegui*. Tomo I. Lima: Empresa Editora Amauta, 1994, pp. 1355-1397.
- _____. “Peruanicemos al Perú”. In: *Mariátegui Total, edición conmemorativa del centenario del nacimiento de José Carlos Mariátegui*. Tomo I. Lima: Empresa Editora Amauta, 1994, pp. 283-351.
- _____. “7 ensayos de interpretación de la realidad peruana”. In: *Mariátegui Total, edición conmemorativa del centenario del nacimiento de José Carlos Mariátegui*. Tomo I. Lima: Empresa Editora Amauta, 1994, pp. 5-156.
- _____. “Temas de educación”. In: *Mariátegui Total, edición conmemorativa del centenario del nacimiento de José Carlos Mariátegui*. Tomo I. Lima: Empresa Editora Amauta, 1994, pp. 357-403.
- _____. “Temas de nuestra América”. In: *Mariátegui Total, edición conmemorativa del centenario del nacimiento de José Carlos Mariátegui*. Tomo I. Lima: Empresa Editora Amauta, 1994, pp. 411-481.
- _____. “Voces”. In: *Mariátegui Total, edición conmemorativa del centenario del nacimiento de José Carlos Mariátegui*. Tomo II. Lima: Empresa Editora Amauta, 1994, pp. 2563-3361.

Outras fontes

- BELAUNDE, Víctor Andrés. *La realidad nacional*. Lima: Siglo XXI Ediciones, 1984.
- CODOVILLA, Victorio. *Escritos y discursos seleccionados con motivo de su 60 Aniversario*. Buenos Aires: Editorial Anteo, 1954.
- GONZALEZ PRADA, Manuel. *Antología*. Lima: Promoción Editorial Inca S.A. (PEISA), colección Biblioteca Peruana, 1975.
- GONZALEZ PRADA, Manuel. *Horas de Lucha*. Lima: PEISA, 1989.
- HAYA DE LA TORRE, Víctor Raúl. “Por la Emancipación de América latina”. *Obras completas*, vol. I. Lima: Juan Mejía Baca, 1984, pp. 5-142.
- _____. “Ideario y acción aprista”. *Obras completas*, vol. I. Lima: Juan Mejía Baca, 1984, pp.153-203.
- _____. “Testimonios y mensajes”. *Obras completas*, vol. I. Lima: Juan Mejía Baca, 1984, pp. 219-442.
- _____. “Construyendo el aprismo”. *Obras completas*, vol. II. Lima: Juan Mejía Baca, 1984, pp. 5-78.
- _____. “¿A dónde va Indo América?” *Obras completas*, vol. II. Lima: Juan Mejía Baca, 1984, pp. 87-337.
- _____. “Impresiones de la Inglaterra imperialista y la Rusia Soviética”. *Obras completas*, vol. II. Lima: Juan Mejía Baca, 1984, pp. 347-474.
- _____. “Excombatientes y desocupados”. *Obras completas*, vol. III. Lima: Juan Mejía Baca, 1984, pp. 5-229.
- _____. “Mensaje de la Europa Nórdica”. *Obras completas*, vol. III. Lima: Juan Mejía Baca, 1984, pp. 237-447.
- _____. “El antiimperialismo y el APRA”. *Obras completas*, vol. IV. Lima: Juan Mejía Baca, 1984, pp. 5- 219.
- _____. “La defensa continental”. *Obras completas*, vol. IV. Lima: Juan Mejía Baca, 1984, pp. 235-358.
- _____. “Espacio – tiempo – histórico”. *Obras completas*, vol. IV. Lima: Juan Mejía Baca, 1984, pp. 373-501.
- _____. “Política aprista”. *Obras completas*, vol. IV. Lima: Juan Mejía Baca, 1984, pp. 5-151.

- _____. “El proceso de Haya de la Torre”. *Obras completas*, vol. IV. Lima: Juan Mejía Baca, 1984, pp. 165-237.
- _____. “El proceso”. *Obras completas*, vol. IV. Lima: Juan Mejía Baca, 1984, pp. 247-315.
- _____. “Discursos”. *Obras completas*, vol. IV. Lima: Juan Mejía Baca, 1984, pp. 331-487.
- INTERNACIONAL COMUNISTA. *VI Congreso de la Internacional Comunista: Informes y discusiones*. Cuadernos de Pasado y Presente. México: Editorial Siglo XXI, 1978.
- INTERNACIONAL COMUNISTA. *VI Congreso de la Internacional Comunista: Tesis, manifiestos y resoluciones*, Cuadernos de Pasado y Presente. México: Editorial Siglo XXI, 1978.
- PRIMERA CONFERENCIA COMUNISTA LATINOAMERICANA. *El movimiento revolucionario latinoamericano*. Buenos Aires: Editorial Revista La Correspondencia Sudamericana, junho de 1929.
- REVISTA DE FILOSOFIA, CULTURA, CIENCIAS Y EDUCACIÓN. Ano XII: n° 1, 4. Ano XIII: n° 1, 4, 5, 6. Ano XIV: n° 1, 4. Buenos Aires, 1926 a 1927. Revista fundada por José Ingenieros e dirigida por Aníbal Ponce.

Bibliografía consultada

- ABRIL, Xavier. “Homenaje al cincuentenario de *Amauta*”. *Anuario Mariateguiano*, vol. II, n° 2, 1990, pp. 81-84.
- ADRIANZEN, Alberto. “Tragedia e ironía del socialismo peruano”. *Pretextos*, ano I, n°1, agosto 1990, pp. 7-21.
- AGUILAR, José Antonio y ROJAS, Rafael (organizadores). *El republicanismo en Hispano América: ensayos de historia intelectual y política*. México: Fondo de Cultura Económica y Centro de Docencia e Investigación económicas, 2002.
- ALARCO, Luis Felipe. *Tres autores: José Carlos Mariátegui, José María Arguedas, Martín Adán*. Lima: Amauta, 1995, 123 pp.

- ALARCO, Luis Felipe; DUSSEL, Enrique; QUIJANO Anibal; PRADO, Raimundo e FERNÁNDEZ DIAZ, Oswaldo. *El marxismo de José Carlos Mariátegui*. V Congreso Nacional de Filosofía, realizado em 2 de agosto de 1994. Lima: Universidad de Lima/ Amauta, 1995.
- ALCIBÍADES, Mirla. “La teoría y la crítica literaria en América Latina: Significación y vigencia de José Carlos Mariátegui”. *Anuario Mariateguiano*, vol. VI, n° 6, 1994, pp. 209-214.
- _____. “José Carlos Mariátegui y los orígenes de la ciencia literaria en América Latina”. *Anuario Mariateguiano*, vol. IV, n° 4, 1992, pp. 29-60. =
- ALDERETE, Mario *et al.* *Mariátegui, historia y presente del marxismo en América Latina*. Buenos Aires: Fundación de Investigaciones Sociales y Políticas, 1995.
- ALIMONDA, Héctor. “Mariátegui y las vanguardias, la tradición y la modernidad”. *Anuario Mariateguiano*, vol. VI, n° 6, 1994, pp. 88-95.
- ALMEIDA, Jaime de. “Tributo a Juan Croniqueur”. *Anuario Mariateguiano*, vol. VII, n° 7, 1995, pp. 244-252.
- ALVES, Aluísio Filho. “Acerca do ‘modo de produção das ideias’ na América Latina”. *Revista Achegas*, n° 19, set.-out. de 2004.
- ANDERLE, Adám. “Mariátegui y Perú en la historiografía húngara”. *Anuário Mariateguiano*, vol. VI, n° 6, 1994, pp. 243-248.
- ANGVIK, Birger. “La ausencia de la forma, relectura de ‘El proceso de la literatura’ de José Carlos Mariátegui”. *Anuario Mariateguiano*, vol. VII, n° 7, 1995, pp. 220-243.
- AQUINO, Emigdio. *José Carlos Mariátegui y el problema nacional*. México: Unión de Universidades de América Latina-UDUAL, 1997, 236 pp.
- ARBOLEYDA, Ruth y VAZQUEZ LEON, Luis Y. E. “Mariátegui y el indigenismo revolucionario peruano”. *Cuadernos de los Centros Regionales Norte-Centro*. México: Instituto Nacional de Antropología e Historia, 1972, p. 25

- ARCE ZAGACETA, Manuel. *Mariátegui, frente al reto de la pobreza: hacia un proyecto nacional de peruanización*. Lima: Empresa Editora Amauta, 1995.
- ARICÓ, José. “José Carlos Mariátegui y los orígenes de la ciencia literaria “Mariátegui y la formación del Partido Socialista en el Perú”. *Socialismo y Participación*, nº 11, 1980, pp. 139-167.
- _____. “José Carlos Mariátegui y los orígenes de la ciencia literaria. 1917 y América Latina”. *Pretextos*, nº 2, 1991, pp. 42-54.
- _____. (seleção e prólogo). *Mariátegui y los orígenes del marxismo latinoamericano*. 60 Cuadernos del Pasado y Presente. México: Siglo XXI, 1978.
- _____. “Marxismo e indigenismo”. In: CASETA, Giovanni: *Mariátegui, il socialismo indoamericano, il pensiero político e gli apporti de la cultura italiana*. Milão: Angeli, 1996.
- ARROYO REYES, Carlos. “Entre el incaismo modernista y Rumi Maqui: el joven Mariátegui y el descubrimiento del indio”. *Anuario Mariateguiano*, vol. XI, nº 11, 1999, pp. 43-61.
- _____. “Mariátegui y el colonidismo. Notas sobre la revuelta literaria de 1916”. *Anuario Mariateguiano*, vol. X, nº 10, 1998, pp. 266-270.
- _____. “El peso de la historia: La polémica entre Mariátegui y Aguirre Morales sobre el comunismo incaico”. *Anuario Mariateguiano*, vol. VI, nº 6, 1994, pp. 287-292.
- BAINES, John. *Revolution in Peru: Mariátegui and the myth*. Alabama: The University of Alabama Press, 1972, p. 206.
- BALLON AGUIRRE, Enrique. “Valores y valencias en la narrativa de José Carlos Mariátegui”. *Anuario Mariateguiano*, vol. VI, nº 6, 1994, pp. 145-168.
- BARBA CABALLERO, José. *Haya de la Torre y Mariátegui frente a la historia*. Lima: Amauta, 1978, p. 271.
- BARONOV, David. “Historiografía marxista y subalternidad”. *Anuario Mariateguiano*, vol. X, nº 10, 1998, pp. 169-194.
- BASADRE, Jorge. *La Historia de la República del Perú*. Lima: Editorial Universitaria, 1968.

- BASSOLS BATALLA, Narciso. *Marx y Mariátegui*. México: Ediciones El Caballito, 1985.
- BAZAN, Armando. *Biografía de José Carlos Mariátegui*. Santiago de Chile: Editora Zig-Zag, 1939.
- BECKER, Marc. "La presencia intelectual de Mariátegui en los Estados Unidos en los años 20". *Anuario Mariateguiano*, vol. VI, n° 6, 1994, pp. 255-269.
- _____. *Mariátegui and latin american marxist theory*. Ohio: Athens, Ohio University Center for International Studies, 1993, 214 pp.
- BEIGEL, Fernanda. Un portavoz, una revista y una vanguardia: "El proyecto de José Carlos Mariátegui y la periodización de la revista *Amauta*". *Anuario Mariateguiano*, vol. X, n° 10, 1998, pp. 100-121.
- _____. *El vanguardismo estético-político e José Carlos Mariátegui*. Buenos Aires: Editorial Biblos, 2003.
- BEJAR, Héctor. "Vigencia y cambio: ensayando una interpretación de José Carlos Mariátegui". *Anuario Mariateguiano*, vol. VII, n° 7, 1995, pp. 50-66.
- BIAGINI, Hugo; ARDISSONE, Elena. *La Revista de Filosofía (1915-1929): estudios e índices analíticos*. Buenos Aires: Academia Nacional de Ciencias de Buenos Aires, 1984.
- BOSI, Alfredo. "La vanguardia enraizada, el marxismo vivo en Mariátegui". *Anuário Mariateguiano*, vol. IV, n° 4, 1992, pp. 93-101.
- BRUCKMANN, Monica. "Apuntes sobre el método de la economía política de Marx". *Revista Acheegas*, n°18, jul.-ago. 2004.
- BRUCKAMANN, Monica e DOS SANTOS, Theotonio. "Os movimentos sociais na América Latina: um balanço histórico". In: BRUCKMANN, Mónica (org.); DOS SANTOS, Theotonio (org.); MARTINS, Carlos E. (org.). *Países emergentes e os novos caminhos da modernidade*. Brasília: UNESCO-Brasil, 2008. V.1, 311 pp.
- CACERES VALDIVIA, Eduardo. "Subjetividad e historia: Las múltiples dimensiones de lo histórico en Mariátegui". *Anuario Mariateguiano*, vol. X, n° 10, 1998, p. 79-85.

- CARNERO CHECA, Genaro. *La acción escrita: José Carlos Mariátegui Periodista*. Lima: Empresa Editora Amauta, 1981.
- CASALS, Juan Manuel. *Mariátegui, el socialismo indoamericano*. Uruguay: Proyección. 1992, 192 pp.
- CASSETTA, Giovana. “Mariátegui: México y su revolución”. *Anuario Mariateguiano*, vol. VI, n° 6, 1994, pp. 104-124.
- CHANG RODRÍGUEZ, Eugenio. *La literatura política, de González Prada, Mariátegui y Haya de la Torre*. México: Ediciones de Andrea, 1957, 436 pp.
- _____. *Poética e ideología en José Carlos Mariátegui*. Madri: Editorial José Porrúa Turanzas. 1983, 238 pp.
- _____. “Mariátegui y Sánchez en la redefinición del indigenismo”. *In: Narradores latinoamericanos 1929-1979*, Tomo II. Caracas: Ediciones del Centro de Estudios Latinoamericanos Rómulo Gallegos, 1980, 327 pp.
- _____. “Notas sobre la estética de Mariátegui”. *Anuario Mariateguiano*, vol. VII, n° 7, pp. 272-275. Lima: Empresa Editora Amauta, 1995.
- CHAVARRIA, Jesús. *José Carlos Mariátegui and the rise of modern Peru. 1890-1930*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1979, 247 pp.
- CHETVERIKOVA, O. “Mariátegui sobre la formación de la conciencia de clase del Proletariado”. *Tercer Seminario Internacional: Mariátegui, unidad de pensamiento y acción*. Lima: Ediciones Unidad, 1986.
- CLÉMENT, Jean-Pierre. “La feudalidad en el Perú colonial según José Carlos Mariátegui”. *In: FORGUES, Roland (ed.). Mariátegui: una verdad actual siempre renovada*. Lima: Empresa Editora Amauta, 1994.
- COLOQUIO INTERNACIONAL convocado por la Casa de las Américas en La Habana del 18 al 21 de julio de 1994. Lima/La Habana: Empresa Editora Amauta /Casa de las Américas, 1995.

- CORNEJO POLAR, Antonio. "Indigenismo and heterogeneous literatures: their dual socio-cultural logic". *Journal of Latin American Cultural Studies*, vol. 7, n°1, junho de 1998, pp. 15-27.
- _____. "Mariátegui". In: Rolland FORGUES (comp.). *Mariátegui, una verdad actual siempre renovada*. Lima: Amauta, 1994.
- _____. "Mariátegui: la pasión por la literatura". *Quehacer*, n°89, 1994, pp. 53-57.
- _____. "Mariátegui y su propuesta de una modernidad de raíz andina". *Anuário Mariateguiano*, vol. V, n° 5, 1993, pp. 58- 63.
- CORONADO, Jaime. "Mariátegui y la reflexión política en América Latina: Un nuevo comienzo". *Anuario Mariateguiano*, vol. IX, n° 9, 1997, pp. 167-188.
- CROES, Hemmy. "José Carlos Mariátegui, la pasión de una vida dedicada a la causa del proletariado". *Tercer Seminario Internacional: Mariátegui, unidad de pensamiento y acción*. Lima: Ediciones Unidad, 1986.
- CRUZ LEAL, Petra-Iraides. "Hacia el vanguardismo peruano: prehistoria y perfil de *Amauta*". *Hispamerica*, ano 23, n° 68, ago 1994, pp. 21-48.
- D'ALLEMAND, Patricia. "Las contribuciones de Mariátegui a la crítica latinoamericana". *Anuario Mariateguiano*, vol. X, n° 10, 1998, pp. 93-118.
- _____. "Art and culture in the discourse of José Carlos Mariátegui". *Travesía, Journal of Latin American Cultural Studies*, vol. 3, n° 1-2 (n° especial), 1994, pp. 299-311.
- DEL PRADO, Jorge. "Del pensamiento a la praxis". *Anuario Mariateguiano*, vol. X, n° 10, 1998, pp. 257-259.
- DEPAZ TOLEDO, Zenón. "La categoría mito en la obra de Mariátegui". *Anuario Mariateguiano*, vol. III. n° 3, 1991, pp.32-55.
- DEVES VALDES, Eduardo. "La red de pensadores latinoamericanos de los años 1920 (relaciones y polémicas de Gabriela Mistral, Vasconcelos, Palacios, Ingenieros, Mariátegui, Haya de la Torre, "El

- Repertorio Americano” y otros más)”. *Boletín Americanista*, nº49, 1999, pp. 67-79.
- DIAZ, Augusto. “La creatividad marxista-leninista de José Carlos Mariátegui”. *Tercer Seminario Internacional: Mariátegui, unidad de pensamiento y acción*. Lima: Ediciones Unidad, 1986.
- DOS SANTOS, Theotonio y BAMBIRRA, Vânia. *La estrategia y la táctica socialistas de Marx y Engels a Lenin*. México: Era, 1981, 2 vol.
- DOS SANTOS, Theotonio. *Conceito de classes sociais*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- DUSSEL, Enrique. *El último Marx y la liberación latinoamericana*. México: Siglo XXI, 1990.
- _____. *Hacia un Marx desconocido: un comentario de los manuscritos del 61-63*. México: Siglo XXI, 1988.
- _____. *La producción teórica de Marx, un comentario a los Gründrisse*. México: Siglo XXI, 1998.
- _____. “El marxismo de Mariátegui como “filosofía de la revolución”. *Anuario Mariateguiano*, vol. VI, nº 6, 1994, pp. 249-254.
- ENCUENTRO INTERNACIONAL: *José Carlos Mariátegui y Europa, el otro aspecto del descubrimiento*. Lima: Ed. Amauta, 1993.
- ESCAJADILLO, Tomás. “Mariátegui: crítico literario anti-establishment”. *Anuario Mariateguiano*, vol. VII, nº 7, 1995, pp. 276-279.
- ESCORSIM, Leila. *Mariátegui: Vida e obra*. São Paulo: Expressão Popular, 2006, 316 pp.
- ESPINOZA MONTESINOS, Gustavo. *Mariátegui y el optimismo histórico*. Lima: s/editorial, 1994.
- FALCON, Jorge. *Educación y Cultura en Lenin-Mariátegui*. Lima: Ed. Amauta, 1981.
- _____. *Mariátegui: la Revolución Mexicana y el Estado anti-imperialista*. Lima: Ed. Amauta, 1980.
- _____. *Anatomía de los 7 Ensayos de Mariátegui*. 2ª edição. Lima: Ed. Amauta, 1985.

- _____. “Atanas Stoykov, cultor marxista de Mariátegui artista”. *Anuario Mariateguiano*, vol. II, n° 2, 1990, pp. 131-138.
- _____. *Mariátegui: Marx-marxismo, el productor y su producto*. Lima: Empresa Editora Amauta, 1983.
- _____. *José Carlos Mariátegui: Rememoración y ratificación en el sesenta aniversario de su fallecimiento 1930-1990*. Lima: Empresa Editora Amauta, 1990.
- FELL, Eve-Marie. “El tema de la educación peruana en *Amauta*”. In: FORGUES, Rolland (comp.). *Mariátegui, una verdad actual siempre renovada*. Lima: Amauta, 1994.
- FORGUES (comp.). *Mariátegui, una verdad actual siempre renovada*. Lima: Amauta, 1994.
- FERNANDES, Florestán. “Significado actual de José Carlos Mariátegui”. *Anuario Mariateguiano*, vol. VI, n° 6, 1994, pp. 81-87.
- FERNANDES, Florestán (coordinador) e BELLOTO, Manoel e CORREA, Ana María (organizadores). *José Carlos Mariátegui: Política. Colección Grandes Científicos Sociales*. Sao Paulo: Ática, 1982.
- FERNÁNDEZ DIAZ, Osvaldo. “Experiencia de una lectura de Mariátegui, hacia una hermenéutica específica”. In: FORGUES, Rolland (comp.). *Mariátegui, una verdad actual siempre renovada*. Lima: Amauta, 1994.
- _____. *Mariátegui y la experiencia del otro*. Lima: Empresa Editora Amauta, 1994.
- _____. “Para leer a Mariátegui, introducción a los criterios de una lectura”. *Anuario Mariateguiano*, vol. V, n° 5, 1993, pp. 76-81.
- FERNANDEZ RETAMAR, Roberto. “Mariátegui en el pensamiento actual de nuestra América”. *Anuario Mariateguiano*, vol. VI, n° 6, 1994, pp. 237-242.
- FERRARI, Américo. “La crítica literaria en la obra de José Carlos Mariátegui”. *Hispanamerica*, vol. 26, n° 76-77. 1997, pp. 5-17.
- FERREIRA S. Oliveiros. *Nossa América: Indoamérica*. São Paulo: Editorial da Universidade de São Paulo, 1971.

- FLORES GALINDO, Alberto. *La Agonía de Mariátegui*. 3ª edição. Lima: Instituto de Apoyo Agrario, 1989.
- FLORES GALINDO, Alberto e PORTOCARRERO GRADOS, Ricardo. *Invitación a la vida heroica, José Carlos Mariátegui textos esenciales*. Lima: Fondo Editorial del Congreso del Perú, 2005.
- FLOREZ, Nélica. “La mujer *Amauta*, presencia de la mujer en la obra de José Carlos Mariátegui”. *Anuario Mariateguiano*, vol. VII, n° 7, 1995, pp. 135-160.
- FORGUES, Roland. “Cuestión de método”. In: *Mariátegui, una verdad actual siempre renovada*. Lima: Amauta, 1994.
- _____. “Mariátegui y la peruanidad”. In: *Mariátegui, una verdad actual siempre renovada*. Lima: Amauta, 1994.
- _____. *Mariátegui, la utopía realizable*. Lima: Ed. Amauta, 1995.
- _____. “Mariátegui y la cuestión negra”. *Anuario Mariateguiano*, vol. VI, n° 6, 1994, pp. 135-144.
- FORGUES, Roland; DUMAS, Catherine e SUAREZ, Modesta (editores). *Mariátegui à livre ouvert*. Colloquio de Talence “Mariátegui à livre ouvert”, Talence, 1º e 2 de abril de 1994, Maison des Pays Ibériques. Bordeaux, 1995, 103 pp.
- FUNES, Patricia. “El pensamiento latinoamericano sobre la nación en la década de 1920”. *Boletín Americanista*, n° 49, abril de 1999.
- FRANCO Carlos. *Del marxismo eurocéntrico al marxismo latinoamericano*. Lima: Centro de Estudios para el Desarrollo y la Participación, 1981.
- FRITZ HAUG, Wolfgang. “Epílogo de la edición alemana de los 7 Ensayos de interpretación de la realidad peruana”. *Anuario Mariateguiano*, vol. II, n° 2, 1990, pp. 75-80.
- FÜSSEL, Kuno. “Introducción a la edición alemana de los 7 Ensayos de interpretación de la realidad peruana”. *Anuario Mariateguiano*, vol. II, n° 2, 1990, pp. 71-74.
- GAMMA, Francisca da. “La Internacional Comunista, Mariátegui y el descubrimiento del indígena”. *Anuario Mariateguiano*, vol. IX, n° 9, 1997, pp. 50-58.

- GARAYO URRUELA, Jesús María. “*El Ayllu* incaico y la transición de la sociedad peruana al socialismo en José Carlos Mariátegui”. *Anuario Mariateguiano*, vol. X, n° 10, 1998, pp. 35-74.
- GARCIA CACERES, Uriel. “El tema del mestizaje en las obras de José Carlos Mariátegui y de José Uriel García”. *Anuario Mariateguiano*, vol. VII, n° 7, 1995, pp. 267-271.
- GARCIA, Ramón. “Mariátegui y el Estado comuna”. *Anuario Mariateguiano*, vol. VI, n° 6, 1994, pp. 310-314.
- GARGUREVICH, Juan. “El ‘Círculo de Periodistas’, un breve discurso de Mariátegui”. *Anuario Mariateguiano*, vol. V, n° 5, 1993, pp. 183-188.
- GARRELS, Elizabeth. *Mariátegui y la Argentina: un caso de lentes ajenos*. Gaithersburg (MD-EUA): Ediciones Hispamerica, 1982, 142 pp.
- GAVRIKOV, Yuri. “Mariátegui, sobre el papel y el lugar del proletariado en la sociedad”. *Tercer Seminario Internacional: Mariátegui, unidad de pensamiento y acción*. Lima: Ediciones Unidad, 1986.
- GERMANA CAVERO, César. *Socialismo y democracia en el pensamiento de José Carlos Mariátegui*. Tese de doutorado, Universidad de Grenoble 3. Grenoble: 1992, 470 pp.
- _____. *El “Socialismo Indoamericano” de José Carlos Mariátegui proyecto de reconstitución del sentido histórica de la sociedad peruana*. Lima: Ed. Amauta, 1995.
- _____. “La concepción de la política en José Carlos Mariátegui”. *Anuario Mariateguiano*, vol. VI, n° 6, 1994, pp. 125-134.
- GIANNONI, Natalia. “Mariátegui y Gobetti: editores ideales”. *Anuario Mariateguiano*, vol. X, n° 10, 1998, pp. 260-265.
- GLADIEU, Marie-Madeleine. “Mariátegui y la Revolución Mexicana”. *Anuario Mariateguiano*, vol. VI, n° 6, 1994, pp. 308-310.
- GOICOCHEA, María Helena. “*Amauta*: Proyecto cultural de Mariátegui”. *Anuario Mariateguiano*, vol. V, n° 5, 1993, pp. 27-44.
- GONCHAROVA, Tatiana. *La creación heroica de José Carlos Mariátegui*. Lima: Empresa Editora Amauta, 1995.

- GONZALEZ CASANOVA, Pablo. “El estilo de Mariátegui (papel para un retrato)”. *Anuario Mariateguiano*, vol. III, n° 3, 1991, pp. 29-31.
- GONZALEZ VIGIL, Ricardo. “Mariátegui en la ruta de la ‘Nueva Narrativa’”. *Anuario Mariateguiano*, vol. VI, n° 6, 1994, pp. 187-195.
- GRAMSCI, Antonio. *Antología. Biblioteca del pensamiento socialista*. México: Editorial Siglo XXI, 1978.
- _____. *Cuadernos de la cárcel (1929-1935)*. México: Ediciones Era y Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, 1999.
- GUARDIA, Sara Beatriz. *El amor como acto cotidiano: Homenaje a Anna Chaiappe en el centenario del nacimiento de José Carlos Mariátegui*. Lima: Imprenta Minerva, 1994.
- _____. *José Carlos Mariátegui, una visión de género*. Lima: Empresa Editora Amauta, 1994.
- GUIBAL, Francis e IBÁÑEZ, Alfonso. *Mariátegui hoy*. Lima: Ediciones Tarea, 1987, 225 pp.
- _____. Mariátegui: “Legado y herencia”. *Anuario Mariateguiano*, vol. VI, n° 6, 1994, pp. 196-208.
- _____. “José Carlos Mariátegui ¿desde Europa?” *Anuario Mariateguiano*, vol. IX, n° 9, 1997, pp. 41-49.
- GUTIERREZ, Gustavo. “La Autonomía intelectual de Mariátegui”. *Anuario Mariateguiano*, vol. VII, n° 7, 1995, pp. 41-50.
- HERNANDEZ, Max. “Mariátegui ante el surrealismo”. *Anuario Mariateguiano*, vol. VII, n° 7, 1995, pp. 161-162.
- HINOJOSA, Iván. “El retorno de Mariátegui. (Después del diluvio)”. *Quehacer*, n° 88, 1994, pp. 87-91.
- HUAMAN, Miguel Angel. “José Carlos Mariátegui y la Universidad de San Marcos de Lima”. *Anuario Mariateguiano*, vol. VI, n° 6, 1994, pp. 340-342.
- _____. “Para vivir mañana: literatura y cultura indígenas en el pensamiento de Mariátegui”. *Anuario Mariateguiano*, vol. IV, n° 4, 1992, pp. 69-84.

- HUNEFELDT, Christiane. "Los negros y la esclavitud en las reflexiones de Mariátegui". *Anuario Mariateguiano*, vol. V, n° 5, 1993, pp. 82-88.
- IBÁÑEZ, Alfonso. "Mariátegui, los movimientos sociales y la democracia". *Anuario Mariateguiano*, vol. X, n° 10, 1998, pp. 73-78.
- _____. "Mariátegui, un marxista nietzscheano". *Espiral, Estudios sobre Estado y Sociedad*, vol. VIII, set.-dez. 2001, pp. 11-24.
- IGUIÑEZ ECHEVARRIA, Javier. "Persistencia de problemas y vigencia de Mariátegui: cuatro debates agrarios". *Anuario Mariateguiano*, vol. VI, n° 6, 1994, pp. 301-307.
- IMBERNON, José María. "Mariátegui y Haya de la Torre: actualidad de un debate". In: FORGUES, Roland (comp.). *Mariátegui, una verdad actual siempre renovada*. Lima: Amauta, 1994.
- JARAMILLO SALGADO, Diego. "Revalorización de la política. Lectura del discurso de Mariátegui". *Anuario Mariateguiano*, vol. X, n° 10, 1998, pp. 122-154.
- KAPSOLI, Wilfredo. *Mariátegui y los congresos obreros*. Lima: Biblioteca Amauta, 1980, 164 pp.
- KOSSOK, Manfred e outros. *Mariátegui y las Ciencias Sociales*. Lima: Ed. Amauta, 1982.
- _____. "José Carlos Mariátegui y su aporte al desarrollo de las ideas marxistas en el Perú". In: MELIS, Antonio; DESSAU, Adalbert e KOSSOK, Manfred. *Mariátegui, tres estudios*. Lima: Amauta, 1971, 147 pp.
- KLÜBER, Jürgen. "José Carlos Mariátegui y problemas de la revolución latinoamericana". *Tercer Seminario Internacional: Mariátegui, unidad de pensamiento y acción*. Lima: Ediciones Unidad, 1986.
- LAMBIE, George Robert. "Marxismo: ¿Una tecnología de la revolución o una filosofía de la praxis?, Un debate entre Max Eastman y José Carlos Mariátegui". *Anuario Mariateguiano*, vol. IV, n° 4, 1992, pp. 107-121.
- LASSUS, Jean-Marie. "La cuestión nacional en el centro de la polémica entre José Carlos Mariátegui y Luis Alberto Sánchez en 1927".

- In: FORGUES, Roland (comp.). Mariátegui, una verdad actual siempre renovada.* Lima: Amauta, 1994.
- LAVALLE, Bernard. “Mariátegui y el problema colonial en el siglo XX”. *In: FORGUES, Roland (comp.). Mariátegui, una verdad actual siempre renovada.* Lima: Amauta, 1994.
- LEIBNER, Gerardo. “Pensamiento radical peruano: González Prada, Zulen, Mariátegui”. *Estudios Interdisciplinarios de América Latina y el Caribe*, vol.8, nº1 (nº especial), 1997, pp. 111-128.
- _____. *El mito del socialismo indígena: fuentes y contextos peruanos de Mariátegui.* Lima: Fondo Editorial de la Pontificia Universidad Católica del Perú, 1999, 261 pp.
- LENIN, V. I. *¿Qué Hacer? Obras completas.* Tomo V. Buenos Aires: Editorial Cartago, 1959.
- LIPP, Salomón. “Perspectivas literarias en José Carlos Mariátegui”. *Anuario Mariateguiano*, vol. X, nº 10, 1998, pp. 231-235.
- LOPEZ ALFONSO, Francisco José (éitor). *Indigenismo y propuestas culturales: Belaúnde, Mariátegui y Basadre.* Alicante: Instituto de Cultura Juan Gil-Albert, Generalitat Valenciana, 1995, 192 pp.
- _____. “En el centenario de Mariátegui”. *Cuadernos Hispanoamericanos*, nº 531, 1994, pp. 6-18.
- LOPEZ LENCI, Yasmín. “El periodismo cultural de los años veinte y la construcción del sujeto vanguardista peruano”. *Anuario Mariateguiano*, vol. IX, nº 9, 1997, pp. 80-100.
- LOPEZ SORIA, José Ignacio. *Adiós a Mariátegui: Pensar el Perú en perspectiva postmoderna.* Lima: Fondo Editorial del Congreso del Perú, 2007, 188 pp.
- LÖWY, Michael (organizador). *O Marxismo na América Latina, uma antologia de 1909 aos dias atuais.* São Paulo: Editorial Perseu Abramo, 1999.
- _____. “Marxismo romântico”. *Anuario Mariateguiano*, vol. V, nº 5, 1993, pp. 155-159.

- _____. “Los intelectuales latinoamericanos y la crítica social de la Modernidad”. *Revista Casa de las Américas*, ano XXXIII, n° 191, abr.-jun. 1993, pp. 100-105.
- _____. “El marxismo romántico de Mariátegui”. *Márgenes*, vol. 1, n° 2, 1987, pp. 13-22.
- _____. *Por um socialismo indoamericano, José Carlos Mariátegui*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.
- LUNA VEGAS, Ricardo. “Problemas pendientes en la biografía definitiva de José Carlos Mariátegui”. *Tercer Seminario Internacional: Mariátegui, unidad de pensamiento y acción*. Lima: Ediciones Unidad, 1986.
- _____. *Mariátegui, Haya de la Torre y la verdad histórica*. Editorial Horizonte. Lima. 1988.
- _____. “Posibilidad del socialismo peruano según Mariátegui y Basadre”. *Anuario Mariateguiano*, vol. IV, n° 4, 1992, pp. 186-198.
- MANHEIM, Karl. *Ideología y Utopía*. Madri: Fondo de Cultura Económica, 1997.
- MARCHENA FERNÁNDEZ, Juan. *José Carlos Mariátegui*. Madri: Ediciones de Cultura Hispánica, 1988, 122 pp.
- _____. “Valdizán y Mariátegui”. *Anuario Mariateguiano*, vol. IV, n° 4, 1992, pp. 175-179.
- _____. “Vidas paralelas: Mariátegui-Gobetti”. *Anuário Mariateguiano*, vol. VI, n° 6, 1994, pp. 315-317.
- _____. “La presencia del psicoanálisis en Mariátegui”. *Anuário Mariateguiano*, vol. VII, n° 7, 1995, pp. 163-166.
- _____. “José Carlos Mariátegui, la ética socialista y el principio de la esperanza”. *Anuario Mariateguiano*, vol. X, n° 10, 1998, pp. 235-239.
- _____. “Santos Bálmor en *Amauta*”. *Anuario Mariateguiano*, vol. X, n° 10, 1998, pp. 271-276.
- MARINI, Ruy Mauro y MILLAN, Mágara (coord.). *La teoría social Latinoamericana*. Tomo I: *los orígenes*. México, DF: Ediciones El Caballito, 1994.

- MARINI, Ruy Mauro e DOS SANTOS, Theotonio (coord.). *El pensamiento social latinoamericano en el siglo XX*. Dos tomos. Caracas: UNESCO-Caracas, Unidad Regional de Ciencias Sociales y Humanas para América Latina y el Caribe, 1999.
- MARTOS, Marco. “Mariátegui y Vallejo, dos sensibilidades literarias”. *Anuário Mariateguiano*, vol. VI, n° 6, 1994, pp. 317-320.
- MASSARDO, Jaime. “L’originalité de la pensée de José Carlos Mariátegui”. In: LUNA, Pablo e MASSARDO, Jaime. *Deux essais sur le Pérou du XXe siècle*. Paris Document de Recherche n° 10, fevereiro de 1988. Institute de Hautes Etudes de Amerique Latine, 1988.
- _____. “Mariátegui e Iglesias”. Colóquio “Mariátegui au seuil du XXe siècle”. Paris, 2-4 nov. 1994.
- _____. “La originalidad del pensamiento de José Carlos Mariátegui”. *Anuario Mariateguiano*, vol. V, n° 5, 1993, pp. 160-168.
- MARX, Karl. *Elementos fundamentales para la crítica de la economía política (1957-1958)*. Vol. 1. México: Siglo XXI, 1971.
- MAZZEO, Miguel. *Volver a Mariátegui*. Buenos Aires: Ediciones del centro de Estudios José Carlos Mariátegui, 1995.
- Mc EVOY, Carmen. *La utopía republicana: Ideales y realidades en la formación de la cultura política peruana (1871-1919)*. Lima: Fondo Editorial de la Pontifica Universidad Católica del Perú, 1997.
- MELIS, Antonio. *Leyendo a Mariátegui. 1967-1998*. Lima: Ed. Amauta, 1999.
- _____. “Ecos de Amauta en un periódico literario italaiano (1927-1930)”. *Anuario Mariateguiano*, vol. III, n° 3, 1991, pp. 93-112.
- _____. “Eligio del conocimiento literario”. *Anuario Mariateguiano*, vol. IV, n° 4, 1992, pp. 102-106.
- _____. “Tradición y modernidad en el pensamiento de José Carlos Mariátegui”. *Anuario Mariateguiano*, vol. VI, n° 6, 1994, pp. 73-80.
- _____. “Del ‘complot comunista’ a la ruptura con Haya”. *Anuário Mariateguiano*, vol. X, n° 10, 1998, pp. 13-34.

- _____. “La fundación de la historia literaria hispanoamericana: Pedro Henríquez Ureña y José Carlos Mariátegui”. *Anuario Mariateguiano*, vol. IX, n° 9, 1997, pp. 35-40.
- _____. “Mariátegui, primer marxista de América”. *Cuadernos de Cultura Latinoamericana*, n° 95. México: Universidad Autónoma de México. s/d: 34.
- MELIS, Antonio; DESSAU, Adalbert; KOSSOK, Manfred. *Mariátegui: três estudos*. Lima: Empresa Editora Amauta, 1971.
- MELGAR BAO, Ricardo. “La Revolución Mexicana y el movimiento popular-nacional de la región andina (la controversia: Mariátegui y Haya de la Torre)”. *Tercer Seminario Internacional: Mariátegui, unidad de pensamiento y acción*. Lima: Ediciones Unidad, 1986.
- _____. *Mariátegui, Indo América y las crisis de Occidente*. Lima: Amauta, 1995, 130 pp.
- MENESES, Carlos. Mariátegui y Vallejo, dos grandes poetas. *Anuario Mariateguiano*, vol. VI, n° 6, 1994, pp. 317-320.
- MESSEGUER, Ilán Diego. *José Carlos Mariátegui y su pensamiento revolucionario*. Lima: Instituto de Estudios peruanos-IEP, 1974, 265 pp.
- MIRO, César. *Elogio y elegía del Amauta*. Lima: Empresa Editora Amauta, 1995.
- _____. *La Argentina, sueño final de Mariátegui*. Lima: Empresa Editora Amauta, 1994.
- _____. *Mariátegui, el tiempo y los hombres*. Lima: Empresa Editora Amauta, 1989.
- MIRO QUESADA, César Alfredo. “Profesión de fe”. *Anuario Mariateguiano*, vol. II, n° 2, 1990, 85 pp.
- _____. “Idea y sentido del hombre”. *Anuario Mariateguiano*, vol. II, n° 2, 1990, p. 86.
- MONTIEL, Edgar. *Barro pensativo, signos de la cultura peruana*. Puebla: Universidad Autónoma de Puebla, 1989.

- MONTOYA, Rodrigo. “7 Tesis de Mariátegui sobre el problema étnico y el socialismo en el Perú”. *Anuario Mariateguiano*, vol. II, n° 2, 1990, pp. 45-70.
- _____. “El problema étnico y el socialismo en tiempos de Mariátegui y en 1994”. *Anuario Mariateguiano*, vol. VII, n° 7, 1995 pp. 67-82.
- MORAGA VALLE, Fabio y ARAYA RIVERA, Delicia. “José Carlos Mariátegui o el viaje inconcluso”. *Anuario Mariateguiano*, vol. VI, n° 6, 1994, pp. 270-286.
- MORENO, Hugo. “Mariátegui: pensar por cuenta propia. A propósito del centenario de José Carlos Mariátegui (1894-1930)”. *Anuario Mariateguiano*, vol. X, n° 10, 1998, pp. 240-247.
- MOROS RUANO, Edgar. “José Carlos Mariátegui y el marxismo latinoamericano”. *Revista Venezolana de Ciencia Política*, ano 2, n°4, jun. 1989, pp. 41-59.
- NEIRA, Hugo. “Un descubrimiento americano: la Europa de los años veinte, el viaje legendario de Haya de la Torre y de José Carlos Mariátegui, potencialidades y peligros del discurso antioccidental”. *Les Amériques et l'Europe: voyage, émigration, exil, Actas de la Tercera Semana Latinoamericana- Universidad de Toulouse-Le Mirail, 12-15 de março de 1984*, n°3, Toulouse, 1985, pp. 155-184.
- NETTO, José Paulo. “O contexto histórico-social de Mariátegui”. In: SILVEIRA, Ênio e FELIX, Moacyr. *Encontros com a Civilização Brasileira*. Rio de Janeiro: Edições Civilização Brasileira, 1980, 238 pp.
- NUGENT, José Guillermo. “El descubrimiento de una época: La escena contemporánea”. *Anuario Mariateguiano*, vol. III, n° 3, 1991, pp. 61-70.
- NUÑEZ, Estuardo. *La experiencia europea de Mariátegui*. 2ª edição aumentada. Lima: Empresa Editora Amauta, 1978.
- _____. “José Carlos Mariátegui y el expresionismo alemán”. *Anuario Mariateguiano*, vol. V, n° 5, 1993, pp. 147-154.

- NUÑEZ, Estuardo e CHIAPPE, Sandro Mariátegui (apresentação). *Simpósio Internacional Amauta y su época*. 3 al 6 de septiembre de 1997. Lima: Minerva, 1998, 615 pp.
- ORBEGOSO G, Arturo. "Amauta y la difusión de la psicología en el Perú". *Anuario Mariateguiano*, vol. VI, n° 6, 1994, pp. 325-339.
- ORILLO, Wilson. "El joven Mariátegui para la joven crónica peruana". *Anuário Mariateguiano*, vol. VII, n° 7, 1995, pp. 91-112.
- ORRILLO, Winston. *Biografía y biología de Juan Croniqueur*. Lima: Fondo Editorial de la Biblioteca Nacional del Perú, 2000.
- OSHIRO, Jorge. "Agonía y mito. Dos fuentes del pensamiento filosófico de Mariátegui: Unamuno y Sorel". *Anuario Mariateguiano*, vol. VIII, n° 8, 1996, pp. 15-52.
- _____. "Labriola y Mariátegui o la cuestión del marxismo creador". *Anuario Mariateguiano*, vol. V, n° 5, 1993, pp. 169-182.
- OYAGUE, Lucas. "Mariátegui, hombre alegre". *Anuario Mariateguiano*, vol. IV, n° 4, 1992, pp. 163-166.
- PAKKASVIRTA, Jussi. *¿Un continente, una nación?, intelectuales latinoamericanos, comunidad política y las revistas culturales en Costa Rica y en el Perú (1919-1930)*. Saarijärvi (Finlandia): Academia de Ciencias da Finlandia e Sociedade Finlandesa de Ciências e Letras, 1997, 235 pp.
- _____. "Reyelendo Amauta: el Perú y la comunidad continental". *Anuário Mariateguiano*, vol. X, n° 10, 1998, pp. 75-90.
- PANTIGOSO, Manuel. "Nicanor de la Fuente en Amauta". *Anuario Mariateguiano*, vol. IX, n° 9, 1997, pp. 71-79.
- PAREDES LUYO, Andrés. "Mariátegui y la clase obrera peruana: dos vidas paralelas". *Tercer Seminario Internacional: Mariátegui, unidad de pensamiento y acción*. Lima: Ediciones Unidad, 1986.
- PARIS, Robert. *La formación ideológica de José Carlos Mariátegui*. Cuadernos de Pasado y Presente. México: Siglo XXI, 1981.
- PEÑAK, Saúl. "Mariátegui y el psicoanálisis". *Anuario Mariateguiano*, vol. VII, n° 7, 1995, pp. 167-171.

- PINILLA, Carmen María. “El principio y el fin: Mariátegui y Arguedas”. *Anuário Mariateguiano*, vol. V, n° 5, 1993, pp. 45-57.
- PODESTA, Bruno (editor). *Mariátegui en Italia*. Lima: Empresa Editora Amauta, 1981.
- PORTOCARRERO, Gonzalo; CACERES, Eduardo; TAPIA e Rafael (editores). *La aventura de Mariátegui: nuevas perspectivas*. Lima: Fondo Editorial de la Pontificia Universidad Católica del Perú, DESCO e IEP, 1995, 592 pp.
- PORTOCARRERO, Julio. *Sindicalismo peruano. Primera etapa 1911-1930*. Lima: Editorial gráfica Labor, 1987.
- PORTOCARRERO GRADOS, Ricardo. “Juan Croniqueur y el modernismo”. *Anuário Mariateguiano*, vol. VI, n° 6, 1994, pp. 215-223.
- POSADA, Francisco. “Los orígenes del pensamiento marxista en América Latina”. *Revista Casa de las Américas*, Havana, n° 63, novembro-dezembro de 1970, pp. 3-22.
- PRADO REDONDEZ, Raimundo. *El marxismo de Mariátegui*. Lima: Amaru editores, 1982, 105 pp.
- PRIEGO, Manuel Miguel de. “Apuntes acerca del debate en torno a la obra de Mariátegui”. *Tercer Seminario Internacional: Mariátegui, unidad de pensamiento y acción*. Lima: Ediciones Unidad, 1986.
- _____. “Mariátegui: la huella de Azorín”. *Anuario Mariateguiano*, vol. VI, n° 6, 1994, pp. 223-236.
- _____. “Mariátegui y Valdelomar, estudio preliminar”. *Anuario Mariateguiano*, vol. III, n° 3, 1991, pp. 71-92.
- _____. “Mariátegui y Riva Agüero”. *Anuario Mariateguiano*, vol. V, n° 5, 1993, pp. 89-146.
- PODESTA, Guido. “Las erratas de la modernidad: Los escritos de José Carlos Mariátegui”. *Anuario Mariateguiano*, vol. VII, n° 7, 1995, pp. 253-258.
- PORTOCARRERO MAISCH, Gonzalo. “La genialidad de Mariátegui”. *Anuário Mariateguiano*, vol. X, n° 10, 1998, pp. 66-72.

- PORTOCARRERO GRADOS, Ricardo. "Sensualidad y estética en los escritos de Juan Croniqueur (1914-1919)". *Anuario Mariáteguiano*, vol. X, n° 10, 1998, pp. 86-99.
- QUIJANO, Aníbal. *Reencuentro y debate: una introducción a Mariátegui*. Lima: Mosca Azul Editores, 1981.
- _____. "La sonrisa y su gato en el país de las maravillas". *Quehacer*, n° 89, mai-jun. de 1994.
- REDY, Daniel. "Los amautas: la política del arte y el arte de la política". *Anuário Mariateguiano*, vol. X, n° 10, 1998, pp. 62-92.
- REVILLA DE MONCLOA, Fe. *La paria peregrina*. Lima: Fondo Editorial de la Pontificia Universidad Católica del Perú, 1995.
- RIOS BURGA, Jaime. "Mariátegui y la escena contemporánea". *Anuário Mariateguiano*, vol. VII, n° 7, 1995, pp. 287-293.
- RODRIGUEZ PASTOR, Humberto. *José Carlos Mariátegui La Chira: família e infância*. Lima: Sur, 1995.
- RODRIGUEZ REA, Miguel Angel. *El Perú y su literatura: guía bibliográfica*. Lima: Fondo Editorial de la Pontificia Universidad Católica del Perú, 1992.
- ROJAS GOMEZ, Miguel. *Mariátegui, la contemporaneidad y América Latina*. Bogotá-Santa Clara (Cuba): Edición Sistema Editorial Integrado-SEI, Editorial Santa Clara, Universidad Central de las Villas, Universidad IICA, 1994, 100 pp.
- ROUILLON D., Guillermo. *La Creación Heroica de José Carlos Mariátegui*. Tomo I: *La edad de piedra (1894-1919)*. Lima: Editorial Arica, 1975.
- ROUILLON D. Guillermo. *La Creación Heroica de José Carlos Mariátegui*. Tomo II: *La edad revolucionaria (1920-1930)*. Lima: Armida Picón (viúva de Rouillon) e filhos, 1982.
- ROUILLON D. Guillermo. *La Creación Heroica de José Carlos Mariátegui*. Tomo III: *Bio-biografía y documentos inéditos*. Lima: Armida Picón (viúva de Rouillon) e filhos, 1993.

- ROWE, William. “José Carlos Mariátegui: 1994”. *Travesía, Journal of Latin American Cultural Studies*, vol. 3, n° 1-2 (edição especial), 1994, pp. 290-298.
- SAAVEDRA, Desiderio. “José Carlos Mariátegui y su contribución al desarrollo de la crítica literaria hispanoamericana actual”. *Tercer Seminario Internacional: Mariátegui, unidad de pensamiento y acción*. Lima: Ediciones Unidad, 1986.
- SANCHEZ, Luis Alberto e AQUEZOLO CASTRO, Manuel. *La polémica del indigenismo*. Lima: Mosca Azul Editores, 1976.
- SANCHEZ VAZQUEZ, Adolfo. *El marxismo latinoamericano de Mariátegui*. In: ZARUKHAN, José (editor). *América Latina, historia y destino. Homenaje a Leopoldo Zea*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1992, pp. 331-339.
- _____. “El marxismo latinoamericano de Mariátegui, grandeza y originalidad de un marxista latinoamericano”. *Anuario Mariateguiano*, vol. IV, n° 4, 1992, pp. 61-68.
- SANDERS, Karen. *Nación y tradición: cinco discursos en torno a la nación peruana 1885-1930*. Lima: Fondo de Cultura Económica y Fondo Editorial de la Pontificia Universidad Católica del Perú, 1997.
- SARTORI, Giovanni. *La Política, lógica y método de las Ciencias Sociales*. México: Fondo de Cultura Económica, 1996.
- SELSER, Gregorio. *Cronología de las intervenciones extranjeras en América Latina. Tomo III, 1899-1945*. México: Centro de Investigaciones Interdisciplinarias en Ciencias Sociales y Humanidades de la Universidad Autónoma de México, 2001.
- SEMIONOV, Sergei. “José Carlos Mariátegui y el movimiento comunista internacional”. *Tercer Seminario Internacional: Mariátegui, unidad de pensamiento y acción*. Lima: Ediciones Unidad, 1986.
- SCHUTTE, Ofelia. “Nietzsche, Mariátegui y el socialismo: ¿un caso de marxismo nietzscheano en el Perú?” *Anuario Mariateguiano*, vol. IV, n° 4, 1992, pp. 85-92.

- SIMPOSIO INTERNACIONAL “*Amauta y su época*”, setembro de 1997. Lima: Minerva, 1998, 615 pp.
- SOBREVILLA, David. “Mariátegui e Iberico”. *Anuario Mariateguiano*, vol. II, n° 2, 1990, pp. 35-44.
- _____. “La estética y la visión de la literatura de su tiempo de José Carlos Mariátegui”. *Anuario Mariateguiano*, vol. IV, n° 4, 1992, pp. 179-185.
- _____. *El marxismo de Mariátegui y su aplicación a los 7 ensayos*. Lima: Fondo Editorial de la Universidad de Lima, 2005, 499 pp.
- STEIN, William. “José Carlos Mariátegui y el ‘complot comunista’ de 1927”. *Anuario Mariateguiano*, vol. VII, n° 7, 1995, pp. 133-134.
- _____. *Mariátegui y Norma Rouskaya*. Crónica de la presunta “profanación” del Cementerio de Lima en 1917. Lima: Empresa Editora Amauta, 1989.
- STOYKOV, Atanas. “Sobre el énfasis estético-artístico de Mariátegui”. *Tercer Seminario Internacional: Mariátegui, unidad de pensamiento y acción*. Lima: Ediciones Unidad, 1986.
- STOIKOV, Antanas. *Mariátegui y la cultura latinoamericana*. Lima: Empresa Editora Amauta, 1983.
- TARCUS, Horacio. *Mariátegui en la Argentina o las políticas culturales de Samuel Glusberg*. Buenos Aires: Ediciones El Cielo por Asalto, 2001.
- TAURO DEL PINO, Alberto. “Discurso de clausura del Seminario Mariátegui, unidad de pensamiento y acción”. *Tercer Seminario Internacional: Mariátegui, unidad de pensamiento y acción*. Lima: Ediciones Unidad, 1986.
- _____. “Un sonoro concurso de madrigales”. *Anuario Mariateguiano*, vol. III, n° 3, 1991, pp. 56-60.
- TAPIA, Luis. *La producción del conocimiento local: Historia y política en la obra de René Zavaleta*. Bolivia: Muela del Diablo Editores, 2002.
- TSUJI, Toyoharu. “Estudios sobre José Carlos Mariátegui en Japón, un informe bibliográfico actualizado”. *Anuario Mariateguiano*, vol. IV, n° 4, 1992, pp. 121-131.

- UNRUH, Vicky. “El pensamiento estético de Mariátegui, una lectura crítica de las vanguardias”. *Anuario Mariateguiano*, vol. VII, n° 7, 1995, pp. 201-219.
- VALDIVIA CANO, Juan Carlos. “Don Quijote y Zarathustra”. *Anuario Mariateguiano*, vol. VII, n° 7, 1995, pp. 83-90.
- VANDEN, Harry. “Cómo forjar un socialismo viable. Los planteamientos marxistas de José Carlos Mariátegui”. *Anuario Mariateguiano*, vol. VII, n° 7, 1995, pp. 259-266.
- _____. *Mariátegui: Influencias en su formación ideológica*. Lima: Biblioteca Amauta, 1975.
- VERANI, Hugo. *Las vanguardias literarias en Hispanoamérica (manifestos, proclamas y otros escritos)*. 4ª edição. México: Fondo de Cultura Económica, 2003, 306 pp.
- VICH, Cynthia. *Indigenismo de vanguardia en el Perú, un estudio sobre el Boletín Titikaka*. Lima: Fondo Editorial de la Pontificia Universidad Católica del Perú, 2000.
- VILLAGOMEZ, Alberto. “Mariátegui y el teatro de su época”. *Anuario Mariateguiano*, vol. X, n° 10, 1998, pp. 211-224.
- VITALE, Luis. *Los precursores de la liberación nacional y social en América Latina, de Martí, Ugarte y Sandino a Recabarren, Mariátegui y Mella*. Buenos Aires: Ediciones, Ediciones al Frente, 1978.
- WEINBERG, Liliana. “Los 7 Ensayos y el ensayo”. *Anuario Mariateguiano*, vol. VI, n° 6, 1994, pp. 96-103.
- WIESSE, María. *José Carlos Mariátegui, etapas de su vida*. Lima: Amauta, 1988.

ANEXO 1

PROGRAMA DO PARTIDO SOCIALISTA PERUANO

Escritor: redigido por José Carlos Mariátegui em outubro de 1928, e aprovado no Comitê Central do partido no início de 1929.

Fonte: José Carlos Mariátegui, a organização do proletariado, Comissão Política do Comitê Central do Partido Comunista Peruano (eds.). Lima: *Ediciones Bandera Roja*, 1967.

Preparado para a Internet: Marxists Internet Archive, dezembro de 2000.

O programa deve ser uma declaração doutrinária que afirme: 1. O caráter internacional da economia contemporânea que não consente a nenhum país evadir-se das correntes de transformação provenientes das atuais condições de produção.

2. O caráter internacional do movimento revolucionário do proletariado. O Partido Socialista adapta sua *práxis* às circunstâncias concretas do país, mas obedece a uma ampla visão de classe, e as mesmas circunstâncias nacionais estão subordinadas ao ritmo da história mundial. A

Revolução de Independência, há mais de um século, foi um movimento de solidário de todos os povos subjugados pela Espanha; a Revolução Socialista é um movimento comum de todos os povos oprimidos pelo capitalismo. Se a revolução liberal, nacionalista por seus princípios, não pôde ser executada sem uma estreita união entre os países sul-americanos, fácil é compreender a lei histórica que, em uma época mais de acentuada interdependência e vinculação das nações, impõe que a revolução social, internacionalista em seus princípios, se opere com uma coordenação muito mais disciplinada e intensa dos partidos proletários. O manifesto de Marx e Engels condensou o primeiro princípio da revolução proletária na frase histórica: “proletários de todos os países, uni-vos!”.

3. O aprofundamento das contradições da economia capitalista. O capitalismo se desenvolve em um povo semifeudal como o nosso; nos momentos em que, atingida a etapa dos monopólios e do imperialismo, toda a ideologia liberal, correspondentes à fase de livre concorrência, deixou de ser válida. O imperialismo não consente a nenhum desses povos semicoloniais, que explora como mercados de seu capital e suas mercadorias e como depósitos de matérias-primas, um programa econômico de nacionalização e industrialismo; obriga-os a especialização, a monocultura (petróleo, cobre, açúcar, algodão, no Peru), sofrendo uma permanente crise de artigos manufaturados, crise que deriva dessa rígida determinação da produção nacional, por fatores do mercado mundial capitalista.

4. O capitalismo encontra-se no seu estágio imperialista. É o capitalismo dos monopólios, do capital financeiro, das guerras imperialistas, agarrando os mercados e as fontes de matérias-primas. A *práxis* do socialismo marxista nesse período é o do marxismo-leninismo. O marxismo-leninismo é o método revolucionário da etapa do imperialismo, e monopólios. O Partido Socialista do Peru o adota como método de luta.

5. A economia pré-capitalista do Peru republicano que, por ausência de uma classe burguesa forte e pelas condições nacionais e internacio-

nais, que determinaram o lento avanço do país pelo caminho capitalista não pode libertar-se sob o regime burguês, enfeudado pelos interesses capitalistas, coniventes com a feudalidade gamonalista e clerical, dos defeitos e deficiências da feudalidade colonial. O destino colonial do país retoma o seu processo. A emancipação da economia do país é possível unicamente pela ação das massas proletárias, solidárias com a luta anti-imperialista mundial. Somente a ação proletária pode estimular primeiro e realizar depois as tarefas da revolução democrático-burguesa que o regime burguês é incompetente para desenvolver e cumprir.

6. O socialismo encontra o mesmo na subsistência das comunidades que nas grandes empresas agrícolas, os elementos de uma solução socialista da questão agrária, solução que tolerará em parte a exploração da terra pelos pequenos agricultores, lá onde o yanaconazgo ou a pequena propriedade recomendem deixar à gestão individual, enquanto se avança na gestão coletiva da agricultura, áreas onde esse gênero de exploração prevalece. Mas isso, bem como o incentivo dado para o ressurgimento dos povos indígenas, para a manifestação criadora das suas forças e espírito nativo, não significa de todo uma romântica e anti-histórica tendência de construção ou ressurreição do socialismo de incaico, que correspondeu a condições históricas completamente superadas e da qual só permanecem como fator aproveitável dentro de uma técnica de produção perfeitamente científica, os hábitos de cooperação e socialismo dos camponeses indígenas. O socialismo pressupõe a técnica, a ciência, a etapa capitalista, e não pode importar o menor retrocesso na aquisição das conquistas da civilização moderna, senão, pelo contrário, a máxima e metódica aceleração da incorporação dessas conquistas na vida nacional.

7. Só o socialismo pode resolver o problema de uma educação efetivamente democrática e igualitária, em virtude da qual cada membro da sociedade receba toda a instrução que sua capacidade lhe dê direito. O regime educacional socialista é o único que pode aplicar plena e sistematicamente os princípios da escola única, da escola do trabalho, das comunidades escolares e, em geral, de todos os ideais da pedagogia re-

volucionária contemporânea, incompatível com os privilégios da escola capitalista, que condena as classes pobres à inferioridade cultural e faz da instrução superior o monopólio da riqueza.

8. Cumprida sua etapa democrático-burguesa, a revolução torna-se, seus objetivos e sua doutrina, revolução proletária. O partido do proletariado, capacitado pela luta para o exercício do poder e o desenvolvimento do seu próprio programa, realiza nessa etapa as tarefas da organização e defesa da ordem socialista.

9. O Partido Socialista do Peru é a vanguarda do proletariado, a força política que assume a tarefa de sua orientação e liderança na luta pela realização de seus ideais de classe.

Anexos ao programa, serão publicados projetos de teses sobre a questão indígena, a situação econômica, a luta anti-imperialista, que, após o debate das seções e das alterações que em seu texto introduza o Comitê Central, serão definitivamente formuladas no Primeiro Congresso do Partido.

A partir do manifesto, o partido dirigirá um chamamento a todos os seus membros, as massas trabalhadoras, para trabalhar pelas seguintes reivindicações imediatas:

- Reconhecimento amplo da liberdade de associação, reunião e de imprensa operárias.
- Reconhecimento do direito de greve para todos os trabalhadores. Abolição do recrutamento vial.
- Substituição da lei da vadiagem pelos artigos que consideravam especificamente a questão da vadiagem no anteprojeto do Código Penal posto em vigor pelo Estado, com exceção dos referidos artigos incompatíveis com o espírito e o critério penal da lei especial.
- Estabelecimento do Seguro Social e da Assistência Social do Estado.
- Cumprimento das leis de acidentes de trabalho, proteção do trabalho das mulheres e dos menores, das jornadas de oito horas nos trabalhos agrícolas.

- Assimilação de malária nos vales da costa para o *status* de doença profissional, com as consequentes responsabilidades de assistência para o proprietário de terras.
- Estabelecimento da jornada de sete horas de trabalho em minas e 105 ocupações insalubres, perigosas e prejudiciais para a saúde dos trabalhadores.
- Obrigação de empresas de mineração e petróleo de reconhecer seus trabalhadores de forma permanente e efetiva, todos os direitos que garantem as leis do país.
- Aumento dos salários na indústria, agricultura, minas, transportes marítimos e terrestre, e nas ilhas guaneras, em proporção com o custo de vida e com o direito dos trabalhadores a uma qualidade de vida melhor.
- Abolição efetiva do trabalho forçado ou gratuito, e abolição ou punição do regime semiescravista na montanha.
- Dotação para as comunidades de terras de latifúndios para distribuição entre seus membros, em proporção suficiente às suas necessidades.
- Expropriação, sem indenização, em favor das comunidades, de todos os bens de conventos e congregações religiosas.
- Direito dos yanaconas, arrendatários etc., que trabalhem um terreno há mais de três anos consecutivos, a obter a adjudicação definitiva do uso de suas parcelas, mediante anuidades não superiores a 60% da atual taxa de arrendamento.
- Reduzir pelo menos 50% das taxas, para todos aqueles que continuem na sua qualidade de meeiros ou arrendatários.
- Adjudicação as cooperativas e aos agricultores pobres, das terras recuperadas para o cultivo por obras de irrigação agrícola.
- Manutenção, em todas as partes, dos direitos reconhecidos aos empregados na respectiva lei.
- Regulamentação, por uma comissão paritária, dos direitos de aposentadoria de forma que não implique o menor prejuízo aos ditames estabelecidos pela lei.

- Implementação do salário e o salário-mínimo.
- Ratificação da liberdade de culto e de instrução religiosa, pelo menos em termos do artigo constitucional e consequente revogação do último decreto contra as igrejas não católicas. Gratuidade da educação em todos os seus graus.

Essas são as principais reivindicações pelas quais o Partido Socialista lutará de imediato. Todas elas respondem a peremptórias demandas da emancipação material e intelectual das massas. Todas elas têm de ser ativamente apoiadas pelo proletariado e pelos elementos conscientes da classe média.

A liberdade do partido de agir publicamente ao amparo da Constituição e as garantias que esta determina aos cidadãos para criar e disseminar sem restrições sua imprensa, para realizar seus congressos e debates, é um direito reivindicado pelo ato mesmo da fundação pública desse grupo.

Os grupos estreitamente vinculados que se dirigem hoje ao povo por meio desse manifesto, assumem resolutamente, com a consciência de um dever e uma responsabilidade histórica, a missão de defender e propagar seus princípios e manter e reforçar a sua organização a custo de qualquer sacrifício. E as massas trabalhadoras da cidade, do campo, das minas, e o campesinato indígena, cujos interesses e aspirações representamos na luta política, saberão apropriar-se destas reivindicações e desta doutrina, combater perseverante e esforçadamente por elas e encontrar, através desta luta, o caminho que conduz a vitória final do socialismo.

Viva a classe operária do Peru!
 Viva o proletariado do mundo!
 Viva a revolução social!

ANEXO 2

OBRA DE JOSÉ CARLOS MARIÁTEGUI

Livros

Nº	TÍTULO	ANO DE PUBL.*	EDITORIA	OBSERVAÇÕES
1	<i>7 Ensayos de interpretación de la realidad peruana</i>	1928	Amauta	O livro mais conhecido e difundido de Mariátegui. Foi traduzido para mais de 20 línguas. Sua primeira edição foi Impressa, em 1928, pela Editora Amauta. Em 1994, o livro contava com 60 edições.
2	<i>Ideología y política</i>	1969	Amauta	Edição póstuma que reúne artigos publicados por Mariátegui em várias revistas, como <i>Amauta</i> , <i>La Sierra</i> , o periódico <i>Labor</i> . A edição final, que inclui uma seleção de textos sobre o tema, foi realizada pela família..
3	<i>Peruanicemos al Perú</i>	1970	Amauta	Edição póstuma realizada pela família de Mariátegui a partir de uma série de artigos de José Carlos publicados na seção “Peruanicemos al Perú” da revista <i>Mundial</i> de 11 de setembro de 1925 a 19 de maio de 1920.
4	<i>Temas de educación</i>	1970	Amauta	Edição póstuma que agrupa e ordena 24 artigos sobre o tema escritos por José Carlos Mariátegui entre 1923 e 1929. Do total de artigos deste livro, 21 apareceram na revista <i>Mundial</i> , dois foram publicados na revista <i>Variedades</i> e um na revista <i>Claridad</i> .
5	<i>Temas de nuestra América</i>	1959	Amauta	Edição póstuma que reúne os artigos de José Carlos Mariátegui sobre temas americanos publicados nas revistas <i>Mundial</i> e <i>Variedades</i> até 1931.

Nº	TÍTULO	ANO DE PUBL. *	EDITORIA	OBSERVAÇÕES
6	<i>El alma matinal y otras estaciones del hombre de hoy</i>	1950	Amauta	Esta publicação reúne artigos ordenados e classificados por José Carlos Mariátegui pouco antes da sua morte, e foram publicados previamente, com exceção do artigo “Roma y el arte gótico” na revistas <i>Variedades</i> , <i>Mundial</i> e <i>Amauta</i> .
7	<i>Cartas desde Italia</i>	1969	Amauta	Reúne os artigos escritos por José Carlos Mariátegui na Europa e publicados no diário limenho <i>El Tiempo</i> de maio de 1923 a abril de 1923.
8	<i>Historia de la crisis mundial</i>	1959	Amauta	Edição póstuma que reúne a maioria das conferências apresentadas por Mariátegui durante 1923 e janeiro de 1924 na Universidade Popular.
9	<i>La escena contemporánea</i>	1925	Amauta	Reúne uma parte dos artigos de José Carlos Mariátegui sobre “figuras y aspectos de la vida mundial” escritos até 1923, organizados e corrigidos pelo autor.
10	<i>Figuras y aspectos de la vida mundial</i>	1970	Amauta	Edição póstuma que contém a segunda parte dos artigos escritos por José Carlos Mariátegui sobre “ <i>figuras y aspectos de la vida mundial</i> ” publicados quase em sua totalidade na revista <i>Variedades</i> entre 1923 e 1925.
11	<i>Defensa del marxismo</i>	1959	Amauta	Reúne em sua primeira parte, intitulada “Polémica revolucionaria”, artigos escritos de julho de 1928 a junho de 1929 publicados nas revistas limenhas <i>Mundial</i> e <i>Variedades</i> e posteriormente nas edições dos números 17 a 24 da revista Amauta. Esta primeira parte foi organizada pelo autor com a intenção de publicá-la na Argentina, na editorial Babel. A segunda parte, intitulada “Teoría y práctica de la reacción”, compila cinco artigos sobre o tema selecionados pela família.
12	<i>La novela y la vida. Sigfried y el profesor Canella</i>	1955	Amauta	Escrito ao final de sua vida e publicado postumamente.

* Indica o ano da primeira publicação

Escritos de juventude (1911-1919)

Poesia

Nº	TÍTULO	DATA
1	Minerva Victrix	
2	Fantasia de otoño	
3	Spleen	
4	Nocturno	Primavera de 1915
5	Paréntesis	Primavera de 1915
6	Nirvana	
7	Morfina	
8	El elogio de tu clave	
9	Viejo reloj amigo	
10	Plegaria del cansancio	
11	Coloquio sentimental	
12	Insomnio	1916
13	Interpretación	30 de marzo de 1905
14	Rendido elogio	
15	El frágil misterio de una rosa blanca	
16	Nostalgia	
17	Elogio a Cervantes	
18	Elogio de la celda ascética	Fevereiro de 1916
19	La voz evocadora de la capilla	
20	Minuto de la confianza	
21	Minuto del encuentro	
22	Afirmación	Fevereiro de 1916
23	Fantasia lunática	
24	Elogio del ópalo	
25	<i>Films</i> de la tarde	
26	Emociones de Hipódromo V	
27	Emociones de Hipódromo VI	
28	Emociones de Hipódromo VII	
29	Emociones de Hipódromo VIII	
30	Emociones de Hipódromo IX	

N°	TÍTULO	DATA
31	Emociones de Hipódromo X	
32	A Tórtola Valencia	Lima 1916
33	Plegaria nostálgica	
34	Ditirambo elegante	
35	Tú no eres anacrónica	
36	Hoy	
37	<i>Tea</i>	
38	<i>Vermouth</i>	
39	Oración al espíritu inmortal de Leonidas Yerovi	
40	Elogio	
41	Una tarde de carreras	27 de maio de 1916
42	Al margen de um debate (crónica modernista)	
43	Loa a Febo (ditirambo modernista)	
44	Uma mañana de aprontes contada por Kendalif	
45	Al margen de la polla	
46	Recetas eficaces de Kendalif para ganar uma polla	
47	Para ganar um batacazo	
48	Crónica del <i>Paddock</i>	
49	Emociones glaciales (mañana de aprontes)	
50	El reportaje de la semana	
51	Com el reloj del tiempo	
52	La Alameda de los Descalzos	

Contos

N°	TÍTULO	DATA
1	Juan Manuel	
2	Los mendigos	
3	Rudyard Ring, ganador	
4	El <i>jockey</i> Frank	
5	Una tarde de <i>sport</i>	
6	Amid Bey	

Nº	TÍTULO	DATA
7	La señora de Melba	
8	El baile de máscaras	
9	El hombre que se enamoró de Lily Gant	
10	Fue una apuesta de <i>Five o’Clock Tea...</i>	
11	Historia de um caballo de carrera	
12	Epistolario frívolo (novela auténtica)	
13	El <i>jockey</i> de Ruby	
14	Jim, <i>jockey</i> de Willy	
15	El príncipe Istar	
16	El <i>match</i>	
17	La guerra que pasa...	

Teatro

Nº	TÍTULO	DATA
1	Las Tapadas (Por Julio de la Paz e Juan Croniqueur)	
2	La Mariscala (Por Abraham Valderomar e José Carlos Mariátegui)	

Crônicas

Nº	TÍTULO	DATA
1	Crônicas madrileñas	24 de fevereiro de 1911
2	La moda “harem”	7 de maio de 1911
3	Lecturas amenas. Los <i>badauds de Paris</i>	8 de maio de 1911
4	Por esas calles. El apachismo	7 de agosto de 1911
5	La semana de Dios	8 de abril de 1912
6	Los andarines	1 de maio de 1912
7	Por esas calles. Tonterías	18 de maio de 1912
8	Um vaticinador de desgracias	14 de setembro de 1912
9	El sacrificio bárbaro de Nodgi	14 de setembro de 1912
10	El suceso del día	29 de abril de 1914
11	El fin de uma poetisa	11 de maio de 1914
12	Por los árboles	18 de maio de 1914
13	Contigo, lectora <i>Causerie</i>	21 de junho de 1914
14	La semana santa	9 de julho de 1914

Nº	TÍTULO	DATA
15	La fiebre de los deportes	12 de julho de 1914
16	Entre salvajes	19 de julho de 1914
17	Cuenta del cable...	1 de agosto de 1914
18	La muerte de Jaurès	3 de agosto de 1914
19	Del momento	4 de agosto de 1914
20	El fin heroico de Garrós	5 de agosto de 1914
21	Um millonario peruano muerto em Constantinopla	17 de agosto de 1914
22	La muerte de Max Linder	3 de outubro de 1914
23	La fiesta de la raza	12 de outubro de 1914
24	Cosas vulgares (al margen de la crónica de policía)	13 de outubro de 1914
25	El rey de Bélgica	18 de outubro de 1914
26	La procesión tradicional	20 de outubro de 1914
27	El año universitario	18 de janeiro de 1915
28	Puntos sentimentales	27 de janeiro de 1915
29	El ocaso de uma gloria	24 de fevereiro de 1915
30	Dos tragedias	27 de fevereiro de 1915
31	París de duelo	1 de março de 1915
32	Recordando al prócer	12 de março de 1915
33	El buque fantasma	18 de março de 1915
34	El apostolado de Metrlinck	19 de março de 1915
35	Pierre Loti em la guerra	20 de março de 1915
36	Uma carta del doctor Sequi	21 de março de 1915
37	Viendo la cusresma	28 de março de 1915
38	Von Bernhardi y la guerra actual	31 de março de 1915
39	la santa efimérides	1 de abril de 1915
40	La derrota del coloso	7 de abril de 1915
41	<i>Causerie</i> sentimental	9 de abril de 1915
42	La época de hierro	14 de abril de 1915
43	Lima, a los ojos del Sr. James Bryce	15 de abril de 1915
44	Sobre James Bryce	17 de abril de 1915
45	El homenaje a Guise	17 de abril de 1915
46	Las nostalgia de Huerta	20 de abril de 1915
47	Garrós, prisionero	21 de abril de 1915

Nº	TÍTULO	DATA
48	Los reportajes ocasionales	25 de abril de 1915
49	D'Annunzio y la guerra	27 de abril de 1915
50	El mal del siglo	29 de abril de 1915
51	“La historia se repite, señores”	2 de maio de 1915
52	La inquisición de Ate	2 de maio de 1915
53	Las mujeres pacifistas	2 de maio de 1915
54	Cómo mató Wilmann a “Tirifilo”	6 de maio de 1915
55	Espantoso drama de celos	17 de maio de 1915
56	El libro de um español sobre la guerra	21 de maio de 1915
57	Um aventurero de folletín	22 de maio de 1915
58	El crimen de anoche	1 de junho de 1915
59	A la vera del camino. Los saltimbanquis	2 de junho de 1915
60	Comentarios. Bonafox proscrito	10 de junho de 1915
61	El arma del terror	16 de junho de 1915
62	Por los suburbios. Um bandodo famoso	17 de junho de 1915
63	El centenario de Waterloo	18 de junho de 1915
64	La ruta del Ícaro. Asoméndome al infinito	27 de setembro de 1915
65	5 de fevereiro de 1900	25 de dezembro de 1915
66	Psicología del <i>jacquet</i>	4 de fevereiro de 1916
67	Ecos sociales. <i>Causerie</i>	17 de julho de 1916
68	El crimen del balneario	30 de julho de 1916
69	Un incendio a medianoche	10 de agosto de 1916
70	Thim, el perro fenómeno	8 de setembro de 1916
71	“Aventura de uma dama que desaparece”	27 de novembro de 1916
72	Tórtola Valencia em Santa Beatriz	9 de dezembro de 1916
73	El destino, las gitanas y la clarividencia de la mujer	23 de fevereiro de 1917
74	La procesión tradicional	10 de abril de 1917

Entrevistas

Nº	TÍTULO	
1	Una entrevista a Carlos Octavio Bunge	
2	Con Federico Mertens	

Nº	TÍTULO	
3	Luisa Morales Macedo, artista admirable	
4	La generación literaria de hoy	
5	Tórtola Valencia en la casa de <i>El Tiempo</i>	
6	Conversaciones con Sor Folie	
7	El poeta Martínez Luján	
8	Con el señor Dunstan	
9	Paquita escribano la reina de la tonadilla	

Crônicas e outros textos

Nº	TÍTULO	DATA
1	Glosario de las cosas cotidianas	12 de febreiro de 1916
2	Glosario de las cosas cotidianas	14 de febreiro de 1916
3	Glosario de las cosas cotidianas	15 de febreiro de 1916
4	Glosario de las cosas cotidianas	16 de febreiro de 1916
5	Glosario de las cosas cotidianas	17 de febreiro de 1916
6	Glosario de las cosas cotidianas	18 de febreiro de 1916
7	Glosario de las cosas cotidianas	19 de febreiro de 1916
8	Glosario de las cosas cotidianas	20 de febreiro de 1916
9	Glosario de las cosas cotidianas	21 de febreiro de 1916
10	Glosario de las cosas cotidianas	22 de febreiro de 1916
11	Glosario de las cosas cotidianas	23 de febreiro de 1916
12	Glosario de las cosas cotidianas	26 de febreiro de 1916
13	Glosario de las cosas cotidianas	27 de febreiro de 1916
14	Glosario de las cosas cotidianas	28 de febreiro de 1916
15	Extra Epistolario	
16	Glosario de las cosas cotidianas	
17	Glosario de las cosas cotidianas	
18	Glosario de las cosas cotidianas	23 de março de 1916
19	Glosario de las cosas cotidianas	
20	Glosario de las cosas cotidianas	20 de abril de 1916
21	Glosario de las cosas cotidianas	21 de abril de 1916
22	Glosario de las cosas cotidianas	

N°	TÍTULO	DATA
23	Glosario de las cosas cotidianas	
24	Glosario de las cosas cotidianas	6 de junho de 1916
25	Glosario de las cosas cotidianas	13 de junho de 1916
26	Glosario de las cosas cotidianas	19 de junho de 1916
27	Glosario de las cosas cotidianas	22 de junho de 1916
28	Glosario de las cosas cotidianas	28 de junho de 1916
29	Glosario de las cosas cotidianas	15 de julho de 1916

Gutgnol do dia

N°	TÍTULO	DATA
30	Año nuevo. Las tardes parlamentarias	1 de janeiro de 1916
31	Paréntesis. Besamanos.	1 de janeiro de 1916
32	Zafarrancho!	4 de janeiro de 1916
33	Mutis.	5 de janeiro de 1916
34	Opio	9 de janeiro de 1916
35	Tiempo perdido	17 de janeiro de 1916
36	La última jornada	25 de janeiro de 1916
37	De vacaciones	25 de janeiro de 1916

Crônica teatral

N°	TÍTULO	DATA
38	la vida falsa	11 de maio de 1914
39	La cosecha	18 de junho de 1914
40	La gente del barrio	27 de junho de 1914
41	Figuras teatrales: Esperanza Iris	2 de fevereiro de 1915
42	Las veladas de anoche en el municipal y en el Excélsior	23 de maio de 1915
43	De teatros. La función de hoy en el Municipal	26 de outubro de 1915
44	De teatros. En el Municipal	22 de novembro de 1915
45	De teatros. En el Municipal	23 de novembro de 1915
46	De teatros. En el Municipal	24 de novembro de 1915
47	De teatros. En el Colón. Teatro Excélsior. En el Municipal	26 de novembro de 1915
48	De teatros. El teatro Municipal	27 de novembro de 1915

N°	TÍTULO	DATA
49	De teatros. En el Municipal	29 de novembro de 1915
50	De teatros. En el Municipal	30 de novembro de 1915
51	De teatros. En el Municipal	1 de dezembro de 1915
52	De teatros. En el Colón. Teatro Excelsior. En el Municipal	3 de dezembro de 1915
53	De teatros. En el Colón. La Argentina	3 de dezembro de 1915
54	De teatros. En el Municipal	5 de dezembro de 1915
55	De teatros. Viendo a Antonia Mercé	12 de dezembro de 1915
56	De teatros. En el Municipal. Las Tapadas	17 de dezembro de 1915
57	De teatros. En el Municipal. En el Colón	23 de dezembro de 1915
58	De teatros. En el Municipal. En el Colón	24 de dezembro de 1915
59	De teatros. En el Municipal. En el Colón	26 de dezembro de 1915
60	De teatros. En el Municipal. Felyne Verbist	29 de maio de 1916
61	De teatros. En el Municipal	31 de maio de 1916
62	De teatros. En el Colón. La mala fama...	24 de junho de 1916
63	Tórtola Valencia en el Municipal. Un gran suceso artístico	3 de dezembro de 1916
64	Tórtola Valencia en el Municipal. Un nuevo triunfo de la artista	4 de dezembro de 1916
65	Por los teatros. En el Municipal. Maria Guerrero y Fernando Díaz	10 de dezembro de 1916
66	Por los teatros. En el Municipal. En Flandes se ha puesto el Sol. En el Colón	11 de dezembro de 1916
67	Por los teatros. En el Municipal. Doña María la Brava. El Mazzi	14 de dezembro de 1916
68	Por los teatros. En el Municipal. Malvaloca	15 de dezembro de 1916
69	Por los teatros. En el Municipal. <i>La propia estimación</i>	16 de dezembro de 1916
70	Por los teatros. En el Municipal. <i>El destino manda. En el Excelsior</i>	17 de dezembro de 1916
71	Por los teatros. En el Municipal. <i>El Collar de Estrellas.</i> Tórtola Valencia	20 de dezembro de 1916
72	Por los teatros. En el Municipal. Colon. El beneficio de Arcos	22 de dezembro de 1916
73	Por los teatros. En el Municipal. <i>El Gran Capitán</i>	24 de dezembro de 1916
74	Por los Teatros. En el Municipal. Mariana de Echegaray y beneficio de María Guerrero	26 de dezembro de 1916

Esboços literários

Nº	TÍTULO	DATA
1	Perfiles. Luis Fernán Cisneros	10 de junho de 1912
2	Nuestro teatro y su actual periodo de surgimiento. Obras y autores	3 de janeiro de 1915
3	El <i>Devocionario</i> de Augusto Aguirre Morales	4 de abril de 1916
4	Crónica de <i>Paddock</i>	6 de maio de 1916
5	Una carta sobre la <i>Medusa</i> . De Juan Criniqueur y Augusto Aguirre Morales	6 de setembro de 1916
6	Un discurso: 3 horas, 48 páginas, 51 citas	30 de abril de 1916
7	Un automóvil fugó de la ciudad	9 de outubro de 1916
8	Carta a un poeta	1 de janeiro de 1917
9	Carta abierta de Revoltoso al Conde de Lemos	2 de junho de 1917
10	<i>El caballero Carmelo</i> . Libro de cuentos de Habraham Valderomar	9 de abril de 1918
11	El centenario de Ruskin	27 de junho de 1919

A margem da arte

Nº	TÍTULO	DATA
1	Al margen del arte	1 de janeiro de 1914
2	Al margen del Arte. Contestación a Castillo	7 de janeiro de 1914
3	El concurso Concha	24 de dezembro de 1914
4	El concurso Concha	26 de dezembro de 1914
5	El premio de Pintura Concha	29 de dezembro de 1914
6	El premio de Pintura. Al margen de un retrato	1 de janeiro de 1915
7	la estatua de castilla, por Lozano	30 de abril de 1915
8	Un retrato, por Ugarte	1 de maio de 1915
9	El concurso para el monumento de Santa Rosa	4 de junho de 1915

Por um caminho próprio

Nº	TÍTULO	DATA
1	Exposición	22 de junho de 1918
2	Malas tendencias. El deber del ejército y el deber del Estado	22 de junho de 1918

N°	TÍTULO	DATA
3	Mariátegui explica su artículo de <i>Nuestra Época</i>	27 de junho de 1918
4	Tema del día. La reorganización de los grupos políticos	6 de julho de 1918
5	Palabras preliminares. Nuestra posición en la prensa	14 de maio de 1919
6	Ante el problema político. Antecedentes, modalidades y perspectivas de la lucha	14 de maio de 1919
7	Oportunismo político. Candidatura de última hora	17 de maio de 1919
8	La política del día. El problema electoral después de la huelga	3 de junho de 1919
9	Diez años después. ¿Por qué no habla el señor Leguía?	11 de junho de 1919
10	Hora la que empieza	4 de julho de 1919
11	Después de la Revolución. Lo que debería representar el nuevo gobierno.	7 de julho de 1919
12	las diputaciones por Lima. Significado de la campaña. Los candidatos	24 de julho de 1919

Crónicas políticas

Jornal *El Tiempo* – Coluna Voces

N°	TÍTULO	DATA
1	Desperezo. La movilización	17 de julho de 1916
2	Los que se van	18 de julho de 1916
3	Escena perdida	18 de julho de 1916
4	En la obscuridad. Statu quo	18 de julho de 1917
5	Horóscopo. <i>Film</i> callejero	20 de julho de 1916
6	Hacia las cumbres. Telefonazo	21 de julho de 1916
7	La villa de los presidentes. Escenografía	22 de julho de 1916
8	Una dedicatoria. Convencionalmente. Gesto heroico	23 de julho de 1916
9	Descanso dominical. Candidato en marcha	24 de julho de 1916
10	Cuarto creciente. Plagio patente. Chocolate, pastas, oporto. Derechos de autor	24 de julho de 1916
11	<i>Training</i> . Milagro bíblico	26 de julho de 1916
12	Víspera. Estética. Música de sirenas. Coqueterías	27 de julho de 1916
13	Pirotécnica. Antesala. La primera jornada	28 de julho de 1917
14	Presagios. Psicología	30 de julho de 1916

Nº	TÍTULO	DATA
15	Carreras clásicas. Hoy	31 de julho de 1916
16	Prólogo. Diagnóstico. Primer acto	1 de agosto de 1916
17	El simulacro. Régimen parlamentario. Día plácido	2 de agosto de 1916
18	Concilios cotidianos. <i>Vermouth</i> . Profesión de fé	3 de agosto de 1916
19	Propaganda. Farola trágica	4 de agosto de 1916
20	Pereza. El <i>leader</i>	5 de agosto de 1916
21	Cédulas, cédulas, cédulas... En el <i>foyer</i> ...	6 de agosto de 1916
22	<i>Intermezzo</i> . Inauguración. Genuflexión. Aplausos	7 de agosto de 1916
23	Definiciones, extravagancias. Más cédulas	8 de agosto de 1916
24	Caballería andante. Plena ofensiva	9 de agosto de 1916
25	Postura	10 de agosto de 1916
26	Segundo acto. <i>Flirts</i> . Trueque	11 de agosto de 1916
27	Medalla de oro. Viernes de moda. Después de la travesura	12 de agosto de 1916
28	Proceso lánguido. Grandes capitanes	13 de agosto de 1916
29	Jolgorio. <i>Eleven o'clock tea</i>	14 de agosto de 1916
30	Vacaciones tristes	15 de agosto de 1916
31	Fuego a discreción	16 de agosto de 1916
32	A puesta cerrada. Congoja. Anticipo	17 de agosto de 1916
33	Bajo la farola. Galantería. <i>Handicap</i>	18 de agosto de 1916
34	Mixtura. Aniversario	19 de agosto de 1916
35	Máscara y coturno. <i>Bel ami</i>	20 de agosto de 1916
36	Mala noche. Clarinada. Sábado presidencial	21 de agosto de 1916
37	Voces de gesta. <i>Leader</i> chico. Retorno. La ciudad y los campos	22 de agosto de 1916
38	Panorama	23 de agosto de 1916
39	Miércoles	24 de agosto de 1916
40	Mala fortuna	25 de agosto de 1916
41	Vuelve el tinglado... Retreta. Calaudicación	26 de agosto de 1916
42	Minuto sensacional en el tinglado	27 de agosto de 1916
43	Los sábados del Sr. Pardo. <i>Sport</i> . Debut	28 de agosto de 1916
44	Sigilo. Error u omisión	29 de agosto de 1916
45	Indulgencia plenaria	30 de agosto de 1916
46	De ida y vuelta. Día místico. Paréntesis	31 de agosto de 1916

Nº	TÍTULO	DATA
47	Gracias, gracias, gracias...	1 de setembro de 1916
48	La lista negra. Homenajes	2 de setembro de 1916
49	Anestesia. Augur. Menús	3 de setembro de 1916
50	Pasajes	4 de setembro de 1916
51	Tarde sosa	5 de setembro de 1916
52	Política de balneario. Bostezos	6 de setembro de 1916
53	Posta trasatlántica	7 de setembro de 1916
54	Punto final	8 de setembro de 1916
55	Huelga	9 de setembro de 1916
56	Laxitud. Vox pópuli...	10 de setembro de 1916
57	Oráculo	11 de setembro de 1916
58	Kodak libre. Buen humor	12 de setembro de 1916
59	El mayorazgo. Discurso y <i>whisky</i>	13 de setembro de 1916
60	<i>Panneau</i>	14 de setembro de 1916
61	La lista negra. Sopresa	15 de setembro de 1916
62	Parlamentarismo científico	16 de setembro de 1916
63	Quinta tarde	17 de setembro de 1916
64	Caminata y fiambre	18 de setembro de 1916
65	La ovación ajena. Sexta tarde	19 de setembro de 1916
66	La última cena. Sétima tarde	20 de setembro de 1916
67	Octava tarde	21 de setembro de 1916
68	Novena tarde	22 de setembro de 1916
69	Entreacto	23 de setembro de 1916
70	Anticipo	24 de setembro de 1916
71	El retorno	25 de setembro de 1916
72	Buenos oficios. Décima tarde	26 de setembro de 1916
73	La primavera	27 de setembro de 1916
74	Nuevo entreacto	28 de setembro de 1916
75	Undécima tarde	29 de setembro de 1916
76	Duodécima tarde	30 de setembro de 1916
77	Claudicaciones	1 de outubro de 1916
78	malos presentimientos	2 de outubro de 1916
79	Interrgaciones	3 de outubro de 1916

Nº	TÍTULO	DATA
80	Gesto tonante	4 de outubro de 1916
81	Discursos, discursos, discursos	5 de outubro de 1916
82	Fiesta grande. Dudas	6 de outubro de 1916
83	Luto	7 de outubro de 1916
84	El segundón. En el index	8 de outubro de 1916
85	Monotonía	9 de outubro de 1916
86	El gran debate	10 de outubro de 1916
87	Languidez	11 de outubro de 1916
88	Tarde de campanillazos	12 de outubro de 1916
89	Estertores	13 de outubro de 1916
90	Absoluciones	14 de outubro de 1916
91	Glosa y apostillas	15 de outubro de 1916
92	Dividendo presidencial	16 de janeiro de 1916
93	Gran minuto parlamentario	17 de outubro de 1916
94	La jornada de ayer	18 de outubro de 1916
95	Milagro patente	19 de outubro de 1916
96	Día de gracias	20 de outubro de 1916
97	Champaña	21 de outubro de 1916
98	Atingencias y carpetazos	22 de outubro de 1916
99	Precepto todopoderoso. El régimen y la opereta	23 de outubro de 1916
100	Postrimerías. La lámpara maravillosa	24 de outubro de 1916
101	Geasto adusto. El statu quo	25 de outubro de 1916
102	El último día. Debate emocionante	26 de outubro de 1916
103	Apoteosis	27 de outubro de 1916
104	Animos compungidos	28 de outubro de 1916
105	Entre interrogaciones	29 de outubro de 1916
106	Cenit	30 de outubro de 1916
107	La poesía y la política	31 de outubro de 1916
108	Reconciliación	1 de novembro de 1916
109	Incertidumbres. Menú criollo	2 de novembro de 1916
110	Malos augurios. La reconciliación	3 de novembro de 1916
111	Bruma. Minuto de la fascinación	4 de novembro de 1916
112	En el umbral. El retorno	5 de novembro de 1916

N°	TÍTULO	DATA
113	Vacilaciones. Crillismo político	6 de novembro de 1916
114	Dudas. La espada de Damocles. La gloria ajena	7 de novembro de 1916
115	Statu quo. Consecuencia. Controversia	8 de novembro de 1916
116	Espectación. El derecho divino	9 de novembro de 1916
117	Y cuenta la veleta... Optimismo	10 de novembro de 1916
118	Los misterios de Nueva York. Indiferencia	11 de novembro de 1916
119	Disidencia. Clarinada	12 de novembro de 1916
120	Larga espera. Condolencia	13 de novembro de 1916
121	En el laberinto. Desde la acera.	14 de novembro de 1916
122	Ayer, hoy y mañana... En <i>atrenzo</i> heroico	15 de novembro de 1916
123	Pesadilla. Editor responsable. La opinión amiga	16 de novembro de 1916
124	Un día más. Camino adelante	17 de novembro de 1916
125	Cuarto menguante. Contrición	18 de novembro de 1916
126	Insomnio. En la trastienda	19 de novembro de 1916
127	<i>El looping the loop</i>	20 de novembro de 1916
128	Con el reloj en mano. Trance cotidiano. Yate nuevo	21 de novembro de 1916
129	La miel en los labios	22 de novembro de 1916
130	Minuto álgido. Coloquios y menús	23 de novembro de 1916
131	Sesiones extraordinarios. Encasillado	24 de novembro de 1916
132	Cancha libre	25 de novembro de 1916
133	Parlamentarismo	26 de novembro de 1916
134	Monotonía	27 de novembro de 1916
135	Silencio	28 de novembro de 1916
136	Cónclave tremendo. Conquista segura	29 de novembro de 1916
137	Clausura	30 de novembro de 1916
138	Aventura extraña	1 de dezembro de 1916
139	Glosa callejera. Más candidaturas	2 de dezembro de 1916
140	Oratoria festiva. Consagración	3 de dezembro de 1916
141	Día de fiestas	4 de dezembro de 1916
142	Partido flamante	5 de dezembro de 1916
143	Correo emocionante. Cónclave chino	6 de dezembro de 1916
144	Lasitud	7 de dezembro de 1916
145	la última carta. Maniobras	8 de dezembro de 1916

Nº	TÍTULO	DATA
146	Redobles y jaculatorias	9 de dezembro de 1916
147	Un día más. Guardia republicana	10 de dezembro de 1916
148	Marcha triunfal	11 de dezembro de 1916
149	Antes del prelude	12 de dezembro de 1916
150	Rápido y directo	13 de dezembro de 1916
151	Al partir de un confite. Sobresalientes	14 de dezembro de 1916
152	Tras la puerta. Humorismo	15 de dezembro de 1916
153	Para hoy! Para Mañana!	16 de dezembro de 1916
154	Ya!	17 de dezembro de 1916
155	A la luz del día. Cónclave inquietante	18 de dezembro de 1916
156	El comentario	19 de dezembro de 1916
157	El Alboroto	20 de dezembro de 1916
158	Buenos y sanos. Celos	22 de dezembro de 1916
159	En la primera fila	23 de dezembro de 1916
160	Tralalá!	24 de dezembro de 1916
161	Testigo importante	24 de dezembro de 1916
162	El cuento de ahora	25 de dezembro de 1916
163	Arbol de navidad	26 de dezembro de 1916
164	Las haciendas	27 de dezembro de 1916
165	Mala noticia. Cónclave cotidiano	28 de dezembro de 1916
166	Desvío. Inocentes	29 de dezembro de 1916
167	Abanicos	30 de dezembro de 1916
168	Washington-Lima	31 de dezembro de 1916
169	Nochebuena. El primer día	1 de janeiro de 1917
170	Besamanos	2 de janeiro de 1917
171	Mirando a la trastienda	3 de janeiro de 1917
172	Apogeo	4 de janeiro de 1917
173	Malestar. Otra prórroga	5 de janeiro de 1917
174	Frente a la Villa Gaby	6 de janeiro de 1917
175	De la noche del sábado	7 de janeiro de 1917
176	Eclipse	8 de janeiro de 1917
177	El favorito. Cancha libre	9 de janeiro de 1917
178	Solidaridad. El brío ajeno	10 de janeiro de 1917

N°	TÍTULO	DATA
179	Un desmentido	11 de janeiro de 1917
180	Viaje triste	12 de janeiro de 1917
181	Las listas fatales	13 de janeiro de 1917
182	Carta de Chorillos. Adiós	14 de janeiro de 1917
183	La pesca cristiana	15 de janeiro de 1917
184	De vacaciones	16 de janeiro de 1917
185	Grimas y <i>zozobras</i>	17 de janeiro de 1917
186	La playa de los amores	18 de janeiro de 1917
187	A media noche	19 de janeiro de 1917
188	Huacho realista	20 de janeiro de 1917
189	la minoría, mayoría	21 de janeiro de 1917
190	El porvenir	22 de janeiro de 1917
191	Odisea triste	23 de janeiro de 1917
192	Justa la leyenda. Mensaje real	24 de janeiro de 1917
193	Villa nueva	25 de janeiro de 1917
194	Madrugada trágica	26 de janeiro de 1917
195	Senador nacional	27 de janeiro de 1917
196	El encasillado	28 de janeiro de 1917
197	Mensaje tremendo	29 de janeiro de 1917
198	A media noche	30 de janeiro de 1917
199	Lógica criolla	31 de janeiro de 1917
200	Crónica palatina	1 de fevereiro de 1917
201	Política y caballos	2 de fevereiro de 1917
202	Hora intranquila	3 de fevereiro de 1917
203	Nervios malos	4 de fevereiro de 1917
204	Susto grande	5 de fevereiro de 1917
205	Frente al conflicto	6 de fevereiro de 1917
206	Las avanzadas	7 de fevereiro de 1917
207	El balneario y el camino	8 de fevereiro de 1917
208	La ciudad alegre...	9 de fevereiro de 1917
209	Escribe el doctor Urqueta...	10 de fevereiro de 1917
210	Verano político	11 de fevereiro de 1917
211	El croquis cotidiano	12 de fevereiro de 1917

Nº	TÍTULO	DATA
212	Estremecimiento	13 de fevereiro de 1917
213	Todavía	14 de fevereiro de 1917
214	Consejo de guerra	15 de fevereiro de 1917
215	Lejos de la política	16 de fevereiro de 1917
216	Trance amargo	17 de fevereiro de 1917
217	Quincuagésima	18 de fevereiro de 1917
218	Sobrevivientes	21 de fevereiro de 1917
219	Sueños pesados	22 de fevereiro de 1917
220	El ariete	23 de fevereiro de 1917
221	Día grande. Candidatura de estación	24 de fevereiro de 1917
222	El cumpleaños.	25 de fevereiro de 1917
223	La intrusa	26 de fevereiro de 1917
224	Malandanzas	27 de fevereiro de 1917
225	Es la cuaresma	28 de fevereiro de 1917
226	La cara al pasado	1 de março de 1917
227	Adjetivos	2 de março de 1917
228	Sin novedad	3 de março de 1917
229	<i>Vox clamantis</i>	4 de março de 1917
230	Ayer	5 de março de 1917
231	Minuto trágico	6 de março de 1917
232	Vigilia fúnebre. La cátedra nueva	11 de março de 1917
233	Mirando el reloj	12 de março de 1917
234	Atriciones	13 de março de 1917
235	La ciudad indolente	14 de março de 1917
236	Viaje sonoro. Cuestión de plata	15 de março de 1917
237	La fuerza del mal	16 de março de 1917
238	Oyendo a las gentes. Optimismo	17 de março de 1917
239	El porvenir dirá	18 de março de 1917
240	Vengan minifiestos	19 de março de 1917
241	Algidez	20 de março de 1917
242	No pasa nada	21 de março de 1917
243	A puesta cerrada	23 de março de 1917
244	Camino llano	24 de março de 1917

N°	TÍTULO	DATA
245	El mapa del Perú	25 de março de 1917
246	El viajero	26 de março de 1917
247	Un día y otro...	27 de março de 1917
248	Oración y bizcocho	28 de março de 1917
249	Nuevos tiros	29 de março de 1917
250	Pasajeros	30 de março de 1917
251	El viajero inminente	31 de março de 1917
252	La casa cerrada	1 de abril de 1917
253	Alegría	2 de abril de 1917
254	hacia el recogimiento	3 de abril de 1917
255	Místico	5 de abril de 1917
256	Ruido de campanas	7 de abril de 1917
257	Papel impreso	9 de abril de 1917
258	Año escolar	10 de abril de 1917
259	Cuaresma política	11 de abril de 1917
260	Somos neutrales. Memorias	12 de abril de 1917
261	Capilla fúnebre	13 de abril de 1917
262	Llaman a la puerta	15 de abril de 1917
263	Todo igual	19 de abril de 1917
264	Gracia perdida	20 de abril de 1917
265	Nombres y apellidos	21 de abril de 1917
266	La ciudad se agita	22 de abril de 1917
267	Cancha grande	23 de abril de 1917
268	Minuto solemne. Amanece	25 de abril de 1917
269	Aire libre	26 de abril de 1917
270	Visita	27 de abril de 1917
271	En el <i>atrenzo</i>	28 de abril de 1917
272	Entre telones	29 de abril de 1917
273	Trance democrático. Ayer	30 de abril de 1917
274	Mayo nacional	1 de maio de 1917
275	La voz de Leguía	2 de maio de 1917
276	Rueda de Molino	3 de maio de 1917
277	Camino llano	4 de maio de 1917

Nº	TÍTULO	DATA
278	Voto de censura	5 de maio de 1917
279	Ovación y vuelta al ruedo	6 de maio de 1917
280	La frase ilustre	7 de maio de 1917
281	Pista liviana	8 de maio de 1917
282	Gobierno liberal.	9 de maio de 1917
283	Olor de pólvora. Candidatura liberal	10 de maio de 1917
284	Hacia la meta	11 de maio de 1917
285	Señor gerente	12 de maio de 1917
286	Viaje de salud	13 de maio de 1917
287	No hay tratamientos	14 de maio de 1917
288	Semana febril. Firmas, firmas, firmas	15 de maio de 1917
289	Vítores, vítores, vítores	16 de maio de 1917
290	El escaño del <i>leader</i>	17 de maio de 1917
291	Fin de semana	18 de maio de 1917
292	Amanece. Balbuena suplente	19 de maio de 1917
293	Hoy domingo veite de mayo. El debate roto. Esta tarde	20 de maio de 1917
294	Hoy lunes...	21 de maio de 1917
295	Sumas y restas	23 de maio de 1917
296	Congratulándonos. Desde lejos	24 de maio de 1917
297	Este proceso. El voto de honor	25 de maio de 1917
298	Seguimos neutrales	26 de maio de 1917
299	El telégrafo infausto	27 de maio de 1917
300	En la transtienda	28 de maio de 1917
301	Hoy, 29 de mayo	29 de maio de 1917
302	Dios dirá...	30 de maio de 1917
303	Suenan tiros	31 de maio de 1917
304	Ayer y hoy	1 de junho de 1917
305	El éxito	2 de junho de 1917
306	Asombros y sorpresas	4 de junho de 1917
307	Un día más	7 de junho de 1917
308	El pan milagroso	8 de junho de 1917
309	Sobre la pista	9 de junho de 1917
310	La ciudad triste	11 de junho de 1917

N°	TÍTULO	DATA
311	Monseñor el favorito	12 de junho de 1917
312	Este instante	13 de junho de 1917
313	Trance histórico	14 de junho de 1917
314	Themis electoral	16 de junho de 1917
315	Ultimos momentos	18 de junho de 1917
316	Todo igual	19 de junho de 1917
317	Los que vienen. Política incaica	20 de junho de 1917
318	Ayer, veinte	21 de junho de 1917
319	Miramar excelso	22 de junho de 1917
320	Viene el doctor Durand	23 de junho de 1917
321	En la balanza	24 de junho de 1917
322	Feligresía inquieta	25 de junho de 1917
323	Ambiente de temporada	26 de junho de 1917
324	Rumor inquietante	27 de junho de 1917
325	Justicia para todos	28 de junho de 1917
326	Doctrina y papeles	29 de junho de 1917
327	Viajero ilustre	30 de junho de 1917
328	Mes de julio. Más papeles	1 de julho de 1917
329	Postura inminente	3 de julho de 1917
330	Adiós, adiós	4 de julho de 1917
331	Mundo mundillo	5 de julho de 1917
332	El último caso	7 de julho de 1917
333	Política nueva. Ave fénix	8 de julho de 1917
334	En el exordio	8 de julho de 1917
335	Ocho millones	10 de julho de 1917
336	Todavía marciales	11 de julho de 1917
337	Días van, días vienen	12 de julho de 1917
338	Hoy trece	13 de julho de 1917
339	Un año	14 de julho de 1917
340	En la sala provisoria	15 de julho de 1917
341	Atmósfera indecisa	16 de julho de 1917
342	El <i>affiche</i> pardista	19 de julho de 1917
343	El pecador furtivo	21 de julho de 1917

Nº	TÍTULO	DATA
344	Julio se acaba	24 de julho de 1917
345	Adiós juventud	25 de julho de 1917
346	Madrugada nerviosa	27 de julho de 1917
347	Julio glorioso	28 de julho de 1917
348	Pasó el veintiocho	31 de julho de 1917
349	Día primero	1 de agosto de 1917
350	Estación que empieza	2 de agosto de 1917
351	Líder criollo. Los viernes de don Juan	5 de agosto de 1917
352	El mes de promisión	6 de agosto de 1917
353	Espada de oriente. Plancha sonora	7 de agosto de 1917
354	Fastidio cotidiano	8 de agosto de 1917
355	Legislación risueña	9 de agosto de 1917
356	Dos generales	10 de agosto de 1917
357	Banquete y presente	11 de agosto de 1917
358	Los sábados	12 de agosto de 1917
359	Rimbombos de primavera	13 de agosto de 1917
360	Sancho protesta	14 de agosto de 1917
361	Nos aburrimos	16 de agosto de 1917
362	En el cenit	18 de agosto de 1917
363	‘Signos’ de los tiempos	19 de agosto de 1917
364	Bajo la epidermis	20 de agosto de 1917
365	desde el destierro	22 de agosto de 1917
366	El diapasón parlamentario	23 de agosto de 1917
367	Agosto termina	25 de agosto de 1917
368	Independientes todos. Estamos de fiesta	26 de agosto de 1917
369	Brindis, ceremonias, ternura	27 de agosto de 1917
370	Las sonrisas	28 de agosto de 1917
371	Atmósfera turbada	29 de agosto de 1917
372	Tarde mixta	30 de agosto de 1917
373	Fallo nacional	1 de setembro de 1917
374	Estamos en setiembre. Diputación forsoza	5 de setembro de 1917
375	El señor Sotil	6 de setembro de 1917
376	Inminencia electoral	7 de setembro de 1917

N°	TÍTULO	DATA
377	Tengamos fe	8 de setembro de 1917
378	Zapata, senador	9 de setembro de 1917
379	Alta política	10 de setembro de 1917
380	Debate persistente	11 de setembro de 1917
381	Nuestra neutralidad	12 de setembro de 1917
382	Gesto de burgomaestre	16 de setembro de 1917
383	El favorito sueña. Rectifiquemos	17 de setembro de 1917
384	San Lunes. Carta del señor Phillips	18 de setembro de 1917
385	Vacilando	21 de setembro de 1917
386	Primavera	24 de setembro de 1917
387	Resposos	26 de setembro de 1917
388	Prócer burlón	27 de setembro de 1917
389	Setiembre 30	30 de setembro de 1917
390	El consejero	1 de outubro de 1917
391	Juventud, divino tesoro	2 de outubro de 1917
392	Nuestro aliado	3 de outubro de 1917
393	Métodos criollos	4 de outubro de 1917
394	Santo risueño	6 de outubro de 1971
395	Asamblea entusiasta. Trance solemne	8 de outubro de 1917
396	Especialista. Día de óbolos	9 de outubro de 1917
397	Día feriado	13 de outubro de 1917
398	La santa alianza	14 de outubro de 1917
399	Anima en pena	15 de outubro de 1917
400	Aires de primavera	17 de outubro de 1917
401	Retiro temporal	19 de outubro de 1917
402	El diputado estudiante	20 de outubro de 1917
403	Las sesiones finales	21 de outubro de 1917
404	Sansón criollo	24 de outubro de 1917
405	Noventa días	26 de outubro de 1917
406	El señor del centenario	27 de outubro de 1917
407	Inquietudes domésticas	28 de outubro de 1917
408	Lunes parlamentario	30 de outubro de 1917
409	Rieles y durmientes	31 de outubro de 1917

Nº	TÍTULO	DATA
410	Primero de noviembre	1 de novembro de 1917
411	Bostezando	4 de novembro de 1917
412	Acto de contrición	8 de novembro de 1917
413	Diapasón guerrero	11 de novembro de 1917
414	El sueño de don Juan	12 de novembro de 1917
415	Ambiente trágico	14 de novembro de 1917
416	Nerviosidades	17 de novembro de 1917
417	Miscelánea criolla	18 de novembro de 1917
418	Autos y vistos	20 de novembro de 1917
419	Palco de besamanos	22 de novembro de 1917
420	El óleo peruano	24 de novembro de 1917
421	Pueblo de los amores	25 de novembro de 1917
422	Pasan los días...	27 de novembro de 1917
423	Santa, santo, santo	28 de novembro de 1917
424	Ministro viajero	29 de novembro de 1917
425	Luengo camino...	1 de dezembro de 1917
426	Tira y afloja	2 de dezembro de 1917
427	La torre del régimen	4 de dezembro de 1917
428	Pasos perdidos	7 de dezembro de 1917
429	Crisis de crisis	9 de dezembro de 1917
430	Epitafio	13 de dezembro de 1917
431	Policía de automóvil	14 de dezembro de 1917
432	El ilustre estudiante	15 de dezembro de 1917
433	Víspera de vísperas	16 de dezembro de 1917
434	Primavera peruana. Regalada vida	18 de dezembro de 1917
435	Paz en la Tierra	19 de dezembro de 1917
436	Año Nuevo	2 de janeiro de 1918
437	Pérez, síndico	6 de janeiro de 1918
438	Palmas y laureles	8 de janeiro de 1918
439	Al margen del piso	15 de janeiro de 1918
440	Tardes álgidas	16 de janeiro de 1918
441	El reloj demudado	18 de janeiro de 1918
442	Las trompetas de la fama	20 de janeiro de 1918

N°	TÍTULO	DATA
443	El señorío maltrecho	24 de janeiro de 1918
444	Mañana y tarde	25 de janeiro de 1918
445	Lo imprevisto	27 de janeiro de 1918
446	Más Congreso	1 de fevereiro de 1918
447	Fe liberal	3 de fevereiro de 1918
448	¿Pasa algo?	5 de fevereiro de 1918
449	Todo permanente	6 de fevereiro de 1918
450	El reino interior	7 de fevereiro de 1918
451	<i>Enfant gâté</i>	8 de fevereiro de 1918
452	El señor carnaval	10 de fevereiro de 1918
453	De regreso	18 de fevereiro de 1918
454	Horizonte nublado	21 de fevereiro de 1918
455	Uno por uno	23 de fevereiro de 1918
456	Disfuerzos	24 de fevereiro de 1918
457	Suprema aspiración	26 de fevereiro de 1918
458	Pase obligado	27 de fevereiro de 1918
459	Duende, pero bloque	28 de fevereiro de 1918
460	Protestamos...	1 de março de 1918
461	Pistas y ‘pistos’	2 de março de 1918
462	La punta, alegre...	3 de março de 1918
463	Otra vez	4 de março de 1918
464	Leguía viene	6 de março de 1918
465	Ruta conocida	7 de março de 1918
466	Donjuanismo político	9 de março de 1917
467	Esta tarde...	10 de março de 1918
468	Tinglado civilista	13 de março de 1918
469	Trueque desventurado	14 de março de 1918
470	Episodio posible	16 de março de 1918
471	Más congreso todavía	19 de março de 1918
472	Mayoría de tres: dos	21 de março de 1918
473	Otoño trágico	23 de março de 1918
474	Muy sereno, muy tranquilo	24 de março de 1918
475	En el prólogo	26 de março de 1918

Nº	TÍTULO	DATA
476	Oración y bizcocho	28 de março de 1918
477	Un gran penitente	31 de março de 1918
478	Lo mismo que ayer	1 de abril de 1918
479	Pobres, pero magníficos	4 de abril de 1918
480	Ternas regionalistas	5 de abril de 1918
481	Mancomunados y solidarios	6 de abril de 1918
482	Parece	7 de abril de 1918
483	Bolcheviques, aquí	9 de abril de 1918
484	Malandanzas tristes	13 de abril de 1918
485	Noticia inocente	14 de abril de 1918
486	Rieles y adentro	15 de abril de 1918
487	Estamos de crisis	17 de abril de 1918
488	El Sr. candidato <i>gentleman</i>	18 de abril de 1918
489	Falta uno	21 de abril de 1918
490	El candidato postal	22 de abril de 1918
491	Viaje conmemorativo	24 de abril de 1918
492	El ministro Bolchevique	27 de abril de 1918
493	Regreso triste	30 de abril de 1918
494	Congreso a pasto	5 de maio de 1918
495	Mayo pleno	7 de maio de 1918
496	Desvío de la fama	8 de maio de 1918
497	En terna. Retrazo parlamentario	9 de maio de 1918
498	El escaño del <i>leader</i>	10 de maio de 1918
499	Hacia la convención	11 de maio de 1918
500	Miscelánea criolla	12 de maio de 1918
501	<i>Raid</i> sonoro	17 de maio de 1918
502	Palabras y cigarrillos	19 de maio de 1918
503	Coplas y caramelos	21 de maio de 1918
504	Unico y rico	24 de maio de 1918
505	El ilustre senado	25 de maio de 1918
506	Todos en su sitio. Don Juan, ingeniero	26 de maio de 1918
507	Estamos conspirando	27 de maio de 1918
508	Sones marciales	28 de maio de 1919

Nº	TÍTULO	DATA
509	Sal y buenaventura	29 de maio de 1919
510	De puño y letra	31 de maio de 1918
511	Salmo de David. Ruido de espadas	1 de julho de 1918
512	Ahora que...	2 de junho de 1918
513	Finalizando	4 de junho de 1918
514	A lo lejos...	5 de junho de 1918
515	Asamblea en ciernes. Tercio emocionante	6 de junho de 1918
516	Tercera etapa. Años y lentes	7 de junho de 1918
517	Punto acápite. <i>Leader</i> y candidato	8 de junho de 1918
518	Ganas no más	9 de junho de 1918
519	El pacado mortal	10 de junho de 1918
520	En voz baja	11 de junho de 1918
521	Pardista a secas	12 de junho de 1918
522	Una estrella	13 de junho de 1918
523	Finis, finis, finis	14 de junho de 1918
524	La historia en la mano	15 de junho de 1918
525	Punto final. Mansamente	16 de junho de 1918
526	Gabinete nuevo	17 de junho de 1918
527	Real Felipe	18 de junho de 1918
528	Ambiente dramático	19 de junho de 1918
529	Miedo también	20 de junho de 1918
530	La ciudad y las sierras	21 de junho de 1918
531	Sigue el contagio	22 de junho de 1918
532	Paz y lluvia. Mantel largo	23 de junho de 1918
533	Mala corriente	24 de junho de 1918
534	Ica de duelo	25 de junho de 1918
535	Patria chica	26 de junho de 1918
536	La fuerza es así	28 de junho de 1918
537	Cable hostil	30 de junho de 1918
538	Papel y tinta	1 de julho de 1918
539	Invierno crudo	4 de julho de 1918
540	Mala espina	5 de julho de 1918
541	Rato perdido	6 de julho de 1918

Nº	TÍTULO	DATA
542	Un año y otro	7 de julho de 1918
543	Otra candidatura	8 de julho de 1918
544	Tren de la sierra	9 de julho de 1918
545	Elegía	10 de julho de 1918
546	Momento de espera	11 de julho de 1918
547	Busca que busca	12 de julho de 1918
548	Palique no más	13 de julho de 1918
549	Aniversario	14 de julho de 1918
550	Carreras de gala	15 de julho de 1918
551	Legislaciones futuristas	16 de julho de 1918
552	A solas	17 de julho de 1918
553	Días contados	18 de julho de 1918
554	Nuestros carlistas	20 de julho de 1918
555	El ilustres discípulo	21 de julho de 1918
556	No hay crisis	22 de julho de 1918
557	Un desistimiento	23 de julho de 1918
558	¡28 de Julio!	28 de julho de 1918
559	Otar vez	15 de agosto de 1918
560	Armisticio	16 de agosto de 1918
561	Tarde mansa	17 de agosto de 1918
562	Permanente ya. La extrema izquierda	18 de agosto de 1918
563	Sin discursos	19 de agosto de 1918
564	Mayo viene	20 de agosto de 1918
565	Nuestros diputados	21 de agosto de 1918
566	Convencionalmente	22 de agosto de 1918
567	Revolución caliente. El pan nuestro	23 de agosto de 1918
568	Segundo día. En el Congreso	24 de agosto de 1919
569	Revolución de San Carlos	25 de agosto de 1918
570	Oyón humea. Sin balas	26 de agosto de 1918
571	Gritos en la calle. Paso acelerado	27 de agosto de 1918
572	Mayoría enorme	28 de agosto de 1918
573	Partido catedrático	28 de agosto de 1918
574	El anillo de hierro	30 de agosto de 1918

N°	TÍTULO	DATA
575	Escenario de drama	31 de agosto de 1918
576	Fin de mes. La tarde	1 de setembro de 1918
577	Domingo primero	2 de setembro de 1918
578	Seguimos sin quórum. Junín glorioso	3 de setembro de 1918
579	Fin de maniobras	4 de setembro de 1918
580	Principios y estatutos	5 de setembro de 1918
581	Civilistas y militares	8 de setembro de 1918
582	Corren los días	9 de setembro de 1918
583	<i>Forfait</i> se llama...	10 de setembro de 1918
584	Margen de ideal	11 de setembro de 1918
585	Besamanos y besamanos	12 de setembro de 1918
586	Candidato siempre	13 de setembro de 1918
587	Era así...	14 de setembro de 1918
588	Porvenir oscuro	15 de setembro de 1918
589	Una tragedia	16 de setembro de 1918
590	El civilismo	17 de setembro de 1918
591	Asamblea vecina	18 de setembro de 1918
592	Registro abierto	19 de setembro de 1918
593	El joven Perú	20 de setembro de 1918
594	Otra asamblea	21 de setembro de 1918
595	Días oscuros	22 de setembro de 1918
596	El camino	23 de setembro de 1918
597	Médico de cabecera	24 de setembro de 1918
598	Jornada inminente	25 de setembro de 1918
599	Partido militante	26 de setembro de 1918
600	Aires de primavera	27 de setembro de 1918
601	El sí civilista. Atisbando el horizonte	28 de setembro de 1918
602	Domingo veintinueve	29 de setembro de 1918
603	Primera jornada	30 de setembro de 1918
604	La aritmética legal	1 de outubro de 1918
605	Mes de los milagros	2 de outubro de 1918
606	Compás de espera	3 de outubro de 1918
607	Gesto de combate	4 de outubro de 1918

Nº	TÍTULO	DATA
608	Palabras sintomáticas	5 de outubro de 1918
609	En las mismas	6 de outubro de 1918
610	Días electorales	7 de outubro de 1918
611	Voto sensacional. Semana festiva	8 de outubro de 1918
612	Una tregua	9 de outubro de 1918
613	Juventud torbellino	10 de outubro de 1918
614	El pan de cada día	11 de outubro de 1918
615	Aquí y allá	12 de outubro de 1918
616	Día solemne	13 de outubro de 1918
617	Paz en la Tierra	14 de outubro de 1918
618	Son de combate	15 de outubro de 1918
619	Empieza la ofensiva	16 de outubro de 1918
620	Ambiente pesado	17 de outubro de 1918
621	Otra espera	18 de outubro de 1918
622	Porfiado siempre	19 de outubro de 1918
623	Otra carta	22 de outubro de 1918
624	Un conflicto	21 de outubro de 1918
625	La primera faena	22 de outubro de 1918
626	Otra burbuja	23 de outubro de 1918
627	Una maniobra	24 de outubro de 1918
628	Jubilación voluntaria	25 de outubro de 1918
629	Papeles, papeles, papeles...	26 de outubro de 1918
630	Apertura rápida	27 de outubro de 1918
631	Cosas precarias	28 de outubro de 1918
632	Ciudadano demócrata	29 de outubro de 1918
633	Pases de tanteo	30 de outubro de 1918
634	Gripe gubernamental	31 de outubro de 1918
635	La gran embajada	1 de novembro de 1918
636	Igual que ayer	2 de novembro de 1918
637	Tantos de noviembre	3 de novembro de 1918
638	Serenata	4 de novembro de 1918
639	Carta sobre carta	5 de novembro de 1918
640	Oración fúnebre	6 de novembro de 1918

N°	TÍTULO	DATA
641	La crisis está allí	7 de novembro de 1918
642	La paz del Señor	8 de novembro de 1918
643	<i>In memoriam</i>	9 de novembro de 1918
644	El último candidato	10 de novembro de 1918
645	Santo sonoro. Y no hubo nada	11 de novembro de 1918
646	Un día grande	12 de novembro de 1918
647	Nervios malos	14 de novembro de 1918
648	El último <i>junker</i>	16 de novembro de 1918
649	Alegres fugitivos	17 de novembro de 1918
650	Sin candidato	20 de novembro de 1918
651	Momento electoral	21 de novembro de 1918
652	El gabinete	22 de novembro de 1918
653	Cuatro, siquiera cuatro	23 de novembro de 1918
654	Candidatos agosto	24 de novembro de 1918
655	Todos, menos uno	25 de novembro de 1918
656	Otro intermedio	26 de novembro de 1918
657	El destino avieso	27 de novembro de 1918
658	Ritmos de primavera	28 de novembro de 1918
659	Idas y venidas	29 de novembro de 1918
660	Otro fracaso	30 de novembro de 1918
661	Días febriles	5 de dezembro de 1918
662	Candidato evidente	6 de dezembro de 1918
663	Gran conferencia	7 de dezembro de 1918
664	Todos felices	9 de dezembro de 1918
665	Los dos candidatos	10 de dezembro de 1918
666	Crisis penosa	11 de dezembro de 1918
667	Solf descartado	12 de dezembro de 1918
668	Gripe maligna	13 de dezembro de 1918
669	Vcandidato enfermo	14 de dezembro de 1918
670	Desde el “Ucayali”	15 de dezembro de 1918
671	Perfectos secretarios	16 de dezembro de 1918
672	El Niño Goyito	17 de dezembro de 1918
673	Por fin	18 de dezembro de 1918

Nº	TÍTULO	DATA
674	Carteras de viaje	19 de dezembro de 1918
675	El ministro bolchevique	20 de dezembro de 1918
676	Pisco predilecto. quebraderos de cabeza	22 de dezembro de 1918
677	Quebraderos de cabeza	23 de dezembro de 1918
678	Carrilano siempre	24 de dezembro de 1918
679	Candidato civilista	25 de dezembro de 1918
680	<i>Magister dixit</i>	26 de dezembro de 1918
681	Problema y problema	27 de dezembro de 1918
682	Canta y pallasca	28 de dezembro de 1918
683	El senador secretario	29 de dezembro de 1918
684	Compás de Espera	30 de dezembro de 1918
685	Candidato demócrata	31 de dezembro de 1918
686	Año Nuevo	1 de janeiro de 1919
687	Los liberales dirán	3 de janeiro de 1919
688	Espectadores no más...	4 de janeiro de 1919
689	Una mudanza	5 de janeiro de 1919
690	Esperando el pacto...	6 de janeiro de 1919
691	Política procelosa	7 de janeiro de 1919
692	Arenga demócrata	8 de janeiro de 1919
693	Vacilante e irresoluto	9 de janeiro de 1919
694	Candidato siempre	10 de janeiro de 1919
695	Neutralidad risueña	11 de janeiro de 1919
696	El maximalismo cunde	12 de janeiro de 1919
697	Un parétesis	23 de janeiro de 1919

Crônicas políticas

Jornal *La Razón* – Coluna Voces

Nº	TÍTULO	DATA
698	“Yo soy aquel...”	14 de maio de 1919
699	Vísperas de mucho	17 de maio de 1919
700	Por fin. El orientalismo	20 de maio de 1919
701	Los telegramas	21 de maio de 1919
702	La embajada	24 de maio de 1919
703	Ayer domingo	26 de maio de 1919
704	Durante el paro. Pasa un automóvil	29 de maio de 1919
705	Empieza junio	1 de junho de 1919
706	El burgomaestre	2 de junho de 1919
707	Los políticos de “Roma”	3 de junho de 1919
708	Tren de Ancón	4 de junho de 1919
709	Los delegados del pueblo	5 de junho de 1919
710	Ni una palabra	6 de junho de 1919
711	Problema eterno	9 de junho de 1919
712	Atmósfera guerrera	10 de junho de 1919
713	El gran tribunal	11 de junho de 1919
714	La celebridad es así	13 de junho de 1919
715	Palabras, palabras, palabras	14 de junho de 1919
716	Contendores siempre	15 de junho de 1919
717	Senador propietario	16 de junho de 1919
718	Senador sin credenciales	18 de junho de 1919
719	Palabras textuales	24 de junho de 1919
720	El hombre del día	25 de junho de 1919
721	Dos telegramas	26 de junho de 1919
722	Diputado sin tacha	27 de junho de 1919
723	Niebla repentina	28 de junho de 1919
724	Don Juan candidato	30 de junho de 1919
725	1ro de julio	1 de julho de 1919
726	Otro panorama	9 de julho de 1919
727	Una nota sorpresiva	10 de julho de 1919
728	Leyendo el decreto	11 de julho de 1919

Nº	TÍTULO	DATA
729	Período de cinco años	12 de julho de 1919
730	Mundo liberal	13 de julho de 1919
731	El <i>Leader</i> joven	14 de julho de 1919
732	El general vicepresidente	15 de julho de 1919
733	Candidatura típica	16 de julho de 1919
734	Compás de espera	17 de julho de 1919
735	Provincia sobreviviente	18 de julho de 1919
736	La pareja constitucional	19 de julho de 1919
737	Ubicación histórica	20 de julho de 1919
738	Habla Cornejo	21 de julho de 1919
739	Política diplomática	22 de julho de 1919
740	El programa del tribuno	23 de julho de 1919
741	Viaje a la sierra	25 de julho de 1919
742	Democracia nueva	26 de julho de 1919
743	Cuatro ases	27 de julho de 1919
744	Veitiocho de Julio	28 de julho de 1919
745	Mes de elecciones	31 de julho de 1919

ANEXO 3

REVISTA AMAUTA

Lista de temas segundo número de referências na revista em porcentagem

TEMA	REFERÊNCIAS	%
POESIA	281	15,70%
LITERATURA	273	15,30%
RESENHAS DE LIVROS E REVISTAS	270	15,10%
PROBLEMA INDÍGENA	66	3,70%
PROLETARIADO	53	3,00%
POLÍTICA MUNDIAL	49	2,70%
ECONOMIA	44	2,50%
POLÍTICA AMÉRICA LATINA	43	2,40%
PINTURA	42	2,30%
EDUCAÇÃO	41	2,30%
CINEMA	41	2,30%
IMPERIALISMO	38	2,10%
UNIVERSIDADE	34	1,90%
AMÉRICA LATINA	34	1,90%
POLÍTICA PERU	32	1,80%
PINTORES LATINO-AMERICANOS	33	1,80%
REVOLUÇÕES CONTEMPORÂNEAS	30	1,70%
AMAUTA REVISTA	26	1,50%
ARTE	25	1,40%
MÚSICA E DANÇA	23	1,30%
JOSÉ CARLOS MARIÁTEGUI	24	1,30%
OUTROS	21	1,20%
SOCIALISMO	20	1,10%

TEMA	REFERÊNCIAS	%
SINDICALISMO	19	1,10%
RELIGIÃO	19	1,10%
MARXISMO	17	1,00%
DEMOCRACIA E DIREITO	16	0,90%
PSICOLOGIA E PSICANÁLISE	13	0,70%
FILOSOFIA	13	0,70%
COMUNISMO	13	0,70%
CAPITALISMO	13	0,70%
ANTROPOLOGIA	13	0,70%
GEOGRAFIA E VIAGENS	10	0,60%
BURGUESIA	11	0,60%
AGRICULTURA	10	0,60%
POLÍTICA	9	0,50%
NACIONALISMO E AMERICANISMO	9	0,50%
MEDICINA	9	0,50%
MINERAÇÃO	8	0,40%
IMPÉRIO INCAICO	8	0,40%
HISTÓRIA E SOCIOLOGIA	7	0,40%
GONZALEZ PRADA	8	0,40%
ESCULTURA	5	0,30%
TEATRO	4	0,20%
FASCISMO	3	0,20%
<i>ROLLAND ROMAIN</i>	4	0,20%
MOVIMENTO ESTUDANTIL	2	0,10%
IGREJA E ESTADO	2	0,10%
TOTAL REFERÊNCIAS	1788	100,0%

ANEXO 4

COLABORADORES DA REVISTA AMAUTA

Lista de autores

Nº	Autor
1	Abela, Eduardo
2	Abril, Xavier
3	Acosta Cardenas, Miguelina
4	Acurio, Cesar
5	Acher, Juan Bautista
6	Adan, Martin
7	Adler, Miguel
8	Agorio, Adolfo
9	Aguirre Morales, Augusto
10	Alejandro I
11	Alencastre, Antonio
12	Apra
13	Alto Aguirre, Manuel
14	Alvarez, Higinio
15	Alvarez Del Vayo, Julio
16	Andrade, Juan
17	Andrade Marchant, Clemente
18	Andre, Francis
19	Andres, Avelino
20	Anisinov, I.V.
21	Aragon, Luis
22	Aranibar, Alberto
23	Araquistain, Luis
24	Araujo, Julio Cesar

N°	Autor
25	Arbulu Miranda, Carlos
26	Arca Parro, Alberto
27	Arciniegas, German
28	Arguedas, Alcides
29	Arguello, Santiago
30	Arias, Maria Judith
31	Armaza, Emilio
32	Arnautd, Blanca
33	Arroyo Posada, M.
34	Asociacion General de Profesores de Chile
35	Atila
36	Azocar, Ruben
37	Azuela, Mariano
38	Babel, Isaac
39	Bach, Fritz
40	Backer, Josefina
41	Balмонт, Constantino
42	Balzac, Honorto De
43	Barbusse, Henri
44	Barcos, Julio
45	Barrenechea, Jose Antonio
46	Barret, Rafael
47	Barrios, Eduardo
48	Basadre, Jorge
49	Bazan, Armando
50	Beethoven, Ludwig Van
51	Beingolea, Manuel
52	Bejarano, Jose
53	Belaunde, Victor Andres
54	Beltran, Augusto
55	Benjamin, Rene
56	Berl, Emmanuel
57	Berrios, Gerardo

Nº	Autor
58	Beucler, Andre
59	Billingurst, Guillermo
60	Bismark, Otto
61	Blanco Fombona, Rufino
62	Blas, Camilo
63	Bonesatti, Tobias
64	Borges, Jorge Luis
65	Borja Garcia, Humberto
66	Bourdelle, Emile Antoine
67	Braun, Otto
68	Breton, Andre
69	Brion, Marcel
70	Brogie, Luis De
71	Brum de Parra del Riego, Blanca Luz
72	Bueno, Javier
73	Buitrago, Guillermo
74	Bukharin, Nicolas
75	Binin, Ivan
76	Bustamante, Luis F.
77	Bustamante Y Ballivian, Enrique
78	Caceres, Zoila Aurora
79	Cachin, Marcel
80	Cadenazzi, Edgarda
81	Calle, Plutarco Elias
82	Camacho, Fabio
83	Campor, German
84	Cansinos-Assens, R
85	Capdevila, Arturo
86	Capelo, Joaquin
87	Cardoza Aragon, Luis
88	Carranza, Luis
89	Carranza, Venustiano
90	Carvallo, Teresa

N°	Autor
91	Casal, Julio
92	Casanovas, Marti
93	Cassou, Juan
94	Castelnuovo, Elias
95	Castilla, Baltico
96	Castillo, Luciano
97	Castro, Americo
98	Castro, Jose Cristobal
99	Castro, M.
100	Centro Union de las Provincias de Apu-Rimac
101	Cerruto, Oscar
102	Cisneros, Fernan
103	Closson, Ernest
104	Cocteau, Jean
105	Codesido, Julia Coello, C.
106	Coello, C.
107	Coeroy, Andre
108	Collazos, Gabriel
109	Comunidad de Regantes del Distrito Agrícola de Huacho
110	Condarco, Enrique
111	CGTP
112	Confederación Sindical Latinoamericana
113	Confederación Sindical Sudamericana Contra La Guerra
114	Congreso Antifascista (Berlin)
115	Congreso de Instituciones de America Latina (Montevideo)
116	Congreso De Trabajadores Marítimos Y Portuarios
117	Congreso Mundial Antiimperialista (Paris)
118	Congreso Obrero (Lima)
119	Congreso Sindical Latinoamericano (Montevideo)
120	Conrad, Joseph
121	Convención Del Magisterio Americano (Montevideo)
122	Convención Internacional De Maestros (Buenos Aires)
123	Convención Nacional De Maestros Argentinos

Nº	Autor
124	Correa Calderon, Evaristo
125	Cortes, Donoso
126	Cosco, Montalvo
127	Cossio, Jose Gabriel
128	Cox, Carlos Manuel
129	Crosby, Harry
130	Cross, Guy Charles
131	Chabas, Juan
132	Chabes, Mario
133	Chagali, Marc
134	Champourcin, Ernestina
135	Chaplin, Charles
136	Chavez, Federico
137	Chavez Y Aliaga, Nazario
138	Chang Kai-Shek
139	Chopin, Federic
140	Chuquihuanca Ayulo, Francisco
141	Churrata, Gamaliel
142	Dario, Ruben
143	Deambrosis Martins, Carlos
144	Debussy, Claude
145	Delano, Luis Enrique
146	Delgado, E.A.
147	Delgado, Honorio
148	Delgado, Julio
149	Delmar, Serafin
150	Demaison, Andre
151	Devescovi, Juan
152	Diaz, Porfirio
153	Diaz Casanueva, Humberto
154	Dieste, Eduardo
155	Diez Canseco, Jose
156	Diez De Medina, Fernando

N°	Autor
157	Donoso, Armando
158	Dostoievsky, Fedor
159	Durtain, Luc
160	Eastman, Max
161	Edwards Bello, Joaquin
162	Eguren, Jose Maria
163	Ehrenburg, Ilya
164	Einstein, Albert
165	Elguera, Federico
166	Elmore, Edwin
167	Encinas, J.A.
168	Epstein, Jean
169	Ercoli (Togliatti, Palmiro)
170	Espartaco
171	Espinoza Bravo, Alberto
172	Estrada, Anibal
173	Estrada, Genaro
174	Falcon, Cesar
175	Federación de Estudiantes del Perú
176	Federación Universitaria Hispanoamericana
177	Fedin, Constantino
178	Fernandez, Luis Anibal
179	Fernandez, Ramon
180	Fernandez Almagro, Melchor
181	Fernandez Espartero, Baldomero
182	Fernandez De Castro, Jose Antonio
183	Fernandez, Francisco Javier
184	Ferreiro, Alfredo Mario
185	Filartigas, Juan
186	Flores, Ricardo
187	Foncueva, Jose
188	Fonken, Adalberto
189	Forteza, Jorge

Nº	Autor
190	Fournier, Henry Alain
191	Fourrier, Marcel
192	Francisco De Asis, San
193	Franco, Alejandro
194	Franco, Luis
195	Frank, Waldo
196	Freud, Sigmund
197	Frugoni, Emilio
198	Fuente, Nicanor De La
199	Fusco Sansone, Nicolas
200	Galsworthy, John
201	Galvan, Luis E.
202	Galvan, Oscar
203	Gallegos, Gerardo
204	Garbalosa, Graciela
205	Garcia, Jose Uriel
206	Garcia Calderon, Ventura
207	Garcia De La Cadena, Juana
208	Garcia Lorca, Federico
209	Garcia Rodriguez, J.S.
210	Garfias, Pedro
211	Garrido, Eulogio
212	Garro, Eugenio
213	Gasch, Sebastian
214	Gerge, Lloyd
215	Gerchunoff, Alberto
216	Gibson, Percy
217	Gide, Andre
218	Gilbert, Stuart
219	Gimenez, Caballero
220	Girondo, Oliverio
221	Giulioti, Domenico
222	Glaeser, Ernesto

N°	Autor
223	Gobetti, Piero
224	Goethe, Juan Wolfgang
225	Goicochea, Eduardo
226	Gomez, Arnulfo
227	Gomez, Juan Vicente
228	Gomez De La Serna, Ramon
229	Gonzalez, Julio
230	Gonzalez, Maria Rosa
231	Gonzalez, Otilio
232	Gonzalez Prada, Manuel
233	Gorki, Maximo
234	Grieg, Edward
235	Grosz, George
236	Grupo Resurgimiento
237	Guevara, Victor
238	Guillen, Alberto
239	Guillen, Jorge
240	Guiraldes, Ricardo
241	Gussiev, S.
242	Gutierrez, Alejandro
243	Gutierrez, Antonio
244	Gutierrez, Carlos
245	Gutierrez, Noriega
246	Guyon-Gesbron, Jean
247	Habaru
248	Halls
249	Haya De La Torre, Victor Raul
250	Heine, Enrique
251	Heraud, Luis
252	Herrera, Fortunato
253	Herrera, Oscar
254	Herrera Y Reissig, Julio
255	Herriot, Eduardo

Nº	Autor
256	Heysen, Luis
257	Hidalgo, Alberto
258	Hierl, Ernest
259	Higuera, Ernesto
260	Hoover
261	Huerta, Adolfo De La
262	Huidobro, Vicente
263	Hurwitz, Jacobo
264	Hutchins, Grace
265	Ibañez Del Campo, Carlos
266	Ibarbourou, Juana De
267	Iberico Rodriguez, Mariano
268	Icaza, Javier
269	Ilanes Solis, Belisario
270	Ilesch, Bela
271	Ingenieros, Jose
272	Internacional Comunista
273	Internacional de los Trabajadores de da Enseñanza
274	Internacional del Magisterio Americano
275	Internacional Sindical Roja
276	Internacional Labor Defense
277	Ipuche, Pedro Leandro
278	Istrati, Panait
279	Ivanov Esevolod
280	Izaguirre, Carlos Alberto
281	Jaika, Mateo
282	Jarnes, Benjamín
283	Jeunehomme, M.
284	Jijena Sanchez, Rafael
285	Jimenez De Asua, Luis
286	Jinarajadasa, Carlos
287	Jolas, Eugene
288	Joyce, James

N°	Autor
289	Kaltofen, E.
290	Keyserlin, Hermann
291	Kokof. Hooff
292	Labarca, Hubertson
293	Lacerda De Morua, Maria
294	Lago, Tomas
295	Lamarque, Nydia
296	Larbaud, Valery
297	Latorre, Roberto
298	Laymito, Moises
299	Leal, Fernando
300	Lebedinsky, Jury
301	Leguia, Augusto B.
302	Leguia Martinez, German
303	Lenin, Nikolai (V.I.U.)
304	Liga Antiimperialista
305	Lopez Albujar, Enrique
306	Lopez De Meza, Luis
307	Lora, Juan Jose
308	Ludwing, Emil
309	Lunacharsky, Anatolio
310	Luxemburgo, Rosa
311	Madero, Francisco
312	Maeztu, Ramiro
313	Magyar, L.
314	Malanca, Jose Americo
315	Mamani, Inocencio
316	Man, Henri De
317	Mandelstam
318	Mantovani, Juan
319	Manzanilla, Jose Matias
320	Maquiavelo, Nicolas
321	Marañon, Gregorio

Nº	Autor
322	Mariátegui, Jose Carlos
323	Marinetti, Filipo
324	Marof, Tristan
325	Marquez Miranda, Fernando
326	Marti, Jose
327	Martinez De La Torre, Ricardo
328	Martinez Estrada, Ezequiel
329	Martos, Nestor
330	Marussig, Piero
331	Marx, Carlos
332	Masis, Horacio
333	Matheu Cueva, Augusto
334	Maurois, Andre
335	Mayakovski, Vladimir
336	Mayer De Zulen, Dora
337	Mayo, Hugo
338	Mazo, Gabriel De
339	Mcperson, Anderson
340	Mella, Julio Antonio
341	Mendez Calzada, E.
342	Meneses, Romulo
343	Mercado, Guillermo
344	Merida, Carlos
345	Merino Vigil, Juan
346	Meza, Cristobal
347	Miglioli, Guido
348	Miro, Joan
349	Miro Quesada, Cesar Alfredo
350	Mistral, Gabriela
351	Modoti, Tina
352	Moliere (J.B. Poquelin)
353	Molinar, Ricardo
354	Monge, Carlos

N°	Autor
355	Montenegro, Carlos
356	Montes, Lorenzo
357	Monvel, Maria
358	Moraga, Bustamante
359	Morenza, Jaime
360	Moro, Cesar
361	Morselli, E.
362	Moussinac, Leon
363	Mozart, Wolfgang Amadeo
364	Muñoz, Maria Elena
365	Murillo, Gerardo
366	Mussolini, Benito
367	Napoleon I
368	Navarro, Madrid
369	Navarro, Monzo, Julio
370	Navea, Daniel
371	Neruda, Pablo (Neptali Reyes)
372	Nerval, Mario
373	Nixa (Nicanor De La Fuente)
374	Novoa Santos, Roberto
375	Núñez, Estuardo
376	Núñez Hague, Eduardo
377	Núñez, Valdivia
378	Obregon, Alvaro
379	Ognev, Nicolai
380	Oquendo De Amat, C
381	Oribe, Emilio
382	Orrego, Antenor
383	Ortega Y Gasset, Jose
384	Otero, Carlos
385	Pacheco, H. (Hugo Pesce)
386	Padrosa, Mercedes
387	Paiva, Juan

Nº	Autor
388	Palacios, Alfredo
389	Palma, Angelica
390	Palma, Ricardo
391	Pantigoso, Martinez
392	Paquet, Alfonso
393	Pardo Jose
394	Paredes, Angel
395	Pareja, Leandro
396	Parra Del Riego, Juan
397	Pasternak, Boris
398	Pastor, Francisco
399	Patron Irigoyen, Jorge
400	Pavletich, Esteban
401	Pavlov, J.
402	Paz, Jorge
403	Paz Soldan, Carlos Enrique
404	Peña Barrenechea, Enrike
405	Peña Barrenechea, Ricardo
406	Peralta, Alejandro
407	Peralta, Antenor
408	Peralta Valdez, Idelfonso
409	Pereyra, Carlos
410	Perez Reinoso, Ramiro
411	Pesce, Hugo
412	Petrovick, Julian
413	Pettoruti, Emilio
414	Picasso, Pablo
415	Pierola, Nicolas De
416	Pilnaik, Boris
417	Piscator, Erwin
418	Poe, Edgard
419	Portal, Juan
420	Portal, Magda

N°	Autor
421	Portuales, Guy De
422	Prado, Blanca Del
423	Prado, Julio Del
424	Primo De Rivera, Miguel
425	Prokofiev, Sergei
426	Proletariaodo De Morococha
427	Proust, Marcel
428	Pumarega, A.
429	Puschkin, Alejandro
430	Quesada, Ernesto
431	Quenay, Bernard
432	Rabines, Eudocio
433	Rado, Casiano
434	Ramirez Castilla, Samuel
435	Ramos, Angela
436	Ramos Pedrueza, Rafael
437	Ratto Ciarlo, G.
438	Ravel, Maurice
439	Reissig, Luis
440	Reissner, Larisa
441	Renn, Ludwig
442	Reyes, Enrique
443	Reyes, Jorge
444	Reyna, Ernesto
445	Ricci, Carlos
446	Riganelli, Agustin
447	Rios, Bertha
448	Rivas, Humberto
449	Rivas, Panedas, Jose
450	Rivera, Diego
451	Rodrigo, Luis De
452	Rodriguez, Cesar Atahualpa
453	Rodriguez Fabregat, Enrique

Nº	Autor
454	Roe, Carlos
455	Rojas, Jacoba
456	Rojas Paz, Pablo
457	Rolland, Romain
458	Romero, Emilio
459	Rostand, Jean
460	Ruiz Diaz, Hector
461	Rutra, Theo
462	Ruzo, Daniel
463	Sabogal, Jose
464	Saco, Carmen
465	Sacco
466	Sage, Robert
467	Sal Y Rosas, Federico
468	Sanchez, Luis Alberto
469	Sanchez Concha De Pinilla, Matia Isabel
470	Sanchez Malaga, Carlos
471	Sanchez Viamonte, Carlos
472	Sandino C, Augusto
473	Sanin Cano, Baldomero
474	Saralegui, Juvenal
475	Sartoris, Alberto
476	Sas, Andre
477	Satie, Eric
478	Schubert, Franz Peter
479	Seguel, Gerardo
480	Seifulina, Lydia
481	Seminario De Cultura Peruana
482	Seoane, Manuel A.
483	Serrano, Francisco
484	Shaw, Bernard
485	Shelley, Percy Bisshe
486	Siles, Hernando

N°	Autor
487	Silva, Alfonso De
488	Silva, Herzog
489	Silva Valdez, Fernan
490	Smith, Roberto
491	Sociedad Editora Amauta
492	Sociedad Hispanoamericana de Leningrado
493	Socorro Rojo Internacional
494	Solana, Jose De La
495	Solis. Abelardo
496	Sor, Folie
497	Sorel, Georges
498	Spelucin, Alcides
499	Splenger, Oswald
500	Stalin, Jose
501	Strawinsky, Igor
502	Tamayo, Franz
503	Tavolato, Italo
504	Tejera, Humberto
505	Tello, Julio
506	Terreros, Nicolas
507	Tikhonov, Nicolai
508	Toller, Ernst
509	Tolstoy, Leon
510	Trotsky, Leon
511	Tupayachi, Rafael
512	Ugarte, Cesar Antonio
513	Ugarte, Manuel
514	Uitz, Bela
515	Ulloa, Alberto
516	Ulloa, Jose Casimiro
517	Unamuno, Miguel De
518	Union Latinoamericana
519	Universidad Del Cuzco

Nº	Autor
520	Universidad Polura De Sucre
521	Urquieta, Lino
522	Urquieta, Miguel Angel
523	Vache, Jacques
524	Valcarcel, Luis
525	Valdez, Abraham
526	Valdivia, Davila
527	Valdizan, Emilio
528	Valle, Felix Del
529	Valla, Rosamel Del
530	Valle Inclan, Ramon De
531	Vallejo, Cesar
532	Valles Y Taberner
533	Vandervelde, Emile
534	Vanzetti
535	Varrallanos, Adalberto
536	Varallanos, Jose
537	Varga, Eugenio
538	Vasconcelos, Jose
539	Vasquez, Emilio
540	Vasquez Diaz, Manuel
541	Vega, E.
542	Velarde, Hector
543	Velasco Aragon, Luis
544	Velasquez, Carlos A.
545	Velasquez Bringas, Esperanza
546	Vildrac, Charles (Messenger, Charles)
547	Villaran, Manuel Vicente
548	Villavicencio, Modesto
549	Vinatea Reinoso, Jorge
550	Vincenzi, M.
551	Walden, Herwarth
552	Welker, Juan

N°	Autor
553	Wells, Herbert George
554	Werth, Leon
555	Westphalen, Emilio Adolfo Von
556	Wiesse, Maria
557	Wilson, Woodrow
558	Wood, Thelma
559	Zamiatin, Fedor
560	Zamora, Adolfo
561	Zani, Giselda
562	Zarate, Fidel
563	Zarilli, Humberto
564	Zerpa, Manuel
565	Zillie, Heinrich
566	Zoschenko, Miguel
567	Zulen, Pedro
568	Zuleta De Aliaga
569	Zum Felde, Alberto
570	Zweig, Esteban



Há obras que pertencem inteiramente ao seu tempo. Outras, ao contrário, parecem atravessar as décadas à espera de novas conjunturas capazes de revelar, com maior nitidez, a força de suas perguntas originais. A obra de José Carlos Mariátegui pertence a esta segunda categoria. Quase um século depois de sua morte, seu pensamento continua interpelando a América Latina não apenas como legado teórico, nem como proposta doutrinária, mas como uma das experiências mais fecundas de criação intelectual, política e cultural produzidas em nosso continente.

Meu sangue em minhas ideias é a versão revista de uma dissertação de mestrado defendida em 2006, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, pela então estudante Monica Esmeralda Bruckmann Maynetto, sob orientação de Aluizio Alves Filho.

Por todos esses e outros motivos, o livro *Meu sangue em minhas ideias* é uma ótima contribuição da Fundação Perseu Abramo para as comemorações que se fazem, no Peru e em outros países, em homenagem ao *Amauta*.



F U N D A Ç Ã O
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores